Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Danilo Pedrazza

“A Sua Voz Não Está Mais Escondida”: Representações Artísticas e Políticas da Drag Queen Pabllo Vittar na Mídia

Outubro de 2019

“A Sua Voz Não Está Mais Escondida”:
Representações Artísticas e Políticas da Drag Queen Pabllo Vittar na Mídia
Danilo Pedrazza
UMinho | 2019

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Danilo Pedrazza

"A Sua Voz Não Está Mais Escondida": Representações Artísticas e Políticas da Drag Queen Pabllo Vittar na Mídia

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Silvana Mota-Ribeiro

Outubro de 2019

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos. Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

"Se tu brilha, se tu brilha, brilha assim;
Não fale mal dos outros, não fale mal de mim;
É só o começo, não espere pelo fim;
Vou degustar a vida como um copo de gim;
Ela não para, dança; hoje ninguém duvida;
Ela manja da ganja; ela esbanja vida;
A SUA VOZ NÃO ESTÁ MAIS ESCONDIDA;
Canta pro mundo; Arrasa, amiga, sim, vai!"
Urias, 2018

AGRADECIMENTOS

Principalmente, a minha mãe, Sandra Regina Castro de Aguiar, a minha irmã, Ianna Pedrazza e minha mãe do coração Kika (Denise Freitas), por todo apoio nessa caminhada, por todo o incentivo e amor. Mais do que a minha metade, parte de mim: Larissa Stepanow! Obrigado por me aguentar nesses 20 anos e pelo resto de nossas vidas! Luana Martins, obrigado pela amizade nessa trajetória, e por me ajudar em um dos momentos mais difíceis da minha vida. Obrigado as manas e manos de Portugal, Gabriel Flambo, Dona Ali, Claudia Gomes, Victória Quartieri, Marjorie Denardi e Ricardo Cabral. A Vitória Crespo pelo reencontro dessa amizade maravilhosa depois de 10 anos e que nesses últimos meses serviu de suporte para eu aguentar essa fase. Aos melhores do Brasil, Gabriel Lunks e Vinicius Sparremberger. A todas as drag queens que me ajudaram durante este estudo, mas, principalmente, a Vitz (Victor Gyurkovitz), que além de uma grande mana, foi uma das principais inspirações e me prestou auxílio em todos momentos, obrigado pelo carinho. Durante a trajetória desse mestrado, foi na U Minho que consegui pessoas que irei levar para a vida inteira. Obrigado a Graciele de Jesus e Silva, Marcelo Balbino, Priscila Rossini, Liana Wagner e Morena Panciarelli, por todo suporte, apoio e amizade, vocês são demais, e se existe algo que eu tenho orgulho além desta dissertação é da amizade de vocês.

A professora Silvana Mota-Ribeiro, que embarcou comigo nessa dissertação completamente "fora da caixa". Nosso encontro foi em um momento crucial e quando eu mais precisava de salvação. Agradeço o carinho e acolhida, e, principalmente, as nossas orientações com as melhores conversas, risadas e ainda regadas com vinho do Porto. Obrigado professora por todo suporte, atenção e amizade.

Se esta dissertação existe, foi principalmente por conta dos professores, mestres e doutores que tive em minha vida. Agradeço as minhas professoras na faculdade ESPM-Sul: Rosangela Florczak e Roberta Sartori, obrigado por tudo. Mas, principalmente, a minha eterna professora, mestra da minha vida, rainha do meu coração, minha maior inspiração e salvadora, eterna orientadora e amiga, Adriana Kurtz, sem você, nada disso seria possível. Obrigado minha mestra, por esses oito anos de amizade, carinho e conhecimento. Eternamente grato!

Agradeço também a toda equipe que trabalha com a Pabllo. Yan Hayashi, Leocádio Rezende, Rodrigo Gorky, Flávio Verne e Polyanna Rodrigues. Conhecer vocês foi maravilhoso, agradeço por me ajudarem a realizar esse sonho. E por último, mas não menos importante, a Pabllo Vittar: obrigado mana, por ter me salvado no momento em que mais precisei, por me dar apoio e forças para lutar, por toda a inspiração, e, principalmente, por me mostrar que sou indestrutível e que a nossa voz não está mais escondida. Ahazamos.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.
Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho
___/___ /___

Danilo Pedrazza

Assinatura: _____

RESUMO

"A Sua Voz Não Está Mais Escondida":

Representações Artísticas e Políticas da Drag Queen Pabllo Vittar na Mídia

A arte drag queen existe desde a Antiga Grécia, contudo, depois de séculos sendo desprezada, é apenas nas últimas décadas que a artista drag queen ganha espaço na mídia e na sociedade. Este estudo busca identificar as representações artísticas e políticas da cantora drag queen brasileira Pabllo Vittar na mídia internacional. Para analisar tais representações, esta dissertação explora conceitos que envolvem a história da arte drag queen, gênero, homossexualidade e drag queen no Brasil, mídia, jornalismo, celebridades e representações sociais. Para tratar esses temas são utilizados autores como Amanájas (2014); Baker (1994); Biroli (2011); Bordin (2015); Butler (2003); J. S. Trevisan (2018); Kellner (2001); Louro (2018); M. K. Trevisan (2011); M. V. da Silva (2014); Martino (2009); Mccombs (2009); Morin (2011); Raposo (2015); Rojek (2008); Soares (2015) e Vencato (2002). A respeito da metodologia adotada, a perspectiva epistemológica é crítica, a abordagem é qualitativa, o tipo de estudo é exploratório, as técnicas de coleta de dados são pesquisa bibliográfica e estudo de caso e a técnica de análise de dados é análise de conteúdo proposta por Moraes (1999). O corpus de pesquisa é composto por 70 reportagens de 24 veículos que englobam jornais, revistas e portais de notícias dos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e Espanha. O período de seleção do corpus é de 2017, quando aparecem as primeiras narrativas sobre Pabllo, até julho de 2019. A análise é dividida em duas categorias (carreira artística e política) e em 10 subcategorias. Foi constatado que Pabllo Vittar é representada na mídia internacional como um caso de sucesso e superação. A partir de seu êxito comercial e artístico, Pabllo é uma agente de mudança em busca do respeito e reconhecimento da arte drag. Em sua vertente política, Pabllo é o maior símbolo gay do Brasil, país que mais mata LGBTQ+ do mundo e que em 2018 elegeu como Presidente Jair Bolsonaro, parlamentar de extrema direita conhecido por seu discurso homofóbico. Dessa maneira, Pabllo é representada tanto como uma artista pop de sucesso como uma forte ativista da comunidade LGBTQ+.

Palavras-chave: drag queen; LGBTQ+; mídia; representação; Pabllo Vittar.

ABSTRACT

"Her Voice Is No Longer Hidden":

Artistic and Political Representancions of the Drag Queen Pabllo Vittar in the media

Drag queen art has existed since Ancient Greece, but after centuries of being scorned, it is only in last decades that the drag queen artist gains space in the media and society. This study tries to identify the artistic and political representations of the Brazilian drag queen singer Pabllo Vittar in the international media. To analyze such representations, this master thesis explores concepts that involve the history of drag queen art, genre, homosexuality and drag queen in Brazil, media, journalism, celebrities and social representations. To treat these themes are used authors such as Amanájas (2014); Baker (1994); Biroli (2011); Bordin (2015); Butler (2003); J. S. Trevisan (2018); Kellner (2001); Louro (2018); M. K. Trevisan (2011); M. V. da Silva (2014); Martino (2009); Mccombs (2009); Morin (2011); Raposo (2015); Rojek (2008); Soares (2015) e Vencato (2002). Regarding the methodology adopted, the perspective epistemological is critical, the approach is qualitative, the type of study is exploratory, the data collection techniques are bibliographic research and case study and the data analysis technique is content analysis proposed by Moraes (1999). The research corpus consists of 70 reports from 24 vehicles comprising newspapers, magazines, and news sites from the United States, England, Canada, and Spain. The period of corpus selection is from 2017, when the first narratives about Pabllo appeared, until July 2019. The analysis is divided into two categories (artistic career and politic) and in 10 subcategories. It was proven that Pabllo Vittar is represented in the international media as a case of success and overcoming. From its commercial and artistic success, Pabllo is a change agent seeking respect and recognition for drag art. In his political side, Pabllo is the biggest gay symbol in Brazil, the country that most kills LGBTQ + in the world, and in 2018 elected as President Jair Bolsonaro, far-right parliamentarian known for his homophobic speech. In this way, Pabllo is represented as both successful pop artist and strong activist from the LGBTQ + community.

Keywords: drag queen; LGBTQ+; media; representation; Pabllo Vittar

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12

2 DRAG QUEEN: PASSADO, PRESENTE, FUTURO 27

2.1 A drag queen imposta pela sociedade 27

2.2 A drag queen ganhando novos rumos 31

2.3 Drag queen: ato político 35

2.4 Drag queen sempre em [re]construção 37

3 RELACIONANDO GÊNERO, TEORIA QUEER E DRAG QUEEN 45

3.1 Desconstruindo gênero 45

3.2 O gênero da drag queen 50

4 AS GAYS E AS DRAG QUEENS NO BRASIL 57

4.1 Achando as gays do país tropical 58

4.1.1 As gays nas artes e na mídia brasileira 60

4.1.2 Política: a homofobia em forma de lei 64

4.1.3 O poder das gays 71

4.2 A drag queen no brasil 73

5 MÍDIA E JORNALISMO 76

5.1 Mídia: cultura, espetáculo e convergência 76

5.2 Jornalismo e valor-notícia 78

5.3 Teoria da agenda 81

5.4 Estereótipos na mídia 83

6 CELEBRIDADES, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, CULTURA POP, E DRAG NA MÍDIA 86

6.1 Celebridades e representações sociais 86

6.2 Cultura pop; pop *music* e artivismo 91

6.3 Drag na mídia 94

7 PABLLO VITTAR 102

7.1 A Pabllo: gênero e drag 103

7.2 Pabllo na música: Open Bar, Vai Passar Mal e Não Para Não 106

7.3 Uma drag que é uma queen 112

7.4 Representatividade Vittar 119

8 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA 122

8.1 Abordagem da pesquisa 122

8.2 Tipo de estudo 123

8.3 Técnica de coleta de dados 123

8.4 Seleção do *corpus* de análise 124

8.5 Procedimento de análise 135

9 REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E POLÍTICAS DE PABLLO VITTAR NA MÍDIA 138
9.1 Categoria Temática 1: Representações da Carreira Artística 138
9.1.1 Vida Pessoal..... 141
9.1.2 Primeira Montaria 143
9.1.3 Drag Queen..... 146
9.1.4 Trabalho Musical..... 155
9.1.5 Sucesso *Mainstream*..... 165
9.1.6 RuPaul 174
9.2 Categoria Temática 2: Representações Políticas..... 178
9.2.1 Gênero 178
9.2.2 País Que Mais Mata LGBTQ+ No Mundo..... 185
9.3.3 Bolsonaro..... 190
9.3.4 Representatividade LGBTQ+..... 196
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS 206
REFERÊNCIAS.....216
ANEXOS 228
ANEXO A - REPORTAGENS DE JORNAIS QUE CITAM PABLLO VITTAR.....228
ANEXO B REPORTAGENS DE REVISTAS E PORTAIS QUE CITAM PABLLO VITTAR.....231
ANEXO C REFERÊNCIAS REPORTAGENS CURPUS DE ANÁLISE.....248

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 - Pabllo Vittar na revista Time como uma das 22 líderes da próxima geração 19
Figura 2 – Gráfico de Assassinatos de LGBTQ+ no Brasil 65
Figura 3 – Pabllo Vittar: ela/ele 102
Figura 4 – Pabllo participando do programa Pop em 2010..... 104
Figura 5 – Pabllo na primeira vez que se montou 105
Figura 6 – Capa EP Open Bar..... 107
Figura 7 – Capa álbum Vai Passar Mal 108
Figura 8 – Capa álbum Não Para Não 111
Figura 9 – Pabllo Vittar estampa a cédula de 50 reais..... 117
Figura 10 – Cédula 100 Vittars no videoclipe de *Seu Crime* 118

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação de Drag Queen por Vencato (2002) 43

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Valores-Notícia propostos por G. Silva (2005) 80
Quadro 2 – Fake News Envolvendo Pabllo Vittar 116
Quadro 3 – Jornais do corpus de análise 125
Quadro 4 – Revistas e portais do corpus de análise 126
Quadro 5 – Corpus Final De Análise 128
Quadro 6 – Números de reportagens por veículo 134
Quadro 7 – Categorias e unidades de análise 137

1. INTRODUÇÃO

"Senhoras e senhores, é um prazer recebê-los aqui;
Apertem os cintos e tenham todos uma boa viagem"
(Música *Buzina*)

Drag queen, gay, afeminada, brasileira e nordestina, Phabullo Rodrigues da Silva dá voz e vida para uma das drag queens mais famosas do mundo: Pabllo Vittar. Esta dissertação busca analisar as representações artísticas e políticas na mídia internacional dessa drag queen, que possui um sucesso comercial e midiático surpreendente para esse tipo de manifestação artística. A arte drag queen pode parecer um fenômeno contemporâneo e uma consequência dos avanços da comunidade LGBTQ+ nos últimos anos. Mas engana-se quem pensa assim. A drag queen surgiu no teatro da Grécia Antiga (século XII aC até 600 dC). O conservadorismo e patriarcado da época impediam mulheres biológicas de interpretarem papéis de seus gêneros, sendo então representadas por homens, surgindo assim a primeira imagem que se tem de drag queen. Para Baker (1994), a drag queen existiu em todas culturas e nações, de diferentes formas e com diferentes funções.

Como já pôde ser observado, nesta dissertação o termo drag queen é escrito sem itálico ou aspas, essa escolha baseia-se em dois motivos. Primeiramente, utilizando o pensamento de Vencato (2002, p. 4), que propõe uma "abrasileiração" do termo. "Talvez, e só talvez, no Brasil, este fenômeno, como muitos outros, adquira contornos particulares". Assim, por Pabllo Vittar e o pesquisador serem brasileiros, é reiterada aqui a proposta da autora. O segundo motivo é consequência do primeiro. Escrever drag queen em itálico ou aspas sugere que essa arte e profissão é algo diferente, distante e que está fechada apenas para países anglo-saxónicos e de língua inglesa. Esse pensamento parece conservador e preconceituoso, considerando, da mesma forma, que não exista uma tradução adequada para o termo drag queen (rainha do arrasto em tradução livre, perdendo assim seu sentido). Seguindo o mesmo raciocínio, por respeito e ideologia queer, drag queen sempre está acompanhada com artigos femininos, "a drag", "a artista drag", "as drag queens", salvo exceções de citações diretas – mas convenhamos, nenhuma artista drag, que se monta por várias horas, merece ser referida utilizando pronomes masculinos. Esse processo, a montaria, diz respeito ao processo de produção que a artista drag passa para "incorporar" sua personagem. Esse conceito é melhor explicado no próximo capítulo.

A mesma lógica está presente toda vez que se fala sobre Pabllo. A artista considera-se de gênero fluído e sempre diz que, quando montada, por estar em sua personagem, prefere ser chamada por artigos femininos. Apesar disso, não se importa se for chamada de "ele". Neste trabalho, sempre lhe é atribuído o artigo feminino: a Pabllo Vittar, salvo citações diretas. Também é necessário explanar que a sigla LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer e plus) é adotada neste estudo. Sempre

lembrando do sinal + (plus), que representa todos os grupos com sexualidades que não querem se encaixar em gavetas já existentes e os que surgem a cada dia. Outra ressalva: as citações diretas e longas de língua inglesa e espanhola são traduzidas pelo autor. Porém, os trechos em suas línguas originais aparecem em notas de rodapé, a fim de clarificar possíveis dúvidas sobre tais traduções.

Desde a Grécia Antiga, a história da drag é marcada por altos e baixos na sociedade. A drag queen nunca chegou a desaparecer por completo, porém, em algumas épocas, sua manifestação artística não era reconhecida e sofria tanto preconceito e repressão que por vezes parecia que não iria resistir. Contudo, de alguma forma, com sua alegria, felicidade e sátira, a drag queen sobreviveu, evoluiu e ganhou o mundo. Durante esse percurso, a arte transformou-se em um dos maiores símbolos políticos da comunidade LGBTQ+.

Entretanto, é necessário clarificar: ser drag queen não possui relação obrigatória com o sujeito homossexual, ou seja, não está necessariamente ligada a essa orientação sexual. Mesmo que a grande maioria das drag queens sejam homens gays, a manifestação artística é livre; o gênero e orientação sexual não são co-dependente ou ser gay é um requisito. Ser drag no século XXI significa ser tudo o que se quiser ser. Para Vencato (2002) uma drag queen é composta por suas roupas, maquiagens, performances etc. Baseada em conceitos reconhecidos como femininos, uma drag queen monta sua personagem, não para depreciar as mulheres, mas sim para manifestar a recusa de ser homem da forma que a sociedade determina, ou seja, para desconstruir a heterossexualidade dominante. A ideia de ser drag queen está ligada a construção de uma personagem, por isso, considera-se que mesmo ocupando o mesmo corpo, a drag pode possuir personalidade e características próprias, que por vezes podem convergir com a do ator, sendo uma fronteira extremamente fluída.

Por fazer uma performance de gênero, cada vez mais a drag queen foi relacionada com esse tema. Louro (2018) lembra que todos os sujeitos são enquadrados em um gênero desde que descobertos seus sexos. Logo que um bebê nasce, é dito: “é menino” ou “é menina”. A partir desse instante, os corpos já são condicionados a seguir a sequência “sexo-gênero-sexualidade”, por exemplo, sexo: homem; gênero: masculino; sexualidade: heterossexual. Como comenta a autora (2018), qualquer sujeito que não siga esse modelo definido pela “heterossexualidade compulsória” é considerado desviante. Mesmo parecendo que existem ligações, o gênero não é resultado do sexo, nem depende dele. O sexo de uma pessoa está ligado a característica biológica e o gênero é uma autopercepção expressada socialmente. Butler (2003), considera que os gêneros não podem ser vistos como verdadeiros ou falsos, pois são construções sociais. Assim, os sujeitos exercem performances de gênero, onde não existe um gênero original por natureza, e sim um original criado e validado. As definições e os papeis definidos pelos

gêneros estabelecidos são construídos por diversas maneiras e estão presentes em várias situações, seja de forma explícita ou implícita.

Os gêneros que não seguem a lógica estabelecida são considerados desviantes, vistos como falhas do sistema. Esses gêneros não aceitam fixidez e consideram-se fluídos. É no fim da década de 1980 que surge a teoria queer, que busca desconstruir padrões de gêneros impostos pela sociedade. A tradução de queer pode significar estranho, anormal, ou também bicha, viado e sapatão. De uma expressão pejorativa, queer ganha um status de escudo em uma luta contra a heterossexualidade compulsória. Na visão de Salih (2012) queer significa ser indefinível e instável, e essa é sua proposta, ser contra qualquer binarismo, enquadramento ou rotulação. Até mesmo a divisão heterossexual/homossexual não é defendida por pesquisadores queer por ainda sustentar a lógica binária. É preciso haver uma revolução maior para quebrar esse sistema.

A drag queen é uma figura recorrente em estudos queer. Chidiac e Oltramari (2004) trazem a ideia de que uma drag une em um corpo aspectos de ambos gêneros, onde questiona a rigidez do conceito de identidade. A drag utiliza a arte como um manifesto de desconstrução aos gêneros impostos. Por estar fora de qualquer norma ou padrão, essa figura chama a atenção e escancara a construção dos gêneros pois está em um terreno inabitável, assumindo ser uma ambiguidade sexual. A imagem de uma drag sempre será complexa, uma disputa entre seu corpo masculino e sua construção do feminino. Ao se montar, ela assume que seu corpo e gênero são fabricados, provocando assim diversas reações, desde desconforto até fascínio.

Além de seu relacionamento com gênero, drag queen está associada a homossexualidade, que, como tal, foi por muitos séculos recriminada – e ainda é em alguns países! Como lembra J. S. Trevisan (2018), a palavra "homossexual" é datada de 1869, e desde então essa categoria causa perturbação em toda a sociedade. No Brasil, país de origem de Pabllo Vittar, esse tema perturba uma grande ala da população. Porém, mesmo com todas barreiras e preconceitos, a mídia brasileira absorveu essa temática, e, como ressalta o autor (2018), os produtos midiáticos audiovisuais que representam esse grupo, de maneira geral, são um fracasso, entrando na lógica de consumo massivo e não incorporando lutas da causa. Mas é um fato que a temática LGBTQ+ e drag queen ingressou na mídia nas últimas décadas. A mídia, como lembra Kellner (2001), possui um lugar de destaque e relevância na sociedade contemporânea; sendo capaz de produzir representações, que visam induzir a determinadas posições políticas "levando os membros da sociedade a ver em certas ideologias 'o modo como as coisas são'. [...] Os textos culturais populares naturalizam essas posições, e assim ajudam a mobilizar o consentimento às posições políticas hegemônicas" (2001, p. 81). Por estar no meio da interação social,

a mídia torna-se um campo de disputa entre ideais e posições políticas de vertentes progressistas ou conservadoras. Para o autor (2001), quando membros de minorias sociais tem acesso a cultura da mídia, suas representações articulam com outras visões da sociedade, parecendo as vezes mais radicais.

A drag queen não teve uma história marcante na cultura da mídia. Poucas artistas tornaram-se famosas, estrelas e celebridades – até os anos 1980. Nesta década surge a norte-americana drag queen RuPaul, com uma carreira artística multifacetada, seja na música, no cinema, na TV ou na passarela. Pereira (2017, p. 8) analisa RuPaul como a drag queen que elevou "a figura da drag ao seu, até então, ápice dentro da cultura pop". Em 2009, RuPaul lança o programa *RuPaul Drag Race,* catapultando de vez a arte drag queen a nível global. A atração já possui 11 temporadas e busca encontrar a "próxima drag *superstar* da América". A partir da audiência e repercussão gerados pelo programa, cada vez mais a drag queen torna-se visível, na mídia e em toda sociedade. Na visão de Lang et al. (2015, p. 7), desde *Drag Race*, drag queens foram humanizadas e agora elas "estão na moda e aparecem com mais frequência na mídia de massa, fazem shows para públicos não necessariamente guetificados, gravam comerciais, lançam CDs etc. Ou seja, foram capitalizadas, cooptadas e conseguiram virar celebridades".

Essa ideia da drag queen estar presente na mídia remete a teoria da agenda, que foi elaborada por Maxwell McCombs e Donald Shaw nos anos 1970. Essa teoria parte da hipótese de que os temas destacados pela mídia acabam sendo incorporados pelos sujeitos em suas vidas e rotinas. Determinados assuntos abordados pela a mídia e jornalismo, fazem com que as pessoas acabem considerando-os como importantes, e incorporando-os em suas rotinas e alterando suas opiniões.

> Independentemente do veículo, um foco restrito sobre poucos temas transmite uma mensagem poderosa a uma audiência sobre quais são os mais importantes tópicos do momento. O agendamento dirige nossa atenção às etapas formativas da opinião pública quanto estão os temas emergem e logo conquistam a atenção do público. (McCombs, 2009, p. 42).

A teoria da agenda parte do conceito de opinião pública de Walter Lipmann. Na década de 1920 o escritor já havia falado sobre o poder dos meios de massa na sociedade cotidiana, reconhecendo que a opinião pública é fabricada a partir de grandes grupos. No contexto midiático, Lipmann considera que a mídia atua de forma indireta na criação de imagens, signos e significados em uma manipulação para direcionar a opinião pública. Para Brandi (2017), a importância e relevância de determinado assunto perante a opinião pública é um resultado de um processo da "intensidade noticiosa" divulgada na mídia.

J. S. Trevisan (2018) defende que muitos dos personagens gays apresentados pela mídia mostram uma homossexualidade *clean* e estereotipada. A estereotipação, para Melo e Assis (2016) é uma estratégia usada pela indústria cultural visando a dominação das massas. Esse processo serve como

localizador e guia das experiências da realidade social. Silveira (2019) defende que esse conceito possui duas vertentes: a primeira é inofensiva e, talvez, necessária para o processamento da informação. A segunda, analisa os estereótipos como construções simbólicas enviesadas. Servem como representações a partir do conturbado processo democrático que obriga ter opiniões e classificações sobre determinados temas. Essa vertente está baseada em pré-julgamentos e pressupostos oriundos de comportamento e da história de grupos sociais.

A principal função dos estereótipos, para Biroli (2011), são serem simplificadores cognitivos, que atuam dentro do exercício de poder. Na literatura, servem como facilitadores do conteúdo. Quando internalizados, os estereótipos produzem padrões de comportamento, reforçando os papeis socialmente definidos. É dessa maneira que se relaciona com o exercício do poder, pois são formas de opressão que muitas vezes constrangem e diminuem grupos sociais. Quando tem a chance de aparecer, esses grupos sociais estereotipados são reflexo do julgamento de grupos dominantes, e assim, podem passar despercebidos e sem questionamento. "Todos sabem que os gays são promíscuos, que os índios são alcoólatras e que as mulheres são boas com as crianças. Homens brancos, por outro lado, por escaparem das marcas de grupo, podem ser indivíduos" (Young, 1990, p. 59, citado por Biroli, 2011, p. 79).

Para uma notícia ser feita, é preciso atribuir alguma relevância para atrair o público. Assim, é necessário que o enquadramento seja o mais universal possível, para que seja compreendido por muitos leitores, e é assim que narrativas estereotipadas são criadas. Segundo Biroli (2011, p. 90), os estereótipos são peças-chave para que reportagens e notícias tenham eficácia no agendamento, referindo: "as imagens tipificadas dos grupos sociais permitem mobilizar, mais do que referências comuns, julgamentos que, compartilhados, dão sentido aos acontecimentos". Em sua visão, o problema dos estereótipos na mídia é a falta de pluralidade de enquadramentos e a perspectiva que constitui o discurso midiático.

Hoje em dia, além da mídia, graças às novas tecnologias, a internet torna-se um fértil terreno para surgirem novos líderes formadores de opinião pública. As novas tecnologias fizeram o que Jenkins (2009) chama de cultura da convergência, isso é, a ligação entre as mídias e as novas formas de processamento dos públicos com os produtos midiáticos. Os intensos fluxos de conteúdos são apresentados em diversas plataformas para os usuários. A diferença da web é que o usuário é quem vai atrás de determinado conteúdo, possuindo uma maior opção de escolha e segmentação de temas, possibilitando assim diferentes vozes surgirem com diversas perspectivas. Cada vez mais, a partir do final do século XX, os movimentos sociais tornam-se mais globalizados e começam a ter destaque nos meios de comunicação

e na internet, contribuindo gradualmente na formação da opinião pública.

Na mídia e no meio artístico, os LGBTQ+ também estão ocupando espaço. Sobre a arte drag, percebe-se claramente que, a partir de RuPaul e seu programa *Drag Race*, que estreou em 2009, a drag queen é um tema presente e constante na mídia a nível mundial, comprovando a eficácia do agendamento. Bueno e Dallaqua (2017, 46), analisam que a performance drag em geral "ganha espaços, rompe as barreiras do preconceito e conquista, através das mídias, respeito a comunidade LGBT". Louro (2008) opina que os movimentos sociais dos anos 1960 perceberam, desde cedo, que a entrada e controle de espaços culturais como a mídia, jornalismo, escolas e universidades eram essenciais, pois ali, a única voz que falava era a do homem branco heterossexual, que, por muitos séculos, falou de modo absoluto.

Enquanto isso, na política, o Brasil não possui uma próspera relação com os direitos da comunidade LGBT+. Mesmo com alguns poucos avanços, a comunidade sofre muito preconceito por conta do conservadorismo político. O Brasil ainda possui o triste título de ser o país que mais mata LGBTQ+ no mundo. Os relatórios anuais desenvolvidos pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) feitos a partir de informações empíricas e informais, contabiliza o número de assassinatos e suicídios desses grupos no Brasil. Em 2018, foram contadas 420 mortes, uma leve diminuição em relação ao ano de 2017, onde foram registradas 445 mortes, recorde desde o começo dos relatórios em 1980. Com esses dados, pode-se dizer que a cada 20 horas um LGBTQ+ é assassinado ou comete suicídio por conta da LGBTQfobia (GGB, 2019).

Paralelo a esses fatos, a ala política de direita ganhou força no Brasil nos últimos anos, seguindo uma tendência que começou com a eleição de Donald Trump, Presidente dos Estados Unidos. No Brasil, os parlamentares altamente conservadores pregam a favor da "família tradicional" e a moral cristã, considerando que muitos são evangélicos. A força dessa ala política faz chegar a figura do atual Presidente da República do Brasil: Jair Bolsonaro. O Presidente já fez diversas declarações homofóbicas, machistas, misóginas, a favor da ditadura militar e de torturadores, contra os movimentos feminista e de direitos humanos. Bolsonaro já falou que preferia um filho morto do que gay; iria bater ao ver um casal gay andando na rua se beijando; que é contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo e é a favor da "cura gay".

Diferentemente da esfera política, nesse mesmo país, existe um mundo paralelo cheio de alegria, felicidade, risos, cores, purpurina, glamour e luxo. J. S. Trevisan (2018, p. 589) disserta que o Brasil está vivendo em uma era com uma nova geração de artistas queer de ambiguidade de gênero, em um movimento definido pelo autor como "trans-viada", "estilística desmunhecada" ou "estética viada", com

cantores/as "eles-que-são-elas-que-são-eles" oriundos de todas regiões do Brasil. "Dando asas à ambiguidade, transitaram por gêneros musicais e ritmos diversificados, que borraram definições estritas, para assumir um caráter ativista e anti-homofóbico" (2018, p. 589). Tais artistas, com suas práticas fluídas de gênero e arte, política e ativismo, abrem importantes debates para a comunidade.

O sucesso desses cantores e artistas incomoda religiosos e conservadores, mostrando assim como eles perturbam essa ala da sociedade. Esses artistas, ao conseguirem sucesso, viram celebridades. Para Rojek (2008), a cultura da celebridade ganha maior importância desde o início do século XX a partir de três processos históricos que estão inter-relacionados. "Primeiro, a democratização da sociedade; segundo, o declínio da religião organizada; terceiro, a transformação do cotidiano em mercadoria" (2008, p. 15). Celebridades estão presentes nos mais diversos canais e mídias, e estão totalmente relacionadas com a cultura da mídia e da mercadoria, pois, de alguma forma, tornam-se produtos. Morin (2011) chama essas pessoas de "olimpianos" e diz que eles se tornam modelos da cultura de massa, substituindo antigos árbitros como Igreja, pais e educadores.

J. S. Trevisan cita um fenômeno midiático brasileiro: o "da cantora-homem Pabllo Vittar, um ícone performático" (2018, p. 589). Pabllo Vittar nasceu no dia 1 de novembro de 1994, em São Luís, estado do Maranhão, nordeste brasileiro. A primeira vez que se montou foi aos 18 anos para divulgar uma festa em sua cidade. Foi em 2015 que lançou sua primeira música, *Open Bar*, e, desde então não parou mais. Pabllo, uma artista surgida e legitimada pela internet, cada vez mais ganhou destaque e relevância na mídia tradicional, mostrando como a mídia pauta e é pautada pelas redes; além disso, sua presença midiática confirma que as temáticas LGBTQ+ e drag queen estão na agenda, sendo mais aceitas do que antigamente – quando não havia representatividade nenhuma.

Uma comprovação desse fato é que, em outubro de 2019, Pabllo foi considerada pela revista norte-americana *Time* como uma das 22 líderes da próxima geração (figura 1). O título do texto alerta: "Como esta drag queen brasileira está conquistando o mundo pop pela tempestade – e lutando pelos direitos LGBT ao longo do caminho" (*Time*, 2019)[1].

[1] No original: How This Brazilian Drag Queen Is Taking the Pop World By Storm—And Fighting for LGBTQ Rights Along the Way.

Figura 1 - Pabllo Vittar na revista Time como uma das 22 líderes da próxima geração



Fonte: *Time* (2019)

A publicação ressalta: "Se Pabllo Vittar está nas manchetes, elas podem ser sobre suas músicas de sucesso, suas roupas surpreendentes da semana de moda, suas declarações políticas perturbadoras ou uma combinação das três" (2019)[2]. Na visão da revista, Pabllo, em quatro anos de carreira, se estabeleceu como uma artista de diversas frentes, unindo perfeitamente o pessoal com o cultural e político e utilizando sua plataforma como estrela musical para exigir igualdade para a comunidade LGBTQ+ brasileira e mundial. Em sua carreira musical, a publicação considera que Pabllo emerge como uma das mais populares artistas da América Latina a nível mundial. Esse status foi alcançado seja por suas músicas, parcerias, videoclipes ou presença nas redes sociais. Assim, Pabllo usa seu megafone global para celebrar e lutar pela comunidade.

A *Time* (2019) ainda traz os números de mortes violentas a LGBTQ+ do Brasil. Além disso, lembra que o país tem um Presidente homofóbico, que já disse preferir ter um filho morto do que gay. Uma das mais ativas e importantes vozes de resistência a Bolsonaro é Pabllo, que faz dessa situação uma inspiração para lutar mais ferozmente pela comunidade. "Como uma artista, você tem a obrigação de se posicionar sobre as coisas, e trazer junto com sua popularidade as mensagens que realmente importam. Se denunciar é me colocar em um lugar arriscado, vamos todas morrer tentando" (Vittar, 2019a)[3].

[2] No original: If Pabllo Vittar is making headlines, they might be about her smash hit songs, her astonishing fashion week outfits, her disruptive political statements, or some combination of the three.
[3] No original: As an artist, you have this duty to take a stance on things, and bringing along with your popularity the messages that really matter. If speaking out will put me in a risky spot, let us all die trying.

Um conceito que Pabllo poderia se enquadrar é o de artivismo, que, como destaca Raposo (2015), é a união entre ativismo e arte em expressões artísticas vistas como atos de resistência e subversão. O artivismo pode ser encontrado em intervenções sociais e políticas, feito por pessoas ou coletivos, por meio de estratégias poéticas e performativas. Bordin (2015, p. 128) defende que o artivismo busca suscitar uma discussão política através da arte, que é baseada na identidade e convicção política do artista. São figuras políticas, com pensamentos políticos, e isso vai além de suas performances, pois eles adotam "uma forma de vida condizente com aquilo que pregam utilizando a arte como propulsora para provocar transformações sociais a partir de suas convicções". A autora considera que, com a internet, é possível cada vez mais surgirem artivistas, pois, essas tecnologias permitem a expansão das mais diferentes e inusitadas manifestações artísticas. As ações desse movimento têm como princípio atingir o coletivo já que suas ações acontecem no espaço público, expondo a relação entre arte e política para a audiência.

Rocha e Postinguel (2017) relacionam Pabllo ao conceito de pop-lítica: uma aproximação do pop ao político; do político ao entretenimento. Assim, Pabllo negocia com as lógicas de produção da cultura de massa, promovendo uma nova forma de política oriunda de grupos sociais oprimidos, onde

> inverte a lógica e questiona seu lugar de fala, promove visibilidade de minorias sexuais e de gênero e se torna objeto de consumo/inspiração/identificação para outros indivíduos. Graças, também, às expressões pós-massivas, Pabllo Vittar consegue não apenas contestar códigos estéticos, políticos e narrativos por meio de seu entretenimento pop-lítico, mas ofertar para o consumo outras formas públicas, compartilhadas e coletivas de representações imagéticas não-dominantes (Rocha e Postinguel, 2017, p. 14).

Mesmo que Pabllo esteja dentro da lógica e indústria da cultura pop e midiática, sua representatividade entra em camadas mais sérias e profundas, sendo um fenômeno midiático queer. A mídia, preocupada e em abordar temas como a homossexualidade, drag queens e diversidade, utiliza a cantora para ilustrar tais temas, fornecendo assim representações que servem de base para comportamentos dos sujeitos. Ainda que sofra preconceito e ódio, a existência e presença de Pabllo torna-se um dos maiores atos políticos LGBTQ+ do Brasil, país que atualmente possui um clima político de ódio a tais grupos sociais.

Pabllo sabe que é gay, bicha, viado, drag queen, afeminada e adivinhem: ela não se importa. Ao contrário, tem orgulho de seu gênero e sua sexualidade, pois sabe que não é só isso. O fato de ser afeminada merece sempre ser destacado. Por diversos séculos até mesmo homossexuais eram contra gays afeminados, pois queriam passar a ideia de que gays são homens "normais". Hoje em dia, temos a figura de Pabllo que tem orgulho de ser um homem afeminado que pode ser o que quiser.

Diante da discussão acima realizada, apresenta-se como questão de pesquisa: **Quais são as representações artísticas e políticas da drag queen brasileira Pabllo Vittar na mídia internacional?** Tendo a problemática apresentada, este estudo tem como objetivo geral: Identificar e analisar as representações artísticas e políticas da drag queen brasileira Pabllo Vittar na mídia internacional. Para alcançar este propósito, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (1) refletir sobre questões artísticas apresentadas na mídia internacional sobre Pabllo e os valores-notícia envolvidos, dividido em seis tópicos: vida pessoal; a primeira vez em que se montou; drag queen Pabllo Vittar; trabalho musical; sucesso *mainstream* e RuPaul; (2) apreciar temas que envolvem política expostos na mídia internacional sobre Pabllo, e seus valores-notícia, segmentado em quatro temas: gênero; país que mais mata LGBTQ+ do mundo; Bolsonaro e representatividade LGBTQ+; e (3) analisar as representações que a mídia internacional constrói sobre Pabllo Vittar.

A justificativa para a realização deste estudo é dividida em três instâncias: pessoal, teórica e social. A primeira instância é a pessoal. Foi em 2015, final do ano, que o pesquisador ouviu e viu o videoclipe da primeira música de Pabllo, *Open Bar*. Ao assistir o vídeo, achou interessante, diferente e, talvez, inovador. O videoclipe acabou, a próxima música veio e o tempo passou. Em 2017, início do ano, antes do carnaval, o pesquisador ouviu uma música com a seguinte letra: "*Eu não espero o carnaval chegar para ser vadia, sou todo dia, sou todo dia*" (*Todo Dia*). Ao pesquisar mais sobre a canção, descobriu ser da mesma drag queen que havia assistido o videoclipe anos antes. Nessa época, a música se encaixava perfeitamente em sua vida, pois havia conseguido emagrecer 45 quilos. Pela primeira vez, sentiu-se bem e realizado consigo mesmo, depois de toda gordofobia e homofobia que passou durante toda a sua vida. Ao longo de 2017, o pesquisador decide sair do Brasil, seu país de origem, e ir fazer mestrado em Portugal. Paralelamente, nessa época, Pabllo lança o videoclipe de *Corpo Sensual*, a virada da chave para o pesquisador se interessar, respeitar, admirar e amar a artista e seu trabalho.

Antes de sua viagem para Portugal, o pesquisador foi no primeiro dia do Rock In Rio 2017, dia 15 de setembro, onde, de surpresa, Pabllo fez um show em um dos palcos dos patrocinadores do evento. Ao participar da apresentação, o pesquisador apenas conhecia as músicas mais populares da artista, não era nem de perto o "maior fã"; contudo, se impressionou com os vocais, talentos, habilidades, carisma e simpatia da drag queen. Foi naquele momento, quatro dias antes de começar o mestrado, que a ideia veio em sua cabeça: "Minha dissertação será sobre a Pabllo". Desde aquele instante já estava definido o objeto de estudo desta pesquisa, uma drag queen, tema que o pesquisador conhecia muito superficialmente. Então, cada vez mais procurou e quis conhecer sobre o universo drag e Pabllo, que consegue levar representatividade a um nível nunca visto antes para um brasileiro gay, afeminado e

orgulhoso. Morando em Portugal, o pesquisador por diversas vezes já sofreu homofobia e discriminação, seja por seus atos, seu jeito afeminado, seu cabelo colorido ou suas atitudes. Nesses momentos pensava em Pabllo, como alguém que é orgulhoso e feliz por ser quem é, e que não deixa a sociedade tóxica contaminar sua vida. Refletindo sobre o que Pabllo já passou, e ainda passa, os episódios de homofobia vividos pelo pesquisador davam cada vez mais força e vontade de estudar uma temática tão carente em terras portuguesas que são tão homofóbicas. Sempre que questionado se Portugal é um país homofóbico, o pesquisador responde: "A homofobia em Portugal é igual a do Brasil, a única diferença é que lá [Brasil] matam e aqui [Portugal] não. Contudo, gays são tão hostilizados quanto".

A segunda instância que justifica este estudo é a teórica. Esta pesquisa se relaciona com a arte drag queen, gênero, homossexualidade, mídia e jornalismo. A arte drag queen existiu desde o começo da humanidade, sendo uma manifestação artística relevante para considerar tanto seu passado, seu presente e seu futuro. Durante toda essa jornada, a drag queen cada vez mais torna-se um ato político e um símbolo LGBTQ+, aumentando ainda mais sua relevância teórica afim de estudar gêneros e os movimentos sociais envolvidos. Como percebe J. S. Trevisan (2018), nas universidades brasileiras, o homossexual e a homossexualidade tornaram-se temas de diversas pesquisas de mestrado e doutorado. Mesmo com bloqueios e preconceito, às vezes mais explícitos, outras nem tanto, os estudantes brasileiros

> abordaram, entre outros, a representação homossexual no cinema e na literatura brasileira moderna ou do século XIX; os espaços urbanos frequentados por homossexuais, na atualidade e no passado; a violência nas relações homossexuais; o travestismo masculino; a sexualidade lésbica; aspectos diversos da Aids no Brasil e sua repercussão tanto na literatura quanto na imprensa brasileira; o projeto de união civil entre pessoas do mesmo sexo; a prostituição homossexual; a homossexualidade nas religiões afro-brasileiras etc. (J. S. Trevisan, 2018, p. 376).

Ainda, consideramos que esta dissertação elucida também importantes aspectos sobre mídia e jornalismo, pois a análise é feita a partir de reportagens de 30 veículos jornalísticos internacionais. Tratamos aqui o jornalismo como uma forma de construção social com fundamentações em diversos retratos de realidades, baseado em aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais e também um dos formadores de opinião pública. M. V. da Silva (2014) considera o jornalismo como um dos principais articuladores da fabricação de saberes cotidianos, que ao mesmo tempo se orientam e são orientados a partir da cultura.

> A função pedagógica do jornalismo pode ser percebida na reprodução e circulação do acervo dos conhecimentos socialmente construídos e culturalmente legitimados que ajudam a informar os sujeitos na contemporaneidade. Sua função "educativa" se traduz, sobretudo, pela necessidade de "explicar" o mundo sempre baseado na

> "verdade" e fazendo uso de recursos técnicos e humanos capazes de ilustrarem esses saberes gerando significados. (M. V. da Silva, 2014, p. 33).

Por toda sua história, entende-se que o jornalismo é um resultado de processos culturais que existem e estão fortemente relacionados com a construção da heteronormatividade, onde reforça os padrões dominantes. M. V. da Silva (2014), analisa que o jornalismo tem um gênero predominante e dominador: o masculino. Isso porque todo conhecimento é historicamente feito por homens, e, mesmo que mulheres trabalhem em instituições jornalísticas, este universo é marcado pelo masculino. Mostrando claramente que "a escola [como o jornalismo] é *atravessada pelos gêneros*; é impossível pensar sobre a instituição [sobre a mídia] sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino" (Louro, 1997, p. 89, grifo original, citada por Silva, 2014, p. 63).

No que concerne os trabalhos relacionados com os temas desta dissertação, foi realizado uma pesquisa em diversos sites de universidades portuguesas. No site da Universidade do Minho não foi encontrado nenhuma dissertação ou tese que possui no título "drag queen" ou "LGBT". Essa mesma situação repete-se em outras instituições como na Universidade do Porto, Instituto Politécnico do Porto e Universidade Católica Portuguesa. Buscando apenas o termo "LGBT" em diversas instituições, encontra-se os seguintes resultados: na Universidade de Lisboa, dois trabalhos: "Rituais familiares e *coming out* em jovens adultos LGBT: estudo exploratório" (Ana Afonso, 2015) e "A atuação dos sistemas de proteção de direitos humanos na defesa da comunidade LGBT" (Álvaro Maurício, 2018). Na Universidade Nova de Lisboa, uma dissertação: "Construindo Diferenças: Representações, discriminações e identidades múltiplas de imigrantes LGBT" (Marie Klinke, 2014). Na Universidade de Coimbra, existem três dissertações sobre essa temática: "Um sexo que são vários: a (im)possibilidade do intersexo enquanto categoria humana" (Ana Santos, 2012); "Qual o impacto da Orientação Sexual na visão e legitimação da Violência entre Parceiros Íntimos?" (Stefanie Matos, 2017) e "Os determinantes da atitude face aos bens de luxo: Um estudo com o consumidor LGBT" (Clara Rodrigues, 2013). Na Universidade de Évora, duas pesquisas: "Evolução e configuração atual do preconceito face a lésbicas e a gays: um estudo comparativo" (Patrícia Bota, 2017) e "Preconceito sexual: olhares de alunos de psicologia" (Valdeci Gonçalves da Silva, 2015). No Instituto Universitário de Lisboa, um trabalho: "A construção da visibilidade LGBT: Uma análise crítica do discurso jornalístico" (Fernando Rosa, 2010). E, na universidade de Aveiro, um estudo: "A cidade do Porto enquanto destino LGBTQ: Uma análise do ponto de vista da oferta turística" (Helena Andrade, 2018).

Percebe-se que nessas pesquisas realizadas em diversas Universidades de Portugal não se

encontra nenhuma dissertação ou tese sobre drag queen, demonstrando assim a total escassez de estudos teóricos e empíricos sobre o tema. O pesquisador procurou mais de uma vez e durante mais de dois anos, e nunca encontrou uma dissertação ou tese feita no país que tratasse especificadamente sobre essa expressão artística. Logo, considera-se a presente dissertação a primeira sobre drag queen na história recente do país.

No que diz respeito à terceira instância da justificativa o foco é a esfera social. Primeiramente, reconhece o campo acadêmico como um lugar de pensamento e reflexão do mundo social. Uma perspectiva crítica, como adotada aqui, acredita que, a partir de pesquisas e estudos, é possível causar uma mudança social. Também admite-se que esta dissertação aborda uma drag queen que está dentro da indústria midiática globalizante e capitalista, contudo, esse fato não invalida seu valor social. Para Soares (2015) na contemporaneidade, com o capitalismo totalmente absorvido, é impossível analisar de maneira binárias as relações entre capital e cultura, considerando que elas já estão unificadas. Todos e quaisquer produtos culturais dos dias de hoje já possuem a influência de algum sentido do capitalismo. O autor (2015) comenta que, por muitas vezes os produtos da cultura pop são classificados como de baixa qualidade ou "lixo cultural". Mesmo que seja evidente que esses produtos, e as maneiras que circulam, estejam dentro da lógica mais mercantil possível – por conta das imposições do modo de produção, distribuição e consumo, "não se invalidam abordagens sobre a pesquisa neste segmento da cultura que reconhece noções como inovação, criatividade, reapropriação, entre outras, dentro do espectro destes produtos midiáticos" (2015, p. 23). Kellner (2001) disserta que os movimentos contraculturais e seu relacionamento com a mídia devem ser lidos em um contexto social específico para que se entenda seus significados, mensagens e efeitos. Os produtos da mídia não são somente entretenimento sem causa, têm cunho ideológico, tornando-se ações políticas. É preciso interpretar a cultura, a sociedade e suas relações com as formas do poder, de dominação e de resistência. Para o autor (2001), uma perspectiva multicultural reconhece as diversas contribuições de todos esses grupos de excluídos, levando em consideração que eles ajudam em mudanças na forma de ver e reagir a cultura, possibilitando enxergarmos realidades que antes eram invisíveis e fora do privilégio da mídia.

Nesta era digital e globalizada, a cobertura midiática de cantores, artistas e celebridades é associada a potência do agendamento feito pela mídia, pois ela define quais são as pessoas destacadas no momento, sendo assim, as discussões que envolvem tais pessoas são consideradas importantes para a sociedade. Rocha (2018) opina que atualmente mudou-se o pensamento da relação entre o entretenimento e a transformação social, muito renegado anteriormente. Nos últimos anos, ficou cada vez mais claro a influência da cultura pop na sociedade. Assim, o artivismo produz atos sociais e políticos

em busca de ampliar, sensibilizar e problematizar lutas atuais da sociedade.

A presente introdução constitui o primeiro capítulo desta dissertação. Em seguida, apresenta-se a pesquisa teórica, que é dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo teórico (capítulo 2) resgata a história da arte drag queen, e é dividido em quatro subcapítulos, que apresentam a história da arte desde seus primórdios na Grécia Antiga até os dias de hoje. Os autores citados nesse capítulo são: Amanájas (2014); Baker (1994); Brasil (2017); Chidiac e Oltramari (2004); Louro (2018); Moncrieff e Lienard (2017); Schacht (2002); Taylor e Rupp (2004) e Vencato (2002).

O segundo capítulo de caráter teórico (capítulo 3) aborda conceitos sobre gênero, teoria queer e discute o gênero de uma drag queen. Aqui, além de alguns dos autores do capítulo anterior, são apresentados e comentados: Bueno e Dallaqua (2017); Butler (2003); Jayme (2010); Jesus (2012); Louro (2008); Louro (2018); Miskolci (2009); Rupp, Taylor e Shapiro (2010); Salih (2012) e Wittig (2009).

O terceiro capítulo teórico (capítulo 4) resgata um pouco da homossexualidade no Brasil, apresentando um apanhado histórico da homossexualidade no país; um panorama de artistas LGBTQ+ nas artes e na mídia brasileira; a contextualização política no país e a sua relação com o movimento LGBTQ+; o atual reconhecimento artístico da população gay e a história da drag queen no país. Para isso, os seguintes autores são adicionados: J. S. Trevisan (2018); Maranhão Filho, Coelho e Dias (2018); Moreschi, Martins e Craveiro (2009); Mott (2006) e Oliveira D. A. (2018).

O quarto capítulo de índole teórica (capítulo 5) traz definições e reflexões relativas a mídia e jornalismo, e é dividido em quatro seções. A primeira apresenta definições de cultura da mídia, cultura do espetáculo e cultura da convergência; seguindo para jornalismo e valor-notícia; teoria da agenda e finalizando com estereótipos na mídia. Ilustram esse capítulo os seguintes autores: Biroli (2011); Brandi (2017); Colling (2012); G. Silva (2005); Jenkins (2009); Kellner (2001); Kellner (2004); Leal e Carvalho (2009); Lemes (2017); M. V. da Silva (2014); Magalhães (2014); McCombs (2009); Melo e Assis (2016); Rossetto e Silva (2012) e Silveira (2019).

A quinta e última parte teórica (capítulo 6) é dividida em três subcapítulos e discute conceitos sobre celebridades, representações sociais, cultura pop, artivismo, e apresenta desde a história até a situação atual da drag queen na mídia. Neste capítulo, são acrescentados os seguintes autores: Alexandre (2001); Basílio (2018); Bordin (2015); Bragança, Bergami e Goveia (2017); Cabecinhas (2009); Cavalcante e Mosca (2010); Chamon, Lacerda e Marcondes (2017); Furtado e Barth (2019); Heck, Nunes e Diener (2018); Lang et al. (2015); Leite (2017); M. K. Trevisan (2011); Martino (2009); Moreira e Santana (2018); Morin (2011); Paulino e Nunes (2018); Pereira (2017); Pereira, Maia e

Azevedo (2015); Pilger (2018); Raposo (2015); Rocha (2018); Rocha e Postinguel (2017); Rodrigues (2017); Rojek (2008); Rosa (2018); Santos e Ribeiro (2018); Silva e Santos (2018) e Soares (2015).

Avançando para o objeto de estudo, o capítulo 7 apresenta a trajetória pessoal e artística da drag queen Pabllo Vittar e está dividido em quatro secções. A primeira ressalta aspectos sobre seu gênero e drag queen; a segunda apresenta pormenores de sua carreira musical; seguindo na terceira para uma discussão sobre os destaques e recordes em sua carreira. Finaliza-se esse capítulo com uma reflexão sobre a importância da representatividade de Pabllo.

A estratégia metodológica é apresentada em seguida (capítulo 8). Nesta pesquisa, a perspectiva epistemológica é crítica. A abordagem é qualitativa. O tipo de estudo é exploratório. As técnicas de coletas de dados são divididas em duas esferas: teórica e empírica. Na primeira, utiliza-se a pesquisa bibliográfica; enquanto na vertente empírica emprega-se o estudo de caso. A seleção do *corpus* de análise é feita pelo pesquisador a partir da pesquisa na ferramenta de busca por "Pabllo Vittar" em 30 sites que englobam jornais, revistas e portais de notícias dos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e Espanha. O procedimento de análise adotado é a análise de conteúdo proposta por Moraes (1999), com adaptações, divididas em duas categorias temática de análise (carreira artística e política) e em 10 unidades de análise.

Finalmente, são analisadas as representações artísticas e políticas e os valores-notícia que envolvem 70 reportagens que compõem o *corpus* de análise. Para se observar tais representações, são analisados trechos das reportagens com o material teórico exposto. Por fim, são apresentadas as considerações finais deste estudo, buscando responder os objetivos aqui propostos.

Esta dissertação é dedicada, principalmente, a todas drag queens e LGBTQ+ que sabem como é difícil fazer parte desses grupos, mas que, ainda assim, acreditam em um mundo melhor, feliz, alegre e com direitos iguais. A presença de Pabllo dá forças e esperanças em meio de tantas tristezas e provações que drag queens e LGBTQ+ passam. É preciso assumir todos espaços possíveis para assim, lutar pela comunidade e contra o preconceito. Para quem não conhece muito sobre Pabllo, e também pessoas que não são da comunidade, este estudo apresenta a arte drag queen, uma manifestação artística tão linda e ao mesmo tempo tão política e importante, que apenas agora tem a chance de estar na sociedade com o respeito que merece. Para ilustrar a força, a importância e o potencial dessa arte tão política nos dias de hoje, é escolhida uma drag queen cuja voz não está mais escondida: Pabllo Vittar. Boa leitura!

2 DRAG QUEEN: PASSADO, PRESENTE, FUTURO...

"Vai passar mal;
Viro sua mente com meu corpo sensual"
(Música *Corpo Sensual*)

Este capítulo aborda o principal conteúdo teórico deste estudo, drag queen, apresentando a história da arte drag queen e suas renovações através da evolução da humanidade. Ao contrário do que muitas pessoas imaginam, drag queen não é um fenômeno recente, sempre existiu e resistiu.

2.1 A drag queen imposta pela sociedade

"Só eu sei o que eu passei;
O que fiz pra chegar até aqui"
(Música *Ouro*)

Para começar a compreender melhor o que é uma drag queen, é necessário estudar a arte através dos séculos. Para Igor Amanájas (2014), a primeira imagem da drag queen foi imposta pela sociedade e a moral vigente da época, isso, na Grécia Antiga. Daquela época e, até hoje "homens personificam a imagem feminina em diferentes aspectos, da maneira mais realista ao total estilizamento da forma" (2014, p. 1). Durante todo esse percurso, a arte sofreu diversas mudanças, tanto em sua estética e ação, porém, sempre manteve seu objetivo: "causar" de todas formas possíveis.

Roger Baker (1994), em uma profunda reflexão sobre a arte drag através da história, conta que basicamente em todas as culturas e nações, seja em rituais religiosos ou em celebrações anarquistas; no drama da antiga Roma e Grécia, ou em tribos indígenas da América no Norte, lá estava a ela, facilitando e exibindo sua ambiguidade sexual. Os atores faziam personificações femininas em diversas partes do mundo, mesmo sem se conhecerem ou conectarem, como nas manifestações cênicas *Topeng*, na Indonésia, os *Kathakali* na Índia, os *Kyogen*, *Kabuki* e *Nô* no Japão. Na China, conforme Amanajás (2014, p. 8), na Ópera de Pequim, era permitido ambos sexos participarem do evento cênico, mas "por motivos de moralidade social, os personagens femininos eram de responsabilidade dos atores das companhias, destinando a parte de dança para as mulheres, que não compartilhavam o palco com os homens".

Com o teatro grego como ponto de partida da história da arte drag, onde mulheres biológicas não podiam atuar, a primeira forma da drag, segundo Amanájas (2014), é com homens – os únicos que podiam participar – se transformando através de máscaras, e não só, pois vestuários próprios e enchimentos também faziam parte da atuação. Nesse primeiro momento, a drag queen possui duas vertentes: a sagrada e a secular.

Sua origem secular é cômica, podendo ter um papel de "bobo da corte", onde desafia as leis da sociedade com seu espírito indisciplinado, rompendo os limites que dividem o homem da mulher. Está presente desde festas folclóricas antigas como também em cabarés do século XX, onde torna-se um emblema de uma tensão invisível, mas quase sempre lá, entre a ordem e o caos. É uma exuberante figura exibicionista anárquica, que subverte o livro de regras da sociedade educada, zombando de suas maneiras e repreendendo suas estratégias sociais.

Já a vertente sagrada da drag estava presente na criação do drama da Grécia, onde os atores atuavam mascarados de Deusas Gregas. A apropriação do teatro pela Igreja foi, para Baker (1994), uma tentativa de expandir a liturgia para a população que em grande parte era analfabeta. No começo, apenas as partes mais importantes da Bíblia eram dramatizadas, e de maneiras muito simples. Com o tempo, as inclusões de diálogos e cantos tornaram as tramas melhores elaboradas, saindo de dentro da Igreja e sendo apresentadas diante das portas das catedrais. As personagens femininas poucas vezes tinham importância nos enredos e eram sempre feitos por homens e meninos que participavam do coral – considerando que os anjos são assexuados e o papel de Maria não possui grandes falas, logo, um homem jovem poderia muito bem assumir tais papeis. A força do pensamento de que mulheres não poderiam exercer funções diretas na igreja, e, consequentemente, no teatro, ficou tão enraizada que, mesmo após a desvinculação do teatro da igreja, a mulher continuou em sua função de espectadora. Nesse cenário, a drag queen é uma figura recorrente.

A partir da criação do drama e a expansão do teatro desvinculado da igreja, a drag começa a ter uma encenação cômica. Baker (1994) destaca que papeis de comédia para marido e mulher são desenvolvidos a partir da segunda metade do século XV. Nessa época, a drag desenvolvia uma função de confrontar os mistérios femininos que excluem e intimidam os homens, criando medo, incerteza e a noção da divisão dos sexos. As personagens femininas começaram a ganhar características próprias, mas sempre tendo papéis secundários e mostrando versões grotescas da imagem da mulher.

Com a popularização e massificação do teatro, tanto a natureza quanto os temas dos dramas sofreram mudanças. Não mais se reciclava histórias bíblicas, mas sim, narrativas sobre poder e políticas, tragédias de amantes e comédias de romances cruzados. Baker (1994) disserta que há lendas de combatentes que se vestiam de mulheres para se misturar com multidões, e, ao chegarem em lugares aglomerados, tiravam suas vestimentas e atacavam. Não se entende muito bem como esses homens conseguiriam se passar por mulheres, mas isso foi introduzido nas peças, com a ideia de persuadir a população a ridicularizar ao invés de temer os invasores.

Segundo Amanajás (2014), após a Idade Média, por volta do século XVI, num período pouco

criativo para o teatro, onde pouco se fez e criou, as encenações focavam em histórias de grandes heróis. Mesmo com a extinção das máscaras usadas nos séculos anteriores, atores italianos voltaram a se transformar através do mascaramento facial, através da *commedia dell'arte*, surgido da tradição dos bufões, carnavais e festas típicas. Essas atrações envolviam atores que tinham aptidões com improvisação, dança, instrumentos musicais e habilidades corporais. O envolvimento das mulheres era desempenhando funções artísticas e figurativas com papeis de enamoradas, sendo as máscaras designadas para os atores, que faziam as personagens principais.

Na visão de Baker (1994) com a melhor elaboração das histórias e personagens nas peças, a drag queen secular se viu marginalizada e ignorada, não existindo lugar agora para sua marca especial de anarquia e sua forma mística, retirando-se da grande cena até ter a chance de um retorno. Enquanto isso, a drag queen sagrada tinha um diferente destino, sobrevivendo, ela passou por uma notável transformação. Não era mais apenas uma personagem inarticulada, transferiu-se para o centro do palco, para se tornar a protagonista do teatro, articulando com as diversas personagens criadas pela nova onda de dramaturgos, ganhando assim o título de uma atriz masculina, a primeira dos grandes imitadores femininos. A partir de então, o teatro conquistou admiradores, como também inimigos – que viam nele um lugar onde trabalhavam vagabundos, ladrões e prostitutas. Ser ator não era um emprego fácil, podendo muitas vezes sofrer censuras morais e sociais.

Baker (1994) comenta que, ainda no século XVI, a demanda do público por dramas era alta e cada vez mais já se faziam produtos de fácil descarte. Um ator não teria uma vida glamourosa e de luxo, porém, teria sim uma vida mais interessante do que as outras opções disponíveis. Se tivesse um rosto adequado e um corpo magro, sua primeira atuação seria em um papel feminino, um ramo que já estava totalmente especializado em noções de comportamento, produção vocal e gestual, maquiagem e uso de saias. Poucas peças teatrais exigiam mais de três mulheres, sugerindo assim, a falta de atores que pudessem exercer tais papeis. Esses espetáculos aconteciam em lugares menores do que teatros públicos, dando uma sensação incomum na época de intimidade e exclusividade para a audiência, majoritariamente de classes superiores e literárias, que era calma e atenta.

Muitas crianças e jovens eram colocadas para exerceis papeis femininos, escolhidos por suas vozes, aptidões e educação, que seria aprimorada com treinamento nas artes da música e da retórica. No primeiro momento, eles usavam suas vozes naturais, e, mais tarde, foram treinados para alterar seu timbre. Baker (1994), defende que existem indícios que os próprios dramaturgos já pensavam em personagens sendo interpretadas por esses meninos. As vezes modificavam a história para que os papéis fossem mais jovens e fáceis, considerando a pouca idade dos atores. Mesmo não tendo provas claras,

o autor (1994) imagina que os jovens atores tenham sido como fantoches, particularmente brilhantes em sua opinião. Existe uma questão sobre esse tema, ao pensar que, por serem crianças e adolescentes, é difícil imaginar essas interpretações de maneira natural, o que leva a crer ter sido uma forma mais estilizada do que realista. Contudo, parecem terem sido capazes de desenvolver suas representações com êxito.

Enquanto isso, na Inglaterra, surgiu o nome de um dos maiores dramaturgos do teatro de toda história, William Shakespeare (1564-1616), que, para Amanajás (2014), revolucionou o modo de ver o ator e a concepção do teatro no ocidente. Personagens históricos como Julieta (*Romeu e Julieta*) e Ofélia (*Hamlet*) foram feitos por atores transformistas. É questionado também por este autor (2014), pensar como crianças interpretariam essas personagens femininas de maneira realista, considerando sua pouca idade e prática, sugerindo assim que as protagonistas eram feitas por homens mais velhos e experientes.

Nos dias de hoje, é usual a drag queen ser maior do que a vida, é algo esperado. Ela deve ser muito exagerada na maneira de se vestir, em sua maquiagem, seu cabelo e na entrega de seu espetáculo. Seria um erro então "imaginar que os imitadores femininos dos dias de Shakespeare se comportassem de tal forma – no palco, pelo menos" (Baker, 1994, p. 56)[4]. Mas existem sim muitas indicações que mostram que as produções interpretadas por adultos eram esplêndidas de assistir, com trajes e acessórios diversas vezes já bem elaborados, que, na sua grande maioria, eram feitos por servos de famílias aristocráticas. As roupas da época eram compostas por diversas camadas, como os vestidos de saias largas, corpetes com cadarços e coletes apertados, o que prejudicava a atuação do ator, que ficava com seus movimentos restringidos.

A inclusão do interesse amoroso nos dramas causou desconforto, por conta de possíveis relações homoeróticas, porém, segundo Baker (1994), o fato dos papeis serem desempenhados por crianças e adolescentes foi aceito, não afetando a validade dramática das personagens. Mas, percebe-se que as crianças cada vez mais foram abandonadas desses cargos, ao ver que suas funções já haviam se afastado da sua origem. A personagem Cleópatra, de William Shakespeare, considerada por Baker (1994), como talvez a maior criação feminina do célebre dramaturgo, exige do ator um profissionalismo de técnicas de atuação, autoconfiança e competência vocal, sendo então um papel interpretado por homens mais velhos – que já estavam aprimorados nesse ramo de atuações.

Os homens podiam, apenas no palco, vestir roupas reconhecidas como femininas, mas as mulheres nunca tiveram a permissão de fazer o inverso. Assim, começou o debate que as cenas de relações sexuais poderiam ser melhores exploradas, e que pudesse, finalmente, existir atrizes para

[4] No original: to imagine that the female impersonators of Shakespeare's day behaved in such a way - on the stage, at any rate.

interpretar papeis femininos. Foi em 1674, na Inglaterra, que as mulheres foram autorizadas a atuarem, com a exigência que fossem glamourosas e sensuais. Baker (1994), defende que elas foram encorajadas a exibir suas pernas, seios e explorar sua sexualidade, algo que causaria repulsa antes. Porém, quando as mulheres ingressaram como atrizes, sofreram resistência, preconceito e tinham dificuldade com a atuação, considerando que não haviam sido ensinadas a interpretar e logo foram colocadas no palco.

De acordo com Amanajás (2014), as mulheres começaram a atuar por conta do desgosto dos monarcas em verem homens ao invés de belas mulheres, que tiveram sua sexualidade explorada, não importando muito suas habilidades cênicas. "O fato é que as drags ainda continuaram a coexistir com a presença das mulheres por algum tempo até que sua função se tornasse desnecessária aos palcos" (2014, p. 11). Com essa permissão das mulheres, o ator feminino é abandonado, e, nessa altura, sua arte já havia se transformado em algo burlesco e de baixa comédia. Alguns desses artistas, migraram para interpretação de papeis masculinos, outros, porém, que se especializaram em atuações femininas, ainda lutaram, na espera do momento de uma recuperação do seu palco. Esses, entretanto, viviam na pobreza, ou trabalhavam esporadicamente com performances ilícitas na rua ou em alguns lugares amigáveis a arte.

Conhecendo como a arte drag queen se desenvolveu nos primeiros séculos da história, onde elas existiam por regras impostas pela sociedade, a pesquisa continua a explorar o histórico da drag queen nos séculos seguintes.

2.2 A drag queen ganhando novos rumos

"Mas o destino convida;
E a gente não pensa e só vai, só vai"
(Música *Trago Seu Amor de Volta*)

Neste subcapítulo é resgatado historicamente os acontecimentos que levaram a conceber os pilares sobre o que é drag queen nos dias de hoje. Baker (1994), disserta que durante o século XVIII a drag tornou-se pública, sendo uma marcação de território. A entrada da mulher no teatro como atriz fez a arte drag queen enfraquecer, mas não desaparecer, atuando em cenários teatrais clandestinos. Foi nesse momento em que se estabelece pela primeira vez a conexão da drag queen com a homossexualidade. Já que tiveram seu lugar no palco retirados, a drag queen ressurge como atrizes masculinas que estavam atuando por conta própria, de forma solene e divertida. A drag perdia então sua função sagrada, pois havia renunciado sua autoridade dramática. O teatro não tinha espaço para imitadores femininos sérios, sobrando, então, a distração cômica. Em uma sociedade onde o homem é o dominador e os papeis sexuais são cada vez mais delimitados, um homem se vestir de mulher por

vontade própria não era facilmente tolerável, até mesmo sendo piada, parecendo ser algo irracional e ameaçador.

Michael Moncrieff e Pierre Lienard (2017) concordam que a imagem da drag queen relacionada com a homossexualidade começou a ser moldada no início dos anos 1700, na Inglaterra, onde a drag se apresentava em locais estritamente gays, numa época em que a homossexualidade era ilegal, podendo levar a pena de morte. Amanajás (2014) disserta que nesse tempo, mesmo a drag queen sendo motivo de piada e gozação, ela ainda existia. "Homens vestidos de mulher em suas mais luxuosas roupas da moda passeavam pelas ruas da França, Itália e Inglaterra e, pela primeira vez, a drag queen começou a se relacionar com o que é o homem homossexual" (2014, p. 11). A figura do homem homossexual foi colocada na sociedade a partir das mudanças que estavam acontecendo, sendo um gatilho para a drag queen, que estava à espera de uma oportunidade para ter atenção. Essas metamorfoses da sociedade eram perfeitas para serem satirizadas, e foi assim que a drag abraçou de vez sua vertente cômica. Baker (1994) opina que, não foi a drag em si que significou a homossexualidade, mas sim, as ações e maneiras com que os homens a usavam e o efeito que isso causou – o escândalo que faziam em exibir deliberadamente convenções, ridicularizando as fundações da sociedade doméstica. A drag não se relaciona com as realidades carnais do sexo, e sim, ridiculariza a construção social das relações entre gênero e sexo.

Esse século, XVIII, também marca diversas mudanças nas relações entre homens, mulheres e a sociedade, que, para Baker (1994), ajudaram na forma e função da drag queen. Com o início de uma organização social mais urbana e mercantil, a drag torna-se uma figura crítica e rebelde a esse sistema, onde desperta indignação social por seu desprezo aos rituais a vida doméstica patriarcal. Nessa época, ela foi acusada de satirizar as mulheres, sendo assim, uma forma de opressão as mesmas. Em uma primeira análise, isso pode fazer sentido, mas o que elas estão fazendo é criticar as estruturas sociais de divisão entre os papéis de gênero e seus comportamentos, como também os valores hetorossexistas existentes. Na opinião do autor (1994, p. 107)[5] a drag queen "não está ridicularizando a vida normal de mulheres reais, ou mulheres individuais como tais, mas a sociedade em geral. E, deve ser lembrado, os homens não escaparam dessa ácida sondagem. Isso é tão verdadeiro hoje quanto no século XVIII".

No século XIX, de acordo com Baker (1994), a drag estava em um caminho incerto, excitante, árduo e sedutor. A arte não era mais admitida como séria, tendo apenas propósitos humorísticos, onde deixa explícito que é uma personagem feita por um homem. Amanajás (2014), sugere que a drag queen

[5] No original: is not deriding the ordinary lives of real women, or individual women as such, but society in general. And, it must be remembered, men do not escape the acid probe. This is as true today as it was in the 1700s.

retornou ao palco com performances cômicas de drama. Com essa volta, notou-se a necessidade de a drag ser, de fato, uma categoria artística única, separando-se da classificação de apenas ator. Mesmo retornando ao seu berço, o teatro, ela agora possuía uma diferenciação dos seus colegas, sendo uma categoria a parte. Então, a palavra drag queen é cunhada e validada. Baker (1994) traz a ideia de que a palavra drag é originalmente uma gíria de bastidores do teatro que foi incorporada ao mundo gay, surgindo por causa do arrasto dos vestidos no chão – ao oposto do não arrastamento das calças. A palavra é datada do ano de 1887, mas, conforme lembra o autor, essa era uma gíria, e com certeza já era utilizada antes. Amanajás (2014, p. 10), comenta uma teoria, sem provas concretas, sobre a origem do termo: na criação de suas personagens femininas, Shakespeare "ao rodapé da página em que descrevia tal papel, marcava-o com a sigla DRAG, *dressed as girl* (vestido como menina, em tradução livre), para sinalizar que aquela personagem seria interpretada por um homem". Baker (1994), ainda em sua definição propriamente do termo, refere-se que a união dessas duas expressões, drag queen, parece fazer uma declaração a sexualidade do artista, transmitindo perfeitamente a ousadia, a agressividade e a autoconfiança desafiadora da arte. Porém, o significado da expressão drag ("arrastar" em tradução livre), foi considerada por algumas artistas como brega e vulgar. Elas viam com um teor de degradação a "arte superior" da representação feminina, e usavam o termo impressionistas.

A criação da categoria drag queen também mudaria a relação com o público. Hoje a audiência sabe que o artista é um homem e o reconhece como tal. Assim, a plateia sabe que a drag está interpretando e se concentra em sua representação e o quão convincente é. Se a audiência não sabe que é um homem performando, o gênero é irrelevante. Essa representação é, para Baker (1994), uma das maiores magias misteriosas da drag, causando uma sensação desconcertante. Outro enigma que a envolve desde o teatro é a exposição dos órgãos genitais, que não podiam, e não podem, aparecer de forma alguma. A exposição do órgão é a revelação do último segredo da drag queen, e, quando revelado, o espectador não é confrontado com uma ausência, e sim com uma presença significativa.

Se o século XIX modificou a figura da drag para uma comediante de baixa escala, o novo século trouxe o glamour e o fetiche para a arte. A drag chegou no século XX com sorrisos largos, uma estranha variedade de roupas que faziam uma paródia a alta costura, perucas excêntricas e uma maquiagem exageradamente descontrolada. "A drag queen gosta de estar na moda, para celebrar a beleza das roupas, ou, às vezes, para satirizar a idiotice da moda extrema e da alta costura". (Baker, 1994, p. 103)[6]. Com um humor robusto, e até terrivelmente doméstico, a drag mostrava para o público sua confiança e

[6] No original: The drag queen likes to be in fashion, to celebrate the beauty of clothes or, sometimes, to satirize the idiocy of extreme fashion and over-the-top couture.

compartilhava com eles as provações da vida. Sua a intenção era dominar as percepções da representação feminina tanto tradicional quanto das novidades da época, parodiando assim suas rotinas. Com essa popularidade, novos artistas eram necessários, e, conforme Baker (1994), as únicas pessoas que gostariam de se exibir como drag queen eram jovens afeminados que não tinham o que perder e quem sabe, tudo para ganhar.

Amanajás (2014), colaborando com a definição da drag queen do início do século XX, que também era chamada de dama pantomímica, sendo uma figura cômica e carismática com performances direcionadas para a classe média e trabalhadora. Essas artistas colocavam em jogo questões discutidas pelas mulheres na época, que se identificavam com seus discursos. Falavam sobre estereótipos de mulheres feias que nunca se casariam e ficariam com a família; assim como de enfermeiras, viúvas, fofoqueiras, entre outras.

> Aos poucos, as damas pantomímicas adentraram esse espaço e entoavam canções satíricas como parte do repertório de personagens [...] Pelos 40 ou 50 primeiros anos do século XX, a dama pantomímica foi a única forma de drag queen existente e, mais do que isso, era uma forma artística respeitada e aceita, personagem que todo o comediante eventualmente possuía em seu leque. Entretanto, viriam duas guerras mundiais, o mundo se reorganizaria, a moda feminina e o próprio pensamento das mulheres em relação a sua posição social seria ressignificado e, com isso, o modo como a drag queen se apresentava seria revisto. (Amanajás, 2014, p. 14).

A imagem da mulher sofre constantes mudanças a partir do século XIX, junto com a invenção e propagação do cinema, que começava a exercer influência na sociedade, apresentando uma nova galeria de imagens sexuais de ambos os sexos. Segundo Baker (1994), a drag viu que o glamour em si não era o suficiente para suas personagens. Então, começou a exercitar seus talentos para comédia e personificação de celebridades femininas.

As tecnologias do século XX abriram uma nova possibilidade para a drag, que, de acordo com Amanájas (2014), causaram a extinção da dama pantomímica. Na década de 1950 a vida não era fácil para meninos que queriam fazer carreira como drag, cuja imagem estava sendo repreendida em todo o *showbusiness*. Apenas os poucos clubes e bares mais tradicionais para a arte possuíam atos de drag. Baker (1994) define alguns fatores para a arte ser marginalizada: atores que estavam adquirindo má reputação; a entrada forte da televisão – causando enfraquecimento no teatro e cinema; e a consolidação dos meios de comunicação de massa.

Após conhecer mais da história da drag queen, como também a primeira relação da arte com a homossexualidade, a próxima seção continua explorando a drag até o final do século XX.

2.3 Drag queen: ato político

"Sabe que a minha vida é na contra-mão;
Cê deu condição, eu não dei perdão"
(Música *Todo Dia*)

A história da drag queen a partir do final dos anos 1950 até o fim desse século é apresentado nesta parte da pesquisa. Nos anos 1960, parecia haver sinais que a drag poderia ressurgir, estando até então com seu status de baixo nível. Para Baker (1994), nessa década, o entretenimento sofreu uma explosão de criatividade, cruzando, pela primeira vez, os difíceis limites de classe, cultura, idade e sexo. O termo "unissex" chegou atraindo e, ao mesmo tempo, assustando. Porém, esse conceito ajudou na arte drag, abrindo uma discussão sobre o vestuário para os sexos. A cultura pop também desponta e começa a se relacionar com a arte tradicional, sendo o material perfeito para a drag se inspirar, aliada a um imaginário glamouroso e soberbo da mulher que é maior que o mundo. No contexto dessas estimulantes modificações, a drag começa a reaparecer e a ocupar um lugar definido, ainda que pequeno, na vida de cidades multiculturais. Com diversas transformações em seu papel e na sociedade, a drag queen apresenta novas funções e ganha um importante espaço na comunidade gay, tornando-se um ato político.

Os movimentos contraculturais da década de 1960, na visão de Baker (1994), davam sinais de rebeldia e desprendimento da conformidade que a sociedade foi estabelecida, existindo uma necessidade de mudança. Um evento merece ser citado ao tratar dos movimentos contraculturais de LGBTQ+ nos anos 1960 – na qual drag queens estavam presentes. Foi na cidade de Nova Iorque, no bar *Stonewall In*, um lugar frequentado principalmente por gays marginalizados, lésbicas, travestis e drag queens. No dia 28 de junho de 1969, 01:20 da manhã, nove policiais foram ao bar e prenderam funcionários por estarem vendendo bebidas alcoólicas – o estabelecimento não possuía licença para vender tais produtos. Eles também levaram sob custódia "travestis e ou drag queens que não estavam usando ao menos três peças de roupa 'adequadas' a seu gênero, como mandava a lei" (BBC, 2019). Ao irem para as viaturas, os detidos começaram a provocar os policiais e então o confronto se intensificou. A população LGBTQ+ não aguentou mais ser perseguida e hostilizada pela polícia. Foi Marsha P. Johnson a travesti que começou a revolução naquela noite. Esse foi o início dos seis dias seguintes de manifestação na cidade. A partir da Revolta de *Stonewall*, o dia 28 de junho é conhecido como o dia do Orgulho Gay, e assim surgiu em 1970 a Parada do Orgulho LGBT, primeiramente em Nova Iorque, Los Angeles e Chicago, e hoje espalhadas pelo mundo.

Desde então a drag cada vez mais surge como algo além do entretenimento e diversão, adquirindo

agora uma intenção política. Mas o relacionamento da drag com a política gay não era fácil.

> O delicado tipo de reformador da lei gay estava tentando minimizar qualquer ligação entre homossexualidade, afeminação e drag – para fingir que os homens gays eram tão normais quanto homens heterossexuais. Informado pelo feminismo, a vertente mais radical das políticas gay costumava considerar a drag como humilhante para as mulheres, e é claro que grande parte dos pubs de drag eram. (Baker, 1994, p. 239)[7].

Baker (1994) expõem que a drag conseguia desempenhar um importante papel na revisão dos códigos sexuais e de gênero, que começavam a ser debatido com maior frequência nos anos 1970, pois ela foi vista como politizada por si só. A drag rejeita a ideia de apenas se transformar em mulher, e sim, ser uma união de dois gêneros em um – este sendo indefinido, nem homem, nem mulher. Nessa década, mais uma vez a drag ressurge com grande força, espalhando anarquia e caos, desafiando o código moral da época com performances bem elaboradas, uma peculiar caracterização e uma inteligência penetrante.

Performances de drag queens eram basicamente o único entretenimento gay em espaços para esse público na década de 1970, com shows que iam do total amadorismo ao quase profissional, onde poucas artistas conseguiam fazer dessa profissão um meio de sustento integral. Os proprietários de bares e festas viram que a drag era uma forma popular e barata de entretenimento. Seu apelo, porém, não estava tanto em como elas pareciam, mas sim no que podiam dizer, invertendo o estigma de homossexual afeminado, usando-o como distintivo de orgulho. Muitos artistas levavam realmente a sério seus atos, pois era uma das poucas coisas que gays agora poderiam apontar e chamar de "nosso".

Baker (1994) e Amanajás (2014), concordam que na década de 1980, a comunidade gay foi novamente reprimida por conta do surto da Aids; e a drag, novamente, saí de cena, apresentando-se em poucos lugares gays, igualmente maus vistos por conta da homofobia renovada. Baker (1994) comenta que a drag queen parece ter sido intrinsicamente ligada com a homossexualidade masculina porque ela é vista como uma forma de drag corporal. Porém, essa relação muitas vezes foi negada por drag queens que não assumiam sua sexualidade. Essas artistas falavam que ser drag era situacional, apenas um trabalho.

A década de 1990, é vista por Amanájas (2014) como emblemática para a volta da drag ao convívio da sociedade. Ela agora possuía a função de entretenimento, com performances "*lipsyncs* (dublar uma música de alguma cantora de modo verossimilhante ou caricatural), *voguing* ou em esquetes cômicas abordando principalmente a cultura e o universo gay através de zombarias, roupas conceituais

[7] No original: Yet drag's relationship with gay politics was somewhat fraught. The politer kind of gay law reformer was trying to downplay any link between homosexuality, effeminacy and drag – to pretend that gay men were as dully normal as straight men. Informed by feminism, the more radical strand of gay politics often viewed drag as demeaning to women, and of course much of the pub drag was.

e magníficas e de um dialeto próprio dessa comunidade" (2014, p. 18). Baker (1994), comenta que, com a chegada do novo milénio (os anos 2000 no caso), não parece existir uma redução do interesse pela arte drag queen.

Finaliza-se aqui a contextualização da arte drag queen até o final do século XX. A seguir, apresenta-se aspectos da drag queen de hoje.

2.4 Drag queen sempre em [re]construção

"Você chegou e me envolveu;
E o meu corpo estremeceu"
(Música *Seu Crime*)

A drag queen durante os toda a história sempre existiu, de diferentes maneiras e formas. Na virada do século XXI, a drag já possui um papel e função totalmente diferentes de sua forma inaugural. Esta parte do trabalho se dedica a explorar mais a imagem da drag atualmente, mas; é preciso ressaltar: existem infinitas possibilidades para esse universo que está, como já mostrado, sempre em transformação, sendo impossível existir uma única definição. O que é proposto aqui é trazer algumas características e nuances dessa linda, maravilhosa e importante manifestação artística. Drag queen hoje é não ter um padrão a seguir, ser livre, sendo uma construção sem fim. Como lembra Iran Almeida Brasil (2017, p. 108): "se ela é transgressora, por que deveria seguir um manual? A drag queen não é uma figura rígida, imutável e sim mutante, ela desnaturaliza o já dado, o necessário, ela é pura convenção, puro jogo, pura transgressão". Sua luta tem como propósito despertar a sociedade para as novas demandas do mundo atual que está sempre em constante mudança. Amanájas (2014) discorre que, ao longo de toda a história da drag, e também da sociedade, essa expressão artística é "uma forte arma de provocação, blasfêmia, divertimento, e fator de estranhamento em que o masculino e o feminino se fundem na construção de uma personagem e de uma linguagem cênica que gerou aprovação e fúria no decorrer da história" (2014, p. 20).

Atualmente, a drag queen transferiu-se do teatro para a vida cotidiana, assumindo assim, "seu devido lugar sob as luzes da ribalta. Equilibrando-se precariamente sobre a linha do teatro e da vida, o personificador feminino tem seus lampejos de ascensão e sombra no decorrer da história". (Amanájas, 2014, p. 21). Graças as inúmeras transformações impostas, a arte drag, segundo o autor (2014), é camaleônica e já passou por bruscas modificações em sua forma, linguagem e conteúdo. Para Moncrieff e Lienard (2017) nos dias de hoje, a drag é encontrada em todo o mundo, e, como ressaltam, estão até mesmo em lugares onde os homossexuais enfrentam fortes perseguições sociais e legais, como na Rússia, África e Israel, porém, com algumas especificidades que as diferenciam das queens ocidentais.

Anna Paula Vencato (2002), em sua aclamada dissertação sobre drag queens realizada no início do milénio, percebe que uma queen é composta por "maquiagem, texto, modos de ser/estar no meio do público, de performances, de dublagens, de fantasias, de desejos". Em sua visão, um homem drag queen se transveste sem a intenção de se vestir como mulher, e sim, eles

> re-inventam um feminino exagerado em sua representação, porém sem debochar do "ser mulher". [...] as drags buscam, tal qual os/as travestis, uma certa aproximação dessa "mulher" que levam a público, muito embora a completa identificação nunca seja o resultado almejado. A maquiagem de uma drag queen jamais estará borrada, suas roupas nunca estarão rasgadas (a não ser que o papel que desempenhem naquele momento o exija), e, ao menos em Santa Catarina[8], uma drag jamais aparecerá "montada" em público sem antes passar por um processo de depilação de quase todo o corpo (Vencato, 2002, pp. 3-4).

Baker (1994), define que drag queen é sobre muita coisa, desde roupas até sexo. Ela revoluciona os códigos de vestuário que dizem como homens e mulheres devem aparecer na sociedade organizada. Ainda, "cria tensão e libera a tensão, confronta e apazigua. Trata-se de interpretar e questionar o significado do gênero e da identidade sexual. É sobre anarquia e desafio" (1994, p. 18)[9]. Mesmo causando por vezes olhares perturbados e medrosos, a drag os encara com diversão, cores, plumas e glitter. O trabalho de uma drag queen é, na opinião de Verta Taylor e Leila J Rupp (2004), realizado através de seu corpo, que se transforma em uma arma para destacar a base social do gênero e da heterossexualidade dominante. Com o uso de roupas extravagantes, máscaras, maquiagens e adereços, a drag pode exibir feminilidade e adotar uma fluidez entre gêneros, utilizando uma identidade que pode colocar e tirar. As autoras (2004) observam que muitos intérpretes fazem drag pelo simples fato de serem homossexuais e são atraídos por sua afeminilidade.

Para Maria Teresa Vargas Chidiac e Leandro Castro Oltramari (2004) o universo drag possui seu próprio vocabulário, com suas gírias, expressões e falas, esta última, se une ao corpo na manifestação de corporalidade da drag, uma ambivalência de signos masculinos e femininos. Cada palavra dita pela artista auxilia, de modo decisivo, para a constituição de sua imagem. O corpo é o território para a transformação da drag, algo que comunica a passagem de corpos culturalmente inscritos. É nele que se pode mudar completamente a identidade de alguém, ou, pelo menos, por algumas horas, destacar algumas características de uma personagem criada.

[8] Estado brasileiro onde a pesquisa foi feita.

[9] No original: It creates tension and releases tension, confronts and appeases. It is about role-playing and questions the meaning of both gender and sexual identity. It is about anarchy and defiance.

Montada sim! transvestida não!

Para alargar a discussão sobre drag queen é necessário aprofundar um conceito já citado, que é conhecido por todas drag queens do Brasil: drag não se transveste, e sim, se monta. Isso significa "montar a personagem", que engloba: roupas, perucas, maquiagem, comportamento e seu nome. É assim que ela se transforma, quando sai o homem que está no corpo e entra a drag.

Na opinião de Vencato (2002, p. 5), "uma drag queen não se veste ou maquia apenas, ela se 'monta'. 'Montar-se' é o termo 'nativo' que define o ato ou processo de travestir-se, (trans)vestir-se ou produzir-se". Para a autora (2002), não parece correto dizer que uma drag se monta "de mulher", pois não tem a intenção de ficar parecida com uma, um aspecto que a distingue de travestis e transformistas. Segundo Guacira Lopes Louro (2018), se montar é um processo detalhado e longo de transformação corporal feito através de diversas técnicas e truques. É assim que a drag efetivamente incorpora sua personagem, tomando seu corpo. "Ela está, agora, pronta para ganhar a rua, para se apresentar num show, a trabalho, para 'fazer' o carnaval ou simplesmente para se divertir" (2018, p. 57). Para Chidiac e Oltramari (2004), se montar, está relacionado com o ato de constituir uma personagem a partir de acessórios, um nome próprio e características reconhecidas como femininas. Para uma drag existe um limite que separa o sujeito de sua personagem, sendo essa fronteira extremamente fluida, e que parece estar, principalmente, no processo da montaria, que é o momento de "encarar" e "incorporar".

As características reconhecidas como femininas que a drag apresenta são explicitadas através de suas montarias, indumentárias e outras técnicas utilizadas para ajudar a compor a representação do seu corpo. Essa imagem, como ressaltam Chidiac e Oltramari (2004), é baseada em estereótipos socialmente ligados a imagem do homem e da mulher. Mas a drag, especificadamente, "brinca e satiriza essas diferenças, esses estereótipos arraigados às relações de gênero" (2004, p. 475). Segundo Brasil (2017) a montaria da drag é uma construção milimetricamente estudada e elaborada, envolvendo quesitos de moda, maquiagem e figurino. É preciso dedicação e algumas horas para a transformação do corpo e a incorporação, sem contar um alto investimento financeiro para produção e aperfeiçoamento.

Nem tudo é glitter: bônus e ônus

Mesmo com todo brilho e alegria, o trabalho como drag queen pode não ser fácil, isso vale tanto nos séculos passados quanto hoje. Moncrieff e Lienard (2017) comentam que por conta de seu comportamento afirmativo e afeminado, uma drag pode sofrer preconceito até mesmo da comunidade gay, para além da sociedade. Porém, para jovens gays e de classes menos favorecidas, a forma artística representa uma marca de distinção perante sua condição social. Mesmo sendo necessário investimento monetário para ser uma drag queen, os gays marginalizados são atraídos por conta dos benefícios que

podem receber, como uma reputação melhor e o próprio retorno financeiro a partir de uma atividade de realização pessoal. "O fenômeno drag queen fornece um interessante estudo de caso em que determinados sinais comportamentais melhoram a reputação e o bem-estar dos indivíduos, ao mesmo tempo em que são inteiramente dissociados de qualquer benefício reprodutivo". (2017, p. 1)[10]. A vontade de elevação de posição social e econômico, o maior envolvimento na comunidade gay e o início de uma possível carreira no entretenimento são as principais razões para meninos quererem fazer drag. Eles enxergam na atividade uma maneira mais fácil de conseguir aceitação e reconhecimento social. Amanájas (2014) analisa que existe uma empolgação, principalmente entre jovens gays, em se montar. Mas é preciso delimitar a linguagem da arte, pois ser drag não é apenas se vestir e exaltar a beleza feminina para divertimento próprio. Existe uma responsabilidade com a arte drag, e, principalmente, com a sociedade. "A drag queen possui uma função social cênica, seja de entretenimento ou de política que não se basta no autoprazer e no divertimento corriqueiro" (2014, p. 21).

Assim como travestis e transexuais, a drag, como sinalizam Moncrieff e Lienard (2017), está sujeita a um maior risco de agressão, assédio, humilhação, ostracismo e discriminação, por conta da visibilidade social elevada para qual se expõem; onde poucas conseguem tornar-se um grande sucesso. Vencato (2002), concorda com a maior exposição a violência em que a drag está sujeita, que parece ser motivada muitas vezes por pessoas que não admitem um homem estar dessa forma.

Ainda, a mesma autora (2002) lembra que não existem muitas oportunidades profissionais remuneradas fora do ambiente LGBTQ+, o que pode causar rivalidade entre as drag queens. À medida que as amadoras possuem reconhecimento limitado, sendo expostas a críticas severas, zombarias e fofocas do público gay; as iniciantes são ridicularizadas por suas aparências e comportamentos não refinados; enquanto isso, profissionais de sucesso acabam exercendo uma força dentro da comunidade, ganhando maior respeito. Algumas dessas conseguem fazer drag uma carreira integral, tornando-se modelo para futuras queens, contudo, um pequeno número de artistas obtém esse status.

Identificação e nome drag

De acordo com Chidiac e Oltramari (2004), a personagem drag possui características físicas e psicológicas próprias que talvez não sejam reconhecidas quando o ator não está montado. Vencato (2002) concorda dizendo que por ser uma personagem, a drag não é um reflexo de seu intérprete e classifica essa relação em três grupos:

> 1) rapaz que se identifica muito com sua personagem drag, chegando a assumir em sua vida cotidiana a personagem; 2) rapaz diferente de sua personagem drag, mas

[10] No original: The drag queen phenomenon provides an interesting case study where particular behavioral signals enhance individuals' reputation and welfare, while being entirely decoupled from any reproductive payoff.

> que não se preocupa com o fato de por vezes identificar-se ou ser identificado com ela; 3) rapaz diferente de sua personagem drag, que evita (chegando mesmo a excluir a possibilidade de) qualquer identificação. (Vencato, 2002, p. 40).

Além de uma personalidade distinta, a drag possui um nome diferente de seu ator, possuindo assim um nome "desmontada" (masculino) e "montada" (drag). Isso não é regra, podendo existir artistas que são reconhecidas pelos nomes de suas personagens 24 horas por dia. Vencato (2002), reflete que essa mudança de nome não é algo que lhe dê proteção, porém, ajuda na construção das personagens e performances, existindo duas formas para a escolha. A primeira é uma ramificação, de quaisquer que seja a forma, do nome masculino, geralmente começando por um apelido. A outra é formulada a partir de artistas que servem de inspiração para as personagens, principalmente influenciado pela cultura pop norte-americana. Seja qual for a maneira de criação, o fato é que o nome escolhido carrega toda reputação de uma drag, e é algo que, depois de estabilizado e reconhecido, é difícil ser mudado, pois torna-se a marca registrada da artista.

Categorias e performances das drag queens

O trabalho como drag queen envolve muitas coisas além de se vestir. Para Vencato (2002) é necessário levar em conta também outras drag queens, o público, contratantes, lugares e a criação de suas performances, tanto verbais quanto corporais. Cada drag possui um tipo de performance, a partir de suas habilidades criativas e de improvisação. Steven Schacht (2002), classifica quatro tipos de interpretações resultantes de drag queen: "Imitadores Femininos De Alto Nível, Ilusionistas Do Sexo Feminino, Rainhas Profissionais De Glamour e Rainhas Afeminadas Profissionais" (2002, p. 163)[11]. Porém, ressalta que essas categorias não são excludentes ou mutuamente exclusivas, podendo assumir diversos papeis em diferentes formas.

Imitadores Femininos De Alto Nível, são vistos principalmente como líderes de grupos. Suas roupas são reconhecidas como do sexo que está sendo performado e frequentemente são de alto nível, apresentando imagens glamourosas convincentes da feminilidade tradicional construída, por vezes até bastante conservadoras. Porém, seus intérpretes se auto identificam como homens gays, e apenas vestem roupas femininas para apresentações. São consideradas as melhores do grupo e possuem o status de líderes legítimas. Enxergam fazer drag como um meio de acumular poder e autoridade no ambiente ocupado.

As Ilusionistas Do Sexo Feminino, são as mais "bonitas" e "reais", podendo até ser vistas como transexuais pré-operatórios já que grande parte toma hormônios femininos e retiram pelos faciais e

[11] No original: highbrow female impersonators, female illusionists, professional glamor queens, and professional camp queens.

corporais. Algumas colocam implantes mamários e fazem cirurgias estéticas para se parecerem fisicamente mulheres, porém, não desejam realizar a operação final para se tornar uma transexual, ou se tornar legalmente mulheres. Mas, mesmo com as pequenas intervenções em seus corpos, muitas das ilusionistas podem ser facilmente confundidas como mulheres biológicas. Suas performances são distintas, podendo envolver a dublagem labial e a dança de músicas predominantemente de divas pop. Seus comportamentos podem ser considerados "hiperfemininos", desde a forma de andar, o balançar dos quadris e os movimentos delicados das mãos. Ainda assim, suas performances são enérgicas com o movimento de seus corpos. Essa classificação pode ter uma competição com mulheres biológicas de quem é mais "verdadeiramente" mulher. Elas esperam se tornar o centro das atenções e que a audiência aprecie o quão fabulosas e perfeitas são.

Quando se trata das Rainhas de Glamour Profissional, Schacht (2002) comenta que essa classificação é a imagem que muitas pessoas têm sobre drag queen, sendo a categoria mais popular de todas. Entretanto, poucas dessas fazem este trabalho em tempo integral, a maioria possui outra forma de complemento de renda, mas sonham em um dia poder se sustentar apenas com o trabalho de drag. Essa categoria utiliza uma incorporação masculina do feminino com uma imagem idealizada e "hiperfeminina", sendo retratada para reunir poder e autoridade situacionais nos ambientes em que estão atuando.

A última categoria, as Rainhas Afeminadas Profissionais, ressaltam a afeminilidade, que permite a drag ressaltar esteticamente ironias da vida de uma maneira teatral, ainda que de forma exagerada e com intenção humorística. Schacht (2002) ressalta que, em diferentes níveis, todas as drag queens das outras esferas poderiam serem conceituados usando a afeminilidade em pelo menos uma de suas apresentações. Porém, as outras categorias, quase sempre, possuem uma preocupação muito séria em ideais da beleza "hiperfeminina", noções essas que são de pouca, ou nenhuma importância para esse grupo, que usa a imagem típica e exagerada de afeminilidade como acessório em suas apresentações, colocando-se como "palhaços" e se opondo ao glamour. Com uma grande espiritualidade, possuem perspicácia que lhes permitem estarem sempre prontas com um comentário ou um gesto dirigido a qualquer pessoa presente.

Vencato (2002), a partir, principalmente, da forma de como se montar e seus vestuários, define classificações de drag queen, que admite ser frágil e difícil, podendo haver enorme convergência e categorias além dessas.

Tabela 1 – Classificação de Drag Queen por Vencato (2002)

Estilo	Definições
Top-drags	Têm postura bastante feminina, interagem com a moda, têm a obrigação de estar bonitas e sexy, devem se parecer um pouco com mulheres;
Caricatas	Alegóricas, cômicas, engraçadas, exageradas;
Ciber-drags	Relativamente semelhantes às tops, mas com um estilo bem mais "futurista";
Andróginas ou go-go drags	Mais masculinas, sem pretensões de se aproximarem muito do feminino. Não se depilam, por vezes;
Bonecas	Como Isabelita dos Patins[12], que possui um personagem único e cujos movimentos lembram um pouco uma boneca.

Fonte: Vencato (2002, p. 67)

Para a autora, as apresentações de uma top-drag devem ser marcadas pela perfeição, enquanto o esculhambo deve ser a marca da drag caricata. Os shows das caricatas conseguem ser mais bem apreciadas do que as tops, porém, ambas utilizam técnicas como a improvisação e truques que cada uma aprendeu em sua carreira.

Futuro colorido

O futuro da drag parece ser brilhante como sua maquiagem, alto como o salto de seu sapato e longo como suas perucas. Cada vez mais elas estão surgindo e fazendo-se presentes. Para Brasil (2017), novas drag queens se inspiram, principalmente, em divas pop como Beyoncé, Britney Spears, Shakira, Lady GaGa, Madonna e outras. Essas cantoras pop, para Amanájas (2014, p. 20), incentivam a liberdade sexual, de expressão e a reinvenção de sujeitos, servindo "mais do que inspiração para as drag queens: tornaram-se um modo de vida". O mesmo autor (2014), nota um enorme desenvolvimento da linguagem e grandiosidade dos espetáculos drag, que possui um território dramático propício para o novo e o inesperado surgir, pois está sempre em renovação. Brasil (2017) comenta que muitas pessoas têm contato com a comunidade LGBTQ+ a partir de drag queens, sendo sua figura uma afirmação de orgulho da comunidade. "A drag queen ao sair de casa já é uma heroína, porque não é fácil colocar a cara no sol, é preciso de muita coragem" (2017, p. 121). Em uma visão para o futuro, Moncrieff e Lienard (2017) avaliam que os custos por ser uma drag queen estão sim diminuindo considerando a aceitação nas

[12] "Nascida na Argentina com o nome de Jorge Omar Iglesias, Isabelita mudou para o Brasil há mais de 30 anos. Em 1993, enquanto patinava na Avenida Atlântica, ficou de frente com então candidato à Presidência da República, Fernando Henrique Cardoso, que posou ao seu lado para os fotógrafos presentes. No dia seguinte, foi primeira página dos jornais e revistas e fez parte das charges do cartunista Chico Caruso por várias semanas. Dez meses depois, Fernando Henrique foi eleito e Isabelita dos Patins ficou conhecida nacionalmente através de participações em programas de televisão, comerciais para as grifes Fórum e Duloren, entre outras aparições". Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Isabelita_dos_Patins

esferas sociais; podendo até a drag queen tornar-se um fenômeno mais folclórico do que funcional. Seja qual for o futuro, é certo que a figura da drag queen nunca irá desaparecer, ela sempre se reinventará para deixar o mundo mais colorido e alegre.

Finaliza-se aqui o primeiro capítulo teórico deste estudo. A parte seguinte discute conceitos de gênero e a relação do tema com drag queen.

3 RELACIONANDO GÊNERO, TEORIA QUEER E DRAG QUEEN

"Eu não vou deixar;
Você me controlar;
Não vou voltar"
(Música *Não Vou Deitar*)

Nas últimas décadas, com os avanços dos estudos sobre gênero, sexualidade e corpo, principalmente a teoria queer, a drag queen começa a relacionar-se fortemente com conceitos de gênero e performance de gênero, assuntos apresentados neste capítulo.

3.1 Desconstruindo gênero

"Eu sei bem que você nunca vai se esquecer;
De como tudo foi pressentido"
(Música *Não Esqueço*)

Os conceitos sobre gênero, sexualidade e sexo são explorados neste capítulo. Jaqueline Jesus (2012) traz a ideia de que as pessoas são ensinadas a agirem e manifestarem sua aparência a partir do sexo de nascimento, ou seja: homens são ensinados a serem homens e mulheres são ensinadas a serem mulheres, agindo dentro de seu gênero "adequado". Mas, como lembra a autora, essas diferenças não são "naturais", como parecem, e sim, construídas pelo convívio social. Segundo Louro (2018), ao ser descoberto o sexo do bebê (menino ou menina), esses corpos começam um processo que, aparentemente, têm um caminho já definido; suas caraterísticas físicas os classificam em uma sequência de "sexo-gênero-sexualidade". A nomeação do corpo o faz entrar nessa lógica que parece ser anterior a cultura, e possui um caráter permanente, invariável e binário. Determinado sexo – direcionado a determinado gênero – induzido a uma única forma de desejo, o sexo oposto, não podendo, ao que parece, outra possibilidade. Essa ideia, para a autora (2018), é totalmente política e exclui qualquer tentativa para os que não seguem essa lógica, que sofrem imposições morais, políticas, sociais e econômicas, até mesmo nos dias de hoje, onde estão mais visíveis e "aceitos".

Esse é o modelo consagrado da heterossexualidade compulsória e qualquer pessoa que estiver fora dessa norma é considerada minoria, por não seguir o binarismo imposto. "Não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura; descrito, nomeado e reconhecido na linguagem, através dos signos, dos dispositivos, das convenções e das tecnologias" (Louro, 2018, p. 67). Essa construção binária de corpos classifica, indica, ordena, hierarquiza e define os sujeitos a partir da aparência. Gênero, para Jesus (2012, p. 24) é a "classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero e independe do sexo". Não existe uma regra única e clara para

definir gênero, assim, pode-se dizer que nem todo homem e mulher é "naturalmente" heterossexual e cisgênero. O sexo apenas diz respeito a característica biológica da pessoa e não define seu comportamento, que é ditado pela cultura. O que interessa na definição de ser um homem ou uma mulher não são as características biológicas ou os órgãos genitais, mas sim a autopercepção e a maneira expressada socialmente pelos sujeitos. Nessa linha de pensamento, existe a diferença entre um cisgênero e um transgênero. O primeiro diz respeito a pessoa que se identifica com o gênero que foi lhe dado biologicamente; sendo transgêneros pessoas que não se identificam com o gênero atribuído, isso engloba homens e mulheres transexuais, travestis, e, em algumas definições, não-binários, *crossdressers* e drag queens.

Um tornar-se eterno a partir de Beauvoir

Os estudos sobre gênero das últimas décadas foram principalmente teorizados por pensadoras feministas contemporâneas que analisam o poder perante a construção dos sujeitos. Uma das principais autoras sobre o tema é Judith Butler (2003), célebre filósofa feminista e uma das percursoras dos estudos da teoria queer. De acordo com Sara Salih (2012, p. 19), na década de 1980, Butler começou seus estudos buscando discutir as formas "pelos quais o sexo e a sexualidade são discursivamente construídos ao longo do tempo e das culturas". Em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, uma de suas obras mais famosas, Butler dedica-se analisar a distinção entre sexo e gênero. Mesmo parecendo que o sexo seja fixo em termos biológicos, o gênero, para Butler (2003), é culturalmente construído, sendo assim, não é resultado e nem depende do sexo.

Seguindo a famosa frase da filósofa feminista Simone de Beauvoir em seu livro *O Segundo Sexo* (1949), "Não se nasce mulher. torna-se mulher", Butler (2003), afirma que o gênero é "construído", onde um sujeito, por algum motivo, assume ou se apropria de tal gênero – ou o renega. Assim, o ato de tornar-se mulher é feito a partir de uma compulsão cultural que não vem do sexo, e, como ressalta a autora: "não há nada em sua explicação (de Beauvoir) que garanta que o 'ser' que se torna mulher seja necessariamente fêmea" (2003, p. 27). Ninguém nasce com um gênero, e sim o adquire. Essa aquisição do gênero é um processo, um devir que talvez não tenha ao certo um começo e fim, estando sempre em um durante, aberto a intervenções e novos significados, nunca podendo tornar-se em definitivo. O gênero não pode ser encarado como resultado de categorias de sexo (masculino e feminino), ele é um artifício flutuante, onde mulheres e homens podem ter corpos masculinos e femininos.

Outra célebre escritora feminista, Monique Wittig (2009), escreveu um artigo que vai ao encontro com o pensamento de Beauvoir. Em *Ninguém Nasce Mulher*, Wittig reafirma a ideia de que tornar-se mulher é um mito, porque é independente de destino, seja biológico, psicológico ou econômico. Tornar-

se depende da própria civilização e cultura, produtores dessa imagem e criadores de uma categoria diferente do macho, a fêmea. Guacira Lopes Louro (2008), também comenta a frase de Beauvoir, na ideia de que ser mulher não é resultado de um ato único, e sim uma construção, que depende de marcas, gestos, comportamentos, preferências e desgostos que são ensinados e reiterados no cotidiano de determinada cultura. Para a autora (2008), talvez nem a própria Beauvoir imaginasse o que aconteceria após a publicação de sua obra na década de 1940 e as reinvenções e debates sobre feminismo, estudos de gênero e sexualidade que aconteceriam. Contudo, destaca que a ideia de "tornar-se mulher", pode ser concebida como o início dessas discussões, que também, de alguma forma, engloba a construção do masculino. "Fazer de alguém um homem requer, de igual modo, investimentos continuados. Nada há de puramente 'natural' e 'dado' em tudo isso: ser homem e ser mulher constituem-se em processos que acontecem no âmbito da cultura" (Louro, 2008, p. 18).

Logo, uma "predisposição" a heterossexualidade é resultado de um processo, que tem como objetivo dissimular a própria genealogia. Essas "predisposições" são marcadas por uma narrativa construída, ensinada e fixadas a partir de proibições sexuais. Tornar-se um gênero é um processo de naturalização, algo que requer uma distinção de prazeres e partes corporais características de cada gênero. Ao considerar que o pênis, a vagina e o seios são onde residem ou emanam os prazeres, é necessário observar que as descrições são de corpos que já foram construídos e naturalizados com características específicas de gêneros. Butler (2003) defende que o processo de "tornar-se" de um gênero não é fixo, sendo possível outras categorias além do binarismo. Não é tratado como androginia nem um "terceiro gênero" e sim uma subversão interna, no qual o binarismo perde o sentido, considerando a multiplicidade de expressões de gênero.

A performance de gênero

Na visão de Butler (2003), os gêneros não podem ser descritos como verdadeiros ou falsos, pois são reproduzidos como efeitos da verdade sobre discursos de identidades. A performance de gênero defendida pela autora não é baseada na existência de um gênero original a ser imitado, e sim a partir de um "original" criado e estabilizado; e é definida como "um estilo corporal, um 'ato', por assim dizer, que tanto é intencional como performativo, onde 'performativo' sugere uma construção dramática e contingente do sentido" (2003, p. 199).

A performance de gênero é produzida e imposta por práticas reguladoras da sequência de sexo-gênero-sexualidade. Assim, ela é sempre feita, mesmo que não esteja visível, servindo para manter a ordem e mostrar limites. Na opinião de Louro (2008), os gêneros e sexualidades são construídos através de inesgotáveis aprendizados e práticas, estando presentes nas mais diversas situações; empreendidas

de forma explícitas ou disfarçadas por um conjunto infinito de instâncias sociais e culturais. É um processo sutil que não tem fim, onde fazem partes instâncias como a família, escola, Igreja, mídia, instituições legais e médicas – que por muito tempo seus ensinamentos pareciam supremos e incondicionais.

As identidades que não seguem a lógica estabelecida de gênero são vistas como falhas do desenvolvimento. A persistência e proliferação dessas diferentes manifestações conseguem mostrar e criticar a matriz reguladora desse campo. A identidade de gênero, para Jesus (2012), diz respeito ao gênero que o sujeito se identifica, que pode ou não ser o que lhe foi atribuído no seu nascimento. É diferente da sexualidade, e não possui relação com orientação sexual – por exemplo: pessoas transexuais podem ser heterossexuais; gays e lésbicas podem ser cisgênero. O gênero é uma construção que oculta sua história e origem, obrigando a crença de sua necessidade reprodutora e naturalidade de gêneros binários. A orientação sexual diz respeito a atração afetiva e sexual do indivíduo, como por exemplo: heterossexual, homossexual e bissexual. Não é consequência ou resultado do sexo ou gênero.

Os gêneros marginalizados recusam fixidez e assumem a inconstância e flexibilização de suas identidades. Na pós-modernidade, tornam-se emblemáticos e não querem ser colocados como exemplo a ser seguido; buscam serem vistos como desestabilizadores de convenções da cultura e sociedade, expondo o caráter inventado e construtivo, criando e vivendo novas formas de viver gêneros e sexualidade, sempre instáveis e fluídas.

A teoria queer

A teoria queer, comenta Louro (2018), surge no final da década de 1980 explorando sexo, sexualidade e gênero em seus textos; se opondo aos estudos sociológicos da época sobre gênero e minorias sexuais. Obras de Michel Foucault e Jacques Derrida foram usadas como base para os estudos e questionamentos queer. Um dos princípios da teoria é a desconstrução de sujeitos, não existindo o "sujeito gay", "sujeito lésbico" ou "sujeito mulher". O pensamento é que não existe uma explicação para a posição das minorias sexuais na sociedade, logo, seu propósito é desconstruir o agora.

Queer, para Louro (2018, p. 31), pode ser traduzido como "estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais". A partir de uma ofensa, a palavra adquire o status de escudo e afirmação, tendo significado de contestação e oposição a qualquer normatização, sendo seu alvo principal a heterossexualidade compulsória. A autora (2008) defende que queer busca ser desestabilizador e bagunceiro, englobando os sujeitos com sexualidades desviantes, que não desejam ser "integrados" ou "tolerados" ao sistema binário, opondo-se a essas classificações. É uma forma "de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que

desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do 'entre lugares', do indecidível" (2018, p. 8).

Para Salih (2012, p. 19), o significado da palavra queer tem como proposta ser indefinível, indistinguível e instável. "O [termo] queer não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação". A escolha da expressão, um xingamento para minorias sexuais, de acordo com Richard Miskolci (2009, pp. 151-152), destaca a seriedade da proposta de questionar a normatização imposta. "Foi em uma conferência na Califórnia, em fevereiro de 1990, que Teresa de Lauretis empregou a denominação *Queer Theory* para contrastar o empreendimento queer com os estudos gays e lésbicos". Esses textos se opõem e contestam os binarismos nas sociedades, principalmente nas áreas relacionado ao corpo, desejo, gênero e sexualidade – vista como um sistema histórico do poder que determina elementos nas mais diversas áreas da sociedade. Os estudos queer então buscam destruir a ideia de homem como classe, pois "quando a classe 'homens' desaparece, 'mulheres' como classe também desaparecerá, porque não há escravos sem senhores" (Wittig, 2009, p. 98).

Para João Silvério Trevisan (2018, p. 544), a ideia da palavra queer é "integrar-se para desintegrar". O conceito serve como guarda-chuva para todas as sexualidades desviantes ou não determinadas, algo que a teoria não busca definir, sendo queer a definição da não definição; a oposição ao normal e a norma, de qualquer natureza. Na opinião do autor, nunca se chegou a um consenso para a tradução de queer para o português, mas, isso não causa estranhamento, pois a ideia crítica do conceito é totalmente avessa a definições. É mais fácil descrever o movimento do que o definir. Louro (2018) analisa que denominar-se queer é uma proclamação de indisciplina e contra a normatização, onde a classificação de diferente ou estranho não interessa, na verdade, é essa a intenção. Contra sua posição inferior na sociedade, assumir-se queer é afirmação de uma posição, extremamente política, que, paradoxalmente, não pretende-se fixar e estabilizar, e sim, talvez, um jeito de ser e estar que é mutável, ambíguo e plural.

A divisão heterossexual/homossexual não é apoiada por estudiosos queer por ainda se manter a lógica binária. É necessária uma mudança epistemológica mais intensa que rompa com todas lógicas binárias e seus efeitos consequentes – que envolvem hierarquia, classificação, dominação e exclusão. A partir de uma abordagem desconstrutiva, é possível "compreender a heterossexualidade e a homossexualidade como interdependentes, como mutuamente necessárias e como integrantes de um mesmo quadro de referências" (Louro, 2018, p. 37).

Chidiac e Oltramari (2004) avaliam que a teoria queer ajudou o movimento gay norte-americano a ampliar a discussão sobre identidade sexual, quebrando os sistemas binários que a sociedade foi encaixada, como heterossexual/homossexual, homem/mulher, masculino/feminino. Para haver um "pensamento queer" é necessário abandonar fronteiras, algumas regras de prudência, sensatez e limites, fazendo assim ter destaque questões de como um saber se constitui e outro não. A ideia é se opor a qualquer normatização, colocando-se contra a heteronormatividade. Com a força dos estudos queer, os corpos que antes foram educados a seguirem padrões entre sexo-gênero-sexualidade, e aceitarem suas condições, agora não são mais. O pensamento conservador perde força e novas perspectivas são debatidas e questionadas, sendo um processo sem fim. Os que eram considerados ilegítimos, hoje já possuem um pequeno espaço para transgredir as normas convencionais – mas ainda sofrem hostilidades.

Ser uma pessoa queer significa estar se opondo a qualquer categorização imposta, tendo a ideia de viver a diferença ou viver na diferença. Logo, a ideia queer ingressou dentro do grupo LGBTQ+, ganhando força política e teórica, designando uma forma transgressiva de estar e pensar sobre o mundo e a sociedade. Para além de uma posição de sujeito, queer possui o significado de estar em movimento, uma não-acomodação, o trânsito de estar-entre, uma construção sem fim. A drag queen é um exemplo sempre utilizado nos estudos queer para exemplificar a performance de gênero, a construção do gênero e o fato de ela estar em um gênero provisório, fluído e indefinido, discussão relatada a seguir.

3.2 O gênero da drag queen

"Meu corpo te enlouqueceu;
Problema, problema seu"
(Música *Problema Seu*)

Esta parte do trabalho discute a relação entre drag queen e gênero. No início de sua história, a drag queen era necessária a fim de representar papeis do gênero feminino, já que mulheres biológicas não podiam participar de tais atos. Com o passar dos séculos e a permissão de mulheres como atrizes, homens que trabalham como drag queen, fazem por paixão a arte, a feminilidade e a imagem feminina.

Nos dias de hoje, o gênero da drag queen pode ser encarado como uma construção singular, em uma união de representações de signos masculinos e femininos a partir do imaginário de cada artista. Baker (1994) e Amanájas (2014) avaliam que a drag queen pode ser relacionada a teoria queer, por sua comédia política e sua oposição aos padrões definidos pela sociedade envolvendo gênero e sexo. Para Chidiac e Oltramari (2004, p. 472), artistas drag unem em um só corpo "características físicas e psicológicas de ambos os gêneros, sendo e estando masculinos e femininos ao mesmo tempo, em um

jogo de composição de gêneros que questiona a rigidez do conceito de identidade". A partir de uma imagem própria do feminino, a drag constrói e expressa sua identificação com o gênero, utilizando sua arte como uma desconstrução da normatividade binária, tal como queer.

Vencato (2002) disserta que a confusão entre os signos do masculino e feminino é um dos pontos que fazem que a drag consiga atenção e a possibilidade de ser divertida. Ela desperta a curiosidade do seu público criticamente observador e consegue prender a atenção. Para Louro (2018), a crítica ao gênero e sexualidade é exercida através da "imitação" do feminino de uma drag queen, que provoca desordem por estar fora de qualquer norma, podendo ser vista como um nômade, estando provisoriamente em uma personagem. A drag escancara claramente a construtividade dos gêneros, estando em um território inabitável, onde causa confusão e tumulto. Assim, assume a transitoriedade de ser mais de um. "Mais de uma identidade, mais de um gênero, propositalmente ambígua em sua sexualidade e em seus afetos. Feita deliberadamente de excessos, ela encarna a proliferação e vive à deriva" (2018, p. 17).

Chidiac e Oltramari (2004) consideram a drag como uma persona que supera o binarismo do gênero. Ela cria sua personagem a partir de conceitos de beleza, sedução e vaidade, buscando dentro de si um "outro" que não é acessível sem passar pelo processo de montaria. Assim, invoca questões a respeito da performance de gênero, onde busca minimizar a barreira entre o homem e a mulher; a heterossexualidade e a homossexualidade. Vencato (2002, p. 102) concorda, refletindo que, além de toda sua exuberância, a drag possui o desejo de ser o Outro, mas apenas por um tempo limitado. "Aquele Outro 'proibido', não acessível, aquele que 'é' o complemento e nunca o 'eu'. Carregam, com isso, o fascínio do poder ser ou talvez poder estar, masculino e feminino ao mesmo tempo. E brincar com isso, o tempo todo" (2002, p. 102).

Butler (2003, p. 195) disserta que uma drag revela importantes mecanismos da fabricação e construção social do gênero, onde ela "subverte inteiramente a distinção entre os espaços psíquicos interno e externo, e zomba efetivamente do modelo expressivo do gênero e da ideia de uma verdadeira identidade do gênero". A imagem da drag é complexa, pois contrasta em sua aparência externa e interna, sendo o masculino e o feminino em um único corpo. Quando montada, assume – com muito orgulho por sinal – que seu corpo é uma fabricação feito de intervenções. Seu trabalho pode ser visto como uma paródia de gênero onde ela imita, exagera, e ao mesmo tempo legitima e subverte o sujeito parodiado.

Esse "ato" da performance de gênero está aberto a discussões e exposto a paródias de si mesmo e a autocrítica. No caso da drag queen o gênero que é parodiado é o feminino, feito com muito exagero e exuberância. Ela, mutualmente, incorpora, desafia e denuncia a fabricação de seu corpo e gênero,

sendo uma maneira de desnaturalizar a relação entre sexo e gênero. Ela é vista como uma estranha, um escape ou deslize da ordem e da norma, provocando desconforto, curiosidade e fascínio.

A performance da drag faz uma sátira entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo atuado. Dessa maneira, Butler (2003), defende que existem três dimensões contingentes de corporeidades significantes: sexo anatômico (homem), identidade de gênero (fluído) e performance de gênero (drag). Considerando que a anatomia do transformista é diferente do gênero performado, "a performance sugere uma dissonância não só entre sexo e performance, mas entre sexo e gênero, e entre gênero e performance" (2003, p. 196). Ainda que se crie uma imagem que pode ser considerada "unificada da 'mulher', ao imitar o gênero, a drag mostra implicitamente a forma imitativa do próprio, em uma performance "que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada" (2003, p. 196).

Lunielle Bueno e Matheus Dallaqua (2017) ressaltam que, ser drag queen não está, efetivamente, relacionado com questões de sexualidade e orientação de gênero. Além disso, não possui vínculo somente com homens gays, sendo puramente uma "expressão de arte, um personagem construído pelo seu 'ator' que não é necessariamente um espelho do mesmo, podendo possuir uma personalidade totalmente diferente da pessoa" (2017, pp. 30-31). Vencato (2002) confessa que a discussão entre drag queen e gênero é difícil. Em sua opinião, a corporalidade da drag é performada, possuindo assim um corpo performativo, em atuação. Essa performance em um espaço público faz refletir sobre os papéis de gênero, que a drag muito brinca, pois, ao estar montada, ela ignora o modelo de "ser homem" que lhe foi ensinado por ter nascido no sexo biológico masculino. O show de uma drag é o que ela é, e ela, não é homem, nem mulher; nem masculino, nem feminino; talvez os dois ao mesmo tempo, talvez nenhuma categoria.

A Rainha e o Rei

Uma sinalização breve e necessária é apresentada para diferenciar uma drag queen e um drag king – sendo esta, uma pessoa que se apresenta utilizando e representando papeis culturalmente reconhecidos como masculinos. Porém, kings não são tão usuais quanto queens. Para Leila Rupp, Verta Taylor e Eve Shapiro (2010) a drag queen tem uma maior tendência de engajamento na transição do gênero, onde drag acaba sendo uma solução para questões envolvendo essa identidade. Um king tende a repensar sua identidade de gênero, para assim, tornar-se drag.

Rupp, Taylor e Shapiro (2010) opinam que, performando gêneros diferentes e de modos distintos, ambos acabam evocando uma variedade de identidades sexuais, provocando desejos sexuais não normativos, fazendo assim, suas performances terem um impacto semelhante sobre o público. Muitas

queens começam a se montar por diversão, para tornar-se outra pessoa e ter uma atitude transgressora. Os kings parecem ser mais atraídos por conta da comunidade queer e a oportunidade de performances. Isso acontece, segundo os autores (2010), por conta das diferentes histórias do movimento drag na comunidade gay.

As duas classes causam um real impacto no seu público sobre os limites do gênero e da sexualidade, conseguindo unir pessoas, confundindo linhas de gêneros e despertando desejos sexuais inusitados. Também, utilizam o entretenimento como um meio de educação. De diferentes pontos de vista, ambos ressaltam a construção social do gênero e da sexualidade. O king, unido a teoria queer, invoca sua perspectiva questionando sobre o que é "real" sob os figurinos. A queen, de forma mais leve, brinca com as categorias de gênero e sexualidade a partir de suas vidas e desejos.

Não confunde as manas! Drag queen X Transexual X Travesti!

Um dos pontos mais importantes e discutidos por pesquisadores de drag queen é a diferença e distinção entre essas três categorias: uma drag queen não é uma transexual ou uma travesti. Schacht (2002) defende que se sabe que uma drag é um homem reconhecido, com pênis – e sem a intenção de removê-lo – que se apresenta com características identificadas como femininas em sua imagem e comportamento. Baker (1994) concorda com essa confusão e diferencia esses grupos: Travesti é alguém que tem satisfação de vestir-se de mulher e ser tratada e reconhecida como tal, porém, não deseja, ou ainda não passou, por procedimentos cirúrgicos de mudança de sexo, muitas vezes por opção própria. Não se importa com o seu sexo biológico, sua definição está em sua cabeça, não em seus órgãos genitais. Enquanto isso, uma transexual é alguém que, acreditando ter nascido no corpo errado, através de cirurgias faz a "mudança de sexo". Para Vencato (2002, p. 15) o ou a transexual é alguém que não se reconhece no sexo biológico "representando-se como pertencente ao sexo morfológico oposto àquele com o qual nasceu". Na visão de Juliana Jayme (2010), uma travesti diz que é mulher e permanece assim durante todo o dia, usando um vestuário feminino e comportando-se como pertencente desse gênero. Por vezes usam medicamentos (hormônios femininos) ou se submetem a cirurgia de próteses de silicone. Enquanto isso, uma transexual não reconhece seu órgão genital e então busca corrigir essa falha através da cirurgia.

Já a drag é uma artista que usa um "disfarce real", que faz sua personagem a partir de um feminino criado, sendo um homem reconhecido que usa a arte como meio de trabalho ou diversão. Chidiac e Oltramari (2004) reiteram esse pensamento, pois a drag está associada ao trabalho artístico, existindo a elaboração de uma personagem, uma criação caricata, exagerada e luxuosa de um feminino que é exibido através de performances artísticas. Moncrieff e Lienard (2017), consideram que as drag

queens diferem de transexuais, pois são homossexuais que vestem roupas femininas com o objetivo claro de se apresentar para o público; contudo, as três categorias denunciam que o gênero é uma construção, e também um aprendizado.

A confusão entre uma drag queen e um transgênero, para Vencato (2002), não é totalmente absurda, porém, importantes diferenças impedem esse engano, e seus distintos discursos enfatizam essa ruptura. Por muitas vezes, as drag queens são consideradas transgêneros (onde travestis e transexuais são enquadradas), por levar em consideração o fato de existir uma transformação de gênero. Mas, a autora percebe três pontos que diferenciam as drag queens de transgêneros: a **temporalidade**, considerando que possui um tempo montada, outro desmontada, e ainda o tempo que demora para se montar; a **corporalidade** e **teatralidade**. "Diferente de travestis e transexuais, as mudanças no corpo são feitas, de modo geral, com truques e maquiagem. A corporalidade drag é marcada pela teatralidade, perspectiva que é importante para compreender esses sujeitos" (2002, p. 11).

Em comum, todas passam pelo ato de se montar, o que talvez seja a ação mais importante desses grupos. A montaria, ao mesmo tempo em que as une, é também o que mais as diferencia. Jayme (2010) traz a distinção desse processo: "24 horas" em travestis, "para sempre" nas transexuais e "dia-noite" nas transformistas e drag queens. Estas, fazem da transformação uma "brincadeira", considerando que usam próteses de espuma e a maioria não passa por procedimentos cirúrgicos para mudar seu corpo. "De dia constrói-se um corpo masculino, que pode ter barba, largas camisas, sapatos baixos. A noite é o momento da elaboração do feminino, feito com espuma nos seios e coxas, grandes e altos sapatos, equilibrados por pernas que não exibem mais pelos, mas meias" (2010, pp. 183-184). O corpo transmite significado, e é a construção dele que unem e separam travestis, transformistas, transexuais e drag queens de serem no mesmo grupo. Ambas trazem, no primeiro momento, práticas de interferência corporal, porém suas diferenças não podem ser excluídas.

Mesmo praticando uma forma de *crossdressing*, de maneira parecida com a das travestis, muitas queens não buscam se parecer mulheres biológicas justamente por que, se fizessem, não seriam drag queens, e sim transformistas, transexuais ou travestis – esta, considera seu feminino um processo interrupto, uma batalha diária contra a masculinidade biológica. Para Chidiac e Oltramari (2004), mesmo que drag queens e travestis sejam categorizados no mesmo grupo, eles estão inseridos em meios sociais diferentes; sendo que a drag trabalha em cima de um conceito mais flexível de transformismo. Na visão dos autores (2004), a drag, em comparação com uma travesti, tem maior facilidade em transitar entre o universo heterossexual e homossexual, considerando que se apresenta em espaço específicos onde serão, habitualmente, aceitas; enquanto travestis estão sujeitas a sofrerem preconceito e discriminação

a todo momento. Até mesmo dentro da comunidade LGBTQ+, travestis e transexuais podem não ser bem aceitas. O meio social em que estão reforça e percebe esses grupos de maneiras diferentes.

Revolucionária ou conservadora?

A drag queen consegue fazer um questionamento sobre a essência e naturalidade das dimensões de gênero e sexo. Ela repete e subverte o feminino, onde utiliza e enfatiza os códigos culturais desse gênero. Com essa exaltação, ela mostra sua não-naturalidade. A partir de sua figura, ela lembra-nos que as maneiras que nos apresentamos como sujeito e nossos gêneros e sexualidades são, sempre, inventados e autenticados por circunstâncias culturais da sociedade.

Taylor e Rupp (2004) questionam qual seria a verdadeira ideia de uma drag queen, se ela é revolucionária ou conservadora de gêneros; se desconstrói as categorias de gênero e sexualidade ou se reforça os sistemas sexuais binários e hierárquicos dominantes. Ser revolucionária ou conservadora sobre gênero é uma questão que circula as próprias queens, como também acadêmicos e o público, demonstrando como é um ponto delicado. Louro (2018) não acha produtivo pensar se a drag pode ser ou não considerada como revolucionária de gênero. A autora sinaliza que a drag pode ser utilizada como exemplo para se refletir a dinâmica e o funcionamento do poder realizado na construção e reprodução das imposições de gênero e sexualidade. “Não se trata de propor a figura como um eventual projeto ou modelo – isso não faria sentido numa ótica queer –, mas nela se reconhece potencial crítico e desconstrutivo da normatização/naturalização dos gêneros” (2018, pp. 81-82). Brasil (2017) destaca que a arte drag é capaz de se fazer repensar valores tradicionais, possibilitando a pessoa protestar e manifestar uma opinião. A drag desconstrói o que pensar sobre gênero, normas, sendo uma violação do senso comum.

Taylor e Rupp (2004), ressaltam que ser drag queen é possuir uma identidade transgênera, estando e sendo dois gêneros ao mesmo tempo, onde é necessário abraçar uma personalidade teatral, cênica e interpretativa. A identidade de uma drag queen, por estar nesse desvio convencional de gênero, faz seu público refletir de forma complexa sobre o que significa ser homem e mulher. “Drag queen surge como uma categoria intermediária ou de terceiro gênero em uma sociedade que insiste que existem apenas dois” (2004, p. 131)[13]. Para Baker (1994) a imitação de uma drag não busca zombar das mulheres, mas sim dos costumes e rituais da cultura dominante. Uma drag não quer ser uma mulher, mas sim, se recusa a ser um homem como a sociedade define. A drag consegue abraçar seu lado “feminino” ainda aceitando sua aparência masculina, não desejando mudar, mas alterar, provisoriamente, vivendo em um gênero indeterminado. Seu corpo é híbrido, está e é masculino e

[13] No original: “Drag queen” emerges as an in-between or third-gender category in a society that insists that here are only two.

feminino ao mesmo tempo.

Schacht (2002) não considera as drag queens como anarquistas de gênero, pois elas usam as imagens do feminino como propriedade sobre o que empoderam, porém, exercendo uma autoridade masculina, incorporando-se de um status de superioridade relacional nos lugares que se apresentam. As mulheres biológicas são exploradas como ferramentas de homens, entrando em um jogo de poder e domínio. Para o autor (2002), mesmo que para muitos gays o contexto drag apareça como um refúgio de segurança, onde podem aplicar o sentimento de afirmação, poder e autoestima, a drag não subverte, de uma forma real, as hierarquias de gênero que já existem. Ela promove o gênero como prática binária, porém de forma invertida na aparência, onde as imagens do feminino ainda estão sendo usadas para realizar a dominação masculina. Nessa situação, os gays, socialmente oprimidos, conseguem experimentar uma afirmação de status na sociedade, e encontram outra categoria para oprimir, no caso, as mulheres biológicas. Se as drag queens são ou não revolucionárias de gênero é complexo, porém, parece que no contexto social em que está inserida, ela mostra-se uma figura de desordem e contraponto a normatividade heterossexual. A drag escancara que a questão do gênero e binarismo é complicada, contudo, ainda assim, assume esse discurso, principalmente porque já está incorporado na sociedade. Drag queen é um processo sempre incompleto, que está sempre acrescentando, nunca tendo um fim. Suas performances sempre a levam a outro nível de gênero onde, talvez, não podem, e não querem, ser enquadradas.

Acaba aqui o capítulo que discutiu gênero, sexo e sexualidade, bem como o gênero da drag queen. O trabalho continua com a contextualização da homossexualidade e drag queen no Brasil.

4 AS GAYS E AS DRAG QUEENS NO BRASIL

"Agora vai ter que aceitar;
Me ver por aí, em qualquer lugar;
Vivendo a vida sem pensar"
(Música *Irregular*)

Este capítulo dedica-se a explorar a homossexualidade no Brasil e como a arte drag se desenvolveu no país. Primeiramente, alguns pontos sobre a homossexualidade devem ser comentados. Inútil para a reprodução da espécie, a prática homossexual é ultrajante à família patriarcal e seus padrões ideológicos. Não pretende-se aqui achar justificativas ou trazer a história da homossexualidade, em vista que essa posição é impossível e também irrelevante. J. S. Trevisan (2018), considera que todas as inúmeras possíveis explicações que a ciência possa tentar dar a homossexualidade parecem se basear em aspectos patológicos, seja por falhas químicas ou comportamentais, mostrando, talvez, um preconceito enraizado. Mas é fato: não se trata de uma "opção"; e qualquer tentativa de explicação se enquadra em visões já pré-estabelecidas, onde ser homossexual é um desvio e uma anormalidade.

Segundo J. S. Trevisan (2018) em 1869 a palavra "homossexual" é cunhada pelo médico austro-húngaro Karl Maria Kertbeny, em uma época que se buscava intervir essa "anormalidade". Baker (1994) comenta que com a criação da palavra, surgiu uma nova e discreta categoria de comportamento, que causa confusão e ansiedade desde então. Louro (2018), considera que a homossexualidade e o sujeito homossexual são construções do século XIX. A prática homossexual marcaria e categorizaria a pessoa como um desvio da norma, onde teria duas opções: o segredo ou a segregação, algo não muito agradável. A proliferação de tais práticas foi o que fez a questão tornar-se relevante, em uma disputa de significados morais. "Enquanto alguns assinalam o caráter desviante, a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade e naturalidade – mas todos parecem estar de acordo de que se trata de um 'tipo' humano distintivo" (Louro, 2018, pp. 24-25).

A categoria gay historicamente luta contra o poder que está sob controle, onde revoluciona as convenções com deboches, ironia e riso. Hoje, a palavra homossexual é a que está em vigor, porém, "em outros tempos usavam-se também restritiva e negativamente 'sodomita', 'somítego', 'uranista', 'tríbade' (para as mulheres) etc." (Louro, 2018, p. 33). Mesmo a luta LGBTQ+ sendo contra categorizações, elas são necessárias, pois, sem elas a sociedade voltaria a hipócrita invisibilidade, reascendendo os mecanismos repressores. Apresentando uma breve discussão sobre o sujeito homossexual, a pesquisa aborda a homossexualidade no Brasil.

4.1 Achando as gays do país tropical

"Em queda livre você me fez cair;
Mas não vou descer do salto;
Eu me segurei e vou reagir"
(Música *Então Vai*)

Este subcapítulo retrata a história das gays e da drag queen em território brasileiro. O cantor brasileiro Jorge Ben Jor, em uma de suas músicas mais conhecidas de 1969 canta: "Moro num país tropical, abençoado por Deus, e bonito por natureza". Esse Brasil "abençoado por Deus" foi descrito por Pedro Vaz de Caminha em 1500 na carta do descobrimento como o Paraíso; habitado por índios com corpos nus com uma sexualidade aberta e fluída – chocando ou encantando os colonizadores portugueses. Contudo, relembra J. S. Trevisan (2018), nada indignou mais do que a prática do "pecado nefando", "sodomia" ou "sujidade", termos para a relação homossexual. "Mas, se os europeus manifestavam horror à devassidão pagã, também é verdade que acabaram fascinados por ela, enquanto significava liberação de suas culpas" (2018, p. 65). A forma fluída do estilo de vida dos índios brasileiros mostrou-se um convite a uma sociedade livre em que tudo era permitido para os europeus que viviam sob constante vigia de padrões da sociedade da época.

A sodomia no Brasil

Por volta de 1530, no período da Contrarreforma da Igreja Católica, muitos portugueses eram degradados para o Brasil, que estava sendo colonizado a partir de sentenciados por assassinatos, roubos, libertinagem e sodomia. J. S. Trevisan (2018) com base nos pensamentos de Gilberto Freyre, acredita que a prática homossexual se popularizou no Brasil com os próprios europeus que foram colonizar o país, sejam eles de Portugal, Espanha ou Itália.

O mesmo autor (2018) lembra que a prática da sodomia era altamente punida nos séculos XVI, XVII e XVIII em países como Espanha, Portugal, França, Itália, Inglaterra, Suíça e Holanda; e não importava a classe social, indo desde nobres até servos. No Brasil isso não foi diferente, o crime possuía rígidas e diversificadas penas, entre jejuns obrigatórios, orações especiais, retiros, multas em dinheiro e açoites. Nos casos de pior gravidade, sofriam confisco de bens e degredo para outros municípios, estados ou países africanos; ainda podiam ser forçados a trabalhar em galés. Durante esse período no século XVI, previa-se também penalidades para os homens que usassem "roupas de mulher" e mulheres com "trajes de homens". Até mesmo o uso de máscaras já acarretava penalidades – ao menos se usadas em festas e ocasiões propícias à Igreja. Até o ano de 1900 a constituição brasileira recriminava o travestismo masculino, onde o infrator deveria pagar uma multa e, em alguns casos, poderia ser degredado.

Após a Independência do Brasil (1822), a nova Constituição feita pelo Império atualizou e criou o Código Criminal, sancionado em 1830. Nele, a sodomia acabou sendo eliminada, isso porque ele estava baseado com o mais avançado pensamento da época, o iluminismo, que enxergava que a sodomia não deveria ser punida. Porém, esse código introduz o conceito de "moral e bons costumes", onde, indiretamente, a homossexualidade seria enquadrada. Numa nova atualização em 1890 a lei foi modificada para "crime contra a segurança da honra e honestidade das famílias" e "ultraje público ao pudor". O Código Penal de 1940, ainda trazia o crime por ultraje ao pudor, considerando qualquer ato obsceno praticado publicamente ou objeto obsceno distribuído – aqui incluem filmes, músicas e peças de teatro – levando detenção de seis meses a dois anos ou pagamento de multa.

Higienistas

Buscando exercer controle terapêutico tendo o cientificismo como plano de fundo, é no século XIX que surge e consagra-se a figura de médico-legistas e psiquiatras, chamados de "higienistas". Com uma premissa de "imparcialidade", esses profissionais buscavam substituir o antigo controle da Igreja – que já não tinha tanta força, ajudando os Estados em diversas áreas, distribuindo padrões e pensamentos. Atos libertinos, celibatários e homossexuais eram condenados e quem os cometia era visto como irresponsável e contrário ao bem-estar da sociedade. "Em lugar do dogma cristão, passou a imperar o padrão de normalidade. Por essa brecha é que a psiquiatria pôde entrar, para aprimorar o controle da ciência sobre pessoas com prática sexual considerada desviante" (J. S. Trevisan, 2018, p. 179).

Não mais como criminosos, e sim como doentes, os desviantes agora eram encaminhados a psiquiatria. As justificativas para a homossexualidade eram de diferentes vertentes, sendo loucura, falha ou alcoolismo. Obviamente, os métodos para "curar" a homossexualidade fracassaram, chegando ao ponto de alguns médicos cogitarem formas mais drásticas, como internação em penitenciárias ou hospitais psiquiátricos exclusivos para essas pessoas – o que nunca aconteceu.

AIDS, o câncer gay

Ela foi considerada a "doença gay", "câncer gay" ou "peste gay". Expandida dos Estados Unidos e Europa a partir dos anos 1980, a Aids foi um marco na história do movimento gay. Mesmo que a doença não escolha raça, cor ou gênero, foi o grupo LGBTQ+ que sofreu o estigma da doença. Vista como um descompasso entre a natureza e os costumes homoeróticos, a Aids deu chance para reacender a homofobia com o pretexto de "resistência moral". Logo, os gays começaram a sofrer restrições e cada vez mais foram silenciados.

Porém, J. S. Trevisan (2018) vê pelo lado positivo: graças a doença, pela primeira vez os debates sobre a homossexualidade foram unificados no Brasil, que tornou-se modelo de saúde pública no

tratamento da doença. "O Brasil foi considerado então o quarto país do mundo com maior número de doentes de Aids, logo após a França, o Haiti e os Estados Unidos" (2018, p. 424). De forma inédita, o governo e a comunidade estavam unidos, em uma luta conveniente para ambos, onde o governo combatia a doença, que já havia se alastrado por todo o país, e a militância se profissionalizava e se tornava visível na sociedade.

Conforme lembra Louro (2018), não há como negar que a Aids trouxe retrocessos ao movimento LGBTQ+. Contudo, de acordo com J. S. Trevisan (2018, p. 547), com a doença, tornou-se claro e evidente para o mundo inteiro, de maneira inédita, que a homossexualidade existe, e pode ser encontrada em todos os lugares e famílias, próximo de qualquer cidadão comum. "Beneficiando-se da metáfora socialmente imposta, a homossexualidade tendeu a se tornar uma realidade social menos invisível: o desvio veio à tona e, de certo modo, vingou-se, atacando em forma de vírus fulminante". Mesmo com o pânico do vírus, os homossexuais começavam a ocupar espaço em diferentes áreas da sociedade, e não adiantava a epidemia assustar, pois a comunidade LGBTQ+ não iria mais se calar.

Encerra-se aqui a primeira parte deste subcapítulo que discutiu um pouco da história da homossexualidade no Brasil. Prossegue-se para uma breve análise da comunidade gay nas artes e mídia brasileira.

4.1.1 As gays nas artes e na mídia brasileira

Esta parte da pesquisa explora a história, tanto da temática da homossexualidade quanto artistas homossexuais, nas artes e na mídia brasileira. A pauta LGBTQ+ foi absorvida por meios artísticos como o teatro, a música, a literatura, a televisão, e, dentro desta, as telenovelas – produtos audiovisuais de alta visibilidade no Brasil, principalmente da Rede Globo, principal emissora do país. Essa temática no primeiro momento foi vista como uma passageira "moda de verão", onde o descarte seria seu caminho – grande erro.

Para J. S. Trevisan (2018), os produtos audiovisuais com discursos homossexuais, de maneira geral, são um fracasso, passando longe de uma poesia e perto da indústria de consumo visando lucro – mascarado com as melhores intenções possíveis. Personagens homossexuais nessas mídias deixam a elite modernizada orgulhosa, pois, estão "aceitando" a homossexualidade, porém, sempre mantendo distanciamento seguro e apresentando homossexuais "controláveis".

Teatro

Nos anos 1970, surge o grupo de teatro Dzi Croquette, com a intenção de embaralhar os padrões de gênero em suas apresentações, algo até então inédito. Homens de bigode e barba usavam roupas

femininas e cílios postiços, com meias de futebol e sapato de salto alto e sutiãs em cabeludos peitos. Em uma forma nem homem, nem mulher, dançavam e cantavam piadas de humor ambíguo. Para Amanájas (2014), o grupo alcançou fama internacional por seu posicionamento artístico e político, e pode ser considerado o percursor do que se conhece como drag queen no Brasil.

Literatura

J. S. Trevisan (2018) sinaliza que a homossexualidade esteve presente, seja em obras ou esfera pessoal, nas vidas de célebres escritores como Olavo Bilac, João do Rio, Mário de Andrade, Cassandra Rios, e autores contemporâneos como Aguinaldo Silva, Caio Fernando Abreu e Carlos Drummond de Andrade. Um marco para o movimento gay brasileiro é o livro *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminho, que narra a história de um amor entre um grumete branco e um marinheiro negro, conhecido como Bom-Crioulo. Por conta da homossexualidade explícita, por diversas décadas o livro foi ignorado, reprendido e proibido em bibliotecas escolares e públicas. Apenas nos anos 1980 houve novas edições, que foram traduzidas e levadas para países como Estados Unidos, França, Alemanha e México, sendo recebido com entusiasmo. "Winston Leyland, editor do livro nos Estados Unidos, disse se tratar do primeiro romance, em todo o mundo, a abordar o amor homossexual de forma direta, com coragem e audácia, fato confirmado pelo mexicano Luis Zapata, que o traduziu para o espanhol" (2018, pp. 257-258).

TV

Quando a TV se popularizou na década de 1960, o Brasil estava sob regime da Ditadura Militar (1964-1985), que censurava a televisão com um duro código moral que não permitia nenhuma manifestação sexual fora da "normalidade". Contudo, ressalta J. S. Trevisan (2018), conseguindo driblar a censura, a TV também se aproveitou e explorou a homossexualidade. A partir dos anos 1970, programas humorísticos recorrentemente utilizavam personagens homossexuais: como em Os Trapalhões, com Didi, Dedé, Mussum e Zacarias; Chico City, do célebre Chico Anysio, onde interpretou centenas de personagens transvestido; e Capitão Gay, com Jô Soares, em uma versão gay paródica do Super-Homem, que causou polêmica por fazer apologia ao homossexualismo e também apresentar gays como objetos de comédia – em um personagem que fazia ironias à esquerda e à direita política, categorizando-se como um "defensor das minorias e contra as tiranias". Outra celebridade homossexual foi o desenhista de alta costura Clodovil Hernandes. Conhecido por sua linguagem ácida, Clodovil começou na televisão dando conselhos em programas femininos. Ao conseguir fama nacional, ganhou seu próprio programa semanal. Nos últimos anos, o personagem Ferdinando Beyoncé Ramiréz Travacius, ou somente Ferdinando, feito pelo comediante Marcus Majella, fez sucesso no programa Vai

que Cola do canal Multishow.

A mídia também ganhou personalidades transexuais como Tammy Miranda, filha da atriz e cantora Gretchen, onde a transformação de seu corpo foi acompanhada por toda a mídia; e a modelo transexual Lea T, que ganhou notoriedade por desfilar para a grife francesa Givenchy e participou da cerimônia de dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro.

Novelas

Para J. S. Trevisan (2018), houve na década de 1980 uma multiplicação de personagens homossexuais em diversas novelas e seriados, e desde então, parece quase obrigatório a presença de pelo menos um LGBTQ+ nos folhetins. Essa representatividade, lembra o autor (2018), é calculada de maneira comercial, considerando que o assunto é polêmico, tem um potencial consumidor, gera audiência e aumenta o faturamento, fato admitido por vários autores; que buscam mais lucro do que auxiliar a causa. Essas representações muitas vezes aparecem de maneira romantizada, sem muito escândalo e transgressão, uma homossexualidade *clean*.

Foi em 1970 em *Assim Na Terra Como No Céu* que apareceu o primeiro homossexual em uma novela no país, tendência que a cada ano cresce. O primeiro casal gay de uma novela da Rede Globo foi em 1995 na novela *A Próxima Vítima*. Porém, um quesito sempre havia sido adiado, causando polêmica entre alguns e expectativa em outros: o beijo gay. Na principal emissora do país, a Rede Globo, apenas em 2014, na novela *Amor à Vida*, os telespectadores olhavam os personagens Niko (Thiago Fragoso) e Félix (Mateus Solano) se beijando. Uma cena que durou nove segundos, mas marcou a história da Rede Globo e do movimento. Na opinião de J. S. Trevisan (2018), a atuação feita por Mateus Solano alavancou a carreira do ator, algo até então surpreendente. O beijo lésbico veio pela primeira vez um ano depois, em *Babilônia*, 2015, com as célebres atrizes Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg. A primeira cena de sexo gay aconteceu no ano de 2016 em *Liberdade, Liberdade* com os atores Caio Blat e Ricardo Pereira.

Grupos ativistas denunciam que muitas vezes as novelas apresentam versões estereotipadas e degradantes a imagem de LGBTQ+, quase sempre baseada em gays afeminados. Os autores rebatem dizendo que existem pessoas assim na vida real. É difícil saber se determinada novela ajudou ou prejudicou a visibilidade da homossexualidade, ainda que utilizada visando maior audiência. "De início, a partir de um olhar folclórico que apenas espreitava à distância, as telenovelas passaram a escrutinar a vida dessa parcela da população, nos mais diferentes horários de emissão" (J. S. Trevisan, 2018, p. 583).

Um acontecimento destacado por J. S. Trevisan (2018, p. 311) foi na novela *A Força do Querer*,

2017, que trouxe pela primeira vez a temática transexual, mostrando o processo de um homem transsexual, interpretado por Carol Duarte. "Para interessar o público abaixo de trinta anos, colocou em cena os problemas e descobertas de um transexual. Segundo declarações da própria Rede Globo, a novela teve picos de audiência justamente nos momentos mais decisivos da personagem." No final da novela, Ivana tornou-se Ivan, e todo o processo de transgenerização foi mostrado, tanto as dificuldades, falta de apoio da família e a alegria e realização pessoal. Em 2019, a novela *A Dona do Pedaço* trouxe a personagem Britney, feita pela transexual Glamour Garcia, demonstrando assim como personagens transexuais cada vez mais são representadas.

Música

Na origem da música popular brasileira (MPB) não se encontra muitos vestígios da homossexualidade, nem em artistas, nem em músicas. Contudo, durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), o cenário começa a mudar. Essa época é marcada pela censura à imprensa e a mídia, alinhado ao discurso da moral e bons costumes, onde qualquer veiculação com a homossexualidade era reprimida. J. S. Trevisan (2018) destaca dois nomes na música que estavam relacionados ao movimento de liberdade LGBTQ+: os cantores Caetano Veloso e Ney Matogrosso. Caetano, que foi preso e expulso do país na época; quando retorna, consagra-se como um dos maiores músicos de sua era. Mesmo não sendo homossexual, já se apresentou transvestido e até costumava beijar seus músicos na boca em shows. No grupo *Secos & Molhados*, Ney Matogrosso em 1973 torna-se um fenômeno da música popular brasileira e do *showbiz* com sua postura de afrontamento sexual. Seja com ou sem maquiagem, mas sempre com roupas extravagantes e uma postura invejável, Ney torna-se ídolo entre todas as classes e idades. O mesmo autor (2018) diz que a figura de Ney causou perplexidade na mídia. Seria um homem? Uma mulher? Um homossexual? Dono de uma voz feminina – considerada contratenor, igual a Pabllo Vittar – que contrastava de seu corpo másculo. Mesmo sofrendo agressões e insultos por conservadores, Ney acumulou fãs das mais variadas posições sociais. Sua carreira é marcada pela luta aos direitos homossexuais, junto com sua atitude e performance que fascinam.

J. S. Trevisan (2018) considera que nas décadas de 1970, 1980 e 1990 surgiram importantes nomes na música como Cássia Eller, Cazuza e Renato Russo, artistas atentos ao significado de suas homossexualidades e o desenvolvimento social, algo até então inédito no mundo musical brasileiro. Nas letras das canções que eram cantadas pelo Brasil, como também em entrevistas e atitudes isoladas que ganhavam notoriedade na mídia, esses artistas eram abertos em relação a sua orientação sexual. Cazuza e Renato Russo foram vítimas fatais da Aids no ápice do surto da doença. A importância desses artistas, destaca o autor (2018), vai além de suas carreiras, eles tornaram-se modelos para toda uma população

LGBTQ+ que não tinha uma representação em escala nacional. Seriam exemplos de pessoas que conseguiram vencer mesmo com sua sexualidade desviante, superando a repressão familiar e social e, de alguma forma, combatendo o preconceito. Esses artistas tiveram a tarefa de mostrar para o país uma outra realidade que estava sendo ignorada. "Eles já não cantavam mais de fora: passaram a exigir seu lugar e se apossaram da voz que lhes pertencia, mas nunca lhes tinha sido outorgada no cenário caótico deste país" (J. S. Trevisan, 2018, p. 324).

Finaliza-se aqui esta parte que tratou da homossexualidade nas artes e mídia brasileira. A relação entre homossexualidade e política é o próximo tema.

4.1.2 Política: a homofobia em forma de lei

O relacionamento entre a comunidade LGBTQ+ e a política sempre foi muito conturbado no Brasil, tópico discutido agora. Apenas nas últimas décadas esse tema entrou na pauta do congresso em Brasília; e sempre causando escândalo em um lugar de supremacia heterossexual branca. J. S. Trevisan (2018) comenta que, até mesmo a política de esquerda, que parece defender a comunidade, a apoia visando seus próprios interesses e sempre como plano de fundo. A homossexualidade na política de esquerda parece existir de maneira decorativa, uma tentativa de buscar aliados para se mostrar "moderna", mas que parece ficar acovardada ao debater reais direitos da população LGBTQ+, pela necessidade de aliados em bancadas totalmente contra a pauta. Os direitos e avanços que a comunidade teve, obviamente, não foram fáceis ou vieram de graça, e sim, foram conquistados com muita luta contra todos os retrocessos já enfrentados.

Entre 195 países: Brasil o país que mais mata LGBTQ+ do mundo!

Não existe no Brasil políticas que garantam segurança, saúde ou cidadania para LGBTQ+. O Grupo Gay da Bahia (GGB), fundado em 1980, é um dos primeiros sobre o tema registrado como sociedade civil no país. Atualmente, o grupo possui relevância por publicações anuais que fazem uma contagem de mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil.

Surgido como forma de denúncia e protesto em 1980, os relatórios buscavam atenção da sociedade e reivindicação de providência das autoridades. A contagem é baseada em informações empíricas e informais, considerando a falta de iniciativa do poder público para esses casos – levando a crer que os dados estão minimizados. J. S. Trevisan (2018, p. 521) lembra que as publicações contam "os casos em que a homofobia ou a transfobia estiveram entre os motivos para matar".

No documento "Mortes Violentas De LGBT+ No Brasil Relatório 2018" (GGB, 2019), foram calculadas 420 mortes em 2018; onde desse número: 320 (76%) foram homicídios, e 100 (24%)

suicídios. Observa-se uma leve diminuição em relação ao ano de 2017 (figura 2), onde foram registradas 445 mortes, número recorde desde o início da contagem. Assim, conclui-se: "A cada 20 horas um LGBT é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais" (GGB, 2019, p. 1).

Figura 2 – Gráfico de assassinatos de LGBTQ+ no Brasil



Fonte: GGB (2019)

Ainda no relatório de 2018 (GGB, 2019), nota-se que a maioria das vítimas são homens gays, representando 191 dos casos, ou seja 45,5%, seguido por trans (39%), lésbicas (12,4%), bissexuais (1,9%) e heterossexuais (1,2%) – estes são contados por, ou terem sido confundidos com gays ou estarem envolvidos diretamente em conflitos envolvendo esses crimes. Dentro do grupo trans estão englobados travestis (81 casos), homens transexuais (6), mulheres transexuais (72), pessoas não-binárias (2), transformistas (1) e drag queens (2), totalizando 164 casos. Entre a faixa etária, 70% possuía menos de 40 anos, sendo que a maior faixa é entre 18-25 anos (29%). Luis Mott (2006) ressalta que os relatórios não tratam crimes comuns, vindo de assaltos ou tiro, nem "crimes passionais"; são crimes de ódio motivados pela condição homossexual da vítima. "Tais crimes são caracterizados por altas doses de manifestação de ódio: muitos golpes, utilização de vários instrumentos mortíferos, tortura prévia" (2006, p. 514).

Com esses números, como lembra J. S. Trevisan (2018), segundo a Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais (ILGA), o Brasil é o país que mais mata LGBTQ+ no mundo! Muitas pessoas tentam desqualificar o Relatório do Grupo Gay da Bahia dizendo que são dados falsos. Porém, o grupo mesmo admite a fragilidade do material, principalmente pela falta de informações oficiais. Mas, não há como se negar, pois a homofobia no Brasil se mostra presente e isso

é um fato. Os dados podem ser incompletos, podem ainda ser mais bárbaros, mas tem valor e representatividade ao mostrar o país que o Brasil é.

Eu vos declaro: livres e felizes

No Brasil, a luta pelos direitos LGBTQ+ nos anos 1990 estava concentrada na legalização da união estável entre pessoas do mesmo sexo. Em 1995 foi apresentado pela então deputada federal Marta Suplicy o projeto do "casamento gay". Apenas em 1997 foi debatido na Câmara Federal, causando polêmica com ofensas pessoais e piadas de políticos conservadores e religiosos que viam essa união como "antinatural". Sem conseguir avançar por falta de apoio, o projeto ficou esquecido entre as homofóbicas paredes frias do governo em Brasília.

Apenas em 2011 a união entre casais do mesmo sexo seria aprovada pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Em 2013 o CNJ (Conselho Nacional de Justiça) determinou que todos os cartórios do Brasil são obrigados a realizar o casamento entre esses casais. Em 2017, o STF equiparou a união estável e o casamento civil ao direito de herança. "No mesmo ano da sua aprovação [2011], ocorreram 1252 contratos de união estável no país, passando para 2044 em 2013. Depois da permissão do CNJ, os casamentos homoafetivos saltaram de 3701 em 2013 para 5614 em 2015". (J. S. Trevisan, 2018, p. 604).

A "nova" direita do século XXI

No século XXI, a eleição do Presidente dos Estados Unidos Donald Trump evidenciou a força da política de direita sucedendo governos progressistas – o início do que parece ser uma tendência mundial. Esses movimentos da ala direita conservadora, de acordo com J. S. Trevisan (2018), utilizam da internet e seu terreno caótico para semear *fake news* (notícias falsas) e manipular multidões. No Brasil, a direita começa cada vez mais a ganhar voz, principalmente pela força que as bancadas evangélicas, ruralistas e militarista-fascistas ganharam nos últimos anos. Esses parlamentares possuem um variado discurso homofóbico, em prol da "família tradicional" e da moral cristã. Também são a favor da discussão da "cura gay" e do "Estatuto da Família" – que reconhece apenas o casamento civil heterossexual. A união dessas alas conservadoras já possui maioria no Congresso brasileiro. Ainda que não seja nova de verdade, "o impacto propulsivo dessa junção de direita foi tão poderoso que se poderia caracterizá-la como 'inédita', no sentido de que o fenômeno nasceu e se incrustou dentro do próprio processo democrático" (2018, p. 471).

Segundo o mesmo autor (2018), em 2015, os evangélicos na Câmara Federal representavam 16% do Congresso. O número da população que se declara evangélica cresceu muito nos últimos censos do Brasil. Inúmeras dessas igrejas com enorme poder capital adquiriram empresas de mídia para espalhar

sua mensagem, e exercer uma forma de controle da população – levando em conta o enorme poder da mídia na sociedade. "Só a Igreja Universal controlava mais de vinte emissoras de televisão e quarenta de rádio, além de gravadoras, editoras e a segunda maior rede de televisão do país, a Record" (2018, p. 476).

A figura central desse movimento de extrema direita no Brasil é representada pelo atual Presidente: JAIR BOLSONARO.

O ilustríssimo Presidente homofóbico do Brasil

Então, chegamos a Jair Bolsonaro, eleito Presidente do Brasil em 2018 e em exercício entre 2019 até 2022. J. S. Trevisan (2018, p. 471) lembra um pouco de sua trajetória: "Capitão da reserva do Exército, defensor da ditadura militar, admirador de torturadores, racista, inimigo declarado do feminismo, crítico dos direitos humanos e homofóbico de carteirinha". Bolsonaro e sua "turma" combatem de todas as formas os direitos LGBTQ+. Antes de ser Presidente, já se envolveu em inúmeras polêmicas relacionados a grupos de minorias, tornando-se campeão de denúncias durante seu mandato como deputado, sendo processado por ofender negros quilombolas, gays, e a deputada do PT, Maria do Rosário. Como avaliam Eduardo Maranhão Filho, Fernanda Coelho e Tainah Dias (2018, p. 85), a ideia da "família tradicional brasileira" torna-se um decisivo capital político para esses parlamentares evangélicos aproveitarem-se do imaginário social para assim empurrar suas pautas. "O recrudescimento de conservadorismos que vemos no Brasil, principalmente desde 2010, se consolida com a vitória de Jair Bolsonaro, oferecendo novos desafios às já frágeis democracia brasileira e laicidade do Estado".

A campanha de Bolsonaro para a Presidência da República do Brasil, de acordo com Maranhão Filho, Coelho e Dias (2018) foi impulsionada por *fake news* nas redes sociais como *WhatsApp*, *YouTube*, *Facebook* e *Twitter*, sobre pautas como o "kit gay" e ideologia de gênero, e tinham como objetivo "causar um sentimento de terror social pelo suposto extermínio da 'família tradicional brasileira'" (2018, p. 67). Em um telejornal da Rede Globo durante a campanha presidencial, Bolsonaro exibiu e falou que o livro "Aparelho sexual e cia" fazia parte do programa "Escola sem homofobia" – o que é mentira. Na opinião de Bolsonaro (2018), o livro estimula o sexo nas crianças, sendo "uma porta aberta para a pedofilia". A obra nunca foi adquirida ou distribuída pelo Ministério da Educação (MEC).

J. S. Trevisan (2018, pp. 471-472) relembra momentos emblemáticos de falas de Bolsonaro, como por exemplo: na TV Câmara em 2010, Bolsonaro disse: "O filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro e muda o comportamento dele. A gente precisa agir"; em 2002, dizendo não ser homofóbico, afirmou que se olhasse dois homens se beijando na rua, iria bater neles; em 2011, para a revista Playboy, declarou que não iria amar um filho gay, preferiria que o filho morresse em um acidente

do que "apareça com um bigodudo por ai"; ao ser legalizada a união entre pessoas do mesmo sexo em 2011, comentou que o próximo passo seria a adoção de crianças por casais gays e "a legalização da pedofilia. Unidade de família é homem e mulher"; sobre a adoção de crianças por LGBTQ+, se questionou se ensinar "a criança a ser gay" seria uma coisa "normal", e respondeu dizendo "não"; sobre o mesmo tema, perguntou quem seria a mãe em um casal gay; também disse que não deixaria seu filho de cinco anos brincar com uma criança filha de um casal gay; criticando o "kit gay", falou "homossexualismo, direitos? Vai queimar tua rosquinha onde tu bem entender, porra!".

Não há cura para o que não é doença

O deputado evangélico Marco Feliciano em 2013 assumiu a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara Federal. Para J. S. Trevisan (2018), esse fato causou estranhamento por se tratar de um parlamentar considerado racista e homofóbico, em uma pasta para cuidar justamente de quem seu discurso mais ofendia. Enquanto a bancada evangélica comemorava, pois estavam no controle do que mais combatiam; os LGBTQ+ viam como uma derrota para seus direitos.

Em 2011, o deputado João Campos (PRB), protocolou na Câmara o projeto de decreto legislativo PDC 234/11, conhecido popularmente por "cura gay", que apenas foi aprovado para discussão em 2013, com Feliciano no comando da pasta. Basicamente, a ideia era rebaixar novamente a classificação da homossexualidade como doença, para ser "tratada e curada". "Apesar da euforia dos religiosos, o tiro saiu pela culatra, pois a aprovação da 'cura gay' gerou uma avalanche de protestos em todo o país. Pela internet, viralizou o meme: 'Não há cura para o que não é doença'" (J. S. Trevisan, 2018, p. 483). Após a repercussão negativa, até dentro do partido do deputado, a pauta foi retirada das discussões 15 dias após ser protocolado. Porém, a ideia do projeto de lei ainda estava viva quando, em 2016, a "cura gay" foi apresentada novamente na Câmara Federal pelo deputado Ezequel Teixeira (PTN) na Comissão de Seguridade Social e Família. O texto permitiria psicólogos tratarem homossexuais sem serem reprimidos pelo Conselho Federal de Psicologia. Justificando-se que a homossexualidade pode causar transtornos psicológicos, a "cura gay" seria a solução para esses problemas.

A busca insaciável por uma cura do que não é doença, analisa J. S. Trevisan (2018), vem de uma mistificação de várias vertentes religiosas em nome de uma "verdade divina". Se a homossexualidade é uma doença, e deve ser curada, é porque dogmas e prescrições da moral cristã acarretaram culpa que durante séculos permaneceu na sociedade e na psique humana. As pregações da Igreja torturaram, mataram ou foram causas de morte de incontáveis pessoas a partir de sua doutrinação heteronormativa em nome de Cristo ou da Bíblia. "Depois, cinicamente, propuseram-se a curar doentes que seus mesmos dogmas criaram" (2018, p. 490). É fato que a "cura gay" é impossível, mas a Igreja parece a querer

mesmo assim, pelo simples prazer de perseguição e do espetáculo criado. Até o ano de 2019 a "cura gay" foi discutida, onde, por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), qualquer prática ou terapia visando esse tipo de "cura" está proibida.

Leis que desprotegem

Além de irem contra reformas a favor de direitos LGBTQ+, as bancadas conservadoras ainda apresentam, visando a proteção de suas ideologias, projetos com alto teor conservador e homofóbico. O Estatuto da Família, PL 6583/13, em seu segundo artigo já trazia a definição de família: um homem e uma mulher, casados ou em união estável com possíveis e eventuais filhos. Nenhum outro modelo além do proposto estava englobado. Mesmo que essa visão não seja novidade, de uma só vez, a iniciativa possuía um cunho cristão e conservador. "Colateralmente, o projeto oferecia novos subsídios legais para a discriminação contra homossexuais no Brasil (J. S. Trevisan, 2018, p. 494). Aliada a esse conceito de família tradicional, a ala direita se posiciona contra todas questões de gênero, aborto, novas estruturas familiares, educação sexual, casamento entre pessoas do mesmo sexo, direitos de transexuais e política de proteção e direitos LGBTQ+. O argumento "defesa da família" conseguiu sensibilizar uma população que parecia estar insegura e confusa com tantos novos comportamentos.

Em 2017, a Base Nacional Comum Curricular foi discutida no Ministério da Educação, onde os temas identidade de gênero e orientação sexual estavam incluídos no projeto, causando incômodo imediato na política evangélica. A versão do final do documento excluiu os temas, e o Ministério não especificou quais foram as razões. Depois, foi descoberto que parte dos políticos cristãos foram ao Palácio do Planalto se encontrar com o então Presidente Michel Temer, e se opuseram a diversos temas abordados no documento, o que foi acatado por Temer.

Outros programas, apresentados pelo governo, foram o Escola Sem Partido, e o Brasil sem Homofobia, onde dentro deste havia o Escola sem Homofobia, que previa a distribuição de material nas escolas explicando a homossexualidade e bissexualidade de maneira construtiva. Antes de ser lançado, parte do material vazou na mídia, causando indignação entre os parlamentares conservadores, que iniciaram uma forte campanha contra o projeto, que acabou sendo chamado de "kit gay". Aqui, novamente Jair Bolsonaro, deputado federal na época, assumiu-se como líder contra a distribuição do "kit gay", alegando que o material incentivaria a homossexualidade e a promiscuidade, tornando as crianças expostas a pedófilos. "Homofóbico confesso, Bolsonaro fez distribuírem panfletos em estações do metrô carioca, com advertência capciosa de que o 'kit gay' provocaria reações contrárias que iriam 'estimular a homofobia lá na base, no primeiro grau'" (J. S. Trevisan, 2018, p. 502). Por conta da pressão religiosa, a Presidente na época Dilma Rousseff, anunciou a suspenção do material, dizendo que não

concordava com o kit e que não tinha como o governo fazer "propaganda de opções sexuais". Tanto sua atitude, quanto sua fala repercutiram de forma negativa no meio LGBTQ+, por simplesmente considerar uma "opção sexual".

Um grande nome da política LGBTQ+ e muitas vezes a maior voz de protesto contra a bancada religiosa foi o deputado federal Jean Wyllys (PSOL). Eleito pelo estado do Rio de Janeiro, foi o primeiro e único LGBTQ+ assumido entre os 594 parlamentares em Brasília. "Sua solidão, em meio a um dos Congressos Nacionais mais conservadores da história recente, tornou-se comprovação cabal da incapacidade da comunidade LGBT em eleger representantes" (J. S. Trevisan, 2018, p. 542). Jean e Bolsonaro já se envolveram em algumas brigas e discussões quando o então Presidente era deputado federal. Em 2011, ao criticar o "kit gay" na Comissão de Direitos Humanos, Bolsonaro disse que "não teria orgulho de ter um filho gay" e ainda criticou Jean, que é professor, dizendo: "uma pessoa já disse aqui que as melhores professoras que teve foram as prostitutas. Tem professor que é gay. Será que é bom também?" (Bolsonaro, 2011). Jean relatou a Presidente da comissão que se sentiu ofendido, e, após uma discussão, Bolsonaro disse que era vítima de preconceito por ser heterossexual.

Durante a votação do impeachment de Dilma Rousseff, em abril de 2016, os dois parlamentares novamente tiveram uma discussão, onde Jean acabou cuspindo em Bolsonaro após ter sido insultado. Quatro anos após este episódio, ele não se diz arrependido, afirmando que Bolsonaro nunca o tratou como adversário político, e sim como inimigo a ser eliminado. "Eu jamais cuspiria na cara de uma pessoa em condições normais, mas era um acúmulo de xingamentos, de anos de assédio moral, de violência contra mim, de tudo. Naquele dia, foi demais e eu explodi" (Wyllys, 2019). Em janeiro de 2019, Jean, desiste de seu terceiro mandato consecutivo e deixa o Brasil por medo de ameaças de morte que recebeu de grupos conservadores da política de direita. No mesmo dia em que comunicou sua decisão, Carlos Bolsonaro, filho de Jair, escreveu em seu *Twitter* "Vá com Deus e seja feliz". O Presidente também compartilhou uma mensagem na rede social: "Grande dia!" escreveu Bolsonaro. "Muitos internautas interpretaram a mensagem como referência a Wyllys, mas o Presidente negou mais tarde" (Folha De São Paulo, 2019).

A criminalização da homofobia e transfobia foi um projeto que estava em discussão na política brasileira desde 2001. Depois de anos, em junho de 2019, o Supremo Tribunal Federal (STF), enquadrou a homofobia e transfobia na lei de racismo, tornando-se assim crime. Como destacam Mariana Oliveira e Luis Bárbieri (2019), a lei considera que atos preconceituosos contra homossexuais e transexuais é crime com penas que vão de um a três anos, podendo chegar a cinco em casos mais graves. Os autores ainda ressaltam que o Brasil é o 43º país a criminalizar a homofobia. A bancada evangélica estava

preocupada se os pastores seriam processados por conta de falas nos templos e na mídia – o que sempre foi feito sem nenhuma impunidade. A lei aprovada, determina que não é crime discursos contrários a homossexualidade em templos religiosos, contudo, é crime incitar ou induzir discriminação e preconceito em tais templos.

Acaba aqui a parte deste capítulo que recapitula o relacionamento da comunidade LGBTQ+ com a política no Brasil. Mesmo com toda a homofobia, as gays não se calam e ocupam cada vez mais espaços, como apresentado a seguir.

4.1.3 O poder das gays

Não há como negar os avanços da comunidade LGBTQ+ nas últimas décadas, tópico apresentado nesta parte do trabalho. Sobre o poder de consumo, e também de ser consumido, J. S. Trevisan (2018), avalia que foi na década de 1990 que LGBTQ+ tornaram-se de vez um público consumidor em potencial. Foi observado que existia uma capacidade de consumo dessa parcela da população, que ganhou diferentes lugares para frequentar, desde hotéis para sexo, saunas, cinemas pornôs, agências de casamento, academias, revistas e jornais. A partir desse cenário, o movimento buscava ampliar seus limites em uma maior integração social.

Gabriela Moreschi, Raphael Martins e Camila Craveiro (2009) dissertam que nas últimas décadas a comunidade LGBTQ+ se tornou um potente consumidor, fazendo com que empresas mudassem suas políticas e visões para abranger esse público. Essa prática, na qual grandes marcas buscam fazer dinheiro em cima do poder de compra dessa população, se chama *Pink Money*, e atrai desde empresas até o governo. De acordo com a Câmara de Comércio e Turismo LGBT Do Brasil (2018), *Pink Money* "é o dinheiro injetado na economia por meio da comunidade". Existem pesquisas que dizem que a quantia movimentada por esse grupo gira em torno de 150 bilhões de reais por ano na economia, sendo um valor expressivo entre os 18 milhões de brasileiros assumidos LGBTQ+. É necessário ressaltar que nessa quantia está incluso o dinheiro gasto por turistas no país. Os segmentos da cultura, lazer, entretenimento e moda são os que parecem se aproveitar mais dessa prática, principalmente por pesquisas que mostram que essa população gasta mais com lazer e entretenimento do que outros grupos. Esses levantamentos são "essenciais para alertar empresas, marcas, corporações etc. sobre um novo público, que antes era totalmente excluído. [...] Se antes pensavam que o consumo gay se limitava a sauna, boate e revista, já não pensam mais assim" (Moreschi, Martins e Craveiro, 2009, p. 7). Existe a discussão se essa prática ajuda na inclusão dessas pessoas na sociedade. Para os autores (2009), sim, pois a abertura do mercado pode ajudar na aceitação da diversidade e inclusão que antes era negada,

conseguindo minimizar a repreensão e preconceito ao perceber que "gay é apenas ter uma opção diferente" (2009, p. 10). De acordo com Louro (2018), as "minorias" sexuais estão mais visíveis, acirrando a luta entre ideais progressistas e conservadores, ainda que essa visibilidade esteja longe do ideal, ao considerar que vivemos em uma sociedade democrática. A autora (2018) chama a atenção para que essas "minorias" não podem ser traduzidas como uma inferioridade numérica, mas sim como uma maioria silenciosa, que, ao se politizar, torna-se um grupo, um território. O resultado dessa exposição é contraditório, causando ao mesmo tempo aceitação de uma parte da sociedade e revolta na ala conservadora.

J. S. Trevisan (2018) sinaliza que até a religião de alguma forma começou a ver nos gays um público a se conquistar, surgindo igrejas evangélicas inclusivas, como a Igreja Cristã Contemporânea (ICC) e a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM). O catolicismo também parece incentivar mais um clima de acolhimento a comunidade com o Papa Francisco. Considerado um religioso muito respeitador e inclusivo nessas questões, Francisco diversas vezes comenta sobre a homossexualidade sem preconceito e estigmas.

Com as novas tecnologias, as gays também possuem espaço na internet, um lugar sem censura, onde diversas imagens e personalidades LGBTQ+ podem se expressar – seja em blogs, revistas online ou vídeos no *YouTube*. Mesmo com o conservadorismo, as gays fazem o que mais sabem fazer: criar. Quanto mais quererem destruir, mais coisas irão surgir. As Paradas de Orgulho LGBTQ+ se espalham pelo país nas suas principais cidades entre os meses de junho e julho. "Com os anos, a ocorrência das Paradas LGBT se consolidou até mesmo em cidades médias e pequenas, muitas vezes na contramão, rompendo barreiras políticas e religiosas" (J. S. Trevisan, 2018, p. 560). Pelo cálculo da Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo), em 2014 mais de 180 paradas LGBTQ+ aconteceram no país. Uma das maiores Paradas de Orgulho do mundo é a de São Paulo, que, no ano de 2019 reuniu mais de três milhões de pessoas.

No meio artístico, a música é uma amostra de como os LGBTQ+ estão se impondo, mesmo com alguns tropeços. Com novas e modernas linguagens, a criatividade artística encontrou-se com tendências internacionais de vertente queer e ativista, criando um espaço marcado pela radicalidade. A importância desses atos pode ser comprovada pela a reação de religiosos conservadores e moralistas, que ficam em pânico tentando desmerecer tais manifestações. J. S. Trevisan (2018), ressalta que cantoras lésbicas, assumidas ou não, sempre tiveram presença e destaque no cenário musical, como Daniela Mercury, Marina Lima, Zélia Duncan, Adriana Calcanhotto, Sandra de Sá, Ana Carolina, Maria Gadú e Mart'nália.

Além disso, uma nova geração está emergindo com características queer de ambiguidade de

gênero. Jovens cantores/as "eles-que-são-elas-que-são-eles" vindo de diferentes regiões do Brasil. "Dando asas à ambiguidade, transitaram por gêneros musicais e ritmos diversificados, que borraram definições estritas, para assumir um caráter ativista e anti-homofóbico" (J. S. Trevisan, 2018, p. 589). Exemplos disso são: Johnny Hooker, Rico Dalasam, Liniker e os Caramelows, As Bahias e a Cozinha Mineira, Karol Conká e MC Linn da Quebrada. Daniel Amorim de Oliveira (2018, pp. 40-41) concorda com a crescente carreira de artistas queer na cena musical brasileira, promovendo práticas fluídas de gênero com arte, política e ativismo. "Com composições musicais e visuais assumidamente contestadores, esses artistas têm colaborado para que os debates de gênero se ampliem para muito além da sexualidade em sua relação dicotômica entre ser hétero ou homossexual".

Esse momento de pluralidade de cantores de diversos gêneros, é chamado por J. S. Trevisan (2018) de "trans-viada", "estilística desmunhecada" ou "estética viada", por conta da expressividade reconhecidamente afetada e performática, onde a desmunhecação faz parte de seus estilos de composição, canto e expressão. Como pontua o mesmo autor (2018, 621) o avanço da comunidade LGBTQ+ no Brasil é um caminho sem volta, incomode quem incomodar. "Se existe a escuridão opressiva ao nosso redor, nossa função é brilhar. Exatamente como os vaga-lumes, que só brilham se houver escuridão e são tanto mais vaga-lumes quanto mais escuro estiver o entorno". O movimento LGBTQ+ despertou, não irá mais adormecer, se nas trevas pararmos, a luz da nossa purpurina irá brilhar.

Conclui-se aqui este subcapítulo que retratou a expansão da comunidade LGBTQ+ no Brasil. Dando continuidade, apresenta-se um histórico da arte drag no país.

4.2 A drag queen no brasil

"Senta e assiste o meu show;
Que hoje eu vou tocar o terror"
(Música *Vai Embora*)

A drag queen não possui uma história tão marcante no Brasil, tema apresentado neste subcapítulo. Os primeiros relatos da arte ocorrem, de acordo com J. S. Trevisan (2018), no teatro no século XVIII, que não era bem visto. Entre 1780 e 1800, as mulheres estavam proibidas de estarem no palco ou em funções relacionadas, pois o ambiente do teatro era visto como vergonhoso. Administrado por negros e mulatos – muitos libertados da escravidão que não tinham chances de trabalho ou de melhor condição social; é nesse momento que a drag queen tem seu breve lugar nos palcos brasileiros, com peças sem qualidade ou investimento. Com a revogação da proibição de mulheres no palco em 1800, os atores femininos já foram deixados de lado.

Segundo J. S. Trevisan (2018); Amanájas (2014); Chidiac e Oltramari (2004) e Brasil (2017) não

se tem muitos registros de drag queens no Brasil até meados de 1970, apenas em pontuais e raros casos; contudo, foi na década de 1990 que a drag queen entra de vez na cena brasileira. Unindo-se aos estudos queer, o ato político da drag queen torna-se uma figura obrigatória nas Paradas de Orgulho. A partir de sua sátira e alegria, que trazem lembranças das festas de Carnaval, a drag teve maior facilidade para transitar em algumas áreas.

É inocente pensar, segundo Amanájas (2014) que durante toda a história do Brasil não houvesse drag queens no âmbito cênico, principalmente porque a tradição teatral no país é influenciada pelo teatro europeu português. Contudo, é com a mídia global e massiva, na década de 1990, que a drag aparece no Brasil já na sua forma glamourosa, conforme o cenário mundial. Um dos motivos para essa demora é a ditadura militar (1964 - 1985) e a censura imposta pelo governo. A partir da última década do século XX, principalmente no eixo Rio-São Paulo, drag queens estavam em bares gays e até na política e na mídia. "Dentre elas, podemos citar Salete Campari, Silvetty Montila, Nany People e Dimmy Kier, que construíram suas carreiras em cima de personagens cômicas, irreverentes e queridas pelo público de vários grupos sociais" (2014, p. 20).

No Carnaval, festa típica do país, na opinião de Vencato (2002), muitas queens começam a se montar. Já as mais experientes, no carnaval, se montam por prazer e militância, não tanto por trabalho, mas sim por aparecer, serem vistas de maneira impecável, de se fazerem presente e demarcarem território. J. S. Trevisan (2018) reflete que o carnaval é um exemplo perfeito de onde, por quatro dias, a sociedade flexibiliza suas regras e tudo pode acontecer. Essa "devassidão quase pagã" da imagem dos carnavais brasileiros chegou a tornar-se um estereótipo de cunho turístico. Relembrando a opinião de Gilberto Freyre que analisava o travestismo carnavalesco como uma

> "fantasia freudianamente significativa", ostentando mediante um "acréscimo artificial" sua identificação "com uma desejada figura de mulher". Nos antigos carnavais brasileiros, ele apontava esses artifícios de fantasia como atrativos claramente homossexuais. E deixava claro que as fantasias e máscaras do Carnaval ofereciam oportunidade para "outros reprimidos" se expandirem. Segundo Freyre, o Carnaval patriarcal cumpria uma função semelhante à da confissão: era um "meio de desobstrução psíquica e social", para livrar a população de "recalques, ressentimentos e fobias" (J. S. Trevisan, 2018, pp. 244- 245).

Durante os dias de folia, a drag está sempre presente, atingindo todos os públicos e não mais restrita ao público gay. Ela ganha a rua, os blocos de carnaval, as festas e os desfiles. Ela é "liberada", mesmo que as vezes espante os menos acostumados. O carnaval de rua é onde as drag queens podem questionar a ordem, regras, leis e fronteiras criadas pela sociedade, tornando-se totalmente fluídas. "Sua *trans*condição, enquanto drag queens, implica em estarem o tempo todo indo e voltando... passeando

pelo meio do público, brincando com as identidades de gênero... sendo masculinos, femininas, os dois. Sem com isso perderem suas singularidades" (Vencato, 2002, p. 103). Sua presença é bem aceita, sendo talvez até necessária. Mas hoje as drag queens não se fazem presente só no carnaval, elas assumiram seu lugar nos diversos meios durante todo o ano e cada vez mais estão integradas ao convívio da sociedade.

Finaliza aqui o capítulo que retratou a homossexualidade e a drag queen no Brasil através dos 519 anos do descobrimento do país. O trabalho continua para explorar conceitos sobre mídia e jornalismo.

5 MÍDIA E JORNALISMO

"Me chama e implora o meu amor;
Me acende que eu quero sentir calor"
(Música *Paraíso*)

Este capítulo propõe-se a discutir temas relacionados a cultura da mídia, do espetáculo, cultura da convergência, jornalismo, critérios de noticiabilidade, valor-notícia, teoria da agenda e estereótipos midiáticos e jornalísticos.

5.1 Mídia: cultura, espetáculo e convergência

"Todos me querem, mas fazer o que?;
Se sou mais linda, mais foda;
Vou te mostrar o porquê"
(Música *Nêga*)

Primeiramente, entramos em uma discussão sobre mídia. Ela, que é uma das maiores forças da sociedade atual, ajuda na definição do que é moda e estilo fornecendo conceitos de qualidade. Substituindo a família, escola e a Igreja como árbitros de gosto e pensamento, essa cultura da mídia, como conceitua Douglas Kellner (2001, p 81), ajuda a estabelecer padrões da hegemonia de determinados grupos e projetos políticos, atraindo a determinadas posições. "Os textos culturais populares naturalizam essas posições, e assim ajudam a mobilizar o consentimento às posições políticas hegemônicas". O autor (2001) avalia que as imagens, reportagens, textos culturais e cenas que a mídia transmite, oferecem uma imensa quantidade de posições de sujeito, que ajudam a definir suas identidades individuais. "Essas imagens projetam modelos sociais e sexuais, formas apropriadas e inapropriadas de comportamento, estilo e moda, além de comportarem engodos sutis que levam à identificação com certas identidades e à sua imitação, enquanto se evitam outras". (2001, p. 330).

Esse campo possui poder por estar no centro de interação entre valores sociais e culturais, onde participa e retroalimenta essa lógica. Para Marcia Veiga da Silva (2014, p. 51), através da mídia é possível conhecer os padrões de comportamento mais adequados, "dicas" para uma vida melhor, padrões de sexualidade, modos de aprimorar corpos, "enfim, como comportarmo-nos e sujeitarmo-nos como 'normais' e 'aceitos'". As imagens, sons e espetáculos veiculados estão no cotidiano das pessoas, onde dominam o tempo de lazer, apresentando opiniões políticas, ideologias e comportamentos sociais que podem servir de base para a sociedade, oferecendo modelos do que é ser homem ou mulher, branco ou negro, rico ou pobre, nacional ou internacional, heterossexual ou gay.

Para Kellner (2001), a consolidação da cultura da mídia é recente; mesmo já existindo o cinema,

o rádio e a revista, o fenômeno foi potencializado a partir da década de 1960 com a popularização da TV. Posteriormente, com o computador e outras tecnologias, a mídia torna-se uma força dominante na cultura, na política e na vida social. Produzida visando o lucro, a mídia veicula seus produtos de uma forma comercial de cultura, onde é divulgada como mercadoria. Essa lógica faz com que se busque produzir mercadorias populares, que vendam e atraiam grande audiência. Para isso, devem refletir assuntos e preocupações atuais da sociedade, veiculando "produtos atraentes que talvez choquem, transgridam convenções e contenham crítica social ou expressem ideias correntes possivelmente originadas por movimentos sociais progressistas" (2001, p. 27).

Desde os anos 1960 parece que a mídia é um campo de batalha entre produções mais liberais e radicais contra veiculações conservadoras. Esses grupos disputam o espaço, audiência e impacto, atingindo desde o campo econômico até o social. Foram as classes de opressão como mulheres, negros e homossexuais que começaram a se unir e lutar contra discriminações, que se "consumam nas telas e nos textos da cultura da mídia" (Kellner, 2001, p. 79). Louro (2008), retrata que os movimentos sociais organizados iniciados nos anos 1960, entenderam, desde cedo, que a entrada e controle de espaços culturais, como "a mídia, o cinema, a televisão, os jornais, os currículos das escolas e universidades, eram fundamentais. A voz que ali se fizera ouvir, até então, havia sido a do homem branco heterossexual. Ao longo da história, essa voz falara de um modo quase incontestável" (2008, p. 20).

Kellner (2004) comenta que, nas últimas décadas, a indústria cultural conseguiu novos espaços, seja na mídia tradicional quanto na internet, aumentando assim o que Guy Debord chama de "sociedade do espetáculo", onde esse meio virtual consegue aumentar a divulgação, reprodução, circulação e venda de produtos e mercadorias. Os produtos do cinema, televisão, música se aliam aos novos formatos de entretenimento, como o ciberespaço e multimídia, ampliando assim seus espetáculos. Por exemplo, os trabalhos de cantores são reproduzidos em diversos meios como rádios, televisão – em programas; telenovelas e filmes. Na internet, podemos exemplificar que os videoclipes estão no *YouTube* e as músicas nas plataformas digitais como *Spotify* e *Apple Music*; e, ainda, aplicativos como *Instagram* e *Twitter* conectam os artistas com seu público, isso significa: espetáculos atrás de espetáculos.

Aliando seu conceito de "cultura da mídia" e baseado com o de "sociedade do espetáculo" de Debord, Kellner (2004, p. 5) identifica que esses espetáculos possuem representações dos valores básicos da sociedade atual, onde "determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas, tanto quanto seus modelos para a solução de conflitos". Para o autor (2004), a sociedade do espetáculo é produzida pela mídia e visa o consumo; ordena-se a partir da produção e comercialização de eventos culturais. Com os espetáculos produzidos, a mídia procura atender a

expectativas do público para aumentar seu poder e lucro, assim, torna-se um dos principais organizadores em todas esferas da sociedade.

Cultura da convergência

A partir dos avanços tecnológicos das últimas décadas, o conceito de cultura da convergência é criado por Henry Jenkins (2009). Foram as mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais, e a maneira em que a mídia circula na cultura que causaram essa convergência. Porém, ela não acontece através de aparelhos tecnológicos, mesmo os mais sofisticados. Ela ocorre dentro dos cérebros dos consumidores em suas interações sociais, alterando a lógica do processamento de notícias e entretenimento pelo usuário. Convergência para o autor é

> O fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (Jenkins 2009, p. 29).

A convergência nos meios de comunicação, acontece, de acordo com Jenkins (2009), em uma situação onde o conteúdo passa de maneira fluida por diversos sistemas de mídia. Esse é um processo contínuo e está interstício em variados sistemas de mídia, não possuindo uma relação fixa. A ideia é que existam narrativas transmídias, isso quer dizer, a mesma história produzida em múltiplas plataformas midiáticas, onde, mesmo de formas distintas, conectam-se em suas abordagens. Pode se dizer que a convergência midiática representa a união entre tecnologia, linguagens e empresas. Em grande escala, essas confluências alteram o cotidiano político, econômico, cultural e social na comunicação de massa e no jornalismo. A convergência é vista como a fusão de novas tecnologias com as tradicionais, contudo, seu grande fator-chave é a participação da audiência, uma figura primordial neste fenômeno.

Finaliza-se aqui o subcapítulo sobre mídia. Seguindo, explora-se conceitos sobre jornalismo.

5.2 Jornalismo e valor-notícia

"Então vem cá, que eu vou te dar prazer;
Vai se amarrar;
Eu vou te enlouquecer"
(Música *Pode Apontar*)

Este subcapítulo dedica-se a explorar alguns temas envolvendo jornalismo, noticiabilidade e valor-notícia. M. V. da Silva (2014) lembra que, o jornalismo, ao longo de sua história, já possuiu diversas definições, sendo considerado um retrato, espelho, um reflexo ou uma consequência da sociedade. A autora considera o jornalismo como um dos principais articuladores na formação dos saberes cotidiano,

que ao mesmo tempo orientam e são orientados pela cultura. A função didática do jornalismo está relacionada a reprodução e circulação de conhecimentos socialmente construídos e que são culturalmente legitimados com a função de informar os sujeitos. "Sua função 'educativa' se traduz, sobretudo, pela necessidade de 'explicar' o mundo sempre baseado na 'verdade' e fazendo uso de recursos técnicos e humanos capazes de ilustrarem esses saberes gerando significados" (2014, p. 33).

A autora (2014) ainda ressalta que o jornalismo possui um gênero predominante e dominador: o masculino. Relacionando jornalismo com gênero, traz o pensamento de Louro (1997, p. 89, citada por M. V. da Silva, 2014, p. 103) ao dizer que as instituições e práticas jornalísticas, além de "fabricar" os sujeitos, são elas mesmas produzidas por essas representações. "A escola [como a mídia e o jornalismo] é masculina, pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento – e esse conhecimento foi historicamente produzido pelos homens". Mesmo que existam profissionais do sexo feminino nessas instâncias, elas estão em um universo marcado pelo masculino. Isso porque

> a seleção, a produção e a transmissão dos conhecimentos (os programas, os livros, as estatísticas, os mapas; as questões, as hipóteses e os métodos de investigação "científicos" e válidos; a linguagem e a forma de apresentação dos saberes) são masculinos. [...] O que fica evidente, sem dúvida, é que a escola [como o jornalismo] é *atravessada pelos gêneros*; é impossível pensar sobre a instituição [sobre a mídia] sem que se lance mão das reflexões sobre as construções sociais e culturais de masculino e feminino. (Louro, 1997, p. 89, grifo original, citada por M. V. da Silva, 2014, p. 63).

Valor-Notícia

Para uma notícia ser feita, ela precisa passar por um processo jornalístico que envolve diversos fatores, como as características do fato, julgamentos dos profissionais, cultura da profissão, relação com as fontes e público, fatores éticos e circunstâncias históricas, políticas, econômicas e sociais. Gislene Silva (2005, p. 65) lembra que os critérios de noticiabilidade são criados a partir da ideia de que o jornalismo não tem espaço para a publicação da infinidade de acontecimentos de todos os dias. Logo, a noticiabilidade é o primeiro critério para escolher qual acontecimento deve tornar-se uma notícia. Nessa etapa existem os valores-notícia, que representam "critérios de boa orientação, consolidados na prática histórica; uns mais persistentes e outros mais mutáveis" (2005, p. 98).

Os valores-notícia são formados por um conjunto de critérios e processos que determinam se tal acontecimento é digno de ser noticiado. Esses princípios não são rígidos ou universais, apenas servem como guia para a grande parte das notícias. Para G. Silva (2005), valor-notícia é um grupo de critérios que considera a origem, características isoladas, intrínsecas e essenciais de cada acontecimento. Na visão de Wolf (2003, p. 202 citado por G. Silva, 2005, p. 99) "valores-notícia são critérios de relevância

difundidos ao longo de todo o processo de produção e estão presentes tanto na seleção das notícias como também permeiam os procedimentos posteriores, porém com importância diferente".

G. Silva (2005, pp. 102-103) traz ainda a definição de outros autores para categorias de valor-notícia, que lembra não serem excludentes, podendo ter vários elementos de interesse, como por exemplo: novidade; surpresa; raridade; descobertas/invenções; negativismo; utilidade; impacto; proximidade geográfica; proeminência; interesse pessoal/econômico; interesse nacional; catástrofe; crime/violência; conflito; impacto; política; grande quantidade de dinheiro; conflito pessoal; número de pessoas afetadas; entretenimento; sexo e idade; celebridade e culto de heróis.

A mesma autora (2005), a partir desses diversos conceitos, cria uma tabela operacional que complementa todos os atributos listados, como também a inclusão de outros, que podem auxiliar na análise desses acontecimentos. Para isso, a autora primeiramente exclui o que chama de pré-requisitos para qualquer seleção jornalística, que são: atualidade (novidade), importância, interesse, negativismo, imprevisibilidade, coletividade e repercussão. Mas é sempre necessário lembrar que não existe uma única e consensual definição de valor-notícia.

Quadro 1 – Valores-Notícia propostos por G. Silva (2005)

IMPACTO Número de pessoas envolvidas (no fato); número de pessoas afetadas (pelo fato); grandes quantias (dinheiro)	**PROEMINÊNCIA** Notoriedade; celebridade; posição hierárquica; elite (indivíduo, instituição, país); sucesso/herói
CONFLITO Guerra; rivalidade; disputa; briga; greve; reivindicação	**ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE** Aventura; divertimento; esporte; comemoração
POLÊMICA Controvérsia; escândalo	**CONHECIMENTO/CULTURA** Descobertas; invenções; pesquisas; progresso; atividades e valores culturais; religião
RARIDADE Incomum; original; inusitado	**PROXIMIDADE** Geográfica; cultural
SURPRESA Inesperado	**GOVERNO** Interesse nacional; decisões e medidas; inaugurações; eleições; viagens; pronunciamentos
TRAGÉDIA/DRAMA	**JUSTIÇA**

Catástrofe; acidente; risco de morte e morte; violência/crime; suspense; emoção; interesse humano	Julgamentos; denúncias; investigações; apreensões; decisões judiciais; crimes

Fonte: G. Silva (2005, pp. 104-105)

Após apresentados os tópicos sobre jornalismo e valor-notícia, o próximo subcapítulo aborda a teoria da agenda.

5.3 Teoria da agenda

"A vida te ensinou;
Eu te avisei"
(Música *Eu Te Avisei*)

Neste subcapítulo é discutido a teoria da agenda elaborada por Maxwell McCombs e Donald Shaw em 1972. Também chamada de *Agenda-Setting* ou agendamento, o pressuposto é que a mídia consegue agendar as pautas e temas que organizam a vida na sociedade, e, de forma quase imperceptível, o agendamento consegue determinar os temas das conversas do dia a dia. "Ao longo do tempo, os tópicos enfatizados nas notícias tornam-se os assuntos considerados mais importantes pelo público. A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público" (Mccombs, 2009, p. 18).

De acordo com Leandro Colling (2012) os estudos de agendamento são fortemente influenciados pelo funcionalismo americano, onde McCombs e Shaw buscavam verificar o poder do agendamento da imprensa na sociedade. O questionamento era simples: teria a imprensa o poder de agendar conversas e preocupações singulares e públicas dos sujeitos no dia a dia? Para responder essa questão, os pesquisadores analisaram material dos principais veículos jornalísticos e fizeram entrevistas durante um longo tempo com a audiência que consumiu tais mensagens. O resultado foi que diversos temas veiculados nos meios de comunicação também estavam nas conversas do público consumidor. Contudo, verificou-se que existem tópicos que faziam parte das conversas pessoais e que não estavam presentes na mídia, como vice-versa, relativizando assim o poder do agendamento na audiência. "As pesquisas continuaram com o desenvolvimento de metodologias e abordagens, o que permitiu que também descobrissem como o público agenda a mídia, em especial os segmentos mais organizados da sociedade" (2012, p. 111).

A teoria da agenda sempre esteve mais preocupada em analisar sobre o que a audiência irá pensar, e não como ela irá pensar. Davi Magalhães (2014) comenta que a função original do agendamento é analisar a influência dos meios de comunicação de massa sobre determinados assuntos

e como tais temas são percebidos como prioridades pelas pessoas a partir desse estímulo midiático. Daniel Brandi (2017, p. 4) defende que o objetivo da teoria é "investigar o poder da mídia na formação e mudança de cognições. Desde sua conceitualização, a teoria da agenda cada vez mais ganhou relevância e análises, principalmente na esfera política". Graça Rossetto e Alberto Silva (2012, p. 101) definem que a teoria da agenda "é a compreensão de que grande parte da realidade social é fornecida às pessoas pela mídia, logo se expõem assim suas opiniões. Além disso, os elementos enfatizados na agenda midiática acabam tornando-se igualmente importantes para o público". Os autores ressaltam que com a evolução dos estudos do agendamento, percebeu-se que diversos meios de comunicação fazem parte desse processo, com características diferentes e abordagens temáticas distintas, conseguindo assim, talvez, influenciar a audiência para opiniões sobre temas, pessoas ou objetos que fazem parte da agenda. Nessa situação, o público consegue perceber ou ignorar, prestar atenção ou descartar, realçar ou negligenciar os temas que o trabalho jornalístico apresenta.

Teoria da agenda online

Muito se discute se a teoria da agenda teria ainda validade a partir do fortalecimento das novas mídias, e o enfraquecimento das mídias tradicionais. McCombs (2009) não acredita no fim do agendamento. Ainda que exista uma fragmentação virtual das novas mídias, onde cada pessoa define sua própria agenda a partir da escolha de canais e fontes, o agendamento apenas foi transferido de plataforma, mas ainda está presente. Brandi (2017) comenta que é inegável o poder dos meios de comunicação de massa sobre o comportamento humano. Diferentemente de quando a teoria surgiu, década de 1970, a mídia não está mais concentrada apenas em jornais impressos e telejornais. "A audiência massiva recebe informações com certa prioridade da internet e das emissoras de TV. E paralelamente ao impacto das redes sociais cibernéticas, o jornalismo tradicional busca novas linguagens e métodos para noticiar os assuntos considerados mais relevantes" (2017, p. 13).

Magalhães (2014) pensa que, mesmo que talvez o agendamento não tenha tanta força na web, a mídia tradicional ainda consegue realizar um agendamento de primeiro nível na audiência online, onde ainda determina os temas importantes para serem discutidos na rede. Apesar das mudanças tecnológicas, a teoria da agenda permanece relevante para entender a influência da mídia perante o público e, para isso, ela precisa ser repensada para o atual cenário comunicacional. Esse novo processo de produção, distribuição e consumo é inerente ao sistema, assim, essa lógica comunicacional "não se baseia apenas no consumo massivo para posterior conversação em uma esfera pública, mas se constrói numa nova esfera pública que é o ciberespaço, constituindo-se pela produção, compartilhamento e distribuição de conteúdo" (2014, p. 13). Mesmo ainda abstrato, o agendamento na internet precisa ser

mais estudado para analisar sua força e limites.

Agenda LGBTQ+

D. A. Oliveira (2018), citando o relatório "A busca por diversidade no Brasil" elaborado pelo Google em 2017, disserta sobre o aumento na procura sobre temas relacionados a diversidade no Brasil, um crescimento de 30% em comparação com 2016. Diversidade para o relatório é "representatividade da expressão individual que contemple uma visão de pluralidade que se expande nas esferas religiosa, biológica, linguística, étnica, social e sexual" (2018, p. 10). As temáticas LGBTQ+, feministas e raciais, tiveram um aumento de 260% no período de pesquisa. Isso comprova que esses temas saíram de seus nichos e foram englobados na agenda política e social. Com a internet, parece que a diversidade ganhou um importante espaço no meio virtual. A força desses movimentos faz esses grupos, cada vez mais, saírem da esfera online para os meios de comunicação mais tradicionais, onde o tema "diversidade" tornou-se quase obrigatório.

Bruno Leal e Carlos Carvalho (2009) destacam que a comunidade LGBTQ+ muitas vezes precisou produzir eventos para conseguir entrar na pauta dos veículos jornalísticos, exemplo disso são as Paradas de Orgulho LGBTQ+ e manifestações em datas ao combate a homofobia. Colling (2012, p. 112) reconhece que nos últimos anos no Brasil a comunidade LGBTQ+ ingressou com maior frequência nas pautas jornalísticas, seja com reportagens, notícias ou entrevistas. "O movimento LGBT conseguiu pautar a temática na mídia (ou seja, ingressou na agenda midiática) e que esse tema, por tabela, também passou a fazer parte das conversas das pessoas e debates públicos e de algumas, ainda incipientes, políticas públicas". De acordo com Luiz Lemes (2017), mesmo com algumas vitórias da comunidade LGBTQ+, a homofobia ainda está presente no Brasil, e, diante desse cenário, a mídia e o jornalismo possuem uma função social de promover o debate sobre o tema, dando visibilidade aos movimentos sociais na luta por direitos de igualdade.

Finaliza-se a aqui esta parte deste capítulo que tratou sobre a teoria da agenda. O próximo tema abordado são estereótipos na mídia e jornalismo.

5.4 Estereótipos na mídia

"Chamam ela assim de diva;
Porque sabem que ela vem"
(Música *Rainha*)

Esta última parte deste capítulo resgata conceitos sobre estereótipos focados em narrativas midiáticas e jornalísticas. José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016) comentam que uma das

estratégias de dominação das massas feita pela indústria cultural é através da estereotipação. Elas são indispensáveis para localizar e orientar as experiências da realidade social para os receptores. Essa estereotipação não está apenas nos conteúdos ideológicos das mensagens, está presente na forma, delineamento, característica e em tudo que é responsável para definir uma identidade aos produtos midiáticos.

Pedro Silveira (2019) define que o conceito de estereótipo possui duas vertentes. A primeira, mais inofensiva e talvez necessária para o processamento da informação, tem base na psicologia, sendo uma maneira inescapável para criar uma sensação de ordem, considerando o *frenesi* da vida social atual. Nessa visão, o estereótipo "se equipara a outras formas de representação e tipificação em padrões mais amplos, parte de processos cognitivos que dão significados às experiências, eventos e objetos diversificados" (2019, p. 4). A segunda considera os estereótipos como construções simbólicas enviesadas. A reprodução desses estereótipos nos meios de massa está relacionada com uma problemática do processo democrático, que precisa ter opiniões definidas sobre temas vitais para a sociedade. É aqui que a relação de poder aparece, pois são baseados em pré-julgamentos e pressupostos a partir de comportamentos, visões de mundo e a história de grupo sociais. Os estereótipos então atuam com influência sobre o controle social, onde marcam as fronteiras simbólicas entre "normal" e "anormal", o aceitado e inaceitável, natural e patológico, entre o nós e eles.

Estereótipos, para Flávia Biroli (2011, p. 75), são "categorias simplificadoras ou atalhos cognitivos que participam dos exercícios de poder". No âmbito da literatura, eles são "dispositivos cognitivos que facilitam o acesso a novas situações e informações" (2011, p. 75). Entende-se então que estereótipos são simplificações previsíveis feitas a partir de expectativas normativas sobre o comportamento dos sujeitos de determinada sociedade – sujeito esse que possui seus papéis socialmente definidos. A partir de ideais de aproximação, julgamentos e referências prévias, os estereótipos orientam a compreensão do que é apresentado, buscando promover uma naturalização baseada em um juízo de valor já feito. O estereótipo e a realidade andam e convivem na criação de imagens onde confirmam papéis, comportamentos e os valores sociais reproduzidos. Essas imagens estereotipadas, quando internalizadas

> produzem padrões reais de comportamento que confirmam, potencialmente, os estereótipos. Estes passam, assim, a coincidir com aspectos constatados e verificáveis da realidade. O conflito dos indivíduos com os papéis que são chamados a desempenhar pode aparecer, então, como um desvio, em vez de ser tomado como confirmação de que a realidade é mais complexa do que a tipificação (Biroli, 2011, p. 78).

Lembrando que esses estereótipos são formados a partir de imposições de visões de mundo de

grupos dominantes, suas produções e reproduções ajudam na identificação e distinção dos outros, conseguindo definir vantagens, desvantagens, privilégios e vulnerabilidades de determinados sujeitos a partir de sua posição social. Por sua relação com o exercício do poder, os estereótipos são uma forma de opressão que por muitas vezes constrange e diminui certos grupos sociais. A estereotipação desses grupos, possui efeitos concretos determinando as oportunidades e restrições possíveis para eles. Ao relacionar dominação cultural, vulnerabilidade e violência, Biroli (2011) lembra o conceito de "imperialismo cultural", que é o reforço dos significados dominantes na sociedade, tornando determinados grupos sociais, ao mesmo tempo, estereotipados e "invisíveis" – isso é, eles são silenciados. Isso acontece a partir de uma construção anterior, na definição das expectativas sociais padronizadas. "Nas relações de gênero, por exemplo, os estereótipos organizam as expectativas quanto ao papel de mulheres e homens nas relações afetivas, profissionais e políticas, 'contaminando' as diferentes esferas" (2011, p. 85).

Seguindo essa lógica, os grandes meios de comunicação de massa – a mídia em si, atua em uma posição central na difusão de representações do mundo social. Conforme Biroli (2011), a mídia tem, ao mesmo tempo, um papel de propagar e superar os estereótipos. Ela não é a criadora desses, porém, colabora com o impacto e a permanência deles. A propagação acontece por sua posição central de produção de realidades e sua importância na dinâmica social. Ao estar difundido para muitas pessoas, estereótipos transformam-se em referências que são compartilhadas na experiência pessoal e social. Permitem que determinados comportamentos ou falas sejam divididos por indivíduos de diferentes posições sociais que não tiveram contato pessoal e direto entre si ou com outros grupos. Na visão da autora (2011, p. 72), a partir da multiplicação de informações, e assim, de opiniões, a mídia trabalha para a superação dos preconceitos que carregam os estereótipos. "Haveria uma correlação positiva entre a quantidade e a variedade das informações disponíveis e a possibilidade de superação das visões distorcidas ou estereotípicas da vida social".

Finaliza aqui o capítulo que apresentou conceitos que envolvem mídia, jornalismo, valor-notícia, teoria da agenda e estereótipos. Celebridades e representações sociais são os temas do próximo capítulo.

6 CELEBRIDADES, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, CULTURA POP, E DRAG NA MÍDIA

"Eu vou te falar que não consigo mais viver;
Vem hoje sou tua, pode vim, hoje vai ter"
(Música *Ele é o Tal*)

Este capítulo aborda os temas celebridades, cultura pop, artivismo, representações sociais e drag queen na mídia.

6.1 Celebridades e representações sociais

"Tá no teu olhar meu anjo, preciso desse amor;
Tá no teu olhar meu anjo, volta vem me amar"
(Música *Meu Anjo*)

As celebridades são pessoas de destaque na mídia, como por exemplo cantores, atores e artistas, tornando-se assim, representações sociais, assuntos discutidos neste subcapítulo. Edgar Morin (2011, p. 99) chama as celebridades de "olimpianos", que são: "astros de cinema, campeões, príncipes, reis, *playboys*, exploradores, artistas célebres". Os olimpianos, ainda mais as superestrelas, tornam-se os grandes modelos da cultura de massa, onde ganham mais forças do que modelos antigos como pais, educadores e heróis nacionais. Luís Martino (2009) disserta que a cultura de celebridades da mídia se inicia por volta de 1910 com os atores e atrizes de cinema. Os estúdios cinematográficos perceberam que é mais fácil fazer a divulgação do filme com enfoque nos atores, deixando a história em segundo plano. "Por volta de 1920, estava consolidado o *star system* hollywoodiano: criar filmes em torno de um ator ou atriz, não de um tema" (2009, p. 158).

Morin (2011) defende que, atualmente, esse status não se restringe a atrizes e atores, podendo celebridades surgir das mais diferentes maneiras e meios. Em diversos canais e mídias, as celebridades se fazem presente, suas vidas são acompanhadas, seja por meio da internet, notícias, biografias, entrevistas em jornais e revistas, perfis na televisão ou propagandas. Esses olimpianos são os produtos mais originais do novo curso da cultura de massa, onde parecem unir a vida quotidiana a vida pública. Intensificando os conceitos da cultura da mídia, tornam-se heróis e modelos e são apresentados como mitos de autorrealização.

Celebridades, para Chris Rojek (2008), são pessoas – "fabricações culturais", que causam impacto sobre a consciência pública. Na atual sociedade moderna, elas ocupam o papel de reconhecimento e pertencimento deixado pela crença em Reis, monarcas e Deus. Porém, como tal, elas tornam-se imortais. Elvis Presley, Marilyn Monroe, James Dean, John Lennon, Kurt Cobain e Audrey Hepburn são exemplos de artistas, que, mesmo já falecidos, estão presentes na cena midiática atual. Ao

mesmo tempo em que celebridades expressam vulnerabilidade e fragilidade humanas, atraindo simpatia e respeito, elas também,

> talvez, definam um padrão de decomposição física e mental que exerce uma influência cautelar na administração de emoções na vida diária. São símbolos de sucesso material, e na ostentação de um excedente prodigioso que lhe é dado elas são, ao mesmo tempo, ímãs de desejo, inveja e desaprovação. (Rojek, 2008, p. 102).

Segundo Martino (2009), celebridades são pessoas que, por alguma razão, eternizam seu nome na história. Antigamente, era preciso que a pessoa fizesse algo realmente memorável para tornar-se conhecida, o que parece não ser assim hoje. "As pessoas *se tornam* conhecidas por qualquer motivo e depois *fazem* algo memorável. Às vezes." (2009, p. 157, grifo original). Elas se tornam conhecidas, por serem muito conhecidas, não existindo nada nelas que as distinga dos outros, apenas o fato de serem vistas e reconhecidas por muitas pessoas. As celebridades, para Rojek (2008), vivas ou falecidas, estão totalmente relacionadas com a cultura de mercadoria, na visão que os consumidores desejam tê-las de alguma forma. O autor (2008) define três status de celebridades: A "celebridade conferida" diz respeito a relação de sangue, a sua linhagem, como por exemplo o Príncipe William da Inglaterra ou Blue Ivy, filha da cantora Beyoncé. A segunda, "celebridade adquirida", vem por meio de realizações em competições abertas, como nas artes e no esporte, como Madonna, Beyoncé, Michael Jordan e Cristiano Ronaldo. Por último, a "celebridade atribuída" é alguém, que, em algum caso isolado, representa uma situação e de uma pessoa "comum" transforma-se em uma figura notável. Nesse caso, essas pessoas têm o seu momento de fama, e depois voltam ao desconhecido, e são chamadas pelo autor como "celetóides". Exemplo disso: a mãe de um dos filhos ilegítimos de Mick Jagger, uma mãe grávida de óctuplos, sucessos na internet efêmeros etc.

O fortalecimento dessa cultura criou uma grande indústria visando atender a demanda de fãs, considerando que o relacionamento entre esses e as celebridades acontece de uma forma superficial feita através do palco, tela, audiotransmissão e imprensa. De acordo com Rojek (2008), a cultura da celebridade, como uma forma de relação humana, da mesma forma que a religião, é uma paixão mútua que se dá sem nenhuma interação física. Ocasionalmente podem existir encontros com fãs em convenções, eventos públicos ou encontro superficiais, porém, os famosos mantêm a imagem de abstração. "A relação imaginária de intimidade com a celebridade traduz-se no desejo irresistível de tocá-la, ou possuir algum objeto seu que restou ou que foi descartado" (2008, p. 69). O relacionamento entre fã-ídolo algumas vezes pode desenvolver obsessões incontroláveis; Rojek (2008) comenta que se tem relatos de aumento na taxa de suicídio logo após a morte de Rodolfo Valentino, Elvis Presley, Kurt Cobain e John Lennon – este morto por um fã.

Rojek (2008, p. 82) defende que a cultura da celebridade na mídia é feita através de "cerimônias de ascensão e queda para simbolizar o status honorífico e sua perda", que estão divididas em três temas: 1: a "elevação" é quando aparecem em revistas sobre o mundo dos famosos; quando participam e dão entrevistas para programas, intensificando assim sua importante figura e dando a chance de se apresentar ao público em um contexto diferente; a divulgação de novos trabalhos também está nessa categoria. 2: a "magia" acontece quando celebridades aparecem em determinados lugares causando aglomeração de fãs, intensificando assim a aura mágica que as cercam. "A sua pompa e massa anunciam ao público que uma figura importante desceu para – por assim dizer – compartilhar o pão com eles" (2008, p. 86). 3: a "imortalidade" representa a continuidade do status mesmo após sua morte, sendo o Museu Madame Tussauds – composto por estátuas de ceras de celebridades, vivas e falecidas – o exemplo disso. Com os meios de comunicação de massa, as celebridades são imortalizadas mais rapidamente, pois filmes com imagens e sons gravados garantem sua frequência na esfera pública.

Kellner (2004), vê as celebridades como uma produção e uma manipulação da sociedade do espetáculo. Igual a uma grande empresa, celebridades tornam-se "marcas". Elas buscam vender seus produtos e possuem assessores e empresários que cuidam de suas imagens, sempre buscando serem percebidas de maneira positiva. Mas, às vezes, algumas transgressões e coisas "ruins" também podem vender, de uma forma muitas vezes dramatizada.

Com grandes poderes, vem grandes responsabilidades: representações sociais

A compreensão da realidade é principalmente formada a partir de representações. Elas são imagens concretas de consciência, atividade e identidades de sujeitos para identificação. Servem como orientações para a definição dos comportamentos dos sujeitos, onde são importantes para a sobrevivência pois são consideradas como interpretações práticas. A Teoria das Representações Sociais, como lembram Edna Chamon, Pétala Lacerda e Nilsen Marcondes (2017) foi proposta por Serge Moscovici no ano de 1961 em sua tese *La Psychanalyse, Son Image, Son Public*. Sua pesquisa, focada nas representações sociais da psicanálise, analisa de que forma um grupo social incorpora um conhecimento, onde ele é aprendido e transformado em uma modalidade de conhecimento. Dessa forma, "a maneira como as pessoas percebem o mundo, se familiarizam com as coisas, através de palavras, de ideias e de imagens contribuem para a construção de suas representações, as quais interferem na maneira como se comportam e agem" (2017, p. 451). Rosa Cabecinhas (2009) defende que Moscovici questionou a forma que um conhecimento científico é usado, transformado e consumido por um "cidadão comum"; problematizou também a maneira de como as pessoas criam realidades por meio de processos de comunicações interpessoais do cotidiano.

A partir do conceito de representações coletivas do sociólogo Émile Durkheim, Moscovici estuda as relações entre indivíduo e sociedade, com a ideia de que existe um estímulo externo que define as representações sociais, porém, que depende da resposta do indivíduo, unindo assim o universo externo ao interno da pessoa. Moscovici (1974 citado por Chamon, Lacerda e Marcondes, 2017, p. 452) defende que a "representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos". Com isso, as representações sociais têm um papel importante na construção e definição de comportamentos de grupos sociais e individuais. As representações não são as mesmas para todos os membros da sociedade, elas dependem de cada grupo social, sua cultura e sua época; e têm como objetivo "enquadrar" objetos, acontecimentos ou pessoas em esferas sociais, onde são colocadas como modelos de determinado grupo social.

Os conceitos de "ancoragem" e "objetivação" elaborados por Moscovici são vistos por Chamon, Lacerda e Marcondes (2017) como partes interdependentes do processo de formação de representações sociais. A ancoragem é um procedimento que modifica algo estranho em familiar, visando dar sentido a alguma coisa, em uma tentativa de trazer "ideias estranhas" para categorias já existentes, buscando fazer assim o familiar englobar o não familiar. Já que o desconhecido perturba o equilíbrio de um grupo, o processo de ancoragem é o responsável por acalmar a ansiedade que o desconhecido causa. Ao ser classificado, o objeto ou fenômeno perde a ideia de obscuro, tornando-se parte do repertório do indivíduo, igualando-o aos outros objetos daquele grupo. O segundo processo, a objetivação, é a transformação de algo subjetivo em algo objetivo, onde faz a externalização do que é subjetivo para o universo material, uma transformação de imagens em realidade. Ela "torna a palavra que representa a realidade concreta, na realidade concreta que representa a palavra" (2017, p. 456).

O papel das representações são fornecer referenciais visando dar respostas e interpretações para a sociedade. Cabecinhas (2009, p. 2) explana a distinção de três tipos de representações sociais proposto por Moscovici. 1: representações controversas ou polêmicas: criadas a partir de um conflito social ou luta entre grupos; 2: as representações emancipadas são "o produto da cooperação e da circulação de ideias entre subgrupos que estão em contacto mais ou menos próximo, em que cada subgrupo cria as suas próprias versões e partilha-as com os outros"; 3: as representações hegemônicas são vistas como amplamente partilhados por uma grande quantidade de membros, como um país ou partido político.

Mesmo sendo oriunda da sociologia, o conceito de representações sociais pode ser enquadrado em todas as áreas da sociedade, Para Marcos Alexandre (2001), Moscovici tenta explicar como saberes divulgados na mídia conseguem fazer com que a coletividade processe um determinado conhecimento,

o transformando em uma propriedade impessoal e pública, que permite que cada pessoa o utilize a partir de valores e motivações sociais da coletividade a qual faz parte.

> Para Moscovici, a formação das representações sociais depende da qualidade e do tipo de informações sobre o objeto social que o indivíduo dispõe, do seu interesse pessoal sobre aspectos específicos do objeto e da influência social no sentido de pressionar o indivíduo a utilizar informações dominantes no grupo. (Alexandre, 2001, p. 122).

Cabecinhas (2009) analisa que os meios de comunicação de massa fornecem tanto a impressão de representações sociais hegemónicas, quanto, ao mesmo tempo, são o meio para a visibilidade de minorias sociais, onde difundem representações polêmicas, ajudando na mudança social. Na opinião de Cláudia Pereira, Aline Maia e Marcella Azevedo (2015) os meios de comunicação de massa são potentes difusores de representações sociais sobre o mundo social, e servem como base para a criação do imaginário contemporâneo, atingindo práticas sociais de indivíduos e grupos. Alexandre (2001), defende que os meios de comunicação de massa visam grande audiência, e tem como função informar, divertir, persuadir e ensinar o público. E, são esses veículos que fabricam, reproduzem e disseminam as representações que definem "a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a auto-imagem" (2001, p. 116).

Pereira, Maia e Azevedo (2015) dissertam que é a mídia que articula e tem o poder em cima das representações, seja as reforçando, legitimando ou destruindo. Essas representações são uma união entre os conceitos de interação e comunicação, possuindo duas funções: a primeira é dar forma e sentido a objetos, pessoas e acontecimentos, buscando criar familiaridade e aproximação. A segunda diz respeito ao caráter do próprio termo, atuando com força sobre a sociedade e se incorporando no cotidiano. "As representações são criações coletivas, dinâmicas, compartilhadas pelos membros de um grupo ou sociedade e reforçadas pela tradição deste mesmo grupo ou sociedade" (2015, p. 213). Segundo Alexandre (2001) atualmente, o estudo de representações na mídia ganhou força a partir da constatação da importância econômica, social, política e ideológica que envolve o processo comunicacional.

As representações estão também, e principalmente, na publicidade, onde celebridades recorrentemente aparecem, já que, por sua posição de reconhecimento e privilégio, ajudam na formação de realidades sociais. Ao fazer uma propaganda, ela coloca sua imagem para assim ser representada e reconhecida. A partir do reconhecimento público, a admiração e o desejo sentido por aquele fã transferem-se para os produtos. Alexandre Cavalcante e Ana Mosca (2010, p 18) falam da importância das representações sociais na música pop. A relação de um fã com determinado artista, por muitas vezes, torna-se maior do que simplesmente ouvir sua música. Um "fã 'de verdade' compra os CDs, DVDs,

age e pensa de uma maneira determinada, combinada e negociada no meio da comunidade, a partir das performances e ideais propostos pelo artista e pelo meio musical (que engloba o público, com certeza)". A música pop e os seus artistas, na visão dos autores (2010), influenciam em diversos aspectos as vidas de seus fãs. Desde o modo de vestir, falar, indivíduos com quem se relacionar, visão do mundo e de si mesmo. As representações sociais são usadas como referência para buscas de repostas e interpretações para o mundo em que estamos e nos formamos como sujeitos. Elas tornam-se símbolos, e ajudam na adaptação, bem como a maneira de nomear-se e definir-se, exemplificando o mundo, tornando-o "real" e palpável.

Conclui-se aqui a primeira parte deste capítulo que trouxe conceitos sobre celebridades e representações sociais, segue-se para a discussão de cultura pop e artivismo.

6.2 Cultura pop; pop *music* e artivismo

"Em outra vibe eu tô; Vou sair, vou pro open bar;
Olha lá, quem chegou; É o meu DJ, vou me acabar"
(Música *Open Bar*)

A cultura pop e artivismo são os temas deste subcapítulo. Essa cultura pop, segundo Thiago Soares (2015), de maneira mais extrema do que a cultura da mídia, está ainda mais relacionada com a logística efêmera do mercado midiático e de consumo massivo, onde engloba produtos, fenômenos e artistas. Com materiais vindos do cinema, fotografia, televisão, músicas, redes sociais, plataformas digitais e tantos outros, a cultura pop é um campo de ambiguidades, tensões e disputas simbólicas, que historicamente visam interesses, seja em retornos econômicos ou normatizadores. O termo pop vem de popular, deixando clara a intenção de fazer produtos populares, orientados para as massas e grande público, sendo produzidos e reproduzidos dentro da cultura da mídia.

A cultura pop traz a noção de posse e obtenção nas pessoas, dando a ideia "de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afetos e afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante" (Soares, 2015, p. 21). Além de ser consumidor, o público também é intérprete a partir da apropriação desses produtos e textos culturais em suas próprias vidas. Os articuladores da cultura pop distribuem ideias e normas em vários âmbitos, como por exemplo de raça, de gênero e de classe social, que são absorvidos pelas pessoas.

Música pop e videoclipe

É a partir dos anos 1950, na visão de Kellner (2001), que os cantores começam a ter um espaço privilegiado na cultura midiática. Começando com os astros de rock, seus cortes de cabelo e estilos que influenciavam no modo de se comportar e vestir, esses artistas muitas vezes com atitudes rebeldes,

serviam de base para uma mudança social, como por exemplo: Freddie Mercury, Beatles, Rolling Stones, Janes Joplin e Jimi Hendrix. A música pop, para Soares (2015), foi conceituada pela primeira vez nos anos de 1950, buscando compreender as formas artísticas que vinham do *rock and roll*, porém, com maior apelo para as massas, sendo um tipo de música "universal" para todos os públicos. Este gênero pode ser definido como eclético, mas com algumas características em comum: "as canções de curta e média duração, de estrutura versos-pontes, bem como do emprego comum de refrãos e estruturas melódicas em consonância com um certo senso sonoro pré-estabelecido" (2015, p. 24).

Mesmo a música já sendo um produto de massa consolidado e presente em todo o mundo, foi no início da década de 1980 que o videoclipe se consagrou, exaltando ainda mais a lógica da cultura da mídia e do espetáculo – principalmente dentro da cultura pop. Para Michele Kapp Trevisan (2011), por conta das novas tecnologias da época, o audiovisual encontrou-se com a música, criando uma união entre a música e o cinema; a televisão e a propaganda. Em sua opinião (2011, p. 13) o "videoclipe é sinônimo de videomusica, ou seja, uma peça promocional para uma música ou seu intérprete". Essa tendência já podia ser vista antes da criação do conceito; Elvis Presley e os Beatles já faziam produtos audiovisuais nos anos 1950 e 1960. Mas, na década de 1980, os grandes ícones pop da época, Michael Jackson e Madonna, consolidam suas carreiras em âmbito mundial com seus vídeos exibidos na então recém surgida emissora MTV, criada em 1981. Mesmo não tendo inventado o videoclipe, foi no canal que se popularizou e consolidou o produto, e isso graças ao seu alcance e a inovação na época: a união de música e imagem de forma organizada.

Esses espetáculos audiovisuais conseguem influenciar ainda mais o público, apresentando estilos de vida, de atitude e comportamento em vídeo e som. "Como não lembrar do lobisomem Michael e sua coreografia com zumbis em *Thriller*, ou Madonna parodiando Marilyn Monroe em *Material Girl*. Começava aí a saga do fenômeno cultural que mudaria a forma de 'ver' a música" (M. K. Trevisan, 2011, p. 9). Kellner (2004) concorda que a música e o videoclipe foram influenciados pela MTV, que se tornou a principal provedora de música e alterou a forma de produção e distribuição. Em sua visão, Madonna e Michael Jackson nunca se tornariam os maiores astros do mundo da música pop sem a megaprodução de seus vídeos e os exageros de suas apresentações. "Ambos também moldaram suas vidas como um espetáculo, gerando o máximo de publicidade e de atenção (nem sempre positiva!)" (2004, p. 9).

Soares (2015) considera que o videoclipe mostra, de alguma forma, o posicionamento de um artista dentro do mercado musical, pois, esses produtos, junto com performances ao vivo e shows, são fornecedores de materiais simbólicos que ajudam na formação de identidades e de comportamentos sociais para seu público. O videoclipe então seria

> um dos instrumentais de ensinamento de uma vivência pop, revelando uma maneira particular de encarar a vida a partir da relação deliberada entre a vida real e os produtos midiáticos. Videoclipes, com suas narrativas e imagens disseminadas, fornecem símbolos, mitos e recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo, de forma transnacional e globalizante (Soares, 2015, p. 28).

Madonna, para Kellner (2001), é um símbolo de influência feminina contraditória na cultura pop. Para o autor, ela incentiva a mudança, a experimentação e a formação de uma identidade individual, buscando quebrar barreiras de códigos dominantes de sexualidade, sexo e moda. "No entanto, ao privilegiar a imagem, a aparência, a moda e o estilo na produção da identidade, Madonna reforça as normas da sociedade consumista que possibilita a criação de um novo 'eu-mercadoria' por meio do consumo e dos produtos da indústria da moda" (2001, p. 335). As celebridades conseguem servir de modelos para a sociedade. Ao transgredir padrões e fazer provocações, os artistas acabam chamando mais atenção para seu trabalho, atraindo maior audiência, e assim, conseguindo maior lucro.

Artivismo

Paulo Raposo (2015) compreende a união entre arte e ativismo como "artivismo", contudo, lembra o autor, o conceito não possui consensualidade, seja no campo das ciências sociais ou nas artes. Esse conceito está relacionado as ligações, tão clássicas como também prolixas e polemicas, entre a arte e a política, estimulando a expressão artísticas como ato de resistência e subversão. O artivismo pode ser encontrado em

> intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas [...] A sua natureza estética e simbólica amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas e situações num dado contexto histórico e social, visando a mudança ou a resistência. Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística (Raposo, 2015, p. 4).

Como pensa Vanessa Bordin (2015, p. 128), o artivismo tem como ideia incitar uma discussão a partir da manifestação que o artista faz, baseada em sua identidade e convicção, e associada a determinada ideologia política. "Os artivistas são figuras políticas com pensamento político, isso vai além de técnicas de atuação, que adotam uma forma de vida condizente com aquilo que pregam utilizando a arte como propulsora para provocar transformações sociais a partir de suas convicções.". A autora defende que esse movimento surgiu a partir de dois eventos do século XX. Primeiramente, o berço do artivismo, os movimentos sociais da década de 1960 de direitos cíveis e contracultura; o segundo, mais recente, começa a partir dos anos 1990 com as novas tecnologias "que ampliam o potencial de artistas

políticos com os meios de comunicação de massa, a internet e conquistas tecnológicas, propiciando as mais diferentes e inusitadas práticas, marcadas principalmente por utilizarem elementos de paródia com humor em suas realizações" (2015, p. 129).

Ainda segundo a mesma autora, a proposta do artivismo vai para além de uma mudança política imediata. Ele "se propõe a transformar a forma em que as pessoas veem determinada situação, comunicando algo ao público, abrindo os olhos das pessoas para que estejam a par de determinados equívocos" (Bordin, 2015, p. 130). O conceito está ligado ao questionamento do poder que envolve a sociedade, e as ações desses artistas são configuradas como resistência cultural, até porque muitas vezes os limites enquanto arte são questionados. O artivista mostra uma ambiguidade a partir de um jogo de denúncia, onde trabalha com uma realidade paralela, a negando, fazendo assim, um questionamento desta mesma realidade. "Pois, a realidade é retratada dentro de um jogo cênico que ao negá-la pela representação, denuncia esta mesma realidade julgada equivocada" (2015, p. 131).

Uma das principais características do artivismo é sair do individual para atingir o coletivo e a comunidade, onde realiza ações no espaço público, seja convencional ou virtual, e expõem a arte e a política para a audiência. A internet abre múltiplas possibilidades de interação, sendo um trunfo para o artivismo, que se coloca como um discurso alternativo de resistência perante os discursos dominantes que são propagados pela mídia massiva e se postulam como verdades únicas. O artivista então busca fazer uma intervenção sobre problemas de relevância na sociedade com a ideia de denunciar, a partir de performances artísticas, e assim desconstruir antigos pensamentos daqueles que eles acreditam serem os responsáveis do preconceito presente na sociedade. "Esse pensamento de 'mudar o mundo' começa a partir da sua própria mudança enquanto ser humano, optar pela arte para realizá-las é o diferencial do artivista" (Bordin, 2015, p. 133). Por meio de performances artísticas, estéticas ou simbólicas, artivistas expressam suas verdades e pontos de vista sobre sua vida e realidade social – seja através da arte de rua, da música, da intervenção, do cinema, do teatro etc.

Acaba aqui o subcapítulo que discutiu conceitos de cultura pop, pop music e artivismo. A seguir é retratada a representação da drag queen na mídia.

6.3 Drag na mídia

"Eu sei que logo sente, te faço enlouquecer;
Faço ferver"
(Música *Corpo Sensual*)

A presença da drag queen na mídia é o assunto abordado neste subcapítulo. Hoje, não mais restrita ao mundo gay, a drag alcança maior espaço, tanto nos meios de comunicação de massa quanto no cenário artístico, como discutido a seguir.

6.3.1 O mundo drag pré-RuPaul

Na mídia, a drag queen não teve muitas participações marcantes, tópico apresentado agora. No cinema, para Baker (1994), a imagem da drag foi sempre usada como uma forma de comédia bastante convencional, ou como emblema da desordem psicótica. Grande parte dos filmes que recorrem a personagens drag queens não são sobre o transformismo, nem sobre mulheres, mas sim sobre homens que reforçam os valores masculinos ao longo da história e usam o transformismo como maneira de desenrolar a trama, usando-o como dispositivo cômico. Na opinião de Vencato (2002), quando são representadas em filmes de Hollywood, as drag queens nem sempre aparecem de uma forma "politicamente correta" e muitas vezes são confundidas com outras formas de transgênero. Porém, a autora reconhece que, com a maior exposição, o público geral acaba por estar mais familiarizado com essa ideia.

No meio musical, disserta Baker (1994) um dos grandes impactos da cultura drag foi no ano 1978 com a música *You Make Me Feel (Mighty Real)*, de Sylvester – que conseguiu levar a imagem da drag queen musical para o *mainstream* pela primeira vez. Nessa época, a grande maioria das músicas disco eram cantadas por mulheres, que eram as maiores inspirações para as drag queens – oriundo da tradição gay ao culto feminino. Essa era disco não produziu nenhuma estrela drag, porém, "as divas da discoteca foram drag a distâncias. Eram mulheres, que cantavam canções sobre homens, escritas e destinadas principalmente a homens gays" (Baker, 1994, p. 248)[14]. Essas canções expressavam, de certa forma, sentimentos gays, em uma época onde não tinham a chance de representatividade.

Então, surgiu Harris Glenn Milstead, conhecido por Divine, que tanto atuou como cantou com esse nome. Segundo Baker (1994), Divine queria ser reconhecida por interpretar papéis femininos e conseguiu, fazendo diversos personagens principais femininos nos anos de 1970, em comédias como *Mondo Trasho, Multiple Maniacs, Pink Flamingos*, *Female Trouble* e o musical *Hairspray*. Divine ficou eternizada e sempre será e merece ser lembrada. Baker (1994), define que foi a partir da última metade do século XX que a drag saiu do armário e se espalhou nos meios midiáticos mais improváveis.

Acaba aqui a primeira parte que apresenta o histórico da drag queen na mídia. Dando continuidade, a pesquisa aborda a norte-americana RuPaul, considerada a maior drag queen do mundo.

[14] No original: the disco divas were drag at a distance. They were women, who sang songs about men, that were written by and aimed primarily at gay men.

6.3.2 RuPaul e *Drag Race*

Diferente da época de Divine, quando era praticamente impossível uma drag conseguir ingressar na mídia, finalmente a drag conseguiu ter seu holofote. E isso só é possível por conta de uma célebre artista, tema desta seção. No início dos anos 1980 surgiu a que se tornaria a drag queen mais famosa do mundo. RuPaul Andre Charles, chamada apenas de RuPaul, nasceu em 1960 em San Diego, Califórnia, Estados Unidos. Para Amanájas (2014, p. 19), "a cultura drag pop chegou a seu auge com RuPaul, um negro alto de peruca loira e idêntico a uma *top model*". Com suas músicas, filmes, livros, trabalhos na televisão, modelo fotográfica e de passarela, RuPaul elevou a arte drag como nunca. Sua música *Supermodel (You Better Work)* (1993) ficou em segundo lugar na principal parada de músicas norte-americana, fato que Baker (1994) considera como um marco do movimento.

RuPaul, na visão do mesmo autor (1994), é um ato espetacular de reinvenção e recuperação da arte drag do fim do século XX. Uma personagem forte, atrevida, orgulhosa, bonita e negra, se afirmando como uma drag queen, pois uma mulher não se vestiria daquela maneira. "RuPaul usa sua drag para afirmar sua própria homossexualidade, para celebrar a feminilidade e para escapar das restrições da masculinidade" (Baker, 1994, p. 258)[15]. Lívia Pereira (2017, p. 8), descreve RuPaul como "uma drag queen negra, altíssima, esbelta e loira, levando a figura da drag ao seu, até então, ápice dentro da cultura pop". Em sua opinião, desde o surgimento de RuPaul a arte drag trilha um longo caminho em busca da naturalização dentro da cultura pop e na mídia.

Segundo Amanájas (2014); Bueno e Dallaqua (2017); Leite (2017); Heck, Nunes e Diener (2018); Rosa (2018) e Santos e Ribeiro (2018), parece que o universo drag é um tema que despontou na mídia nos últimos anos. O principal motivo seria o reality show *RuPaul Drag Race*, que estreou em 2009 e ganhou destaque mundial, ajudando esse grupo social a atingir grande visibilidade. Apresentado por RuPaul e produzido pela *World of Wonder*, o programa parece mesmo ter influenciado o número de queens que surgiram no mundo inteiro. Nele, drag queens norte-americanas disputam o título de "próxima drag *superstar* da América", onde precisam mostrar "habilidades artísticas, desde atuação até confecção de vestidos de alta costura" (Amanájas, 2014, p. 19). Em muitos episódios, RuPaul repete para as participantes que uma drag superestrela deve ter quatro características básicas: carisma, singularidade, coragem e talento.

Na visão de Pereira (2017), não era esperado que a atração tivesse vida longa, contudo, até 2019, *Drag Race* possui 11 temporadas. O programa recebe celebridades como convidados e tem sido líder de

[15] No original: RuPaul uses drag to assert his own homosexuality, to celebrate femininity, and to escape the constraints of masculinity.

audiências em vários países, disseminando assim a arte drag e a cultura gay. Pessoas que talvez nunca iriam conhecer ou ter contato com a arte drag, através dele podem descobrir um pouco sobre esse universo. Já para jovens homossexuais, ao assistir à atração, podem talvez entender melhor sua sexualidade. Para as participantes, a competição pode ser uma porta de entrada para serem vistas e reconhecidas por seu trabalho, além da chance de ganhar o título e 100 mil dólares. Criando uma atmosfera de corrida para a coroa, o programa retrata os bastidores do mundo drag queen e mostra como são feitas performances, ensaios, maquiagens, roupas, montarias e toda a produção em si.

Ana Paula Heck, Máira Nunes e Patrick Diener (2018) relembram que Ru, com quase 40 anos de carreira, foi eleita uma das pessoas mais influentes pela revista *Time* em 2017. Com o programa, ela tornou-se em 2016 a primeira drag queen a ganhar um *Emmy* por Melhor Apresentador de Reality Show – até o ano de 2019, a apresentadora ganhou quatro vezes seguida o prêmio (2016, 2017, 2018 e 2019). Em 2018 e 2019 *Drag Race* ganhou o *Emmy* na categoria Melhor Reality Show de Competição, fazendo o programa e Ru ser a primeira a vencer como apresentadora e programa na mesma cerimônia. Ao total, o programa já recebeu 13 prêmios *Emmy.*

Com esses fatos, é fácil dizer que RuPaul e sua constante presença na mídia é uma das principais razões para a arte drag estar tão espalhada na agenda midiática como está hoje. “Hoje elas são cantoras, participam de filmes, seriados e peças de teatro com muito mais ocorrência, visibilidade, aceitação comercial do que acontecia na era pré-RuPaul” (Pereira, 2017, p. 9). Com isso, há uma nova era de consumidores para esse universo, onde a cultura da mídia transforma drag queen em um produto, buscando satisfação e desejo dos consumidores.

Laura Leite (2017, p. 20) classifica o programa entre o “cômico e o dramático, divertindo e emocionando os espectadores” – isso, porque muitas vezes as participantes conversam sobre temas como homofobia e aceitação da família e amigos por serem gays e drag queens. Assim, a atração pincela temas importantes para a comunidade gay, a partir de exemplos de superação, de amor próprio e de paixão pela arte drag. Patrícia Lang et al. (2015, p. 7) consideram que a partir de *Drag Rac*e as drag queens foram humanizadas, e agora “estão na moda e aparecem com mais frequência na mídia de massa, fazem shows para públicos não necessariamente guetificados, gravam comerciais, lançam CDs etc. Ou seja, foram capitalizadas, cooptadas e conseguiram virar celebridades”. Com esse status de celebridade, nota-se o interesse dos fãs pelas vidas privadas e a curiosidade pelos corpos “naturais” das drag queens.

O sucesso do programa rendeu frutos e mais produtos midiáticos, como turnês de shows, convenções de fãs e produtos das competidoras; além do o spin-off *All Star* – onde antigas competidoras

voltam para mais uma chance (até 2019 já possui cinco temporadas). Os fãs de *Drag Race* não são apenas homossexuais, Leite (2017, p. 44) destaca que o programa conquistou uma considerável audiência heterossexual, apesar de não ser o público majoritário. "O sucesso do programa traz benefícios não só para a carreira das que participaram da competição, como para a de todas as drags, pois gera um interesse do público pela arte". Um fator que demonstra esse interesse foi que, antes transmitido pela LOGO TV – canal destinado a comunidade LGBTQ+, a partir da oitava edição o programa passou para o canal VH1, expandindo assim seu público alvo. Todas as temporadas também se encontram na Netflix – onde a maioria dos fãs assistem.

Termina aqui esta parte que apresentou RuPaul e seu programa, que são um dos maiores motivos para a arte drag estar em evidência atualmente. A drag na mídia brasileira é o próximo assunto abordado.

6.2.3 Ocupação drag no Brasil

Atualmente, o Brasil também foi influenciado pela moda drag, tema apresentado agora. Essa crescente, um reflexo do impacto do programa *Drag Race*, inspira vários jovens a se montarem, seja por diversão ou vocação. D. A. Oliveira (2018) pensa que as drag queens são as que mais conseguiram atuar na representatividade LGBTQ+ na mídia *mainstream* nos últimos anos, isso, principalmente por conta do programa de RuPaul. No pensamento de Bueno e Dallaqua (2017, 46), a drag queen possui um corpo simbólico, que carrega a marca de uma luta sociopolítica que apenas agora tem a chance de se fazer presente. "Nesse corpo que transita entre a arte e a luta, a representação através das performances das drags em geral, ganha espaços, rompe as barreiras do preconceito e conquista, através das mídias, respeito a comunidade LGBT".

Se antes a drag queen era conhecida apenas no meio gay, hoje, no Brasil, ela atinge diferentes públicos com grande repercussão. Chidiac e Oltramari (2004) consideram até expressiva a presença das drag queens na mídia, realizando performances nos mais diversos âmbitos da sociedade. Para Brasil (2017, p. 88), o espaço da drag hoje pode ser no teatro, cinema, internet, e, em suas performances "transmite mensagens de liberdade de expressão, de ativismo. Ser drag queen também é uma forma de protesto contra uma sociedade conservadora e preconceituosa". Bueno e Dallaqua (2017) concordam com o aumento da visibilidade drag nos meios de comunicação de massa brasileiros, em uma era que é marcada pela ruptura de valores morais e estéticos. Para os autores, é necessário tomar cada vez mais espaços para lutar pelos direitos, barrar o retrocesso e se posicionar politicamente.

Para Vencato (2002), a mídia já possuía um pequeno espaço para as drag queens, todavia, grande parte não possuía reconhecimento artístico, tendo dificuldades de se estabelecer e conseguir trabalhos.

Contudo, nos dias atuais, "as performances drag se alastram e tomam espaço em vários lugares: mídia impressa, televisão, rádio, festas, passeatas de apoio a um/a ou outro/a político/a em época de eleição, paradas do dia do orgulho gay, e mesmo em eventos como o Fórum Social Mundial" (2002, p. 62). Para Leite (2017), se anteriormente as drag queens eram apenas personagens cômicas na mídia, hoje elas ganham destaque nas mais diferentes áreas.

Isabela Mattos e Otavia Cé (2018, p.10) refletem que antes as drag queens eram pessoas da noite, distantes da realidade social, parecendo ser impossível encontrar uma drag durante o dia em um espaço comum e público. "Na mídia principalmente, não havia nenhuma drag que ocupasse um espaço diferente do humorístico, ou que aparecesse em alguma manchete por conta de outro talento". Agora, a mídia reconhece e dá suporte para a arte, gerando curiosidade do público e ajudando assim a aceitação dessas artistas. Assim, a representação social é importante para a arte, pois ela está agora em meios tradicionais e mostrando outros talentos além de apenas o humor. Essa presença é a maneira de mostrar que a drag existe e possui representações sérias de diferentes formas e nichos, como a música, televisão, cinema, dança e nas ilimitadas formas de ser drag. De acordo com Leite (2017, p. 45), "atualmente, as drag queens estão muito mais próximas do *mainstream* do que da marginalização. Felizmente, esse parece ser um caminho sem volta".

Talita Santos e Alexsandro Ribeiro (2018) defendem que algumas manifestações artísticas que envolvem a sexualidade podem por vezes sofrer controle estatal, social e midiático. Isso acontece, principalmente, por que essas expressões artísticas, às vezes, podem "chocar muito", interferindo assim no lucro. Porém, os autores percebem que a drag está sendo mais aceita na mídia do que outras manifestações LGBTQ+, mas, ainda estão sujeitas alguma censura, como por exemplo não estar em um determinado horário, ou em algum programa. Essa presença na mídia ainda não é igualitária, nem garante direitos LGBTQ+, mas sim, é o começo. No Brasil, estreou em 2008 o programa "Amor & Sexo" apresentado por Fernanda Lima. Bueno e Dallaqua (2017), consideram que o programa tornou-se um palco de abertura para discussões LGBTQ+.

Pabllo Vittar

O ano de 2015 apresentou Pabllo Vittar para o mundo. Luiz Henrique Silva e Aldo Luiz Santos (2018) citam a artista como um exemplo concreto de que a temática drag está difundida no Brasil e no mundo inteiro. J. S. Trevisan (2018, p. 570), destaca: "irrompeu como grande estardalhaço nacional a cantora drag Pabllo Vittar". Rocha e Postinguel (2017); D. A. Oliveira (2018) e Paulino e Nunes (2018) concordam com a carreira meteórica de Pabllo, onde ela surge com uma presença intensiva na mídia e redes digitais, seja em meios *mainstream* ou alternativos – Pabllo está em todo o lugar. Luiz Gustavo

Basílio (2018) ressalta que Pabllo não é a primeira artista LGBTQ+ a despontar no Brasil ou no exterior. Os que vieram antes foram influências e abriram caminho para Pabllo chegar onde está. Contudo, o autor percebe que é a partir da década de 2010 que artistas de minorias sexuais cresceram de forma inédita. Muito dessa nova demanda surge graças a internet e as facilidades proporcionadas.

Pabllo Vittar é um caso curioso, que pode ser até difícil ser explicado e entendido. De acordo com Caroline Pilger (2018), por trás da disseminação e representação na mídia de Pabllo, está envolvido um interesse mercadológico na diversidade representada pela drag, vendido e consumido como um espetáculo da "diferença". "Pabllo Vittar é um importante fenômeno artístico e midiático, mas sua relevância vai muito além de sua música e imagem, Pabllo serve como uma espécie de pedagogia da diversidade" (2018, p. 74). Para Camila Moreira e Paulo Henrique Santana (2018) o surgimento e sucesso de Pabllo é um reflexo dos tempos atuais, onde cada vez mais surgem artistas que não podem ser enquadrados nas categorias de gêneros binárias, trazendo essas discussões para sociedade. Em um país como o Brasil, que possui uma forte ala conservadora, a figura de Pabllo surge com uma proposta a favor do respeito, combatendo de forma indireta os conservadores.

Moreira e Santana (2018, p. 4). destacam Pabllo como a maior expoente da geração de artistas LGBTQ+, que "através de sua música e de seu discurso a favor das minorias, rompeu barreiras e conquistou seu espaço no show *business* brasileiro". Glênio Rodrigues (2017, p. 37) considera Pabllo um dos maiores nomes da música pop brasileira atual. "Devido ao grande destaque e de influência, as canções interpretadas por Pabllo Vittar se tornaram importantes, pois fazem referência a uma forma de resistência contra as diversas maneiras de repressão que as minorias sociais enfrentaram". Lucas Bragança, Ana Paula Bergami e Fabio Goveia (2017) consideram a artista um símbolo das conquistas LGBTQ+ deste século. Mesmo com o preconceito, ela conseguiu entrar, principalmente através da mídia, em pautas sociais do movimento.

> Há uma exaltação não apenas a figura feminina de Pabllo, mas à sua sexualidade que grita: sou homem gay, mas posso ser uma mulher atraente e desejável se quiser. Essa provocação não apenas atinge um comportamento social sedimentado, mas também fala diretamente com uma população LGBT que, em maior ou menor grau, já sofreu com imposições sociais que delimitam os universos os quais essas pessoas poderiam se aventurar subjetivamente e corporalmente. (Bragança, Bergami e Goveia, 2017, p. 149)

Laíse Furtado e Mauricio Barth (2019) pensam que era difícil imaginar que uma drag queen teria o sucesso de Pabllo. Sua carreira consegue ultrapassar todos preconceitos, e, o mais difícil: um sucesso além do imaginado, tornando-se uma representante e uma representação LGBTQ+, onde sua imagem é explorada como um símbolo de diversidade. Pabllo Vittar pode ter sido umas das primeiras queens a

consolidar carreira na cena midiática atual, contudo, conforme ressaltam Heck, Nunes e Diener (2018); Santos e Ribeiro (2018) e Pereira (2017) drag queens como Gloria Groove, Aretuza Lovi, Lia Clark e Kaya Conky, também despontaram como artistas de sucesso. O que todas tem em comum, além de serem lindas e maravilhosas, são milhares de fãs, que as seguem e as tem como modelos e inspiração.

Finaliza-se aqui o capítulo que tratou celebridades, representação social, cultura pop, artivismo, drag queen na mídia e uma introdução da carreira de Pabllo Vittar, objeto empírico deste estudo e que é melhor apresentada no próximo capítulo.

7 PABLLO VITTAR

"Cheguei;
Tô preparada pra atacar"
(Música *Sua Cara*)

Este capítulo apresenta a trajetória e carreira do objeto de estudo desta pesquisa. Phabullo Rodrigues da Silva nasceu no dia 1 de novembro de 1994 em São Luís, estado Maranhão, nordeste do Brasil. Com 1,87 de altura, cabelo curto castanho e um corpo esguio, se considera uma pessoa tímida. Pabllo Vittar possui características parecidas, ou talvez, apenas o mesmo corpo.

Figura 3 – Pabllo Vittar: ela/ele



Fonte: Cover... (2019)

Quando montada, Phabullo deixa a timidez de lado e incorpora Pabllo Vittar, uma drag queen, cantora, compositora e performer com mais de dois metros de altura em saltos altos e cabelos coloridos – curtos ou longos. Seu corpo se transforma em uma figura fascinante, não sendo homem nem mulher, e sim drag queen. Para Vittar (2017a) drag "é igual a chapéu: coloco e tiro na hora em que preciso. Não sou drag 24 horas. Eu amo ser Pabllo desmontado e sair de camisa e boné na rua". Seja Phabullo ou Pabllo, seja homem ou mulher, montada ou desmontada, hoje ela é a drag queen mais famosa do Brasil.

7.1 A Pabllo: gênero e drag

"Eu não espero o carnaval chegar pra ser vadia;
Sou todo dia, sou todo dia!"
(Música *Todo Dia*)

A primeira parte deste capítulo dedica-se a conhecer a trajetória pessoal de Pabllo Vittar. Antes de tudo, um ponto deve ser esclarecido. Desde o início de sua carreira, apenas com seu nome, Pabllo já gerou um questionamento: é O Pabllo ou A Pabllo? Como lembram Moreira e Santana (2018), Pabllo considera-se gênero fluído, isso é, flutua entre os gêneros quando quer. Mesmo mantendo um nome masculino, a drag quase sempre retrata a si mesmo com pronomes femininos: "a cantora Pabllo" "a drag Pabllo" "a Pabllo Vittar". A justificativa para manter o nome é querer transparecer verdade com seu trabalho, algo que, para a artista, só poderia ser feito dessa forma. Para Rodrigues (2017), o fato de não alterar o gênero de seu nome, não a faz menos artista ou drag queen. Segundo Bragança, Bergami e Goveia (2017) isso expõem a intenção de Pabllo na desconstrução dos signos masculinos e femininos. Ela usa seu nome para contrapor sua aparência feminina. Assim, sua performance, tanto estética, de gênero e comportamental, denunciam as fronteiras culturais em cima da dicotomia macho-fêmea. "Ou seja, sua forma de se colocar no mundo justapõe os binômios de gênero e ajuda a expandir e ressignificar as relações entre corpo, gênero e sexo" (2017, p. 149). Ao ser perguntado quem é, a artista responde: "Pabllo Vittar é um menino. Que é menina. Que não tem gênero. Que não tem medo. Que prefere mil vezes estar em um palco do que em qualquer outro lugar do mundo" (2015).

Conforme Christian Gonzatti e Ronaldo Henn (2018), Pabllo constrói uma imagem feminina muito próxima do padrão estético da cultura pop, com uma feminilidade hegemônica, porém, promove perturbação por ser um homem reconhecido. Em um corpo "fora do comum", Pabllo assume uma fluidez de gênero, sentindo-se confortável tanto como "menino" quanto como drag. A artista (2019b) vê sua drag como uma extensão de si, e, em sua opinião, ser drag no momento em que o Brasil está "é trazer alegria, respeito, resistência; é trazer um pouco de afago no coraçãozinho de tanta gente que sofre

e que ta aí dentro de um armário fechado sem saber o que vai acontecer" (Vittar, 2019b).

Surge Pabllo; surge Vittar

Pabllo Vittar vem de uma família humilde do nordeste do Brasil. Não conheceu seu pai biológico, que abandonou a família enquanto sua mãe, Verônica Rodrigues, estava grávida. Ela trabalhava como técnica de enfermagem e possui mais duas filhas: Phamella Rodrigues, gêmea de Pabllo, e Polyanna Rodrigues, irmã mais velha. Pabllo (2017a) conta que via pouco sua mãe quando criança, pois ela trabalhava muito para sustentar a família sozinha. Ainda quando era bebê, Pabllo e a família se mudaram para Santa Izabel, estado do Pará. Quando tinha 13 anos, a família foi para uma curta temporada em Santa Inês, interior do Maranhão. Após alguns meses, foram para Caxias, no mesmo estado, onde moraram na casa da bisavó de Pabllo. Basílio (2018) relembra que Pabllo começou cantando aos 13 anos em apresentações na escola, festas da família e numa igreja presbiteriana. Com essa idade já começava a compor músicas e, pouco depois, a se apresentar em festas no Maranhão – mas ainda não era drag queen. Mesmo sendo menor de idade, Pabllo era contratado por casas de shows para cantar e dançar. Participou de programas da TV local de Caxias, onde residia na época, como o *Pop* (figura 4), onde chegou a fazer mais de 40 participações em dois anos. A partir desse reconhecimento local, começou a fazer contatos no meio LGBTQ+ da região.

Figura 4 – Pabllo participando do programa *Pop* em 2010



Fonte: Pabllo Vittar no Programa... (2010)

Aos 16 anos, buscando começar uma carreira artística, foi morar em Indaiatuba, estado de São Paulo. Sem conseguir oportunidades na música, trabalhou em salões de beleza, lojas, lanchonetes e

como operador de telemarketing para conseguir dinheiro. Após dois anos, foi morar com sua mãe, que estava na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, onde moram até hoje. E foi lá que começou a se montar. Pabllo (2017b) conta que conheceu mais do universo drag queen por conta do programa de RuPaul, apresentado para ela através de um namorado na época. Um tempo depois, para ajudar a divulgar uma festa de Halloween de uma amiga e comemorar seu aniversário de 18 anos – ela faz aniversário dia 1 de novembro, se montou pela primeira vez (figura 5). A drag revela (2017b) que, por não ter uma peruca ou uma roupa adequada, utilizou gazes para compor sua roupa. A festa era na boate Belgrano, e produzida por Ian Hayashi e Leocádio Rezende, os quais, posteriormente, seriam os empresários da drag, que os chama de "pais".

Figura 5 – Pabllo na primeira vez que se montou



Fonte: Plastic... (2014)

Em 2014, antes de ser famosa, Pabllo participou de um quadro do programa Carona, da TV Integração, filiada da Rede Globo no município de Uberlândia. Pabllo aparece cantando a música *I Have Nothing* da cantora Whitney Houston e foi avaliada pelo cantor Daniel, técnico do programa The Voice Brasil. Daniel (2014) elogia a voz de Pabllo e diz que a escolheria para seu time caso participasse do programa. Porém, Pabllo nunca chegou a participar da atração. Conforme lembram Rocha e Postinguel (2017) a artista começou a carreira com o nome Pabllo Knowles, em homenagem a cantora norte-americana Beyoncé Knowles. Porém, com o rumo de sua carreira, foi nessa época que a drag acabou criando um sobrenome: Vittar, e desde então, não parou mais.

Finaliza-se aqui a primeira parte do capítulo dedicado a Pabllo Vittar. A próxima seção explora sua carreira musical.

7.2 Pabllo na música: Open Bar, Vai Passar Mal e Não Para Não

"Seu amor me pegou;
Cê bateu tão forte com o teu amor;
Nocauteou, me tonteou;
Veio à tona, fui à lona, foi K.O."
(Música *K.O.*)

A segunda parte deste capítulo apresenta a trajetória musical de Pabllo, que, desde 2012, já gravava vídeos e postava na internet cantando músicas de outros artistas. Essas interpretações chegaram até empresários do ramo, iniciando assim a carreira profissional de Pabllo, que começou a fazer pequenos shows na noite de Uberlândia e cidades próximas.

Open Bar

Em um desses shows, Pabllo conhece o produtor Rodrigo Gorky, que trabalha com ela até hoje, e juntos, fazem a primeira canção de Pabllo: *Open Bar* – uma versão em português da música *Lean On*, do trio norte-americano Major Lazer, que une Diplo, Jillionaire e Walshy Fire. O videoclipe de *Open Bar*, gravado na casa de um amigo da drag e com um orçamento de 600 reais – aproximadamente 140 euros, foi lançado dia 8 de outubro de 2015. Conforme destacam Moreira e Santana (2018), o vídeo obteve um milhão de visualizações no *YouTube* em menos de um mês, sendo o primeiro sucesso e o título do EP lançado em dezembro de 2015.

Luana Paulino e Máira Nunes (2018) consideram que o videoclipe de *Open Bar* teve uma rápida propagação, alcançando grandes números para uma cantora drag iniciante. Diplo, um dos produtores da música original *Lean On*, elogiou e aprovou a versão de Pabllo três dias após o lançamento. O EP

Open Bar (figura 6) continha apenas versões de músicas internacionais cantadas em português, além da faixa-título, canções de Diplo, Ellie Goulding, Rihanna e Beyoncé, ganharam novas roupagens na voz de Pabllo.

Figura 6 – Capa EP Open Bar



Fonte: Pabllo Vittar – Open Bar... (2015)

Por conta de sua promissória carreira, Pabllo largou a faculdade de Design de Interiores que fazia na UFU (Universidade Federal de Uberlândia). A partir desse videoclipe, Pabllo começou a ganhar destaque na internet, e em um curto espaço de tempo, seu alcance sairia da esfera virtual. Bueno e Dallaqua (2017) refletem que o sucesso de Pabllo foi ininterrupto desde seu primeiro single. Depois de *Open Bar*, para Rafaela Rosa (2018), Pabllo não parou de emplacar músicas no topo de paradas, fazendo o lançamento de seu primeiro EP ser adiantado. Com o lançamento, a artista começou sua turnê "por inúmeras festas e shows do país, dando cada vez mais visibilidade e representatividade ao movimento

LGBT brasileiro" (2018, p. 5).

O começo da visibilidade nacional na grande mídia de Pabllo começa em 2016 ao integrar a banda do programa *Amor & Sexo* da Rede Globo como vocalista durante a 9ª (2016) e 10ª (2017) temporada. Vittar (2017b) analisa que sua participação foi um grande passo para a comunidade LGBTQ+. "Tem uma drag cantando no horário nobre da TV. Isso é um ato político". No ano de 2018 Pabllo não pôde participar mais por conta de sua agenda.

Vai Passar Mal

No dia 10 de janeiro de 2017 Pabllo lançou em todas plataformas digitais seu primeiro álbum de estúdio. Intitulado *Vai Passar Mal* (figura 7), o disco foi gravado de forma independente.

Figura 7 – Capa álbum Vai Passar Mal



Fonte: Vai... (2017)

Sobre a capa do material, Pabllo (2017c) comenta que a ideia é mostrar que o corpo pode ser

usado de diversas maneiras para expressar alguma arte; contudo, nem sempre precisa estar enfeitado e pintado.

> A gente pode estar ali parado, estático. No meu caso, como drag, chamado Pabllo Vittar, com uma atmosfera bem feminina. Eu estou de cabelo comprido, mas não estou com peito. A ideia é quebrar essas barreiras de gênero. [...] A gente pode ser quem a gente quiser e usar nosso corpo como quiser. Escolhi fazer minha arte e uso meu corpo para ela 100%. Estou muito bem. (Vittar, 2017c).

Rosa (2018) comenta que com as músicas deste disco a cantora entrou de vez na mídia tradicional brasileira. Bragança, Bergami e Goveia (2017) concordam que a explosão da carreira de Pabllo foi com *Vai Passar Mal*, pioneiro no Brasil por ter como cantora uma drag queen com composições autorais. Para Rodrigues (2017) o trabalho musical de Pabllo expõem mensagens contra o sistema patriarcal, em uma ideia de empoderamento drag ao sistema normatizador da sociedade. Aliado a imagem de divas pop norte-americanas, Pabllo explora uma hipersexualização e a liberdade de seu corpo e sexualidade.

Em *Todo Dia* (Pabllo Vittar Feat. Rico Dalasam), segundo single do disco, Pabllo canta: *eu não espero o carnaval chegar pra ser vadia; sou todo dia; sou todo dia*. Na opinião de Rodrigues (2017) a palavra *vadia* na música serve como uma forma de protesto, da mesma forma da Marcha das Vadias[16], tendo uma conotação "de um sujeito livre cujas vestes não definem sua moral" (2017, p. 40). Não é utilizada de forma pejorativa sobre as roupas ou atitudes das mulheres, ao contrário, expressa emancipação. Alia-se também que a canção está relacionada com as festividades de carnaval, o que historicamente se relaciona com essa ideia de "liberdade". Pabllo contesta justamente isso, ela não espera até o carnaval para essa alforria, ela é *todo dia, todo dia*. Para ela (2017b) "ser vadia é correr atrás dos seus direitos, ser quem você é, vestir a roupa que quiser, amar e manter relações com o sexo que você desejar".

Rosa (2018) lembra que *Todo Dia* foi um dos hinos do carnaval de 2017, atingindo todos os públicos possíveis, onde Pabllo cantou com Daniela Mercury em Salvador e com Anitta no Rio de Janeiro. Para Mattos e Cé (2018) foi com *Todo Dia* que Pabllo ganhou evidência na mídia. Com o videoclipe da música, Pabllo tornou-se a cantora drag com mais visualizações em um vídeo no *YouTube*, ultrapassando *Sissy that Walk* de RuPaul — mais tarde, Pabllo quebrou o próprio recorde. Em agosto de 2017, *Todo Dia* foi retirada das plataformas digitais e do *YouTube* por um processo judicial movido por Rico Dalasam, compositor da música, por conta dos direitos autorais.

[16] Movimento internacional, denominado Slut Walk, traduzido no Brasil como Marcha das Vadias. O movimento teve início no Canadá, quando um oficial de segurança, ao proferir palestra na Universidade de Toronto, orientou as mulheres "a não se vestirem como vadias" como medida de segurança para evitar o estupro. A fala do policial causou revolta nas mulheres canadenses e mais de 3 mil mulheres foram às ruas de Toronto para protestar. (http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/marcha-das-vadias-chega-ao-brasil)

Depois de *Todo Dia* Pabllo lança como single *K.O.* — seu maior sucesso. No videoclipe, Pabllo está em um ambiente de academia, onde recria a atmosfera de um ringue de box. No dia 28 de agosto de 2017, o canal do *YouTube* da artista foi hackeado, onde retiraram este videoclipe — o mais assistido do canal. Na foto do perfil da cantora, foi colocada uma foto de Jair Bolsonaro, na altura, pré-candidato à presidência do país. Rubens Anater (2017), lembra que nessa ocasião a hashtag #TodosComPabllo Vittar chegou ao primeiro lugar nos assuntos mais comentados no *Twitter*.

O próximo single, *Corpo Sensual*, têm participação de Mateus Carrilho. No videoclipe Pabllo aparece com um preservativo distribuído pelo Ministério da Saúde. O órgão público aproveitou a visibilidade de Pabllo para falar sobre a importância de proteção em relações sexuais. Para Anater (2017) este videoclipe foi além da arte indo para questões de saúde pública com a mensagem de sexo seguro; contudo, nas redes sociais, lembra o autor: "diversos internautas questionaram por que a cantora precisaria de camisinha se não pode engravidar. Por *Twitter*, Pabllo respondeu, escancarando a ignorância dos comentários: 'camisinha não é usada só pra prevenir gravidez não queridos, existem as DSTs também!'"

No dia 10 de abril de 2018, a artista lançou o videoclipe de *indestrutível*, que trata temas como a homossexualidade, preconceito e orgulho. A música, escrita pela própria cantora, recorda a dor causada pela homofobia. Pabllo canta: *Se recebo dor, te devolvo amor; E quanto mais dor recebo; Mais percebo que sou; Indestrutível*. O vídeo apresenta um adolescente gay que sofre preconceito e apanha na escola, situação que já foi uma realidade para Pabllo. Em paralelo a essas imagens de violência, Pabllo aparece se desmontando – retirando a peruca e parte da maquiagem; e em alguns momentos, se emociona. No final do vídeo Pabllo passa uma mensagem de superação: "São milhares de adolescentes, que assim como eu, sofreram esse tipo de agressão. 'Tá' na hora de transformar o preconceito em respeito. De aceitar as pessoas como elas são e querem ser. De olhar na cara da homofobia e dizer: eu sou assim, e daí?" (Pabllo Vittar - Indestrutível... 2018). *Indestrutível* pode ser considerada a música mais política da artista, que não costuma cantar sobre esses temas. Em sua maioria, suas canções tratam de relacionamentos, diversão e autoestima – sempre positiva, é claro.

Não Para Não

Em 2018, Pabllo foi para os Estados Unidos produzir e gravar seu segundo álbum de estúdio, lançado no dia 4 de outubro de 2018. *Não Para Não* (figura 8) serviu para consolidar a carreira de Pabllo no Brasil e apresentá-la para outros públicos além do país. O disco é uma mistura de ritmos brasileiros, típicos nordestinos, com ritmos conhecidos do pop comercial atual – combinação muito elogiada pela mídia. Menos de uma semana depois do lançamento, o *Spotify* oficializou que o disco foi o primeiro de

um artista brasileiro que conseguiu ter todas as faixas no Top 40 das mais ouvidas, ainda, três dentro do Top 10.

Figura 8 – Capa álbum Não Para Não



Fonte: Não Para Não... (2018)

Para Goes (2018), em seu segundo disco, Pabllo ainda não é uma cantora política em suas letras, mas sim em suas atitudes, em sua voz e sua indiferença com gêneros. “É bobagem querer que Pabllo erga bandeiras. Ele/ela já é todo um estandarte desfraldado” (Goes, 2018).

Brilhando mais que estrela

Desde 2015, Pabllo realmente brilha cada vez mais. Ela conseguiu feitos até então inéditos para uma drag queen. Em setembro de 2017, Pabllo fez um show no Rock in Rio, no palco de um dos patrocinadores do evento. Mesmo não estando prevista para o festival, foi confirmada de última hora,

atraindo um público maior do que alguns shows do palco principal. Ainda, um dia após esse show, Pabllo participou da apresentação da cantora norte-americana Fergie, sendo a primeira drag queen a cantar no palco principal do festival.

Em 2018 Pabllo ganhou uma série na emissora Multishow: *Prazer, Pabllo Vittar*. "Dividida em quatro episódios, a série vai falar da infância da cantora e drag queen, dos seus ídolos e da construção de sua carreira artística. Tudo isso com muita alegria e simpatia e com a presença de convidados" (Multishow, 2018). O programa chegou a ser indicado ao *Rose d'Or Awards* – premiação europeia de televisão – na categoria entretenimento, sendo o único representante da América Latina.

Para além de seu próprio trabalho musical, Pabllo já participou de diversas músicas de outros artistas, que são: Lia Clark (*TOME Curtindo*); Major Lazer (*Sua Cara* Feat. Anitta); Preta Gil (*Decote*); Aretuza Lovi (*Joga Bunda* Feat. Gloria Groove); Alice Caymmi (*Eu Te Avisei*); Lucas Lucco (*Paraíso*); Charli XCX (*I Got It* Feat. Brooke Candy, CupcakKe) e (*Shake It* Feat. Big Freedia, CupcakKe, Brooke Candy); Luan Santana e Simone & Simaria (*Hasta La Vista*); Titica (*Come e Baza*); Sofi Tukker (*Energia (Parte 2)*); Niara (*Não Esqueço*); Lali (*Caliente*); Luísa Sonza (*Garupa*); Emicida (*Amarelo* Part. Majur) e MC Kekel (*Sente a Conexão*).

Sua Cara, parceria do trio norte-americano Major Lazer com Pabllo Vittar e Anitta é a primeira parceria e a que mais se destacou no cenário mundial. Santos e Ribeiro (2018) destacam que na época, o videoclipe tornou-se o sexto vídeo mais visto do *YouTube* em 24 horas, reproduzido 17 milhões de vezes; também foi o clipe mais rápido a conseguir um milhão de *likes* – seis horas após estar disponível. Essa parceria rendeu para Pabllo a primeira indicação de uma drag queen para o Grammy Latino em 2018 na categoria melhor interpretação urbana.

Encerra-se aqui a segunda parte do capítulo que retratou a carreira musical de Pabllo Vittar. A próxima seção apresenta uma discussão sobre o impacto da drag, seja artístico, social e político.

7.3 Uma drag que é uma queen

"Flash, flash, flash, flash, flash, flash, pose;
Flash, flash, flash, flash, flash, flash, close"
(Música *Flash Pose*)

Este subcapítulo ressalta destaques da carreira e vida de Pabllo Vittar. Atualmente, a drag é detentora de diversos recordes em sua carreira de apenas quatro anos. Seja no *YouTube*, redes sociais ou reprodução de músicas via streaming, Pabllo é sempre a número um. Em junho de 2017, ultrapassou o número de seguidores de RuPaul na rede social *Instagram*, tornando-se a drag com maior número de

seguidores do mundo, na época com 1,4 milhões. Em abril de 2019 Pabllo ultrapassa a marca de um bilhão de visualizações em seu canal no *YouTube*. Rosa (2018) destaca que a relevância de Pabllo no meio artístico é comprovado através de suas redes sociais, onde, em outubro de 2019 Pabllo possui:

- 9,4 milhões de seguidores no *Instagram*[17] (Drag queen mais seguida na rede social);
- 5,7 milhões de inscritos no seu canal do *YouTube*[18] (Drag queen com mais inscritos);
- 1.111.122.607 de visualizações no *YouTube*, onde os três vídeos mais vistos são:
  345 milhões de visualizações no clipe de *K.O.*;
  283 milhões de visualizações no clipe de *Corpo Sensual*;
  83 milhões de visualizações no clipe de *Problema Seu*.

Luccas Oliveira (2019) destaca que nos primeiros meses de 2019 Pabllo reforçou sua presença no mercado internacional, que começou com a parceria *Sua Cara* em 2017. Ainda, "finalizou turnês bem-sucedidas na América Latina (passando por Chile, Argentina e México) e na Europa (Portugal, Irlanda e Inglaterra) e roubou a cena no famoso festival californiano Coachella, com aparições surpresa nos shows do duo Soffi Tukker e do Major Lazer". Em junho de 2019 a cantora foi para a América do Norte, onde fez a *NPN Pride Tour*, shows em Paradas do Orgulho LGBTQ+ nos Estados Unidos e no Canadá, nas cidades de Los Angeles, Boston, Miami, Chicago, Toronto, Nova Iorque e São Francisco. Durante essa turnê, Pabllo se apresentou na sede da ONU (Organização das Nações Unidas), na cidade de Nova York. O evento era uma festa comemorando o aniversário da Rainha Elizabeth II do Reino Unido, e tinha como tema "igualdade e inclusão" em vista da celebração do mês do orgulho LGBTQ+ e em homenagem à Rebelião de *Stonewall,* que completou 50 anos. Ainda em 2019, Pabllo lança no dia 1º de novembro, seu aniversário, o EP *111*, com músicas em português, inglês e espanhol.

Uma voz que causa confusão

Pilger (2018) define que o fenômeno causado por Pabllo é ambíguo e contraditório. Com a consagração de sua carreira, Pabllo marca sua presença na mídia, e é essa mesma mídia e sociedade que tanto promove a drag, também a ataca sem parar em uma forte violência simbólica. No início de sua carreira, e até hoje, porém em menor escala, Pabllo é criticada por sua voz e a dificuldade de conseguir segurar notas altas. Vittar (2018a) admite que no início, por não ter um preparo adequado, realmente, não conseguia manter o fôlego durante as interpretações. Atualmente a situação é diferente, ela faz um preparo vocal e físico para conseguir manter a respiração enquanto canta. Mariana Peixoto (2018) fez uma reportagem para analisar a voz de Pabllo baseada na opinião de profissionais de canto

[17] https://www.instagram.com/pabllovittar/

[18] https://www.youtube.com/channel/UCugD1HAP3INAiXo70S_sAFQ

(professores, maestros e cantores). "De uma maneira geral, as opiniões foram **positivas**, excetuando-se ressalvas feitas aos exageros na **interpretação** e à escolha de **repertório**" (2018, grifo original).

A voz de Pabllo é considerada contratenor, isso é uma voz infantilizada em um homem adulto, a "mais rara das vozes masculinas" (Peixoto, 2018). Um problema observado é que a artista muitas vezes canta além de sua capacidade, fazendo sua voz soar esganiçada. O som da voz de Pabllo é realmente curioso, pode ser visto até como um ruído, e talvez, não fique claro se é um homem ou uma mulher cantando. Ela desafia padrões de "qualidade" – estes, devemos lembrar, construções sociais. O que é "bom" e o "ruim" nada mais é do que definições criadas e refeitas pela cultura dominante de determinada época. A voz contratenor de Pabllo é uma total ruptura de padrões, até mesmo musicais, não acostumados com esse tipo de voz e de imagem. Segundo Ruth Manus (2018) falar que Vittar não canta bem ou não tem competência vocal "é uma desculpa que há tempos não cola. É mais honesto admitir que não gosta de ouvir a voz de um homem gay afeminado, vestido de mulher".

Na visão de Basílio (2018), a crítica ao talento vocal de Pabllo acontece por conta do sucesso alcançado e por ser membro da comunidade LGBTQ+. Na internet, muitos comentários e debates falam que a artista "não canta bem" ou que "não sabe cantar". Porém, o autor ressalta que existem vídeos que distorcem a voz ou são dublagens com a intenção de a ridicularizar. "Basta uma rápida busca na internet e notamos a quantidade de conteúdos que de certa forma fomentam o discurso do preconceito e que acabam carregando ódio de forma velada ou explícita" (2018, p. 24). Segundo o mesmo autor (2018), Pabllo utiliza os recursos necessários para o estilo musical que apresenta [pop], não validando o discurso preconceituoso sobre sua voz e que "não sabe cantar". Pabllo diz que não se importa com as críticas a sua voz e lida com elas com positividade: "Essa é a voz que eu tenho. Graças a Deus é com essa voz que ganhei meus prêmios, que me sustento, que levo a minha mensagem. [...] Eles vão ouvir essa voz aguda muito, muito e muito tempo" (2018b). Para Gonzatti e Henn (2018), parece que muito da crítica a voz de Pabllo tem mais cunho preconceituoso do que técnico.

"DESTA VEZ Pabllo Vittar foi longe demais"

Rosa (2018) lembra que com a visibilidade que conseguiu, Pabllo é alvo de preconceito por conservadores e homofóbicos. A cantora é envolvida em diversas polêmicas nas mais diferentes esferas da sociedade; parece que todo mundo tem uma opinião sobre Pabllo Vittar. O cantor brasileiro do estilo brega, Falcão (2017) escreveu em seu perfil do *Instagram*: "Pablo Vitar. Finalmente aparece na gloriosa MPB, depois de tanto tempo, uma criatura pra cantar mais ruim do que eu. Parabéns. obrigado de nada!". A publicação gerou uma repercussão de comentários a favor e contra a opinião do cantor. O produtor de música Arnaldo Saccomani (2017) também já fez críticas à drag, dizendo que "Pablo Vittar

é a grande fraude da música brasileira e fruto da miséria cultural que assola o país". Porém, após receber críticas, o produtor se desculpou dizendo que sua declaração se resume apenas a parte artística.

Em outubro de 2017 o vereador Ezequel Bueno (PRB), de Ponta Grossa, Paraná, se manifestou contra a presença de Pabllo na cidade. O parlamentar lamentou que o município receba "esse tipo de show" em "uma cidade família, uma cidade conservadora" (O Globo, 2017). Baseando-se na notícia falsa que Pabllo iria fazer uma turnê nas escolas do Brasil para falar sobre diversidade sexual, Bueno ameaçou prender a artista. Posteriormente, o vereador lançou uma nota onde disse não ser homofóbico e que não tinha a intenção de ofender Pabllo, apenas estava defendendo a família e as crianças do município.

Parece que por ser gay e drag queen, Pabllo Vittar é uma das artistas brasileiras que mais é envolvida em *fake news*. Algumas dessas reportagens até confundem a cantora com travesti. Emiliano Urbim (2018) define que Pabllo é "um ímã de *fake news* na cultura pop", destacando que a cantora já foi associada a todos possíveis tipos de notícias. A produção desses boatos sobre Pabllo parece ter dado uma brecha para a cantora ser debochada e insultada, fazendo surgir o bordão: "Agora Pabllo Vittar foi longe demais". O jornal Metro (2018) destaca que Pabllo foi a segunda celebridade mais procurada no site de pesquisa Google Brasil em 2018, atrás apenas para o ator Sylvester Stallone. A razão para estar nessa colocação seriam os frutos colhidos por sua carreira e, pelo fato de que Pabllo "se viu ainda mais protagonista de *fake news*. De namoro com jogadores de futebol até a proposta de fazer um pão com hormônios femininos. Fora a de que iria embora do país se Jair Bolsonaro ganhasse a eleição".

Na opinião de Denise Sampaio, Izabel Lima e Henry Oliveira (2018), Pabllo é uma das celebridades mais atacadas com *fake news*, que parecem querer prejudicar, invisibilizar, desmerecer, denegrir e silenciar sua carreira e o movimento que representa perante a opinião pública. Muitas vezes a colocam em lugares heterossexistas como na política, onde a artista sofre repressões por sua sexualidade e performance drag. Grande parte dessas notícias se relacionam com a preocupação de visibilidade e possíveis desdobramentos da figura de Pabllo em espaços conservadores, submetidos ao padrão social normativo. Com base em dois sites que verificam informações (E-farsas e Boatos.org), os mesmos autores destacam 11 *fake news* sobre Pabllo:

Quadro 2 – Fake News Envolvendo Pabllo Vittar

E-farsas	**Boatos.org**
Notícia:	Notícia:
Pabllo Vittar levou um tombo durante seu show? Descubra a verdade aqui!	Pabllo Vittar leva tombo durante show e 'paga mico', mostra vídeo
Pabllo Vittar disse que sai do Brasil caso o Bolsonaro seja eleito?	Pabllo Vittar Vai deixar o Brasil se Bolsonaro ganhar as eleições
Pabllo Vittar vai cantar o Hino Nacional na estreia da Copa?	Pabllo Vittar vai cantar hino nacional na estreia do Brasil na Copa
Pabllo Vittar foi humilhado antes da fama por cantar mal no Programa Ídolos?	Vídeo mostra Pabllo Vittar antes da fama, cantando no Ídolos
Pabllo Vittar receberá R$ 5 milhões pela Lei Rouanet em 2018, por fechamento de hospital do câncer?	Pabllo Vittar vai ganhar R$ 5 milhões da Lei Rouanet em 2018
Jean Wyllys e Pabllo Vittar farão turnê pelas escolas pra falar sobre diversidade?	Jean Wyllys e Pabllo Vittar farão turnê LGBT em escolas do Brasil
A Coca-Cola teve prejuízo bilionário após colocar Pabllo Vittar nas latas?	Coca-Cola tem prejuízo bilionários por causa de foto de Pabllo Vittar
Pabllo Vittar vai apresentar programa infantil na Globo em 2018?	Pabllo Vittar vai apresentar programa TV Criança Gay na Globo
Pabllo Vittar nas notas de R$50: O dia em que inventamos uma fake news!	Pabllo Vittar vai apresentar programa infantil na Globo
Pais dos meninos que se beijaram em "festa do Pabllo Vittar" vão ser presos?	Pabllo Vittar assume namoro com Renê Júnior, jogador do Corinthians
Psol quer Pabllo Vittar como candidato à Presidência em 2018?	Pabllo Vittar é homenageada pelo MEC no dia Internacional da Mulher

Fonte: Sampaio, Lima e Oliveira (2018, pp. 1678-1679)

Gonzatti e Henn (2018) concordam com o alto índice de *fake news* envolvendo Pabllo, onde muitas envolvem a emissora Rede Globo e a política. Os autores citam algumas como: "Uma inseminação artificial para engravidar do ex-Presidente Lula, uma estátua sua colocada no lugar do Cristo Redentor, o

seu rosto estampado nas notas de cinquenta reais, a substituição do jogador Neymar pela drag queen e muitos outros usos" (2018, p. 564). Para os autores, muitas das notícias buscam causar terrorismo cultural contra discussões de gênero. Também já foi noticiado que "Pabllo Vittar apresentará o programa Domingão do Faustão da Rede Globo"; "Pabllo Vittar irá ser Jean Grey no próximo filme do X-men"; "Imposto será cobrado para perucas de Pabllo Vittar", "Pabllo Vittar será canonizada e beatificada pelo Papa Francisco"; "Pabllo Vittar é candidato a vice-presidência de Lula"; "Pabllo Vittar vai engravidar de Lula por meio de inseminação artificial".

A notícia que Pabllo Vittar teria seu rosto estampado nas cédulas de 50 reais (figura 9) foi bastante repercutida na mídia. Gonzatti e Henn (2018) lembram que essa manchete foi criada pelo próprio site E-farsas – portal dedicado a combater *fake news* – a partir de uma manipulação de imagens. Para Urbim (2018) a notícia foi criada porque o site "queria provar que é possível emplacar qualquer maluquice sobre Pabllo". Com a divulgação da imagem, a disseminação de informações falsas se alastrou pela internet, onde se falava que existia um projeto na Casa da Moeda para a alteração da cédula.

Figura 9 – Pabllo Vittar estampa a cédula de 50 reais



Fonte: E-farsas (2018)

Rapidamente, a notícia repercutiu, seja pelo tom de brincadeira ou de indignação. Essa *fake news* foi ironizada pela cantora no videoclipe de *Seu Crime* (figura 10). Em um rápido momento "um personagem joga notas de dinheiro para o ar. O rosto de Pabllo estampa a nota de '100 Vittars'. Além disso, a cor rosa, nas notas, é também uma referência ao chamado *pink money*, dinheiro proveniente dos gastos comerciais de pessoas LGBT" (O Estado de São Paulo, 2019).

Figura 10 – Cédula 100 Vittars no videoclipe de *Seu Crime*



Fonte: Seu Crime... (2019)

Pabllo (2017d) reconhece que é muito agredida na internet, porém, diz que não se incomoda com isso, pois sabe que a internet "é uma terra sem lei". A artista (2018c) chegou a gravar um vídeo lendo e comentando ironicamente algumas *fake news*: A respeito da nota de 50 reais, diz: "de 50 talvez não, acho que de 10 que roda de mais em mão. No dia que colocar, por favor, não coloca essa foto aqui que eu não 'tava' tão bonita"; sobre ter comprado a Apple e mudar o nome do *Iphone* para *Ipapai*: "Meu sonho né? Comprar aí, uma grande empresa, mas, eu tenho a minha própria, não preciso comprar a de ninguém"; com relação a canonização e beatificação do Vaticano de Santa Padroeira LGBTQ: "Meu Jesus, olha que honra. É para rir gente. O importante é não perder a fé."; acerca se iria deixar o Brasil caso Bolsonaro ganhasse: "Para de ficar indo na minha rede social falar para eu arrumar minhas malas meu amor. Porque eu não vou embora do meu país, eu nasci aqui e vou morrer aqui".

Yuri Eiras (2018) defende: "Pabllo Vittar não merece o retrocesso do Brasil atual, mas o Brasil atual precisa, mais do que nunca, da arte de Pabllo Vittar". Sobre sair do Brasil por conta da eleição de Bolsonaro, Pabllo (2018a) declara: "Eu não vou sair do Brasil. Nem o negro vai voltar para a senzala; nem a mulher para a cozinha e nem o gay para o armário. Ninguém vai sair daqui". Durante a campanha presidencial de 2018, em diversas vezes a drag afirmou ser contra o candidato Jair Bolsonaro. Seja em programas na televisão, premiações ou nas redes sociais, Pabllo foi clara: ELE NÃO![19]. Como se sabe,

[19] "Numa onda semelhante ao "#MeToo", em que mulheres cobram punições a autores de assédio e direitos iguais aos dos homens, grupos em redes sociais com milhões de seguidores começaram a pregar o "#EleNão", voto contra Bolsonaro nas eleições. Artistas, como a cantora Daniela Mercury e a atriz

Bolsonaro ganhou as eleições; fazendo a presença e representação de Pabllo ser mais importante do que nunca.

Acaba aqui este subcapítulo que tratou de algumas nuances da carreira da drag queen Pabllo Vittar. A seguir, é debatido a importância da representatividade da artista.

7.4 Representatividade Vittar

"Te dou parabéns quando para a bunda"
(Música *Parabéns*)

A força da representatividade de Pabllo Vittar é tratada neste subcapítulo. Pereira (2017) considera Pabllo como um caso de uma drag que conseguiu ingressar nos meios de comunicação mais tradicionais, tanto na TV quanto em anúncios publicitários. Moreira e Santana (2018) destacam que por conta dos altos números e de sua grande visibilidade, Pabllo torna-se atrativa para grandes marcas e empresas. Furtado e Barth (2019, p. 32) também a citam como uma prova dessa tendência. "A artista vem demonstrando uma nova forma de inserção de marcas, associando-se a artistas *mainstream* do meio LGBTQ+, dando relevância e promovendo engajamento com a causa, destacando-se pela dissociação ao preconceito social". Pabllo já participou de propagadas – diretas ou indiretas; de campanhas publicitárias; de parcerias e de patrocínios de marcas como: Avon; C&A; Adidas; Apple Music; Coca-Cola; Absolut Vodka; Skol; Niely Cosméticos; Trident; TNT Energy Drink; Banco Itaú; Chilli Beans; Club Social; John John; Olla; Colorama; Maybelline e Gol. Em abril de 2019, tornou-se uma das embaixadoras da marca Calvin Klein. D. A. Oliveira (2018, p. 44) ainda destaca as participações em campanha sociais: "para o Ministério da Saúde, sobre o uso de preservativos e a prevenção e tratamento da Aids; e para a campanha 'Escolhas', do Hospital de Câncer de Barretos".

Pabllo (2017e), diz que para associar sua imagem a alguma marca é necessário que a empresa esteja realmente aberta e preocupada com a causa, indo contra a marcas sexistas e homofóbicas. "Através da minha música consigo agregar pessoas e as marcas se aliam a isso de maneira positiva. Acho legal quando uma marca se associa a mim por meio da música, porque conseguimos levar alegria para vários tipos de públicos" (2017e). Em setembro de 2018 Pabllo rompeu uma parceria com a marca de calçados Victor Vicenzza por conta de uma declaração do dono da empresa apoiando o então candidato Jair Bolsonaro.

Na opinião de Pabllo (2017d), na sua infância não havia personalidades LGBTQ+ que podia se

Claudia Raia, também aderiram ao movimento" (Fonte: https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2018/09/29/protesto-contra-bolsonaro-convocado-por-mulheres-reune-milhares-em-diversas-cidades.htm

inspirar, e hoje em dia, sente que representa isso. Uma de suas características mais marcantes é sua afeminilidade, que não é escondida ou privada. Pabllo é afeminada, e acha isso revolucionário; poder ser aceita e respeitada desse jeito. Na visão de Goes (2017) Pabllo poderia de certa maneira ser comparada ao cantor Ney Matogrosso, por seu impacto cultural, sua imagem e sua arte. Havia muitos anos que o Brasil não havia sido impactado tanto por algum músico homossexual dessa forma.

Goes (2017) se questiona por que Pabllo Vittar faz mais sucesso do que outros artistas LGBTQ+ como Johnny Hooker, Liniker e os Caramelows, Jaloo, Candy Mel, Mateus Carrilho, As Bahias e a Cozinha Mineira, Rico Dalasam e Linn da Quebrada. Pabllo, em menos de dois anos em evidência, já possuía diversos hits, parcerias e um contrato com uma grande gravadora; enquanto isso, os outros artistas "continuam fazendo shows que lotam Brasil afora – sem, no entanto, atingirem um público mais amplo". O motivo para isso seria que Vittar segue a mesma receita consagrada por cantoras pop internacionais, que trabalham com produtores experientes que compõem ["fabricam"] músicas pops comerciais. "A maioria das letras do repertório de Pabllo não é específica a nenhum gênero. São canções de amor, que, se fossem em inglês, poderiam estar na voz de garotas hétero e cis como Britney ou Rihanna". (Goes, 2017). Por esse motivo, o autor disserta que a mensagem política de Pabllo está em sua própria imagem, não em suas canções.

Na opinião de Bueno e Dallaqua (2017, p. 45) Pabllo Vittar não incorpora questões sociais e de representatividade em suas canções, seu protesto é como artista performática e cantora. "Em sua maioria, são músicas ligadas a momentos de diversão e alegria, com letras e ritmo animado, típico do gênero que a cantora compõe, o Pop". Contudo, ressaltam que, através do sucesso de seu trabalho, e a repercussão causada, Pabllo é o exemplo concreto do aumento da visibilidade LGBTQ+ na mídia, sendo também a principal agente dessa mudança. De acordo com Goes (2018), "ao se expor sem medo, ao exercer seu direito ao prazer, ao falar diretamente com um público carente e imenso, Pabllo Vittar é o mais político de todos os artistas brasileiros em atividade". D. A. Oliveira (2018) corrobora ao dizer que as músicas de Pabllo não são tão incisivas e militantes; sua representação política é feita principalmente por meio de declarações públicas.

Na visão de Manus (2018), defender Pabllo Vittar é um ato político. Citando ainda Anitta e Ludmilla, a autora diz que apoiar essas cantoras ultrapassa a música, entrando em camadas mais profundas. Não existe problema em não gostar da artista, porém, a partir do cenário político e social atual do Brasil "levantar a bandeira anti Anitta, anti Ludmilla e anti Pabllo Vittar não significa levantar a bandeira do bom gosto musical, mas sim a bandeira conservadora, intolerante e de não aceitação das diferenças". Enquanto a política é dominada por homens, brancos, heteros e conservadores; as

principais artistas do Brasil são cantoras que expressam a sexualidade e o direito de serem donas de seus corpos, sem medo de serem julgadas por isso. Manus (2018) disserta que: gostar ou não de Pabllo é um direito, ter respeito pelo seu trabalho é um dever, e, a defender de ataques homofóbicos "acabou por ser um ato político e necessário".

Vittar (2019b) fala que, a partir do preconceito que já passou, e ainda passa, sabe como é ser motivo de risada, piada e as dificuldades de conseguir emprego e respeito; admite que o lugar que ocupa não é comum para uma artista LGBTQ+, e, por isso, observa que não é uma artista só para fazer música. "Eu aproveito essa visibilidade que eu tenho para poder colocar a cara no sol e trazer visibilidade para as minhas manas que nem sempre tem esse tempo livre para 'ta' colocando o que pensa para fora" (2019b). Dentro do mercado musical, de acordo com D. A. Oliveira (2018, p. 49), Pabllo é vista na mesma dinâmica que das divas pop norte-americanas. A diferença é que "temos aqui uma diva pop assumidamente pertencente e militante da causa LGBT+. Com uma perfeita união entre estética e atitude, e entre o que se deseja dizer e o que é desejado ouvir; a drag já provou que é capaz de arrastar multidões". Pabllo Vittar é considerada por Rocha (2018) uma figura complexa. Possui a afirmação de homem afeminado com a imagem drag glamourosa, sendo uma representação feminina impecável e sensual. "É uma drag, mas é uma representação feminina perfeita. Há um carisma, e um elemento questionador, de confronto, de dissenso, mas tem algo ali que é mais afável, que convida à aproximação".

Desde que Pabllo surgiu na mídia, a figura da drag queen passa por uma quebra de paradigmas inédita. Na opinião de Bueno e Dallaqua (2017), por seu status de celebridade, a cantora torna-se uma ligação entre a comunidade LGBTQ+ e a sociedade conservadora, ampliando as discussões do grupo. Para Santos e Ribeiro (2018, p. 9) Pabllo "é uma das artistas drags mais influentes da atualidade, seu reconhecimento por parte do público tomou dimensões grandes".

Finaliza-se aqui o capítulo que retratou a vida e carreira da cantora drag queen Pabllo Vittar. A seguir, é apresentada a estratégia metodológica utilizada nesta pesquisa.

8 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

"Eu acho que passou da hora;
De assumir a sua culpa"
(Música *Seu Crime*)

Neste capítulo são apresentados os procedimentos de pesquisa para a realização desta dissertação.

8.1 Abordagem da pesquisa

"Quando chego no baile, boto pra quebrar;
Eu não sou discreta, gosto de arrasar"
(Música *Minaj*)

Primeiramente, explicamos a abordagem desta pesquisa, que é qualitativa. De acordo com John Creswell (2010, p. 206) "a investigação qualitativa emprega diferentes concepções filosóficas; estratégias de investigação; e métodos de coleta, análise e interpretação de dados. [...] os procedimentos qualitativos baseiam-se em dados de texto e imagem". Esse método privilegia descrições – ao oposto da quantitativa, que privilegia números e estatística. Denise Silveira e Fernanda Córdova (2009, p. 31) defendem que a pesquisa qualitativa "não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc".

Edna Silva e Estera Menezes (2005) definem que o estudo qualitativo preocupa-se com fatos e aspectos da realidade que não podem ser quantificados, considerando um vínculo entre o mundo real e o sujeito. Esta forma não usa métodos ou técnicas estatísticas, seu enfoque é na compreensão e explicação de fenômenos sociais. "O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem". (2005, p. 20). As autoras definem os limites e riscos para essas pesquisas, como:

> excessiva confiança no investigador como instrumento de coleta de dados; risco de que a reflexão exaustiva acerca das notas de campo possa representar uma tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, além de controlar a influência do observador sobre o objeto de estudo; falta de detalhes sobre os processos através dos quais as conclusões foram alcançadas; falta de observância de aspectos diferentes sob enfoques diferentes; certeza do próprio pesquisador com relação a seus dados; sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo; envolvimento do pesquisador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados (Silveira e Córdova, 2009, p. 32).

A abordagem qualitativa é a mais indicada para este estudo, pois os resultados esperados não são números ou quantidades, e sim, interpretações descritivas. A proposta é analisar as representações artísticas e política de Pabllo Vittar na mídia, assim, números e estatísticas não são úteis para tal análise. A seguir, apresenta-se o tipo de estudo dessa pesquisa.

8.2 Tipo de estudo

"Se me ligar, eu não vou mais parar;
Eletricidade te faz delirar"
(Música *Energia Parte 2*)

Este trabalho é de tipo de estudo exploratório, que tem como objetivo proporcionar uma familiaridade com o problema, buscando assim torná-lo mais explícito e ajudar na construção de hipóteses. Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (1999, p. 87) definem que nesse tipo de estudo "empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos ou para a obtenção de observações empíricas ou para as análises de dados (ou ambas, simultaneamente)". As autoras definem que esse tipo de estudo pode ser utilizado para entrevistas, observação participante e análise de conteúdo.

Uma pesquisa exploratória busca realizar uma aproximação com objeto empírico para se perceber suas especificidades, singularidades e características. Por essas razões, esse tipo de estudo se mostra mais adequado nesta dissertação. Primeiramente, foi feita uma pesquisa minuciosa para criar familiaridade com os temas teóricos e empíricos abordados neste estudo, que são distribuídos em seis capítulos: 1. arte drag queen; 2. gênero; 3. homossexualidade no Brasil; 4. mídia e jornalismo; 5. celebridades, representações sociais e cultura pop; e, na parte empírica, 6. Pabllo Vittar. Esses tópicos são apresentados justamente para criar uma familiaridade com tais assuntos, considerando suas relevâncias para atingir os objetivos propostos. A técnica de coleta de dados é o próximo tópico abordado.

8.3 Técnica de coleta de dados

"Segura na cintura, aperta com pressão;
Vrum, vrum, vai descendo até o chão"
(Música *Garupa*)

A técnica de coleta de dados usada nesta pesquisa é dividida em duas vertentes: teórica e empírica. Na esfera teórica, a técnica utilizada é a pesquisa bibliográfica. Marconi e Lakatos (1999) comentam que essa técnica é usada quando todo o material já está publicado em relação ao objeto estudado, "desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico, etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fitas magnéticas e

audiovisuais: filmes e televisão" (1999, p. 73). Utilizar essa técnica significa que o pesquisador é quem decide a busca de fontes, que atua em toda parte teórica do estudo. Logo, ele tem um contato direto com o material, porém, não é apenas a repetição do que já foi dito ou escrito, e sim, serve como o "exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras" (1999, p. 73).

Na vertente empírica, a técnica utilizada é o estudo de caso. Segundo Silva e Menezes (2005) essa técnica é um profundo e exaustivo estudo de um ou de poucos objetos, com a missão de permitir um amplo e detalhado conhecimento. Busca investigar algum fenômeno específico contemporâneo dentro de seu contexto de realidade. Silveira e Córdova (2009) defendem que o estudo de caso pode ser um estudo de algum programa, instituição, sistema educado, pessoa, grupo, evento ou unidade social. A ideia é aprofundar no como e no porquê determinada situação supõe ser importante, buscando o que há de essencial e característico.

A pesquisa bibliográfica utilizada nesta dissertação serve para fazer o levantamento sobre os temas que a envolvem. Todo o material já está publicado e serviu de base para a construção de todos os capítulos teóricos prévios. Na parte empírica, o estudo de caso é considerado o mais adequado pois seleciona-se Pabllo Vittar como figura relevante. Pabllo despontou no cenário midiático há quatro anos, e desde então conquistou um espaço na mídia que não é usual para uma artista drag queen. A nível pessoal, o pesquisador vê a artista como um agente de mudança da comunidade LGBTQ+, da qual também faz parte. O próximo subcapítulo trata da seleção do *corpus* de análise deste estudo.

8.4 Seleção do *corpus* de análise

"É tentação, emoção, fritação;
Bota a mão no coração, que ele vai acelerar"
(Música *Buzina*)

Esta pesquisa busca resultados qualitativos, dessa forma, o *corpus* de análise deve explorar e exemplificar o tema em busca de analisar as representações artísticas e políticas de Pabllo Vittar na mídia internacional. A escolha do material é realizada pelo pesquisador a partir da pertinência e relevância com os objetivos deste estudo. O enfoque é analisar as representações feitas pela mídia fora do país de origem da artista. Essa análise acontece em um momento em que Pabllo está começando sua carreira internacional, despertando assim ainda mais interesse da imprensa estrangeira.

A escolha do *corpus* de análise baseou-se em dois princípios: primeiramente foi determinado que a pesquisa analisaria reportagens de jornais, revistas e portais de notícias internacionais, isso significa

fora do Brasil – país de origem de Pabllo Vittar. As publicações selecionadas são dos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e Espanha. Esses países, principalmente os dois primeiros, são muito relevantes para o mercado musical mundial. O segundo método de seleção foi a temporalidade. Por Pabllo possuir uma carreira relativamente recente – quatro anos – o período de abrangência dessas reportagens começa em 2017, quando aparecem as primeiras repercussões de sua carreira fora do país, e vai até o final do mês de julho de 2019.

A respeito do material oriundo de jornais, baseado na lista *Top 200 Newspapers in the World* do site *4 International Media & Newspapers* (2016), foram selecionados 15 veículos entre os 20 primeiros. O critério de escolha dessas 15 foi o continente de origem, delimitadas na Europa e América do Norte. O pesquisador foi em cada site desses jornais e na ferramenta de busca procurou "Pabllo Vittar". Contando apenas os veículos que apresentaram pelo menos um conteúdo envolvendo Pabllo (8), chegou-se a seguinte quantificação:

Quadro 3 – Jornais do *corpus* de análise

Número no ranking:	**Nome do Jornal:**	**País:**	**Quantidade de reportagens que citam Pabllo Vittar:**
1	1. The New York Times	Estados Unidos	3
2	2. The Guardian	Reino Unido	6
3	3. The Daily Mail	Reino Unido	6
10	4. The Independent	Reino Unido	1
12	5. El País	Espanha	3
18	6. Daily Mirror	Reino Unido	2
19	7. El Mundo	Espanha	3
20	8. Daily News	Estados Unidos	1
			Total: 25

Fonte: Autor (2019)

O quadro mostrando o veículo, título, data e *link* dessas 25 reportagens se encontra no Anexo A deste trabalho.

Já o material oriundo a partir de revistas e portais de notícia, outros critérios foram utilizados para a seleção do *corpus*. Primeiramente, considerando que Pabllo é uma cantora, foram selecionadas algumas revistas e sites sobre música em que Pabllo é citada pelo menos uma vez no período definido. As outras publicações foram escolhidas através de buscas na internet em que o pesquisador sabia que poderia haver algum material sobre a artista, ou até descobriu novos conteúdos. A lógica para a seleção

foi a mesma da seção anterior. O pesquisador acessou o site de cada revista ou portal de notícia e, através da ferramenta de busca pelo nome "Pabllo Vittar", obteve tais resultados:

Quadro 4 – Revistas e portais do *corpus* de análise

Nome:	**País:**	**Quantidade de reportagens que citam Pabllo Vittar:**
REVISTAS MÚSICA:		
9. Billboard	Estados Unidos	53
10. Idolator	Estados Unidos	12
11. Entertainment Weekly	Estados Unidos	2
12. Rolling Stone	Estados Unidos	9
13. The Fader	Estados Unidos	8
14. Consequence Of Sound	Estados Unidos	2
15. Variety	Estados Unidos	1
16. Spin	Estados Unidos	1
REVISTAS VARIEDADES E PORTAIS DE NOTÍCIAS:		
17. Vouge	Estados Unidos	4
18. Nylon	Estados Unidos	4
19. Paper	Estados Unidos	17
20. Remezcla	Estados Unidos	5
21. Galore	Estados Unidos	2
22. Now	Canadá	5
23. Forbes	Estados Unidos	4
24. EFE	Espanha	14
25. BBC	Reino Unido	1
26. GAY Times	Reino Unido	13
27. Out	Estados Unidos	9
28. V	Estados Unidos	5
29. Spotify (Newsroom)	Estados Unidos	2
30. Pulsopop	Estados Unidos	2
		Total: 175

Fonte: Autor (2019)

O Anexo B apresenta o quadro com o veículo, título, data e *link* das 175 reportagens das revistas, e portais de notícias.

Unindo as informações dos 30 jornais, revistas, portais e agências de notícias selecionados, chega-se ao número total de 200 reportagens. A partir de uma primeira observação desses materiais, já é possível destacar que em muitas narrativas Pabllo é apenas citada, não sendo abordada com destaque. Levando em consideração a pertinência dos objetivos deste estudo, tais materiais não fazem parte do *corpus* final de análise. São selecionados os textos que exploram a imagem da artista com maior profundidade.

Dessas 200 reportagens, 130 não exploram com profundidade a figura de Pabllo. Desse número, 70 citam a cantora por conta de colaborações musicais com outros artistas, sendo:

- 34 com Charli XCX, (músicas *I Got It; Shake It*);
- 20 com Major Lazer (música *Sua Cara*);
- 11 com Lali (música *Caliente*);
- 5 com Sofi Tukker (música *Energia Parte: 2*).

Os outros temas que Pabllo está relacionada nas outras 60 reportagens são:

- Participação nas Paradas de Orgulho LGBTQ+ dos Estados Unidos e Canadá (12);
- Citada por outros artistas, personalidades ou marcas (10);
- Músicas em setlists (7);
- Lista de indicações para o Grammy Latino 2018 (5) (A música *Sua Cara* de Major Lazer com Pabllo e Anitta foi indicada a Melhor Fusão/Interpretação Urbana);
- Participação no carnaval do Rio de Janeiro em 2018 (5);
- Listas de inspiração drag queen (5);
- Movimento "Ele Não" contra Jair Bolsonaro para Presidência do Brasil (3);
- Participação nos *Premios Juventud* de 2019 (3);
- Beijo entre Diplo e Pabllo no videoclipe de Então Vai (3);
- Indicação para o *British LGBT* Awards (2);
- Parcerias com empresas (Spotify e Facebook) (2);
- Presença no desfile da marca Moschino em 2019 (1);
- Lista de artista LGBTQ+ (1);
- Série da Netflix *Super Drags* (1).

Dessa maneira, o *corpus* final de análise se concentra em 70 reportagens que trazem Pabllo Vittar com maior destaque, composto da seguinte forma:

Quadro 5 – *Corpus* Final De Análise

Veículo	Título	Link
1. The New York Times	*Transgender Brazilians Embrace Hit Soap Opera: 'Now You Can See Us'* 07/10/2017	https://www.nytimes.com/2017/10/07/world/americas/brazil-transgender-pabllo-vittar.html
2. The Guardian	*Brazil's LGBT pop sensation: 'I want to give them strength'* 21/10/2017	https://www.theguardian.com/world/2017/oct/20/pabllo-vittar-brazil-gay-drag-queen-pop-star
3. The Guardian	*Drag queen Pabllo Vittar to star in Brazil's most storied Carnival parade* 12/02/2018	https://www.theguardian.com/world/2018/feb/12/pabllo-vittar-draq-queen-brazil-carnival
4. The Guardian	*Can drag queens become pop stars?* 06/03/2019	https://www.theguardian.com/music/2019/mar/06/can-drag-queens-become-pop-stars
5. The Daily Mail	*Drag queen to star in Rio samba parade at Brazil Carnival* 12/02/2018	https://www.dailymail.co.uk/wires/ap/article-5381931/Drag-queen-star-Rio-samba-parade-Brazil-Carnival.html
6. The Daily Mail	*Bolsonaro victory sparks fears among Brazil's LGBT+ Community* 02/11/2018	https://www.dailymail.co.uk/wires/reuters/article-6346747/Bolsonaro-victory-sparks-fears-Brazils-LGBT-community.html
7. El País	*Cielo e infierno de transexuales en un único país* 30/12/2017	https://elpais.com/internacional/2017/12/30/america/1514663564_226952.html
8. El País	*Brasil, un paraíso tropical para la siguiente cepa de 'fake news'* 23/02/2018	https://elpais.com/internacional/2018/02/23/america/1519412208_852342.html
9. Daily News	*Ridicule of leaders, samba, skimpy garb at Brazil Carnival* 12/02/2018	https://www.nydailynews.com/newswires/entertainment/ridicule-leaders-samba-skimpy-garb-brazil-carnival-article-1.3815562
10. Billboard	*Meet Pabllo Vittar: Major Lazer's Favorite Brazilian Drag Queen* 30/06/2017	https://www.billboard.com/articles/news/international/7850064/pabllo-vittar-major-lazer-brazilian-drag-queen
11. Billboard	*Pabllo Vittar Talks 'Gay Conversion Therapy' & Other LGBTQ Issues in Brazil, Plans for 2018* 16/11/2017	https://www.billboard.com/articles/news/8039129/pabllo-vittar-interview-brazil-lgbtq-issues-coca-cola-campaign

12. Billboard	*Watch Pabllo Vittar & Diplo Make Out in Steamy 'Então Vai' Music Video* 02/02/2018	https://www.billboard.com/articles/news/dance/8097946/pabllo-vittar-diplo-make-out-entao-vai-music
13. Billboard	*Inside Brazil's Drag Revolution: How New Queens Are Changing A Homophobic Culture* 02/03/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8221687/brazil-drag-revolution-pabllo-vittar-aretuza-lovi-homophobic-culture
14. Billboard	*Pabllo Vittar: Love Letter to the LGBTQ Community* 26/06/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8462332/pabllo-vittar-gay-pride-love-letter-lgbt
15. Billboard	*Brazilian Pop Star Pabllo Vittar Chats with Charli XCX About Working Together, Representation & More* 18/07/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8466030/brazilian-pop-star-pabllo-vittar-chats-charli-xcx-paper-magazine
16. Billboard	*Brazilian Drag Star Pabllo Vittar On New Album & 'RuPaul's Drag Race' Rumors: 'If She Calls Me, I'll Do It'* 10/10/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8478981/brazilian-drag-queen-pabllo-vittar-new-album-nao-para-nao-anitta-drag-race
17. Billboard	*Lauren Jauregui, Halsey & More Rally Against Brazilian President-Elect Jair Bolsonaro: 'Stay Strong'* 29/10/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8482093/artists-rally-against-brazilian-president-elect-jair-bolsonaro-tweets
18. Billboard	*Lali Reveals How Her 'Caliente' Collaboration With Pabllo Vittar Was Born* 15/11/2018	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8484987/lali-talks-pabllo-vittar-collaboration-caliente
19. Billboard	*The 10 Best Drag Queen Music Videos of 2018* 20/12/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8490303/best-drag-queen-music-videos-2018-top-10
20. Billboard	*50 Stellar Songs by LGBTQ Artists That You Might Have Missed in 2018 (But Shouldn't Have)* *27/12/2018*	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8491548/best-songs-lgbtq-artists-2018-overlooked
21. Billboard	*Pabllo Vittar Serves Up 'Barbarella' Realness in New Space-Themed 'Buzina' Video: Watch* 26/02/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8500192/pabllo-vittar-buzina-video
22. Billboard	*6 Times Pabllo Vittar Stunned Fans in Music Video Performances:*	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8484998/pabllo-vittar-best-

	Watch 27/02/2019	music-videos
23. Billboard	*Pabllo Vittar on Why 'Drag Race' Is Not in Her Future: 'I Would Be a Complete Disaster'* 29/04/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8509281/pabllo-vittar-drag-race-interview
24. Billboard	*Pabllo Vittar Curates a Pride Playlist Featuring Britney Spears, Blackpink and More: Exclusive* 25/06/2019	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8517536/pabllo-vittar-pride-playlist
25. Billboard	*Pabllo Vittar Discusses Coming Out, Shares Advice: 'Surround Yourself With People Who Love You'* 01/07/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8518169/pabllo-vittar-coming-out-advice-video
26. Billboard	*What Makes a Good Role Model? Lali, Pabllo Vittar & More Latin Artists Chime In* 19/07/2019	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8521751/latin-music-stars-talk-good-role-modeling
27. Billboard	*Becky G & Pabllo Vittar Talk Headlining 2019 Zumba Fitness Concert: Exclusive* 25/07/2019	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8523884/becky-g-pabllo-vittar-2019-zumba-fitness-concert
28. Billboard	*Pabllo Vittar Talks Representing Queer Brazilians, Working With Charli XCX On 'Flash Pose'* 26/07/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8524069/pabllo-vittar-interview-charli-xcx
29. Idolator	*Yes, Girl! Charli XCX Links Up With Pabllo Vittar On "Flash Pose"* 25/07/2019	http://www.idolator.com/7839187/yes-girl-charli-xcx-links-up-with-pabllo-vittar-on-flash-pose
30. Rolling Stone	Pabllo Vittar Joins Sofi Tukker on Breathless 'Energia' Remix 14/09/2018	https://www.rollingstone.com/music/music-latin/pabllo-vittar-sofi-tukker-energia-remix-724250/
31. Rolling Stone	*Pabllo Vittar, Charli XCX Are Camera-Ready on New Song 'Flash Pose'* 25/07/2019	https://www.rollingstone.com/music/music-news/pabllo-vittar-charli-xcx-song-flash-pose-listen-863827/
32. Rolling Stone	*Play It Again: The 10 Best Latin Music Videos of July* 31/07/2019	https://www.rollingstone.com/music/music-latin/july-latin-music-videos-anuel-aa-residente-pabllo-vittar-865695/
33. The Fader	*Charli XCX and A. G. Cook explain*	https://www.thefader.com/2017/12/1

	the secrets of her ambitious new mixtape 15/12/2017	5/charli-xcx-a-g-cook-pop-2-interview
34. The Fader	*Pabllo Vittar and Charli XCX link up on "Flash Pose"* 31/07/2019	https://www.thefader.com/2019/07/25/pabllo-vittar-and-charli-xcx-link-up-on-flash-pose
35. Consequence Of Sound	*Charli XCX teams with Pabllo Vittar for "Flash Pose": Stream* 26/07/2019	https://consequenceofsound.net/2019/07/charli-xcx-pabllo-vittar-flash-pose-stream/
36. Vogue	*What Pabllo Vittar, Pop Superstar, Means to Brazil (and the Rest of Us) Right Now* 27/11/2018	https://www.vogue.com/article/pabllo-vittar-pop-star
37. Vogue	*Watch Brazilian Pop Star Pabllo Vittar Do Her Spectacular 15-Minute Drag Transformation* 27/11/2018(Episódio 73)	https://www.vogue.com/article/pabllo-vittar-brazilian-pop-star-drag-queen-nao-para-nao-beauty-makeup-foundation-primer-kardashian-jenner-contouring-highlighting
38. Vogue	*24 Hours of Pride With Pabllo Vittar* 08/07/2019	https://www.vogue.com/article/24-hours-of-pride-with-pabllo-vittar
39. Nylon	*Charli XCX And Pabllo Vittar Will Have You Searching For A Day Rave With "Flash Pose"* 26/07/2019	https://nylon.com/charli-pabllo-vittar-flash-pose
40. Paper Magazine	*Brazilian Pop Star Pabllo Vittar Stars In Mini-Doc 'Up Next'* 15/01/2018	http://www.papermag.com/pabllo-vittar-up-next-doc-2525792383.html
41. Paper Magazine	*Charli XCX Interviews Brazilian Pop Star Pabllo Vittar* 16/07/2018	http://www.papermag.com/charli-xcx-interviews-pabllo-vittar-2587263635.html
42. Paper Magazine	*50 LGBTQ Musicians You Should Prioritize* 09/08/2018	http://www.papermag.com/50-lgbtq-musicians-2591488881.html
43. Paper Magazine	*The Business of Being Anitta* 29/08/2018	http://www.papermag.com/anitta-queen-of-brazilian-pop-2599818510.html?rebelltitem=1#rebelltitem1
44. Paper Magazine	*Bops Only: 10 Songs You Need to Start Your Weekend Right* 05/10/2018	http://www.papermag.com/bops-only-10-songs-2610281335.html

45. Paper Magazine	*Keeping Up With Pabllo Vittar* 08/10/2018	http://www.papermag.com/catching-up-with-pabllo-vittar-2610958922.html
46. Paper Magazine	*Bops Only: 10 Songs You Need to Start Your Weekend Right* 26/07/2019	https://www.papermag.com/bops-only-icona-pop-2639355401.html
47. Remezcla	*Meet Brazilian Pop Star Pabllo Vittar, the Drag Queen Who's Bigger Than RuPaul on YouTube* 17/08/2017	https://remezcla.com/features/music/pabllo-vittar-interview/
48. Remezcla	*This Mini-Doc Follows Drag Queen Pabllo Vittar's Journey From Church Choir to Brazilian Pop Star* 12/01/2018	https://remezcla.com/music/pabllo-vittar-apple-music-up-next-documentary/
49. Galore	*Lali is the ultimate Latin Triple Threat* 29/01/2019	https://galoremag.com/lali-esposito-ultimate-latin-triple-threat/
50. Galore	*Brazilian Based Bombshell Pabllo Vittar Fights Hate With Love* 02/07/2019	https://galoremag.com/pablo-vittar/
51. NOW	*15 can't-miss music acts playing Toronto Pride 2019* 19/06/2019	https://nowtoronto.com/music/features/toronto-pride-best-music-2019/
52. NOW	*Brazil's queer music scene is a source of hope in a conservative political climate* 09/07/2019	https://nowtoronto.com/music/features/brazil-queer-music-pabllo-vittar/
53. Forbes	*Pabllo Vittar Discusses World Pride 2019, Comforting Fans Amid Heated Politics & How She Plans To Get To 'Rihanna Level'* 30/06/2019	https://www.forbes.com/sites/jeffbenjamin/2019/06/30/pabllo-vittar-discusses-world-pride-2019-comforting-fans-amid-heated-politics–how-she-plans-to-get-to-rihanna-level/#137b5464a81f
54. Forbes	*Brazilian Drag Superstar Pabllo Vittar Is Ready For Her Close-Up In 'Flash Pose' Video* 26/07/2019	https://www.forbes.com/sites/cmalone/2019/07/26/brazilian-drag-superstar-pabllo-vittar-is-ready-for-her-close-up-in-flash-pose-video/
55. EFE	*Pabllo Vittar, la drag queen brasileña que quiere conquistar el mundo* 03/10/2018	https://www.efe.com/efe/america/cultura/pabllo-vittar-la-drag-queen-brasilena-que-quiere-conquistar-el-mundo/20000009-3769932

56. EFE	*Lali Espósito lanza un mensaje de inclusión con "Caliente"* 09/11/2018	https://www.efe.com/efe/america/cultura/lali-esposito-lanza-un-mensaje-de-inclusion-con-caliente/20000009-3808333
57. BBC	*Quién es Pabllo Vittar, la cantante drag queen más famosa de Instagram* 07/05/2019	https://www.bbc.com/mundo/noticias-48181014
58. Gay Times	*Diplo makes out with drag queen Pabllo Vittar in steamy Então Vai music video* 05/02/2018	https://www.gaytimes.co.uk/culture/98663/diplo-makes-drag-queen-pabllo-vittar-entao-vai-music-video/
59. Gay Times	Here's why you won't see Pabllo Vittar competing on RuPaul's Drag Race 29/04/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/121725/heres-why-you-wont-see-pabllo-vittar-competing-on-rupauls-drag-race/
60. Gay Times	Go behind the scenes on Pabllo Vittar's fierce GAY TIMES cover shoot 22/05/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/122426/go-behind-the-scenes-on-pabllo-vittars-fierce-gay-times-cover-shoot/
61. Gay Times	Pabllo Vittar is a beacon of hope for Brazil's LGBTQ community 31/05/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/122799/pabllo-vittar-is-a-beacon-of-hope-for-brazils-lgbtq-community/
62. Gay Times	26 of the best LGBTQ anthems that have been released in 2019 so far 02/07/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/123960/26-of-the-best-lgbtq-anthems-that-have-been-released-in-2019-so-far/
63. Gay Times	Pabllo Vittar and Charli XCX announce new single Flash Pose 16/07/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/124712/pabllo-vittar-and-charli-xcx-announce-new-single-flash-pose/
64. Gay Times	*Pabllo Vittar and Charli XCX team up on new queer anthem Flash Pose* 26/07/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/125120/pabllo-vittar-and-charli-xcx-team-up-on-new-queer-anthem-flash-pose/
65. Gay Times	*Pabllo Vittar and Charli XCX strike a pose in Flash Pose music vídeo* 26/07/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/125155/pabllo-vittar-and-charli-xcx-strike-a-pose-in-flash-pose-music-video/
66. Out	*Aja Spills on That Death Drop, Milk, & Why All Stars 3 is the Most 'Shocking' Season Yet* 08/02/2018	https://www.out.com/interviews/2018/2/08/aja-spills-death-drop-milk-why-all-stars-3-most-shocking-season-yet

67. Out	*Pabllo Vittar Talks Musical Inspiration, Tour Schedule, & Drag* 11/10/2018	https://www.out.com/out-exclusives/2018/10/11/pabllo-vittar-talks-musical-inspiration-tour-schedule-drag
68. V Magazine	*The Life and Times of Pabllo Vittar* 25/07/2019	https://vmagazine.com/article/the-life-and-times-of-pabllo-vittar/
69. Spotify (Newsroom)	Pop Star Pabllo Vittar Gives Voice to Brazil's LGBTQ Community 23/01/2019	https://newsroom.spotify.com/2019-01-23/pop-star-pabllo-vittar-gives-voice-to-brazils-lgbtq-community/
70. Pulsopop	Pabllo Vittar Celebrates Pride Month with First-Ever US Tour [VIDEO + PHOTOS] 26/06/2019	http://www.pulsopop.com/pabllo-vittar-us-tour-pride-month-interview-video/

Fonte: Autor (2019)

Dividindo as reportagens a partir do veículo, obtemos a seguinte quantificação:

Quadro 6 – Números de reportagens por veículo

Nome:	**Número de reportagens:**
1. The New York Times	1
2. The Guardian	3
3. The Daily Mail	2
4. El País	2
5. Daily News	1
6. Billboard	19
7. Idolator	1
8. Rolling Stone	3
9. The Fader	2
10. Consequence Of Sound	1
11. Vouge	3
12. Nylon	1
13. Paper	7
14. Remezcla	2
15. Galore	2
16. Now	2
17. Forbes	2

18. EFE	2
19. BBC	1
20. GAY Times	8
21. Out	2
22. V	1
23. Spotify (Newsroom)	1
24. Pulsopop	1
Total:	**70**

Fonte: Autor (2019)

Encerra-se aqui a parte que selecionou o *corpus* de análise desta pesquisa e sua descrição. A seguir, é apresentado o procedimento de análise de dados.

8.5 Procedimento de análise

"Me encara, se prepara;
Que eu vou jogar bem na sua cara"
(Música *Sua Cara*)

Nesta pesquisa, o procedimento de análise de dados utilizado é a análise de conteúdo (AC) elaborada por Roque Moraes (1999), porém, com alterações. A AC, é uma técnica que serve para descrever e interpretar o conteúdo de todos os tipos de documentos e textos. "Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum" (Moraes, 1999, p. 2).

O material de análise para esse procedimento pode vir de qualquer comunicação verbal ou não, "como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos auto-biográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos etc." (1999, p. 2). Esses dados chegam ao investigador em estado bruto, onde então são processados para facilitar a compreensão, interpretação e inferência, que são as principais etapas para esse procedimento de análise. Em pesquisas qualitativas, Moraes (1999) define que a AC parte de um conjunto de pressupostos, que, no exame de um material, são a base para se compreender seu sentido simbólico, que nem sempre é explícito ou único.

É preciso lembrar que o texto que será analisado pode ter mais do que uma perspectiva, e, como ressalta o autor (1999), é impossível fazer uma análise neutra. Ela sempre será baseada na interpretação pessoal do pesquisador, pois, toda leitura possui uma forma diferente de interpretação. Essa, ainda

depende do contexto em que os dados estão inseridos, o que deve ser explicitado. Embora o contexto possa estar expresso no material de análise, ele precisa ser discutido pelo pesquisador, para estabelecer determinados limites de tempo e espaço.

Nesta dissertação a análise de conteúdo mostra-se apropriada pois a intenção é fazer uma reinterpretação das mensagens divulgadas na mídia internacional para destacar quais são as representações artísticas e políticas da drag queen Pabllo Vittar na mídia, buscando desvendar quais outros sentidos essas mensagens podem ter. O material que é analisado condiz a proposta, pois todo *corpus* é formado por reportagens e notícias divulgados na internet pelos veículos de comunicação. O pesquisador recolheu os dados de maneira bruta e a partir de então o organizou, buscando melhor eficácia.

Cinco etapas formam a Análise de Conteúdo proposta por Moraes (1999, p. 4) e foram readequadas para este estudo:

1: preparação das informações: o pesquisador identificou e selecionou conjunto de amostra para a análise, afim de organizar as informações. Através da procura no website dos 30 veículos (jornais, revistas e portais de notícias), foram selecionadas 200 reportagens que têm pelo menos uma vez escrito "Pabllo Vittar" em seu texto. Percebeu-se então que em muitas reportagens Pabllo era apenas citada, não explorando sua imagem. A partir de critérios de pertinência e relevância para a análise e preocupando-se em responder a pergunta de pesquisa, foi delimitado que nem todo os textos estariam presentes. O material foi novamente lido e chegou-se ao *corpus* final composto por 70 reportagens. Para facilitar a pesquisa no material, usou-se uma codificação definida a partir do veículo jornalístico, para assim fazer a unitarização e transformação em unidades.

2: unitarização ou transformação do conteúdo em unidades: novamente, o pesquisador leu o material submetido para a análise para perceber as unidades de análise, que é "o elemento unitário de conteúdo a ser submetido posteriormente à classificação. Toda categorização ou classificação, necessita definir o elemento ou indivíduo unitário a ser classificado" (1999, p. 5). O pesquisador então compôs ao total 10 unidades de análise (quadro 7), definidas através de temas que constantemente aparecem no conteúdo do *corpus*.

3: categorização ou classificação das unidades em categorias: com o intuito de agrupar as unidades de análise considerando suas similaridades ou analogias, são criadas as categorias de análise. Nesta dissertação, o procedimento para a definição dessas categorias foi temático, sempre considerando o problema de pesquisa, objetivos e os elementos na análise, como disserta Moraes (1999). Dessa forma, foram criadas duas categorias temáticas de análise: **Carreira Artista** e **Política**

(quadro 7). Essas escolhas são justificadas por conta das unidades de análise, isso são, os temas mais presentes no material.

Quadro 7 – Categorias e unidades de análise

CARREIRA ARTÍSTICA:	**POLÍTICA:**
• Vida Pessoal • Primeira montaria • Drag Queen • Trabalho musical • Sucesso *mainstream* • RuPaul	• Gênero • País que mais mata LGBTQ+ no mundo • Bolsonaro • Representatividade LGBTQ+

Fonte: Autor (2019)

É necessário destacar que no *corpus* de análise, diversas vezes, essas duas categorias temáticas (carreira artística e política) convergem e sobrepõem-se no mesmo material. Com uma relação mútua, torna-se impossível enquadrar determinado conteúdo em apenas uma das categorias; logo, o material é livre para ser explorado em ambas esferas nos melhores enquadramentos definidos pelo pesquisador.

4: descrição: essa é a etapa para analisar o resultado desse processo. Aqui, cada categoria é descrita baseando-se nas unidades de análise. É a ligação entre material teórico e o *corpus* de análise. Através de citações indireta e diretas, o material se interliga a fim de ressaltar e analisar as representações artísticas e políticas de Pabllo Vittar, e também dos valores-notícia que envolvem cada categoria.

5: interpretação: para além de uma descrição, é importante ir além, aprofundar-se no conteúdo das mensagens a partir da inferência e interpretação. Mesmo que todo texto criado seja uma interpretação, neste momento "o analista de conteúdo exercita com maior profundidade este esforço de interpretação e o faz não só sobre conteúdos manifestos pelos autores, como também sobre os latentes, sejam eles ocultados consciente ou inconscientemente pelos autores" (1999, p. 9). Neste estudo, a interpretação das representações destacadas é feita pelo pesquisador comitantemente com a descrição, buscando ter maior eficácia.

Finaliza-se aqui o capítulo que traz a metodologia desta pesquisa. A seguir, apresenta-se a análise das representações artísticas e políticas da drag queen Pabllo Vittar na mídia.

9 REPRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS E POLÍTICAS DE PABLLO VITTAR NA MÍDIA

"Permita que eu fale;
Não as minhas cicatrizes"
(Música *AmarElo*)

Este capítulo é dedicado a analisar as representações artísticas e políticas na mídia internacional da drag queen brasileira Pabllo Vittar. Ao total de 200 reportagens selecionadas, 70 são analisadas nesta dissertação, considerando essas serem as mais pertinentes do *corpus* de acordo com os objetivos desta pesquisa. Em muitas reportagens Pabllo é apenas citada, sua imagem não é explorada, então, esses materiais não são considerados para a análise. Para atingir os resultados, e segundo o procedimento de análise explicado acima, a análise foi dividida em duas grandes categorias temáticas que emergem do *corpus* selecionado: Carreira Artística e Política e consequentemente em 10 subcategorias. As reportagens estão sinalizadas a partir do número exposto no quadro 3 apresentado no capítulo anterior. As referências desses materiais estão no Anexo C deste trabalho.

9.1 Categoria Temática 1: Representações da Carreira Artística

"Vida segue leve agora;
O sol já nasceu de novo..."
(Música *Ouro*)

A primeira categoria de análise da conta sobre representações que cercam a carreira artística da drag queen brasileira Pabllo Vittar, e é dividida em seis tópicos: vida pessoal, primeira montaria, drag queen, trabalho musical, sucesso *mainstream* e RuPaul. Um primeiro aspecto que nota-se é que Pabllo em todas matérias é reconhecida por seu trabalho como drag queen, e, ao ser apresentada, grande parte dos textos a atribuem adjetivos, como por exemplo: é vista como um "ícone amado entre muitos brasileiros e um emblema de fluidez de gênero" (reportagem 1)[20]; "sensação na cena pop brasileira" (3, 5 e 9)[21]; "maior fenômeno pop dos últimos anos" e uma inspiração para muitas drag queens (7 e 8)[22]; artista que proporcionou o "renascimento drag no Brasil" (16)[23]; "ícone drag brasileira" (17)[24]; "uma das drag queens mais bem sucedidas da era moderna" (19)[25]; "superestrela drag"[26] (20 e 22); uma das maiores artistas de sucesso da cultura pop drag queen (23); "feroz, obstinada e empoderada cantora e

[20] No original: icon among many Brazilians and an emblem of gender fluidity.
[21] No original: a sensation in the Brazilian pop scene.
[22] No original: el mayor fenómeno pop de los últimos años.
[4] No original: a drag renaissance in Brazil.
[24] No original: Brazilian drag icon.
[25] No original: one of the most successful drag stars of the modern age.
[26] No original: drag superstar.

superestrela drag" (24)[27]; "drag queen sensação brasileira" (27)[28]; "megaestrela brasileira e artista drag" (28)[29]; "carismática estrela pop brasileira" (30)[30]; "notável artista drag" (31)[31]; "sensação drag brasileira" (33)[32]; "superestrela drag brasileira"[33] (34, 52, 54, 59 e 60); "megaestrela drag da américa latina" (35)[34]; "estrela pop e sensação midiática LGBTQ" (36)[35]; "maior estrela drag do planeta" (37)[36]; "uma das drags queens mais populares do planeta" e "uma genuína estrela pop brasileira" (38)[37]; "estrela popstar brasileira" (40)[38]; "drag queen brasileira e uma estrela pop, e, obviamente, um ícone" (41)[39]; "estrela pop drag brasileira" (42)[40]; "drag queen brasileira superestrela pop" (43)[41]; "ícone brasileiro, artista drag e incrível cantora" (45)[42]; diva pop brasileira e *hitmaker* (48)[43]; drag queen brasileira, cantora e compositora (50)[44]; "uma das estrelas da música em ascensão mais visíveis do Brasil internacionalmente e também drag queen" (51)[45]; "uma das drag queens mais famosas do mundo" (53)[46]; "estrela pop e drag queen" (57)[47]; "cantora, compositora e drag queen brasileira" (58)[48]; "ícone mais proeminente e visível da comunidade LGBTQ" (62)[49]; "sensação drag brasileira" (63, 64 e 65)[50]; "ícone LGBT brasileiro" (67)[51]; "drag queen fenômeno do pop" (68)[52]; "estrela pop" (69)[53]; e "cantora, compositora e drag queen brasileira" (70)[54].

Apenas com esses destaques já podemos considerar que a figura de Pabllo desperta, no mínimo, interesse pelos veículos jornalísticos, que elogiam e engrandecem seu trabalho e sucesso. Como disserta

[27] No original: fierce, unapologetic, and empowering singer and drag superstar.
[28] No original: Brazilian drag queen sensation.
[29] No original: Brazilian megastar and drag artist.
[30] No original: Charismatic Brazilian star.
[31] No original: Noted drag artist.
[32] No original: Brazilian drag sensation.
[33] No original: Brazilian drag superstar.
[34] No original: Latin American drag megastar.
[35] No original: LGBTQ pop star and media sensation.
[36] No original: biggest drag star on the planet.
[37] No original: one of the world's most popular drag queens; bona fide Brazilian pop star.
[38] No original: Brazilian Pop Star.
[39] No original: Brazilian drag queen and pop star, is, of course, an icon.
[40] No original: Brazilian drag performer pop star.
[41] No original: Brazil's premiere drag queen-turned-pop superstar.
[42] No original: Brazilian icon, drag performer, and incredible singer.
[43] No original: Brazilian drag pop diva.
[44] No original: Brazilian drag queen, singer, and songwriter.
[45] No original: One of Brazil's most visible rising music stars internationally also happens to be a drag queen.
[46] No original: one of the world's most famous drag queens.
[47] No original: Estrella pop y drag queen.
[48] No original: Brazilian singer-songwriter and drag queen.
[49] No original: the most prominent and visible icon for Brazil's LGBTQ Community.
[50] No original: Brazilian drag sensation.
[51] No original: Brazilian LGBTQ icon.
[52] No original: Drag-queen-turned-pop-phenom.
[53] No original: Pop Star.
[54] No original: Brazilian singer-songwriter and drag queen.

M. V. da Silva (2014), o jornalismo ao longo dos séculos já possuiu diversas definições, sendo talvez um retrato, um espelho, um reflexo ou uma consequência da sociedade. Para a autora, o jornalismo é um dos principais articuladores da produção de saberes do dia a dia, que possuem a função de orientar e "educar" a sociedade. Por sua função "educativa", o jornalismo possui a missão de "explicar" o mundo, baseando-se na "verdade", utilizando-se de recursos técnicos e humanos que são capazes de ilustrar esses pensamentos, gerando assim significados concretos. Aqui, o jornalismo é visto como uma construção social fundamentado em diversos retratos de realidades baseados em aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais. Essa exposição que Pabllo possui na mídia internacional também pode ser relacionado com conceito de teoria da agenda elaborado por Maxwell McCombs e Donald Shaw na década de 1970. A ideia da teoria é que a mídia tem o poder de agendar pautas e temas que organizam a vida da sociedade, e assim, consegue determinar os temas das conversas do cotidiano. Dessa forma, os materiais que a mídia enfatiza, ao longo do tempo, tornam-se temas considerados relevantes para o público. Nessa ideia, por exemplo, ao enfatizar a figura de Pabllo, a mídia a seleciona como importante, e assim a sociedade a percebe como relevante.

Como observado nos destaques sobre Pabllo, ela é reconhecida pela sua nacionalidade, ascensão de sua carreira, talento, sucesso e performance drag. Diversos textos do *corpus* ainda atribuem adjetivos à sua figura, como por exemplo: "sensação drag/pop"; "fenômeno" e "superestrela/megaestrela/estrela pop". Esses destaques podem ajudar a entender os critérios de noticiabilidade que envolvem Pabllo. Pelo reconhecimento em sua carreira, a partir de suas músicas, videoclipes, colaborações e performances, a mídia percebe Pabllo como alguém que merece ser noticiada. Um tema que pode ser relacionado a partir dessa contextualização é a estereotipação. Para Melo e Assis (2016), a estereotipação é uma estratégia usada pela indústria cultural para a dominação das massas. Servem para localizar e orientar as experiencias da realidade social para a sociedade. E ela não está apenas no conteúdo ideológico, mas também na forma, delineamento, característica e em qualquer elemento que auxilia na definição de identidade dos produtos midiáticos. Silveira (2019) define que a estereotipação possui duas vertentes: a primeira é necessária para o processamento da informação, sendo uma forma requisitada para criar a sensação de ordem. A segunda analisa os estereótipos como construções simbólicas enviesadas, e estão relacionadas com a obrigatoriedade de se possuir opiniões definidas sobre temas vitais para a sociedade. E é nessa vertente que a relação com o poder aparece, pois esses estereótipos são fundados em pré-julgamentos e pressupostos definidos a partir de comportamentos, visões de mundo e história dos grupos sociais. Então, agem como forma de controle social, marcando as fronteiras simbólicas entre "normal" e "anormal", natural e patológico, etc.

A partir dessa primeira contextualização sobre a temática artística, e referente à mesma, o primeiro tópico analisa representações da vida pessoal de Pabllo. A justificativa para essa unidade estar nesta categoria é que serve de pilar para compreender melhor como Pabllo começou sua carreira como drag queen.

9.1.1 Vida Pessoal

Esta unidade busca analisar as representações sobre a vida pessoal de Pabllo, que é comentada em alguns textos. As reportagens 2, 24, 57 e 67 citam o nome de batismo da artista, Phabullo da Silva Rodrigues. O fato que Pabllo nasceu em São Luís, no estado do Maranhão, e morou no interior do estado do Pará quando criança é citado nos textos 2, 57 e 61. Sobre sua infância, Pabllo conta para a Out Magazine (67) que escutava muito as músicas que sua mãe ouvia, que iam de Madonna à músicas nordestinas. Desde que começou a cantar no coral da igreja, Pabllo diz que nunca mais parou, e assim começou a participar de alguns concursos regionais, programas de TV e desfiles LGBTQ+. Pabllo comenta para a BBC (57) que a música sempre esteve em sua vida e vê que sua mãe foi uma apoiadora de sua carreira desde cedo, pois a levava para cantar na igreja. Na Galore (50), Pabllo revela que ia para a igreja apenas para poder cantar e na adolescência começou a se apresentar onde podia, seja em bares ou pequenas festas.

Pabllo reconhece para o The Guardian (2) o apoio incondicional de sua matriarca e família. Sua homossexualidade nunca foi um problema interno e sempre foi aceito dentro de casa, onde sua mãe sempre respeitou e deu liberdade para suas vontades. O texto ressalta que isso é uma exceção, pois muitas famílias brasileiras são hostis a crianças LGBTQ+. Para a Billboard (14), a drag confessa que sempre soube que era gay, e sempre teve o apoio de sua família para lutar pelos seus sonhos. No mesmo veículo (25), Pabllo conta que nunca precisou se assumir, sempre teve esse jeito e nunca teve problemas com isso em sua família. Se considera abençoada, pois sua mãe sempre a deixou ser do jeito que queria ser, desde que respeitasse os outros. Foi aos 15 anos que contou para sua mãe, que não ficou surpresa, pois já sabia da orientação sexual do filho. Para as pessoas que ainda passam por essa difícil situação de assumir sua homossexualidade, Pabllo fala: “Todo mundo tem seu tempo e o que eu digo é se cerquem das pessoas que te amam e te respeitam, e tenham seu tempo” (25). Diferente de Pabllo, é um fato que a homossexualidade sempre foi um tema complexo na sociedade e na vida de muitos sujeitos. J. S. Trevisan (2018) pondera que as infinitas possíveis explicações da ciência para a homossexualidade parecem sustentar-se em aspectos patológicos justificados como falhas químicas ou comportamentais, demonstrando, talvez, um preconceito enraizado. Achar justificativas para

sexualidades desviantes mostra-se inútil e irrelevante. Mas é preciso enfatizar: não é uma "opção" ou "escolha". Conforme Baker (1994); Amanajás (2014) e Moncrieff e Lienard (2017) é a partir do século XVIII que, pela primeira vez, a drag queen e a homossexualidade se conectam. Desde que mulheres biológicas tiveram permissão de atuar em peças representando seu gênero, a drag foi excluída dos palcos do teatro. Assim, as drag queens que trabalhavam, homens homossexuais, faziam por amor à arte, e começavam a performar em lugares estritamente gays. Na opinião de Baker (1994) a drag queen parece ter sido intrinsicamente ligada com a homossexualidade masculina porque ela é vista como uma forma de drag corporal. Daquela época para cá, parece impossível desvincular a drag queen e a homossexualidade. Além de quase sempre ser feita por homens homossexuais – o que não é uma regra –, que são reconhecidos como tais, a drag se relaciona com o homem gay por seu aparente desprezo e crítica as normas da sociedade.

A EFE (55) destaca que a mãe da artista sempre a apoiou e aceitou como ela é, e ainda diz que, mesmo sendo "vítima de bullying verbal, psicológico e físico nas escolas, Vittar nunca desistiu e se agarrou a Deus, sua mãe, sua família e seus entes queridos para superar obstáculos" (55)[55]. O texto do The Guardian (2) é o único que cita explicitamente um episódio emblemático da infância de Pabllo: quando criança, no intervalo da escola, atiraram um prato de sopa quente em cima dela; a justificativa para tal ato seria seu jeito afeminado.

Pabllo conta (57) que não teve uma figura masculina em casa, cresceu num universo feminino e sempre foi muito afeminada. Por conta desse seu jeito sofreu preconceito, contudo, teve o apoio de sua mãe; e ainda aconselha: "Para os pais que tem seus filhos LGBTQ+, abracem seus filhos. Eles vão ser seus filhos para o resto da vida" (57). A artista admite para a Paper Magazine (41) que foi difícil crescer sendo gay. Sempre teve o sonho de performar, estar no palco, cantar e fazer arte. Porém, havia momentos em que não acreditava ser possível por todo o bullying sofrido. "As pessoas na escola diziam que eu nunca seria alguém, e por muito tempo na minha vida, eu acreditei nisso, mas quando você tem seus pais, sua família e amigos te apoiando, tudo fica mais fácil. Eu me sinto abençoada por ter pessoas tão boas ao meu redor" (41)[56]. Baker (1994) e J. S. Trevisan (2018) lembram que a palavra "homossexual" é de autoria do médico austro-húngaro Karl Maria Kertbeny de 1896, em um período que se queria intervir nessa "anormalidade". Desde a criação do termo, essa categoria causa confusão e ansiedade na sociedade. Louro (2018) vê a homossexualidade e o sujeito homossexual como

[55] No original: Víctima de acoso escolar verbal, psicológico y físico, Vittar nunca se rindió y se aferró a Dios, a su madre, a su familia y a sus seres queridos para vencer los obstáculos.

[56] No original: People at school would say that I would never be anyone, and for a long time in my life, I believed that, but when you have your parents, your family and friends supporting you, everything is easier. I feel blessed for having such good people around me.

construções do século XIX, e que, quando surgiu, marcaria e categorizaria a pessoa como desvio da norma, onde apenas a segregação ou o segredo seriam opções para sua vida. Historicamente, a homossexualidade é uma categoria que luta contra o poder e a heterossexualidade compulsória. Com o passar dos séculos, as categorias LGBTQ+ tornam-se lutas na sociedade e cada vez mais o movimento agrega grupos de sexualidades desviantes.

Nesta unidade de análise percebe-se que a história de vida, homossexualidade e família de Pabllo são as principais representações abordadas. A respeito dos valores-notícia, que são o conjunto de critérios e processos que determinam se determinado acontecimento é digno de ser noticiado, e que não são rígidos ou universais, a partir do Quadro 1 proposto por G. Silva (2005), percebe-se os seguintes valores-notícia: polêmica (controversa) e proeminência (celebridade). Esses valores são justificados por conta da importância dada a homossexualidade, que, historicamente está relacionada com a disputa de poder e a controversa causada na sociedade. A proeminência justifica-se pelo fato de Pabllo ser uma pessoa de destaque na mídia, e apenas esse fato já possui valor para uma notícia ser criada sobre ela. Percebe-se como as narrativas dão importância para a família de Pabllo. Mesmo não conhecendo seu pai biológico, Pabllo teve todo o apoio para ser drag queen, uma profissão que poderia assustar muitas famílias brasileiras. O fato de a homossexualidade de Pabllo não ter sido um problema também é um destaque, já que, muitos LGBTQ+ não possuem o apoio ou respeito de suas famílias.

Acaba aqui a primeira unidade de análise deste capítulo. A próxima unidade aborda a primeira vez que Pabllo se montou.

9.1.2 Primeira Montaria

A primeira vez que Pabllo se montou é um tema frequente no material selecionado, explorado agora. Nas reportagens 10, 37, 47, 55, 57, 61 e 67 Pabllo conta que começou a se montar por diversão no seu aniversário de 18 anos. Ela recorda na narrativa 57 que foi para o estado de São Paulo por volta dos 16 anos para tentar uma carreira, sem sucesso. Então trabalhou em diversos locais, como salão de cabelereiro, *fast food* e telemarketing, até que começou a cantar em pequenas festas, onde não ganhava dinheiro, mas era um começo.

Na Vogue (37), ela lembra que já cantava em alguns bares de sua cidade, porém, não como drag queen. Era a "bichinha" que usava umas roupas femininas e saía com seu jeito afeminado. Mas, quando se montou a primeira vez, descreve como uma experiencia surreal. Rupp, Taylor e Shapiro (2010) dizem que a drag tem uma tendência ao engajamento na transição de gênero, onde ser drag ajuda na questão de identidade e assim, muitas começam a se montar por diversão em busca de uma atitude

transgressora. Moncrieff e Lienard (2017) definem que os principais motivos para jovens tornarem-se drag queens são: o desejo de elevação de posição social e econômico; o envolvimento dentro da comunidade gay; e uma possível carreira artística. Na visão dos autores (2017), ser drag para esses jovens parece ser uma das maneiras mais fáceis de conseguir aceitação e reconhecimento. Para jovens gays de classes menos favorecidas, os autores avaliam que o trabalho drag pode ser uma marca de distinção de sua condição social. Mesmo sendo necessário um alto investimento, gays marginalizados são atraídos para a arte drag por conta de possíveis benefícios, como uma reputação melhor e talvez um retorno financeiro a partir de suas carreiras. "O fenômeno drag queen fornece um interessante estudo de caso em que determinados sinais comportamentais melhoram a reputação e o bem-estar dos indivíduos, ao mesmo tempo em que são inteiramente dissociados de qualquer benefício reprodutivo" (2017, p. 1)[57]. Taylor e Rupp (2004) pensam que muitos intérpretes fazem drag pelo fato de serem gays e são atraídos por sua afeminilidade. Amanájas (2014) observa que existe uma empolgação em jovens gays se montarem, porém, é necessário conscientizar que a arte drag queen é séria; não é apenas sobre beleza e divertimento próprio. Há uma responsabilidade com a arte e a função social cênica que ela representa no entretenimento e na política.

Nas reportagens 37 e 61, Pabllo lembra que no início de sua carreira, usava o nome Pabllo Knolwes, mesmo sobrenome da cantora Beyoncé, sua maior inspiração. Contudo, quando começou a profissionalizar sua carreira, retirou, pois sabia que teria problemas com a norte-americana por usar seu sobrenome. Essa ideia remete com o que pensa Vencato (2002), que diz existir duas formas para a escolha pelo nome drag. Uma das maneiras é a partir de artistas que são inspirações para as drag queens, sendo principalmente influenciada pela cultura pop norte-americana – como no começo de sua carreira ao ser chamada de Pabllo Knolwes, em homenagem a Beyoncé. A outra forma é oriunda de uma ramificação, de qualquer forma, do nome masculino, que geralmente começa com um apelido. Essa forma também é utilizada por Pabllo, a partir da criação de uma nova estética para seu nome e ainda a criação do sobrenome Vittar. Assim, pode se concluir que Pabllo utilizou dessas duas maneiras para a composição do nome de sua personagem. Vencato (2002) diz ainda que o nome da drag carrega toda sua reputação, e, depois de estabilizado e reconhecido, é difícil de ser mudado, pois torna-se a marca registrada da artista. Brasil (2017) concorda ao comentar que novas drag queens tem como inspiração, principalmente, divas pop, onde certamente Beyoncé é um dos principais nomes. Na visão de Amanájas (2014, p. 20), essas cantoras pop incentivam a liberdade sexual, de expressão e a

[57] No original: The drag queen phenomenon provides an interesting case study where particular behavioral signals enhance individuals' reputation and welfare, while being entirely decoupled from any reproductive payoff.

reinvenção de sujeitos, servindo "mais do que inspiração para as drag queens: tornaram-se um modo de vida".

Pabllo expõem para a Billboard (10) que desde a primeira vez que se montou até hoje, já evoluiu muito para encontrar uma estética própria que lhe agrada. No texto da agência de notícias EFE (55), Pabllo confessa que sempre quis ser cantor, porém, ao se montar pela primeira vez, viu que seria uma drag queen. "Esse dia foi muito bom porque, embora eu já estivesse cantando, algo estava faltando, e naquele dia, quando conheci Pabllo Vittar, quando me vi pela primeira vez no espelho, disse a mim mesma: era isso que eu queria para mim" (55)[58]. Ao definir o termo drag queen, Baker (1994) opina que a união dessas duas expressões parece fazer uma declaração a sexualidade do artista, onde transmite a ousadia, a agressividade e a autoconfiança da arte drag. Chidiac e Oltramari (2004) opinam que as características da feminilidade de cada drag são explicitadas através de suas montarias, indumentárias e outras técnicas que ajudam a compor a representação do corpo feminino de cada uma. Essa construção, ressaltam os autores, "brinca e satiriza essas diferenças, esses estereótipos arraigados às relações de gênero" (2004, p. 475).

Pabllo conta nas reportagens 37, 61 e 67 que aprendeu a se maquiar assistindo vídeos online aos 16 anos usando os produtos de amigas e irmã, e, mesmo quase sempre não dando certo, nunca desistiu e hoje consegue maquiar-se sozinha para suas apresentações. Em novembro de 2018 Pabllo participou da série de vídeos *Beauty Secrets* da revista Vogue (37), onde personalidades do ramo de beleza, moda e cultura pop mostram segredos, rotina e produtos de beleza usados. Os audiovisuais são gravados pelas próprias participantes em frente a um espelho. O vídeo de Pabllo possui 15 minutos e mostra um pouco do processo de maquiagem para sua drag. No início do vídeo, Pabllo conta que não costuma filmar se maquiando, e reconhece que se maquiar é uma terapia nos momentos de stress. Em outro momento, fala sobre as marcas de maquiagem que usa, e dá algumas dicas de como usar os produtos, mostrando em si mesma. Ao finalizar o vídeo ela diz: "Quem gostou bate palma, quem não gostou, paciência. Não estou aqui para agradar todo mundo. Estou aqui para fazer meu papel" (37). A figura da drag queen é vista por Chidiac e Oltramari (2004) como uma persona que supera o binarismo de gênero. A partir de conceitos de beleza e vaidade, montam suas personagens, onde buscam dentro de si um "outro" que não é acessível sem se submeter o processo de montaria. Como lembra Vencato (2002), essa busca por esse "outro" é apenas por um tempo limitado. "Aquele Outro 'proibido', não acessível, aquele que 'é' o complemento e nunca o 'eu'. Carregam, com isso, o fascínio do poder ser ou talvez poder estar,

[58] No original: Ese día fue muy estupendo porque aunque yo ya cantaba algo estaba faltando y ese día, cuando conocí a Pabllo Vittar, cuando me vi por primera vez a través del espejo, me dije: eso es lo que yo quería para mí.

masculino e feminino ao mesmo tempo. E brincar com isso, o tempo todo" (2002, p. 102).

Como percebido nesta unidade de análise, a primeira vez que se montou, e todo o processo de montaria, é um tópico relevante em diversos textos. Aqui, os valores-notícia, propostos a partir de G Silva (2005) são: proeminência (notoriedade e celebridade) e entretenimento/curiosidade (divertimento). Por sua notória carreira e seu status de celebridades, as reportagens têm interesse em saber como foi seu início como drag queen, como aprendeu a se maquiar, como formou seu nome drag e, como observado na Vogue (37), como se maquia e quais produtos usa – este, um exemplo claro de um tema leve, descontraído, que busca divertir e entreter o público. As narrativas ainda destacam que Pabllo não teve um começo fácil. Possuiu vários empregos antes de conseguir ser drag queen por tempo integral. Se no início de sua carreira ela usava o sobrenome da cantora Beyoncé, ao se profissionalizar, ela inventou o Vittar, criando assim uma estética ainda mais própria para sua personagem. E é com esse nome Pabllo Vittar, que a artista é reconhecida mundialmente, por sua música, sua carreira, suas performances e seu impacto.

Finaliza-se aqui a unidade de análise que tratou do início da carreira drag e da primeira vez que Pabllo se montou. Segue-se para a temática drag em si, onde a relação dessa arte com Pabllo é discutida com maior profundidade.

9.1.3 Drag Queen

As representações que envolvem mais diretamente a drag queen de Pabllo e seu estilo são analisados nesta seção do trabalho. A Gay Times (61)[59] define Pabllo como uma "anomalia maravilhosa" dentro do universo drag queen. Vencato (2002) opina que uma drag queen é feita por suas maquiagens, roupas, textos, modo de ser/estar e performances. Defende também que cada drag possui um tipo de performance, definidas principalmente a partir de suas habilidades criativas. O The Guardian (4) ressalta que drag queens cantando músicas originais é uma anomalia, algo diferente da função histórica da arte drag. A mesma reportagem considera que a drag queen musical parece se afastar da parodia de gênero, mas, não quer dizer que ainda não tenha uma crítica, apenas a faz de uma maneira diferente. Amanájas (2014) define a arte drag como camaleônica, pois ao longo de toda a história é uma arma de provocação, blasfêmia, divertimento e uma forma que causa estranhamento entre o masculino e feminino na construção de uma personagem e linguagem que sempre gerou aprovação e fúria.

O texto 48 indica que Pabllo deixou claro que drag queens são mais do que dubladoras, mostrando seu irresistível talento musical. Como comentam Amanájas (2014) e Baker (1994) a drag queen surgiu

[59] No original: wonderful anomaly.

no teatro da Antiga Grécia, por conta da proibição de mulheres biológicas participarem em funções diretas dos espetáculos, fazendo assim a drag queen ser obrigatória. Contudo, não foi apenas na Antiga Grécia que a arte drag se manifestou. Essa figura sempre esteve presente em todas nações e culturas, com diferentes funções. Em seus primeiros momentos, a drag já esteve veiculada ao teatro e a igreja e depois, cada vez mais ganha o mundo e o infinito. É sempre preciso lembrar: drag queen é uma expressão artística infinita, não existem regras, limites ou imposições para a arte. Em sua longa trajetória, já passou por inúmeras mudanças, estando sempre em metamorfose, e sendo contrária a uma única definição. Como lembra Brasil (2017), a drag queen é uma figura mutante, sempre em transformação e transgressão.

O The Guardian (4) questiona se drag queens podem se tornar superestrelas, e citam Pabllo como um exemplo que sim, algo até então inédito e inevitável. Baker (1994) considera que a drag queen não teve muitas presenças marcantes na mídia. Sua imagem sempre foi usada como forma de comédia, ou bastante convencional ou como emblema de desordem. Os filmes que tratavam o tema, geralmente não são sobre transformismo ou a arte, mas sim sobre homens que reforçam os valores heterossexuais e que usam a drag como forma de desenrolar a trama, sendo um dispositivo cômico. Vencato (2002) concorda, dizendo que ao serem representadas em filmes, nem sempre aparecem de uma forma "politicamente correta" e por diversas vezes são confundidas com outras manifestações de transgêneros. Porém, ainda assim, a autora (2002) avalia que com essa maior exposição, o público acaba se familiarizando com a imagem da drag. Para Kellner (2001), a cultura da mídia se consolida a partir da popularização da TV na década de 1960, e, desde então, torna-se uma força dominante na cultura, política e vida social. Por essa posição, a mídia vira um campo de batalha entre ideais de diferentes grupos sociais, que disputam espaço, audiência e impacto, atingindo tanto o campo econômico como social. Dentro da cultura da mídia, podemos destacar que ser uma superestrela significa ser uma celebridade, um status já alcançado por Pabllo. Martino (2009) elucida que a cultura da celebridade começa por volta dos anos 1910 no cinema, quando a divulgação dos filmes começava a enfatizar mais os atores do que a história. Rojek (2008, p. 15), considera que celebridades são "fabricações culturais" que possuem impacto sobre a consciência pública e identifica três processos históricos inter-relacionados que levaram a consolidação da cultura da celebridades: 1: "a democratização da sociedade"; 2: "o declínio da religião organizada" e 3: a transformação do cotidiano em mercadoria, relacionando-se diretamente com a cultura da mídia.

Para o site Remezcla (47), a história da drag queen no Brasil é longa, porém, marcada por ocultações e falta de documentação. Existem alguns relatos, de acordo com J. S. Trevisan (2018), de

artistas drag no teatro no século XVIII, uma época em que o teatro não era bem visto. De acordo com Amanájas (2014); Chidiac e Oltramari (2004); Brasil (2017) e J. S. Trevisan (2018) não se tem muitos registros de drag queen antes dos anos 1970 no país. Sabe-se de performances de drag queens nos anos 1980 e 1990 em lugares LGBTQ+, locais esses que foram invadidos durante o período da ditadura militar na década de 1980. Nos anos 1970, destacam Amanájas (2014) e J. S. Trevisan (2018), o grupo teatral Dzi Croquette conseguia em suas apresentações embaralhar os padrões de gênero mostrando homens de bigode e barba com roupas femininas e cílios postiços; com meias de futebol e sapato de salto alto e sutiãs em cabeludos peitos, mostrando uma figura que não é nem homem, nem mulher. Por seu posicionamento artístico e político, o grupo conseguiu fama internacional, e pode ser considerado o percursor da drag queen no Brasil. Contudo, é só a partir da década de 1990 que a drag começa a ser recorrente no país, sendo uma representação do "mundo gay". Com essa ideia, percebe-se então que a drag queen, desde essa época, torna-se a maior representação gay, sendo um estereótipo da comunidade LGBTQ+. Para Biroli (2011, p. 75), estereótipos são "categorias simplificadoras ou atalhos cognitivos que participam dos exercícios de poder". Possuem a função de facilitar o acesso e compreensão das informações. Com simplificações previsíveis, que são formadas a partir de expectativas normativas comportamentais, os estereótipos buscam promover uma naturalização, que é fundada por um juízo de valor já definido socialmente. Assim, conseguem criar e confirmar os papéis, comportamentos e valores estabelecidos socialmente. E isso pode ser facilmente comprovado, por exemplo: ao ver uma drag queen, já prevemos que ela é um homem homossexual. Mesmo não sendo regra, e que sim, de fato, a maior parte dos artistas sejam, isso tornou-se um estereótipo para essas artistas. É necessário lembrar que os estereótipos são criados a partir de imposições de grupos dominantes, e, suas reproduções auxiliam na identificação e distinção dos sujeitos, onde definem as suas vantagens, desvantagens, privilégios e vulnerabilidades.

Pabllo (61) reconhece que no Brasil a arte drag sempre teve que se manter nas sombras em pequenos bares, nunca na grande mídia. "Então todo 'sim' que recebemos é uma vitória. E não sou só eu, há muitos artistas LGBTQ que romperam essa barreira e agora estamos em todos os lugares" (61)[60]. Vencato (2002) lembra que a mídia possuía já um pequeno espaço para drag queens, entretanto, a grande parte dessas profissionais não tinham reconhecimento artístico e tinham dificuldades de se estabelecer e conseguir trabalhos. Porém, nos dias de hoje, as performances de drag queens se alastraram, e elas estão em vários lugares e distintos setores. Leite (2017) concorda, analisando que se

[60] No original: so every 'yes' we got was a victory. And it's not just me, there were a lot of LGBTQ artists who broke that barrier, and now we are everywhere.

antes eram apenas personagens cômicas na mídia, hoje ganham destaque nas diversas áreas em que essa expressão artística pode se apresentar. Para Moncrieff e Lienard (2017) atualmente encontra-se drag queens em todo o mundo, até em lugares onde a homossexualidade é criminalizada – mesmo com algumas diferenças das queens ocidentais. Na opinião de Brasil (2017), é preciso muita coragem para ser drag queen, principalmente porque até nos dias de hoje a imagem da mulher é vulnerável ao machismo, e ainda considerando a homofobia. O autor (2017, p. 121) ressalta ainda a importância de drag queens como uma figura de afirmação de orgulho da comunidade LGBTQ+. "A drag queen ao sair de casa já é uma heroína, porque não é fácil colocar a cara no sol, é preciso de muita coragem".

Na reportagem da Billboard (10), Pabllo diz que a arte drag está crescendo e existem drag queens em propagandas, programas de TV, novelas e filmes, fazendo as pessoas terem mais acesso sobre a arte e assim, menos preconceito. Na visão de Pabllo (10), a imagem da drag queen apenas como festa e piada está mudando e a arte ajuda em causas na comunidade LGBTQ+, mesmo que muitas pessoas ainda não entendam. Conforme lembra Baker (1994), a história da drag queen durante toda a humanidade foi feita por altos e baixos, contudo, a partir do século XIX, a arte começa cada vez a adquirir melhor status. Aliada ao glamour e ao fetiche, a artista drag incorpora uma vasta variedade de figurino, perucas e maquiagens em suas performances. Seja para celebrar ou satirizar, a drag gosta de se produzir e estar na moda. Nessa época, século XIX, para o autor (1994), com a popularização da drag, novos artistas eram necessários, e os únicos interessados para essa função eram homens gays afeminados, que não tinham nada a perder, e, talvez, tudo a ganhar. Mattos e Cé (2018) comentam que antes drag queens eram pessoas da noite, distantes da realidade social e era quase impossível encontrar uma drag na luz do dia em um espaço comum e público. Na mídia, não existia nenhuma drag que ocupasse um espaço se não o humorístico, ou que aparecesse por outros talentos. Agora, a mídia reconhece e dá suporte para essa manifestação artística, e assim, gera curiosidade do público. Além disso, elas podem apresentar outros talentos além do humor, mostrando que a drag existe e é uma arte séria com diferentes formas e nichos, como a música, televisão, cinema, dança e as infinitas maneiras de ser drag. As drag queens estão na mídia e essa, é considerada por Kellner (2001) um dos setores com grande força na sociedade atual, que ajuda na definição de gostos e estilos, fornecendo conceitos de qualidade e substituindo antigos árbitros de gostos e ideias como a família, escola e religião. Essa cultura da mídia, como chama o autor, ajuda a estabelecer padrões hegemônicos de determinados grupos e projetos políticos. Essa ideia pode ser relacionada ao conceito da teoria da agenda, que Magalhães (2014) comenta que tem como função analisar a influência dos meios de comunicação de massa sobre determinados assuntos e temas na sociedade e como eles são entendidos como importantes, a partir

desse estímulo da mídia.

Para Pabllo (41), fazer performance a faz a sentir livre, e, se não fosse drag, não sabe o que seria. "Toda vez que eu estou em drag me sinto totalmente diferente. Drag é isso, Toda vez que você se monta você pode ser uma pessoa diferente. Toda vez que eu me monto, tento ser o meu melhor e fazer todo o mundo feliz" (41)[61]. Nesse trecho destacado, é percebido a importância que o processo de se montar tem para uma drag, como ressaltam Chidiac e Oltramari (2004); Brasil (2017); Louro (2018), e Vencato (2002). O ato de se montar diz respeito a todo o processo milimetricamente estudado para a construção da personagem e transformação corporal que envolve figurino, peruca, maquiagem, acessórios, comportamento e nome. É o momento em que a personagem incorpora, ganha vida, onde sai o homem e entra a drag. Na visão de Chidiac e Oltramari (2004) existe um limite muito fluído que separa o sujeito da personagem, e essa fronteira parece estar presente, principalmente, no processo de se montar. Pabllo revela para a Galore (50) que é difícil escolher uma peruca favorita, pois isso pode mudar a todo momento. Naquela altura, a sua favorita era uma com as cores da bandeira LGBTQ+. Para a mesma publicação, a artista confessa que a peruca é muito importante para assumir sua personagem. "Eu preciso disso para ir do garoto gay tímido Phabullo Silva para a feroz drag queen Pabllo Vittar" (50)[62]. Sobre a relação entre a personagem e o artista, Vencato (2002, p. 40) divide em três grupos, onde Pabllo parece se enquadrar na primeira categoria: "rapaz que se identifica muito com sua personagem drag, chegando a assumir em sua vida cotidiana a personagem". A mesma autora (2002) diz que possuir dois nomes não garante proteção, porém, ajuda na construção de suas personagens e performances.

A EFE (55) disserta que desde criança Pabllo já gostava de cantar e do espetáculo. Hoje em dia, consegue atrair atenção por sua atitude, onde não passa despercebida, seja por conta de suas roupas, altura (1,87), ou a energia de seus movimentos. "Alta, esbelta, perfeitamente maquiada e vestida sugestivamente, Pabllo Vittar arrasa sem a necessidade de mexer um dedo e seu olhar fixo e constante transmite a euforia que a faz vibrar" (55)[63]. Pabllo (2017c) analisa que sua intenção é quebrar barreiras de gênero, podendo ser quem quiser e usar o corpo como quiser. "Escolhi fazer minha arte e uso meu corpo para ela 100%". M. V. da Silva (2014) considera que é através da mídia que é possível ter contato com os padrões de comportamentos mais adequados, padrões de sexualidade, modos de aprimorar corpos, de ser "normal" e aceito. Baker (1994), analisa que a drag queen é uma revolucionária dos códigos de vestuários que definem como homens e mulheres devem se mostrar na sociedade. Taylor e

[61] No original: Every time I do drag I feel totally different. Drag is that. Every time you do drag you can be a different person. But every time I do drag, I try to be my best, and to make everybody happy.

[62] No original: I need it to go from the shy gay boy Phabullo Silva to the fierce Drag Queen Pabllo Vittar!

[63] No original: Alta, esbelta, perfectamente maquillada y vestida de manera sugestiva, Pabllo Vittar arrasa sin necesidad de mover un dedo y su mirada fija y constante transmite la euforia que la hace vibrar.

Rupp (2004) refletem que o trabalho da drag é feito pelo seu corpo, que se transforma em uma arma para destacar as bases sociais de gênero e heterossexualidade dominante. Para esses autores (2004), as drag queens usam roupas extravagantes, máscaras, maquiagens e diversos adereços, onde exibem feminilidade e adotam uma fluidez de gênero, uma identidade que podem colocar e tirar quando querem.

Pabllo declara para a Billboard (14) que foi através da arte drag que encontrou uma maneira de se expressar artisticamente e que teve a chance de fazer suas músicas, shows e colaborações. Para a BBC (57) Pabllo analisa que talvez o "fato de ser drag impulsiona minha carreira, porque é o que eu não conseguiria fazer em Pabllo normal. A Pabllo Vittar me dá forças para subir no palco. E, para o que não tenho coragem, a Pabllo Vittar faz, e com muito mais audácia. Ela é perigosa". No texto do site de notícias do Spotify (69), a artista reflete que, através da sua drag, consegue expressar seu verdadeiro eu. "Pabllo Vittar é uma extensão da minha personalidade. Pabllo é onde eu posso colocar tudo para fora" (69)[64]. Bueno e Dallaqua (2017, pp. 30-31) ressaltam que ser drag queen não possui relação com sexualidade e gênero, como também não está limitada a homens gays, sendo uma "expressão de arte, um personagem construído pelo seu 'ator' que não é necessariamente um espelho do mesmo, podendo possuir uma personalidade totalmente diferente da pessoa". Chidiac e Oltramari (2004) comentam que a personagem drag tem características físicas e psicológicas próprias, que talvez seu ator não possua quando não está montado. Vencato (2002) concorda, lembrando que a drag é uma personagem, não um reflexo direto de seu intérprete, onde, geralmente, a drag possui um nome diferente de seu ator. Contudo, isso não é uma regra e existem artistas reconhecidas por suas personagens 24 horas por dia – como no caso de Pabllo. Rocha (2018) analisa que a figura de Pabllo Vittar é complexa, pois tem a afirmação de homem afeminado com a imagem drag glamourosa, sendo uma representação feminina impecável e sensual. "É uma drag, mas é uma representação feminina perfeita. Há um carisma, e um elemento questionador, de confronto, de dissenso, mas tem algo ali que é mais afável, que convida à aproximação" (2018). A partir dessas representações apresentadas, na classificação drag feita por Schacht (2002), as quais o autor destaca que não são excludentes, Pabllo parece se melhor enquadrar em duas categorias: Imitadores Femininos De Alto Nível , que são consideradas líderes de grupos, com roupas de alto nível do sexo que está sendo performado, apresentando imagens glamourosas e convincentes da feminilidade tradicional. Seus intérpretes se identificam como homens gays e apenas se montam para apresentações. A segunda classificação, Rainhas de Glamour Profissional, é a imagem que a grande maioria das pessoas têm sobre drag queens, sendo a categoria mais popular. Contudo, o autor ressalta que poucas dessas profissionais fazem drag em tempo integral, mas sonham em um dia

[64] No original: "Pabllo Vittar is an extension of my personality. Pabllo is where I can let it all out."

poder se sustentar apenas com a arte. Vencato (2002) faz uma classificação a partir da forma de se montar e vestuários de drag queens. Nas categorias apresentadas pela autora, que também admite existir convergência entre elas, Pabllo parece ser uma "Ciber-drags", por seu estilo futurista e sexy e sua postura feminina.

O The Guardian (4) destaca que drag queens estão cantando, e essas cantoras não querem fazer "drag music" e sim "pop" - como Pabllo, uma artista brasileira e independente. "A música é um veículo que as drag queens podem usar para se inserir na cultura *mainstream* como artistas independentes, com personalidades comercializáveis e vozes únicas - resta apenas aos consumidores *mainstream* começarem a ouvir" (4) 65. A publicação 19 analisa que a música é uma forma de drag queens mostrarem seu talento, sendo uma outra vitrine para exibir seus estilos e trabalho. Dessa maneira, é possível relacionar Pabllo com o conceito de cultura pop, que, na visão de Soares (2015) é uma intensificação da cultura da mídia, estando ainda mais ligada com a logística efêmera do mercado midiático e consumo massivo, englobando produtos, fenômenos e artistas. Essa cultura está presente no cinema, televisão, músicas, redes sociais, plataformas digitais e diversos outros meios, sendo um campo de ambiguidades, tensões e disputas simbólicas, e que, historicamente, visa interesses, seja econômico ou normativo. O próprio nome, "pop" já explicita a intenção de se fabricar produtos populares, orientado para as massas e grande públicos dentro da cultura da mídia. D. A. Oliveira (2018, p. 49) analisa que Pabllo, dentro do mercado musical, é vista na mesma dinâmica que divas pop norte-americanas. A diferença é que "temos aqui uma diva pop assumidamente pertencente e militante da causa LGBT+. Com uma perfeita união entre estética e atitude, e entre o que se deseja dizer e o que é desejado ouvir; a drag já provou que é capaz de arrastar multidões". Como exposto, considera-se que Pabllo, pode ser muito relacionada com o conceito de representações sociais, elaborada por Serge Moscovici em 1961. As representações são vistas como facilitadoras da compreensão de realidades, sendo imagens concretas de consciência, atividade e identidades de sujeitos que, por seu sentido prático, servem para orientação e definição de comportamentos de sujeitos. Chamon, Lacerda e Marcondes (2017) dissertam que a pesquisa de Moscovici tem enfoque nas representações sociais da psicanálise, e analisa a maneira de como um grupo social incorpora um conhecimento, que é aprendido e transformado em uma modalidade de conhecimento. Assim "a maneira como as pessoas percebem o mundo, se familiarizam com as coisas, através de palavras, de ideias e de imagens contribuem para a construção de suas representações, as quais interferem na maneira como se comportam e agem" (2017,

[65] No original: Music is a vehicle drag queens can use to insert themselves into mainstream culture as standalone artists with marketable personalities and unique voices – it just remains for mainstream consumers to start listening.

p. 451).

A Gay Times (61) opina que Pabllo possui diversas músicas de sucesso, turnês internacionais, estando atualmente no auge de sua carreira – porém, lembra que seu começo é humilde. Depois de seu primeiro vídeo, *Open Bar*, de 2015, Pabllo chamou a atenção da indústria musical e pouco mais de um ano depois já lançava seu primeiro álbum "fazendo com sucesso uma ponte entre a drag queen, que historicamente é uma forma de arte underground, com a música *mainstream*" (61)[66]. No mesmo material, Pabllo diz amar a união entre drag queen e música, e por vezes sente que é a mesma coisa. Ser drag a deixa mais confiante, e a música a fortalece, juntos, a fazem se sentir invencível. Com sua música, Pabllo diz para a BBC (57), que quer levar alegria para seus fãs, pois sabe como é difícil ser de grupos oprimidos como LGBTQ+, negros e mulheres. Com seu show, deseja que as pessoas saiam energizadas e reavivadas, pois a música é feita para unir, não segregar. A partir dessas representações, podemos considerar que Pabllo é uma artivista. Raposo (2015, p. 4) ressalta que o artivismo trata da relação, tão difícil, prolixa e polêmica, entre arte e ativismo, onde determinadas expressões artísticas são vistas como atos de resistência e subversão, podendo ser encontradas em "intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos, através de estratégias poéticas e performativas".

Outro ponto que é problematizado em alguns materiais de análise é a voz polêmica de Pabllo. O The New York Times (1) classifica a voz da artista como soprano nasal. A Gay Times (61), percebe a voz da artista como um tom nasal instantaneamente reconhecível. Ao falar sobre esse assunto para a revista Forbes (53), Pabllo lembra que quando criança as pessoas diziam que sua voz era muito alta, muito feia e que ela devia "falar como homem". Hoje em dia, destaca Pabllo na mesma narrativa, sua voz é criticada por aparentemente ser forçada e falsa. Então, é importante para ela mostrar que essa é sua voz e que não há problemas com isso. "Um rapaz gay pode ter uma voz muito alta e tudo bem - é apenas uma voz. E é uma voz linda" (53)[67]. A discussão e polêmica sobre a voz de Pabllo lembra o conceito do processo de estereotipagem, por considerar que sua voz não é de "homem" ou "de macho". Biroli (2011) destaca que os estereótipos estão em envolvidos diretamente com o exercício de poder, onde são uma forma de opressão que por muitas vezes busca diminuir certos grupos sociais (neste caso, a comunidade gay). Essa estereotipação consegue definir concretamente as oportunidades e restrições dos grupos sociais. Assim, a autora (2011) lembra o conceito de "imperialismo cultural", que é o reforço dos significados dominantes da sociedade, inviabilizando e silenciando grupos de minorias. "Nas relações de gênero, por exemplo, os estereótipos organizam as expectativas quanto ao papel de mulheres e homens

[66] No original: successfully bridging the gap between drag, which has historically been an underground artform, and mainstream music.

[67] No original: A gay boy can have a voice that's too high and that's okay—it's just a voice. And it's a beautiful voice!

nas relações afetivas, profissionais e políticas, 'contaminando' as diferentes esferas" (2011, p. 85).

A publicação 47 chama de adoráveis os vocais de Pabllo e que "os gritos agudos de Vittar saltam sobre batidas alucinantes, transmitindo um apelo às vezes dramático, mas imperturbável, para viver sua vida melhor" (47)[68]. Desde o começo de sua carreira e até hoje, Pabllo é muito criticada por sua voz, seja seu timbre ou alcance. A artista (2018a) reconhece que no início, pela falta de preparo correto, realmente não conseguia manter o fôlego durante as performances, contudo, atualmente ela possui um preparo vocal e físico melhor para conseguir manter a respiração enquanto canta. Peixoto (2018), baseada na opinião de profissionais de canto (professores, maestros e cantores), busca analisar a voz da artista, e conclui que, "de uma maneira geral, as opiniões foram **positivas**, excetuando-se ressalvas feitas aos exageros na **interpretação** e à escolha de **repertório**" (2018, grifo original). A voz da artista é considerada contratenor, a "mais rara das vozes masculinas", e isso significa: um homem adulto com uma voz infantilizada. Um dos problemas destacado pela autora, é que por diversas vezes Pabllo canta além de sua capacidade e assim, sua voz pode esgaçar. Na opinião de Manus (2018), desqualificar a voz ou a competência vocal de Pabllo "é uma desculpa que há tempos não cola. É mais honesto admitir que não gosta de ouvir a voz de um homem gay afeminado, vestido de mulher". Basílio (2018) opina que a crítica ao talento vocal de Pabllo acontece por conta do sucesso da artista e pela comunidade que representa, LGBTQ+. Para o autor, Pabllo usa os recursos vocais necessários para seu estilo musical, o pop, e não pode ser validado o discurso que "não sabe cantar". A artista diz não se importar com essas críticas e enfrenta elas com positividade: "Essa é a voz que eu tenho. Graças a Deus é com essa voz que ganhei meus prêmios, que me sustento, que levo a minha mensagem. [...] Eles vão ouvir essa voz aguda muito, muito e muito tempo" (2018b). Gonzatti e Henn (2018) dissertam que, muito da crítica a voz de Pabllo parece ter mais cunho preconceituoso do que técnico.

Na presente unidade de análise, percebe-se que diversos temas são representados nas reportagens, como por exemplo: drag queens agora são superestrelas, e Pabllo é o maior exemplo disso; drag queens agora fazem músicas, e querem ser reconhecidas por seus trabalhos musicais; o processo de montaria é extremamente importante para a incorporação da personagem Pabllo Vittar; existem diferenças entre a Pabllo desmontada e a Pabllo montada e sua voz. Dessa forma, os valores-notícia que melhores se enquadram nessa unidade de análise são: raridade (original e inusitado); proeminência (notoriedade e celebridade) e Conhecimento/cultura (atividades e valores culturais). Pelo fato de ser uma cantora drag, isso é visto como algo original e inusitado, ganhando notoriedade na mídia. Drag queens não possuem a tradição de serem cantoras. Ser considerada uma "anomalia" pelas reportagens 4 e 61,

[68] No original: Vittar's high-pitched yelps bounce over breakneck beats, conveying a sometimes dramatic but unperturbed call for living your best life.

não é algo ruim, mas sim, algo que foge da curva e do tradicional, comprovando que não existem limites ou imposições para o trabalho de uma drag. Mas, talvez o fato de ser cantora, seja um dos maiores destaques nessa categoria. Ela foge da ideia de que drag queens são apenas dubladoras, logo, Pabllo está em outra lógica industrial. Por exemplo, drag queens dubladoras fazem muitas performances em bares, discotecas e festas, já Pabllo faz shows, cantando suas músicas com sua própria voz. Falando em sua voz, esse tema é outra ressalva desta unidade. Pabllo possui uma fina, mas potente voz, mas que, definitivamente não é uma voz "de homem". Sua voz pode causar estranhamento, mas, talvez, isso aconteça por quase não existirem na grande mídia cantores com timbres "diferentes". Se já existem poucos cantores gays com carreiras a nível mundial que possuem vozes "normais", mais raros ainda são homes com vozes afeminadas e finas, demonstrando assim a falta de representatividade. Muito já se falou que Pabllo não canta bem, que não sabe cantar, que sua voz é feia. Na opinião do pesquisador, talvez, a voz fora do convencional, do padrão e de qualquer norma estabelecida seja o principal destaque da artista. A grande questão é que talvez os conceitos de "qualidade musical" estejam tão arraigados a sociedade heteronormativa, que a diversidade e pluralidade de vozes fora do padrão não têm a chance de se fazer presente. Mesmo assim, Pabllo conseguiu driblar todos os obstáculos e a cada dia conquista mais reconhecimento por seu trabalho.

Encerra-se aqui a unidade de análise que dá conta das representações que envolvem a drag queen de Pabllo Vittar. Segue-se para a observação sobre o trabalho musical da artista.

9.1.4 Trabalho Musical

Esta unidade da conta de representações relacionadas as músicas, álbuns e colaborações de Pabllo, que recebem destaques em algumas publicações. A Gay Times (61), classifica que as músicas de Pabllo tornaram-se hinos para as minorias por conta de sua natureza festiva e mensagem inclusiva. Como destaca a Billboard (10), o carnaval é um dos feriados mais importantes do Brasil. Reconhecido por sua festa, sua música e agitação, o feriado possui uma relação importante com Pabllo. A publicação lembra que todo o ano, uma canção é eleita tema do carnaval. Em 2017, a música *Todo Dia* de Pabllo não teve concorrência e dominou as festividades. A Gay Times (61) ressalta esse fato, e ainda lembra a "gloriosa" letra da canção "*Eu não espero o carnaval chegar pra ser vadia; sou todo dia; sou todo dia*". Rodrigues (2017, p. 40) opina que a palavra *vadia* na música tem um tom de protesto, de forma similar a Marcha das Vadias, possuindo a conotação "de um sujeito livre cujas vestes não definem sua moral" e não de maneira pejorativa a imagem da mulher, ao contrário, expressa a liberdade. Para Pabllo (2017b) "ser vadia é correr atrás dos seus direitos, ser quem você é, vestir a roupa que quiser, amar e manter

relações com o sexo que você desejar". Kellner (2001), lembra que a cultura da mídia é produzida visando lucro, veiculando produtos de forma comercial de cultura, divulgada como mercadoria. Assim, esses produtos devem ser populares, atraindo grande audiência. Para isso, devem refletir temas e preocupações atuais da sociedade, em produções que "talvez choquem, transgridam convenções e contenham crítica social ou expressem ideias correntes possivelmente originadas por movimentos sociais progressistas" (2001, p. 27). O autor destaca que foram as classes de opressão como homossexuais, negros e feministas que começaram a se unir desde os anos 1960 para lutar contra as discriminações presentes na cultura da mídia. Santos e Ribeiro (2018) salientam que algumas manifestações artísticas que envolvem sexualidade podem sofrer controle estatal, social e midiático por talvez chocarem muito e assim interferir no lucro. Na visão dos autores (2018), as drag queens são mais aceitas na mídia do que outras manifestações artísticas de LGBTQ+, contudo, elas ainda podem estar sujeitas a alguma censura, como não estar em determinado horário ou programa. Mesmo com uma presença não igualitária, e que não garante direitos a LGBTQ+, é um começo.

Para a EFE (55) as músicas de Pabllo são baladas pop dançantes, onde refletem momentos da vida da drag, desde sua infância no interior do Pará até seu sucesso atual. A Billboard (10) define *Vai Passar Mal* – primeiro álbum de Pabllo – como um mix de ritmos brasileiros de diferentes regiões do país, que chamou a atenção da crítica e do público por seus vocais distintos e canções cativantes. O mesmo veículo (28) diz que essa mistura de ritmos típicos brasileiros com o pop internacional é uma característica de Pabllo, que ainda engloba uma mensagem de empoderamento queer. A Vogue (36) concorda, dizendo que as músicas de Pabllo misturam estilos musicais tradicionais brasileiros com a estética pop norte-americana, com letras que celebram a liberdade sexual e o próprio corpo. A Paper Magazine (41) destaca que *Vai Passar Mal* é totalmente em português, com músicas dançantes e hinos de autoproclamação. A reportagem 47 opina que esse disco traz temas como prazer, empoderamento, coração partido e "bate bunda", sendo um álbum bem eclético, mas essencialmente brasileiro, que explora ritmos como o funk, tecnobrega e samba, misturados com a estética pop norte-americana. O mesmo texto (47) defende que as letras das músicas de Pabllo são proclamações e celebrações da liberdade sexual, e, aliado a experiência lúdica da mistura dos sons brasileiros com norte-americanos, o álbum é uma renovação para o pop brasileiro tradicional. Ainda, a narrativa opina que, mesmo que essa mistura não seja novidade, a combinação de ritmos totalmente diferentes faz com que as músicas de Pabllo sejam cativantes. Além disso, é impossível não se maravilhar com os videoclipes despreocupados, efervescentes e a exibição destemida da sexualidade de Pabllo, sendo um golpe para a sociedade heteronormativa. Rodrigues (2017) opina que o trabalho musical de Pabllo apresenta mensagens contra

o sistema patriarcal, com a intenção de empoderamento drag contra o sistema normatizador da sociedade. Unindo-se com a imagem de cantoras divas pop norte-americanas, o autor considera que Pabllo explora uma hiper-sexualização e a liberdade de seu corpo e sexualidade. Ao pensarmos sobre artivismo, Bordin (2015) comenta que esse movimento surge tendo como ponto de partida dois eventos do século XX: 1: os movimentos contraculturais da década de 1960, considerado o berço do artivismo. 2: as novas tecnologias intensificadas a partir da década de 1990, que ampliam potenciais artistas políticos de ingressarem nos meios de comunicação de massa mais tradicionais e também na internet, "propiciando as mais diferentes e inusitadas práticas, marcadas principalmente por utilizarem elementos de paródia com humor em suas realizações" (2015, p. 129).

O lançamento do videoclipe de *Então Vai*, em janeiro de 2018, chamou atenção de alguns veículos principalmente pela última cena do vídeo, onde Pabllo beija o produtor norte-americano Diplo como citam as reportagens 12, 19, 22, 41, 42, 45, 58, 61 e 69. Em uma lista de 10 melhores videoclipes de drag queens de 2018 da Billboard (19), Pabllo ocupa o quarto lugar com *Então Vai*, descrito como um vídeo divertido, com incríveis roupas e com a participação especial de Diplo. Comentando sobre o beijo com o produtor, Pabllo (41) diz que talvez suas bocas tenham sido feitas para ficarem juntas, e define os lábios de Diplo como doces e macios. Na revista Gay Times (58), a primeira citação sobre Pabllo é falando do beijo entre ela e Diplo. Apresentando a drag, o texto destaca as conquistas impressionantes da artista no *YouTube* e *Spotify*, e comenta: "Enquanto ela ainda não entrou nos mercados do Reino Unido ou dos Estados Unidos (dedos cruzados para isso acontecer em breve!), um grande DJ americano, Diplo, do Major Lazer, viu a luz e se uniu a Pabllo para a nova música do verão chamada 'Então Vai'" (58)[69]. A mesma narrativa classifica o vídeo como uma celebração a diversidade, uma fabulosa fantasia de arco-íris, onde mostra casais de gêneros diferentes e finaliza com um beijo de dar inveja entre os artistas. O *Spotify* (69) destaca que Diplo encontrou em Pabllo o tipo de poder de estrela regional que o produtor costuma recontar e apresentar para o mercado *mainstream*. Assim, lançaram a música *Sua Cara*, onde Pabllo exibe seu senso de sexualidade altamente fortalecido, começando assim seu reinado global. A Gay Times (61) comenta a relação entre Pabllo e Diplo, que viraram amigos após a música *Open Bar* – versão em português de *Lean On* do Major Lazer, grupo que o produtor participa. Desde então, gravaram outras canções e se beijaram no videoclipe de *Então Vai*. O texto também lembra que Pabllo apresentou-se com o grupo no festival *Coachella* em 2019.

[69] No original: While she's yet to break into the UK or US markets (fingers crossed it happens soon!), one big name American DJ, Major Lazer's Diplo, has seen the light and has teamed up with Pabllo for a brand new, summer-ready track called Então Vai.

A cantora brasileira Anitta, que participa com Pabllo na música *Sua Cara*, comenta sobre a ideia de gravar o videoclipe no Marrocos. Para Anitta (43), o Marrocos é extremamente conservador, e a atraiu a ideia de imaginar Pabllo dançando no deserto nesse país. "Ter uma drag queen cantando, com um grande talento - e sem ser como 'é uma drag queen, ela não consegue realmente cantar' - eu queria mandar a mensagem oposta. E deu certo" (43)[70]. Sobre esta música, a publicação 61 define a canção como a maior colaboração da carreira de Pabllo. No videoclipe, ela não é uma drag queen tentando se encaixar, "ela é uma artista plena que pode se sustentar com as melhores do Brasil e é tão desejável para o olhar masculino quanto as dançarinas que a cercam" (61)[71]. A reportagem 47 defende que, a partir da abertura de portas de Pabllo com *Sua Cara*, é esperado que mais artistas queer e drag queens apareçam, especialmente na América Latina e América do Norte. A Billboard (20) sinaliza que Pabllo começou a ganhar força nos Estados Unidos por suas colaborações, e, é apenas uma questão de tempo para que suas músicas entrem no mercado norte-americano. Soares (2015) lembra que a música pop foi conceituada pela primeira vez na década de 1950, na busca de uma definição para formas artísticas oriundas do *rock and rool* que tinham maiores apelos para as massas, com músicas "universais" para todos os públicos. Mesmo sendo um gênero eclético, o autor destaca características em comum desse gênero: "as canções de curta e média duração, de estrutura versos-pontes, bem como do emprego comum de refrãos e estruturas melódicas em consonância com um certo senso sonoro pré-estabelecido" (2015, p. 24).

A música *Indestrutível* de Pabllo é citada nas reportagens 61, 69 e 70. A Gay Times (61) comenta que a canção fala de como superar a dor do preconceito, e seu videoclipe começa apresentando o preocupante dado de que 73% dos jovens LGBTQ+ no Brasil são vítimas de bullying na escola, algo que a drag experimentou durante sua infância. O Spotify (69) considera a canção um hino de resistência e um tributo a luta contra homofobia na adolescência, algo que Pabllo conhece tão bem. No Pulsopop (70) é dito que a música tem uma mensagem para conscientizar sobre a discriminação da comunidade LGBTQ+ no Brasil. Esta canção é um marco na carreira da artista, por trazer os temas como a homossexualidade, preconceito e orgulho, tanto na letra quanto no videoclipe, onde a drag canta: *E quanto mais dor recebo; Mais percebo que sou; Indestrutível*. Ao final do videoclipe, Pabllo passa uma mensagem: "São milhares de adolescentes, que assim como eu, sofreram esse tipo de agressão. 'Tá' na hora de transformar o preconceito em respeito. De aceitar as pessoas como elas são e querem ser.

[70] No original: "Having a drag queen singing, with great talent - and not being like, 'Oh, it's a drag queen, she can't really sing' — I wanted to send the opposite message. And it worked."

[71] No original: she's a fully-fledged artist who can hold her own with Brazil's best, and is just as desirable to the male gaze as the female dancers who surround her.

De olhar na cara da homofobia e dizer: eu sou assim, e daí?" (PABLLO... 2018). Neste destaque, podemos relacionar Pabllo ao conceito de artivismo, que, como considera Bordin (2015), tem o papel de possibilitar a criação de uma discussão, onde o artista produz sua arte a partir de sua identidade, sua convicção e sua ideologia política, que está ligada com sua expressão artística. "Os artivistas são figuras políticas com pensamento político, isso vai além de técnicas de atuação, que adotam uma forma de vida condizente com aquilo que pregam utilizando a arte como propulsora para provocar transformações sociais a partir de suas convicções" (2015, p. 128).

O segundo álbum de Pabllo, *Não Para Não*, é definido pela Billboard (16) como uma mistura de ritmos de diversos lugares onde a drag já morou – nos estados do Pará e Maranhão – com as experiencias musicais do exterior, em um disco guiado por ritmos como o tecnobrega, forró, pop internacional e pagode. No mesmo veículo (21), é sinalizado que seu segundo álbum ajudou a levá-la ainda mais longe na cena musical *mainstream*, em sua "já impressionante carreira musical" (21)[72]. A Paper Magazine (44) destaca que, mesmo sem entender português, é possível sentir a paixão de Vittar em seus vocais impressionantes. A Billboard (21) comenta o lançamento do videoclipe de *Buzina*, opinando que Pabllo está como a heroína *Barbarella*[73] em um planeta distante, lutando contra extraterrestes em uma dança frenética. Para a publicação, Pabllo parece uma personagem de videogame que vem em paz, mas sabe se defender caso precise. O vídeo é elogiado, sendo descrito como um dos mais selvagens e glamourosos dos últimos tempos.

A participação de Pabllo na música *Energia (Parte 2)*, do duo norte-americano Sofi Tukker, foi o primeiro destaque que a artista teve na conceituada revista norte-americana Rolling Stone (30), que elogia os vocais da artista e o videoclipe, gravado em Lisboa, Portugal. A publicação ressalta que existe uma tendência de a música brasileira alcançar um público global com uma maior frequência. "O sucesso comercial de muitas dessas colaborações praticamente garante que cantores brasileiros continuem invadir os Estados Unidos" (30)[74]. O lançamento da música e videoclipe de *Caliente*, parceria da cantora argentina Lali com Pabllo, ganhou algumas manchetes da imprensa internacional, como nas reportagens 18, 45, 49 e 56. A Billboard (18) defende que na música Lali e Pabllo mostram o que retratam em suas carreiras: "ferocidade, sensualidade e poder feminino" (18)[75]. Lali comenta para a revista Galore (49) um pouco sobre a drag. Diz admirar Pabllo musicalmente, que ela foi perfeita para a música e era um desejo

[72] No original: already-stunning music career

[73] Série de história em quadrinhos criada no ano de 1962 pelo francês Jean-Claude Forest. "A personagem Barbarella é uma aventureira espacial do século XL, com tendências ninfomaníacas que usa o corpo e a sexualidade para conquistar e derrotar os seus oponentes". (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Barbarella)

[74] No original: The commercial success of many of these collaborations all but ensures that Brazilian singers will continue to make inroads Stateside.

[75] No original: fierceness, sexiness, and girl power.

trabalhar com ela por conta de seu talento e poder. Admira Pabllo por ela representar todo o movimento LGBTQ+, que tem seu apoio e amor. Para a EFE (56), Lali reconhece que Pabllo é a pessoa perfeita para a canção, não somente pelo nível musical, mas no nível social, por tudo o que Pabllo simboliza, além de sua proposta estética. Em sua visão, Pabllo representa todas as coisas boas para se pensar no mundo moderno. "Essa mágica, esse poder, de alguém que se transforma no que quer ser e não no que dizem que você tem que ser" (56)[76]. A cantora argentina considera *Caliente* seu grão de areia a favor da igualdade e inclusão e confessa que não imagina que seus fãs mais novos, ou os pais deles, possam ter alguma reação negativa em relação a Pabllo. Bordin (2015) opina que o artivismo vai além de uma mudança política imediata, e sim, ele procura transformar a maneira de como os sujeitos encaram certas situações. Esses produtos culturais têm a intenção de abrir os olhos para determinados equívocos. Assim, as ações e atuações desses artistas podem ser consideradas uma resistência cultural contra o poder que está envolvido, e, por vezes, podem problematizar os limites da arte.

Como percebido até aqui, os videoclipes de *Então Vai*, *Sua Cara*, *Indestrutível*, *Buzina*, *Caliente* e *Energia (Parte 2)*, são representados em algumas das reportagens do *corpus* de análise. M. K. Trevisan (2011, p. 13) analisa o videoclipe como uma união entre música, cinema, televisão e propaganda, sendo "uma peça promocional para uma música ou seu intérprete". Foi na década de 1980 que o videoclipe foi oficialmente criado, principalmente graças a entrada e força do canal MTV em 1981. Kellner (2004) reflete que o videoclipe alterou a forma de produção e distribuição de materiais musicais, além disso, esses produtos audiovisuais ajudam fortalecer a carreira de cantores. O mesmo autor (2004) opina que a indústria cultural, nas últimas décadas, adentrou em novos espaços, tanto tradicionais quanto online, e assim, aumentando o que Guy Debord chama de sociedade do espetáculo. O meio virtual consegue ampliar a divulgação, reprodução, circulação e venda de mercadorias culturais. O cinema, a televisão e a música, por exemplo, se conectam com os novos formatos do ciberespaço e multimídia, ampliando assim seus espetáculos. Os trabalhos de cantores, por exemplo, são reproduzidos em meios como rádio, televisão, e, principalmente, na internet, onde videoclipes são consumidos no *YouTube* e plataformas via *streaming* como *Spotify*, *Tidal*, *Google Music* e *Apple Music*, que são os maiores provedores de músicas da atualidade. Ainda, redes sociais como *Instagram* e *Twitter* conectam os artistas com seu público. Isso significa: espetáculos atrás de espetáculos.

A Billboard (22) classifica os seis melhores vídeos de Pabllo, seja de músicas suas ou colaborações: *Buzina*: um clipe com uma ideia estranha, looks matadores, estilo *Barbarella*, de alto orçamento e com uma dança marcante; *Caliente*: vídeo parece ser sido feito para Pabllo. Lali e Pabllo

[76] No original: Esa magia, ese power (poder), de alguien que se transforma en lo que quiere ser y no en lo que te dicen que tienes que ser.

estão lindas na praia, jogando futebol e dançando. *Disk Me*: Pabllo está totalmente "drag diva", um vídeo visualmente lindo com uma música com vocais fascinantes; *Sua Cara*: Pabllo e Anitta estão vestidas com esmeros, com seus melhores movimentos no meio do deserto do Saara; *Problema Seu*: estética e visual perfeitos para a música, com em enredo e coreografia exagerados que dá vontade de mais; e *Então Vai*: considerado o melhor videoclipe de Pabllo, com uma produção que mostra a artista passeando por lindos lugares. Este vídeo ainda conta com a participação de Diplo, e acaba com um beijo entre eles. Assim, a publicação conclui que: "se isso não é Pabllo Vittar por excelência, nada é" (22)[77]. Para M. K. Trevisan (2011), os videoclipes reforçam a ideia da sociedade do espetáculo e assim, conseguem exercer ainda mais influência perante a sociedade, apresentando estilos de vida, de atitude e comportamento em vídeo e som. A maneira de distribuição e circulação desses produtos pode também ser relacionado com o conceito de cultura da convergência elaborado por Jenkins (2009) que visa dar conta das transformações tecnológicas, industriais, culturais e sociais das últimas décadas e sua relação com novas formas de circulação da mídia, principalmente da cultura popular. O autor define convergência como um fluxo de conteúdos em diversas plataformas midiáticas, sendo "à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam" (2009, p. 29). A convergência não acontece por meio de aparelhos tecnológicos, e sim, dentro dos cérebros dos consumidores em suas interações sociais, onde altera a lógica do processamento de notícias e entretenimento. Em grande escala, para o autor (2009) a convergência da mídia consegue alterar o cotidiano político, econômico, cultural e social. Nessa convergência, os conteúdos são distribuídos de maneira fluida através dos múltiplos sistemas de mídia, que cooperam entre si. Assim, a ideia é que existam narrativas transmídias, isso é, a mesma história é produzida em diversas plataformas midiáticas, e que, de formas distintas, conectam-se em suas abordagens.

A revista The Fader (33) entrevistou a cantora britânica Charli CXC em 2017 para falar sobre seu novo disco, no qual Pabllo participa na música *I Got It*. Charli conta que gosta de ajudar a ampliar o alcance de novos artistas globais, colaborando com músicos que não são tão conhecidos mundialmente. Nas reportagens 33 e 41 Charli revela que conheceu o trabalho de Pabllo enquanto estava no Brasil em um encontro com fãs. Ela perguntou a eles sobre artistas que estavam fazendo sucesso no país, e indicaram o trabalho de Pabllo. Na hora achou um grande ato, já que fazer parte da comunidade LGBTQ+ no Brasil nem sempre é fácil. Então, entrou em contato com o produtor de Pabllo pensando em fazer um remix com ela, mas, criaram a música *I Got It* e assim surgiu a primeira parceria delas. Pode se dizer

[77] No original: If this isn't quintessential Pabllo Vittar, nothing is.

que a partir de uma representação social, Charli conheceu o trabalho de Pabllo. Na opinião de Cabecinhas (2009), Moscovici buscou descobrir em sua teoria de representações sociais, de que maneira um conhecimento é utilizado, transformado e consumido por um "cidadão comum", questionando a maneira de como os sujeitos criam realidades através de processos de comunicações interpessoais do dia a dia. A autora (2009), opina que esse é um estudo entre as relações dos sujeitos e a sociedade, onde já é reconhecido que exista um estímulo externo para as definições das representações sociais, contudo, que dependem de uma resposta. Para Alexandre (2001) a teoria de representações sociais busca compreender como informações divulgadas na mídia conseguem ser incorporadas na coletividade e fazer determinado conhecimento ser convertido em uma propriedade impessoal e pública. Essa integração possibilita que cada sujeito utilize as informações a partir de valores e motivações sociais do grupo a qual pertence. Assim, a formação das representações sociais depende do tipo e da qualidade de informações, do interesse pessoal e da influência social que está divulgada sobre o objeto social. A mídia é uma das principais plataformas para as representações, e por isso, tem o poder de criá-las, reforçá-las, legitimá-las e destruí-las. O mesmo autor (2001), ainda salienta que os meios de comunicação de massa, além de sua função de informar, divertir, persuadir e ensinar, também fabricam, reproduzem e disseminam as representações, que auxiliam "na própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a auto-imagem" (Alexandre 2001, p. 116).

O lançamento da música e videoclipe de *Flash Pose*, em julho de 2019, foi notícia nas reportagens 28, 29, 31, 32, 34, 35, 39, 46, 53, 54, 63, 64, 65 e 68. Essa é a primeira canção de Pabllo cantada em inglês, a segunda colaboração com a cantora Charli XCX e o primeiro single do EP 111, lançado em novembro de 2019. Todos os textos destacam o fato de essa ser a primeira vez de Pabllo cantando em inglês e a maioria ressalta que o EP traz canções em português, inglês e espanhol.

Para a Paper Magazine (46) o nome da música é uma metáfora da ação de fazer poses para o flash da câmera fotográfica, seja em uma pista, boate ou na existência cotidiana. A Gay Times (63, 64 e 65) diz que a música é um "hino queer"[78] inspirada na dança vogue e perfeita para fazer pose na passarela. A Billboard (28) diz que Pabllo é conhecida por músicas modernas de dança em português e espanhol, e foi assim que tornou-se cada vez mais popular nos Estados Unidos, mesmo entre ouvintes não-multilíngues. Com essa ascendência em sua carreira, faz sentido que ela lance músicas em inglês e descreve *Flash Pose* como um hino pop dançante contagiante. "A faixa soa eminentemente dançante,

[78] No original: queer anthem.

divertida como o inferno e oferece uma nova visão dos clássicos sons de Pabllo" (28)[79]. A artista (28) se diz muito feliz com o lançamento de sua primeira música em inglês. Para isso, está aprendendo o idioma e acredita que assim alcançara mais ouvintes e aumentará a interação com seus fãs de outros países, que tentam aprender português para cantar e se comunicar com ela. Na visão da revista Forbes (54), Pabllo usou o momento perfeito para lançar uma música em outro idioma e aumentar seu número de fãs ao redor do mundo. A publicação lembra que Pabllo possui uma carreira que rompeu barreiras culturais em todo o planeta. Ao produzir músicas em inglês e espanhol – os dois idiomas mais falados por seus fãs além do português – fica evidente que Pabllo está preparada para um estrelato mundial ainda maior.

Para a Forbes (53) Pabllo reitera que cantar em inglês aumenta conexão com seus fãs de outras nacionalidades. Kellner (2001), avalia que é a partir dos anos 1950 que cantores começaram a ter espaço de destaque na cultura midiática. Desde então, muitos desses artistas foram bases para mudanças sociais, como por exemplo: Freddie Mercury, Beatles, Rolling Stones, Janes Joplin e Jimi Hendrix. Soares (2015, p. 21) defende que a cultura pop fornece noção de posse e obtenção nos sujeitos, passando a ideia "de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afetos e afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante" (2015, p. 21). Nessa lógica, o público não é apenas consumidor, e sim intérprete, a partir da apropriação dessas narrativas em sua vida cotidiana. Esses produtos fornecem ideias e noções sobre temas como raça, gênero e orientação sexual, que assim são absorvidos pelos sujeitos.

O site especializado em música Consequence Of Sound (35) acredita que *Flash Pose* transparece o poder que Pabllo tem, fazendo ser a canção um hino para festa por excelência que se entrelaça entre um refrão percussivo com tons eletrônicos e interlúdios mais arejados e líricos. A Rolling Stone (31) aposta que a música é feita para festas, em uma melodia segura e um tom elegante. O mesmo veículo (32) comenta a tendência de músicas latinas nos últimos anos, aumentando assim a qualidade e os visuais desse gênero musical e colocam *Flash Pose* na lista dos 10 melhores vídeos de música latina do mês de julho de 2019, convidando os fãs de *RuPaul Drag Race* para ouvir a primeira canção de Pabllo em inglês. A revista Nylon (39) classifica o videoclipe e a música como empolgantes, sendo perfeito tanto para a pré-festa quanto para a festa. Soares (2015) analisa que os videoclipes, de alguma forma, mostram o posicionamento de um artista dentro do mercado musical, pois, junto com performances ao vivo e shows, fornecem materiais simbólicos que ajudam na formação de identidades e comportamentos sociais de seu público. Assim, o videoclipe é uma maneira de ensinamento da vivência pop, onde revela

[79] No original: The track feels eminently danceable, fun as hell and offers a new take on classic Pabllo-sounds.

uma forma particular de encarar a vida. "Videoclipes, com suas narrativas e imagens disseminadas, fornecem símbolos, mitos e recursos que ajudam a construir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo, de forma transnacional e globalizante" (Soares, 2015, p. 28). Kellner (2001) cita o exemplo de Madonna como um símbolo de influência feminina contraditória na cultura pop. Ela incentiva a mudança, experimentação e a formação de uma identidade individual, visando a quebra de barreiras de códigos normativos de sexualidade e sexo. Contudo, ao privilegiar a imagem e a aparência, Madonna reforça a lógica da sociedade consumista, possibilitando a criação de um "eu-mercadoria" através do consumo e dos produtos da indústria. Para Rojek (2008), as celebridades são apresentadas como mitos de autorrealização, e assumem o papel de pertencimento que foi abandonado pela crença em Reis, monarcas e Deus, porém, como tais, as celebridades tornam-se imortais, e o autor cita artistas como Elvis Presley, Marilyn Monroe, James Dean e John Lennon, que, mesmo já falecidos, possuem produtos culturais ainda presentes na mídia.

Nesta unidade de análise, percebe-se que tanto os álbuns, as músicas e os videoclipes, como também as colaborações de Pabllo, são representados em alguns materiais. Pabllo não espera o carnaval chegar para ser vadia, ela é *todo dia, todo dia*. Desde *Todo Dia*, considerada a música do carnaval no Brasil de 2017 e a primeira da cantora a fazer sucesso em todo o país; até *Flash Pose*, último lançamento de Pabllo na abrangência das reportagens de análise, esses materiais buscam explorar mais a carreira musical da drag, ressaltando aspectos como os ritmos de seus álbuns, a produção de seus videoclipes, as colaborações com artistas internacionais, e, por último, o começo de sua carreira internacional. Assim, pode-se enquadrar essa unidade nos seguintes valores-notícia: raridade (original) e proeminência (notoriedade e celebridade). A originalidade percebe-se quando as reportagens exaltam os dois primeiros álbuns de Vittar, principalmente pela mistura de ritmos brasileiros com o pop internacional. Esse mix tornou-se uma marca registrada de suas músicas e representa perfeitamente a figura de Pabllo, de uma artista brasileira que está ganhando destaque no cenário mundial. As colaborações que Pabllo fez que são destacadas pelas reportagens são com artistas de diferentes nacionalidades como Estados Unidos (Diplo e Sofi Tukker), Inglaterra (Charli CXC) e Argentina (Lali). Esses artistas possuem grande destaque em seus países, assim, ao colaborar com Pabllo, aumentam sua notoriedade em seus países e em outros, onde ainda fazem uma união entre diferentes ritmos, idiomas, nacionalidades e estilos musicais. Ainda, muitos videoclipes de Pabllo são aclamados, seja por suas produções, enredos ou imagem, remetendo a ideia de originalidade, considerando que não existem muitas drag queens com altas produções musicais audiovisuais. Como observado, esses produtos são de extrema importância da a vivência da cultura pop, na qual Pabllo está inserida, e percebe-se o interesse das reportagens por tais

produtos, principalmente para exaltá-los e elogiá-los. Nota-se que os videoclipes de *Então Vai* e *Flash Pose* são os com maiores destaques, e talvez existam explicações para isso. *Então Vai* é uma parceria com o produtor norte-americano Diplo, isso é, mesmo país que de muitas das publicações selecionadas; assim, a figura do produtor torna-se um dos principais motivos para o destaque, considerando que ele é uma pessoa conhecida e famosa em seu país de origem. No segundo caso, também com uma colaboração, desta vez com a inglesa Charli CXC, o principal fator de ressalva parece ser o fato de *Flash Pose* ser cantada em inglês, facilitando assim a compressão desses veículos jornalísticos, que conseguem ainda ampliar a divulgação de tal material.

Termina aqui a unidade de análise que trata das representações do trabalho musical de Pabllo Vittar na mídia internacional. O próximo assunto é o sucesso *mainstream* da artista.

9.1.5 Sucesso *Mainstream*

Ter uma carreira, a maioria das drag queens têm, agora, possuir grande sucesso *mainstream* é para poucas, e esse fato é destacado em diversas das publicações, tema apresentado agora. A Paper Magazine (40) lembra que Pabllo começou sua carreira em 2015 na internet a partir da música *Open Bar* e também de seu canal no *YouTube*, chamado "Vlog Da Pabllo". Desde então, tornou-se uma das pioneiras culturais ao trazer voz e estética drag para o meio *mainstream*. O portal de notícia do Spotify (69) concorda dizendo que Pabllo tornou-se um nome familiar no Brasil e que sua fama começa a se espalhar para além do país. O texto lembra que a música lusófona não faz tanto sucesso nos mercados norte-americano como as músicas em espanhol, mas, isso talvez não importe quando os ouvintes se depararem com o carisma e o grande atletismo vocal de Pabllo. Na reportagem 47, a artista fala que sempre quer levar a cultura brasileira para todos os cantos do mundo, para as pessoas conhecerem a cultura na qual cresceu e se apaixonou. A Now Magazine (52) defende que Pabllo já é um nome familiar no Brasil, e agora busca reconhecimento mundial por seu trabalho. D. A. Oliveira (2018); Furtado e Barth (2019); Moreira e Santana (2018); Paulino e Nunes (2018); Pereira (2017); Rocha e Postinguel (2017); Silva e Santos (2018) e J. S. Trevisan (2018) citam Pabllo como um caso de destaque de uma drag queen que ingressou tanto nos meios de comunicação tradicionais, como na TV e anúncios publicitários; nos novos meios, como as redes sociais e redes digitais; e também nos meios alternativos, sendo um exemplo concreto que a temática drag está difundida no Brasil e em todo o planeta. Por conta de seus altos números e visibilidade, Pabllo torna-se atrativa para empresas e marcas. "A artista vem demonstrando uma nova forma de inserção de marcas, associando-se a artistas *mainstream* do meio LGBTQ+, dando relevância e promovendo engajamento com a causa, destacando-se pela dissociação ao

preconceito social" (Furtado e Barth, 2019, p. 32). Diversas marcas como Avon, C&A, Adidas, Apple Music, Coca-Cola, Absolut Vodka, Apple Music, Skol, Niely Cosméticos, Trident, TNT Energy Drink, Banco Itaú, Chilli Beans, Club Social, John John, Olla, Colorama, Maybelline, Gol e Calvin Klein já associaram suas imagens a Pabllo, e, como lembra D. A. Oliveira (2018), até mesmo o Ministério da Saúde promoveu com Pabllo uma campanha para o uso de preservativo. Vittar (2017d) revela que para associar sua imagem a uma marca é preciso que ela esteja realmente interessada em ajudar a comunidade LGBTQ+. "Através da minha música consigo agregar pessoas e as marcas se aliam a isso de maneira positiva. Acho legal quando uma marca se associa a mim por meio da música, porque conseguimos levar alegria para vários tipos de públicos".

A agência de notícias EFE (55) tem o título: "Pabllo Vittar, a drag queen brasileira que quer conquistar o mundo" (55)[80]. A publicação destaca a carreira vertiginosa da drag e define Pabllo como destemida, alegre, segura e profundamente humana, uma artista inspirada nas pessoas que fazem o bem, mas sofrem com a homofobia. Comenta também que, com seu segundo álbum, Pabllo, um fenômeno surgido na internet, atravessa as fronteiras do Brasil. "Vittar sabe que não há fronteiras para ela, e, embora queira sempre voltar para sua terra natal, quer conquistar o mundo, pular em seus braços e deixar-se levar" (55)[81]. Para a Paper Magazine (41), a carreira, fama e reconhecimento de Pabllo parecem ter sido do dia para a noite, contudo, lembra a publicação, é uma construção de anos. Desde que apareceu em 2014, já era impressionante sua presença de palco e habilidade vocal. Assim, seus talentos como artista multifacetada a levaram ao sucesso viral. O site Remezcla (48) diz que Pabllo é uma estrela pop com uma ascensão meteórica surpreendente. O mesmo veículo (47) considera Pabllo uma artista em carreira florescente que parece ter como objetivo colidir com a cultura de ritmos brasileiros com brincadeiras de gênero e performances queer. Para Leite (2017, p. 45) "atualmente, as drag queens estão muito mais próximas do *mainstream* do que da marginalização. Felizmente, esse parece ser um caminho sem volta". Bueno e Dallaqua (2017) e Rosa (2018, p. 5) reconhecem que Pabllo, desde seu primeiro single, não parou mais de fazer sucesso "dando cada vez mais visibilidade e representatividade ao movimento LGBT brasileiro". Pilger (2018) considera que o fenômeno causado por Pabllo é ambíguo e contraditório. A partir das consagrações de sua carreira, marca presença na mídia. E é essa mesma mídia e sociedade que tanto exalta a drag, que a ataca sem parar em uma forte violência simbólica.

As reportagens da Billboard (22 e 24) contam que Pabllo tornou-se um nome popular no Brasil,

[80] No original: Pabllo Vittar, la drag queen brasileña que quiere conquistar el mundo.

[81] No original: Vittar sabe que para él no existen fronteras y aunque siempre quiera volver a su patria, quiere conquistar el mundo, lanzarse a sus brazos y dejarse llevar.

e, sua aparência "tornou-se viral, fazendo dela uma das estrelas drag mais bem-sucedidas desta geração" (22)[82]. Pabllo relata, para o mesmo veículo, que sempre quis ser famosa, mas admite que nunca pensou que conseguiria atingir esse nível tão surpreendente e de maneira tão orgânica. "É muito gratificante ser gay, uma drag, afeminada e ser capaz de conseguir coisas que nunca sonhei em alcançar" (11)[83]. Baker (1994) considera que uma das maiores forças de uma drag queen não é sua aparência, mas sua postura e apelo em suas performances, onde usa o estigma de ser homossexual afeminado com orgulho. J. S. Trevisan (2018) reflete que a maior parte dos produtos midiáticos brasileiros com discursos homossexuais são, de modo geral, um fracasso, onde passam longe de uma poesia sendo totalmente influenciados pela indústria de consumo visando apenas lucro, contudo, mascarado com as melhores intenções. A elite modernizada do país fica orgulhosa desses produtos, pois estão "aceitando" a homossexualidade, contudo, sempre com um distanciamento seguro e com gays "controláveis" – o que não é o caso de Pabllo.

Para a Paper Magazine (40), a cada ano, Pabllo continua a crescer e brilhar mais forte. A Gay Times (60) reconhece Pabllo como um dos maiores talentos musicais queer atual. Na opinião da revista Forbes (53), Pabllo usa sua posição para lutar pela comunidade LGBTQ+ e, ao mesmo tempo, faz sua incursão na indústria global da música pop, que ainda tem muita resiliência em aceitar cantores de língua portuguesa. Contudo, a penetração de Pabllo é forte e feroz, "e parece que quanto mais ousada ela cresce em sua carreira, maior ela se torna" (53)[84]. J. S. Trevisan (2018) sinaliza que na música popular brasileira (MPB) não se encontra muito a temática da homossexualidade, seja em artistas ou em letras. O autor comenta dois nomes que foram relacionados com o movimento de liberdade LGBTQ+ durante o período da ditatura militar no Brasil: Caetano Veloso e Ney Matogrosso. Ney surgiu no grupo Secos & Molhados em 1973 e tornou-se um fenômeno da música e showbiz brasileiro com sua postura de afrontamento sexual com roupas extravagantes e uma postura invejável. Questionamentos se o cantor seria um homem, uma mulher, um homossexual eram comuns na época. O cantor pode ser considerado um dos homossexuais que mais obteve sucesso no Brasil, seja artisticamente como comercialmente. Goes (2017) reflete que Pabllo poderia, de alguma forma, ser comparada a Ney Matogrosso, por conta de seu impacto cultural, sua imagem e sua arte, pois havia muitos anos que um artista homossexual não causava tanto impacto quanto Pabllo causa no país. Durante as décadas de 1970, 1980 e 1990 importantes nomes LGBTQ+ da música brasileira surgiram como Cássia Eller, Cazuza e Renato Russo. Como avalia J. S. Trevisan (2018), esses artistas eram mais atentos ao significado de suas orientações

[82] No original: have gone viral, making her one of the most successful drag stars of this generation.

[83] No original: It's very rewarding being gay, a drag queen, effeminate and being able to achieve things I've ever dreamed of achieving.

[84] No original: And it seems like the bolder she grows in her career, the bigger it comes.

sexuais e o desenvolvimento social, algo inédito na música brasileira, além do sucesso que fizeram, com suas canções cantadas por todo o Brasil. O autor (2018) destaca a importância desses cantores, que se tornaram modelos para a população LGBTQ+ que não possuíam representatividade em escala nacional. Eles tornam-se exemplos de pessoas que, mesmo com suas sexualidades desviantes, conseguiram vencer na vida, superando a repressão pessoal, familiar e social. Essas cantoras e cantores LGBTQ+ destacados por J. S. Trevisan (2018), e também Pabllo, podem ser relacionados ao que diz Moscovici (1974 citado por Chamon, Lacerda e Marcondes, 2017) sobre representações sociais, que tem como função a elaboração de comportamento e comunicação entre os sujeitos, com um importante papel na criação e definição de atitudes de grupos sociais e individuais. As representações funcionam como "enquadramentos" que podem se referir a objetos, acontecimentos, pessoas ou esferas sociais, e que são colocadas como modelos para determinado grupo social. Contudo, as representações podem não ser validadas por todos os membros, pois depende de cada grupo, época e cultura. Como lembram Chamon, Lacerda e Marcondes (2017), existem dois processos interdependentes na formação de representações sociais: A ancoragem é a transformação de algo estranho em familiar, onde busca dar sentido a alguma coisa. A objetivação diz respeito a conversão de algo subjetivo em algo objetivo, sendo uma tradução para a realidade.

O site Remezcla (48) opina que há uma explosão da cultura drag e estética queer no mundo *mainstream* nos últimos anos, e Pabllo é um dos maiores sucessos internacionais dessa cultura. Pabllo disserta para a Billboard (16) que percebe mais a entrada de drag queens no *mainstream* e reconhece que antes dela, houve diversas outras queens que permitiram essa inserção de hoje, por isso, as respeita por todo incrível trabalho que já era feito. Em seu pensamento, as drag queens de hoje tem a missão de apresentar e levar a cultura e a mensagem drag para a sociedade. Basílio (2018) lembra que Pabllo não é o primeiro artista LGBTQ+ a despontar no Brasil ou no exterior. Seus antecessores foram influenciadores e também abriram portas para Pabllo chegar onde está. Porém, o autor considera que é a partir da década de 2010 que artistas LGBTQ+ cresceram de forma inédita, muito disso por conta da internet e suas facilidades proporcionadas. J. S. Trevisan (2018, p. 570), destaca: "irrompeu como grande estardalhaço nacional a cantora drag Pabllo Vittar". Relacionando o sucesso de Pabllo com o conceito de celebridades, que como ressalta Morin (2011), hoje em dia podem surgir das mais distintas maneiras e meios, estando presente em todos os canais midiáticos. Na internet, celebridades têm suas vidas acompanhadas, estando presentes em sites de notícias, fofocas, redes socais, blogs e vídeos. Na mídia tradicional, ainda estão na televisão, em programas e noticiários e também nos jornais e revistas. Relacionando com a teoria da agenda, um tópico muito discutido é se o agendamento ainda é válido a

partir da consolidação das novas tecnologias fornecidas pela internet e que causam o enfraquecimento das mídias tradicionais. Brandi (2017) analisa que, diferentemente dos anos 1970 de quando a teoria da agenda surgiu, a mídia não está mais concentrada apenas com jornais e revistas. Agora, a audiência recebe informações "com certa prioridade da internet e das emissoras de TV. E paralelamente ao impacto das redes sociais cibernéticas, o jornalismo tradicional busca novas linguagens e métodos para noticiar os assuntos considerados mais relevantes" (2017, p. 13). McCombs (2009) acredita que, mesmo com uma nova configuração a partir da fragmentação virtual das novas mídias, o agendamento ainda se faz presente, contudo, em outro canal. Para Magalhães (2014) mesmo que talvez o agendamento não tenha tanta força a partir da internet, a mídia tradicional ainda realiza um agendamento de primeiro nível da audiência online, determinando assuntos importantes para serem discutidos na rede. Então, a teoria ainda permanece relevante, contudo, ela precisa ser repensada. O mesmo autor reflete que esse novo processo de produção, distribuição e consumo é inerente ao sistema, dessa maneira, a lógica da teoria da agenda "não se baseia apenas no consumo massivo para posterior conversação em uma esfera pública, mas se constrói numa nova esfera pública que é o ciberespaço, constituindo-se pela produção, compartilhamento e distribuição de conteúdo" (Magalhães. 2014, p. 13).

Para a Vogue (36) e a Paper Magazine (42 e 45) a popularidade de Pabllo não dá sinais de diminuir e ela já está começando a tornar-se uma superestrela internacional, onipresente em todo cenário mundial por suas colaborações e videoclipes bem produzidos, além de todo seu engajamento. Baker (1994) disserta que o primeiro impacto de drag queens cantoras aconteceu em 1978 com a canção *You Make Me Feel (Mighty Real)* de Sylvester, trazendo assim pela primeira vez a imagem da drag para a mídia. Até essa época, as divas da era disco podiam ser consideradas drag queens a distância, pois eram o mais próximo de uma representação para as queens, que usavam essas mulheres como inspiração. É destacado por autor (1994) que uma das primeiras artistas drag que conseguiu destaque na mídia e fama internacional foi a norte-americana Divine, que tanto atuou como cantou usando esse nome, e ficou conhecida por atuações em filmes como *Pink Flamingos*, *Female Trouble* e *Hairspray*. Louro (2008) lembra que os movimentos sociais que surgiram nos anos 1960 observaram, desde cedo, que a entrada e controle de espaços como a mídia, cinema, televisão e jornais eram importantes, pois, a voz que sempre reinou ali havia sido a do homem branco heterossexual e que "ao longo da história, essa voz falara de um modo quase incontestável" (2008, p. 20).

A participação de Pabllo em alguns pontuais eventos são tópicos para alguns materiais. No ano de 2018, as reportagens 3, 5, 9 e 35 comentam a participação de Pabllo no carnaval do Rio de Janeiro no desfile da escola Beija-Flor de Nilópolis na Sapucaí. "Vittar se apresentará na segunda à noite para

celebrar a sexualidade e a diversidade e combater a intolerância contra a comunidade LGBT" (3)[85]. J. S. Trevisan (2018) analisa que esse feriado é um exemplo perfeito de onde, durante quatro dias, tudo é permitido acontecer, e nessas ocasiões, a drag queen está sempre presente, atingindo todos os públicos e não apenas reservada ao público gay. Ela está na rua, nos blocos de carnaval, nas festas e nos desfiles. Ela é "liberada", mesmo que ainda possa espantar os menos acostumados. Na visão de Vencato (2002) é no carnaval de rua que a drag queen pode questionar a ordem, regras, leis e fronteiras impostas pela sociedade. "Sua *trans*condição, enquanto drag queens, implica em estarem o tempo todo indo e voltando... passeando pelo meio do público, brincando com as identidades de gênero... sendo masculinos, femininas, os dois. Sem com isso perderem suas singularidades" (2002, p. 103).

A turnê que Pabllo fez nas Paradas de Orgulho LGBTQ+ dos Estados Unidos e Canadá em junho de 2019 é um tema destacado no *corpus* de análise, como nas reportagens 24, 25, 28, 38, 51, 52, 53, 54, 60, 61, 68 e 70. A Forbes (53) comenta que uma celebração do Orgulho é obrigatória a presença de drag queens, e, no ano 2019 em Nova York, Pabllo, uma das drags mais famosas do mundo, marcou presença, em um ano politicamente quente, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil. J. S. Trevisan (2018) concorda, dizendo que a drag queen é uma figura obrigatória nesses eventos desde sua criação. Pabllo opina na reportagem da Vogue (38), que o mês do Orgulho, junho, é para se divertir, celebrar e lutar por direitos e deseja que o sentimento de orgulho não seja apenas durante um mês e sim todo o ano. A reportagem 70 exalta o show de Pabllo nas Paradas de Orgulho dos EUA e Canadá, definindo como uma performance com muitas cores, moda e dança, feita para um público entusiasmado e cheio de energia. Pabllo conta para essa publicação que é ótimo poder juntar sua voz com outras. Na visão da NOW Magazine (51), a presença de Pabllo nesses eventos em outros países é muito significativo para a população LGBTQ+ do Brasil. Na reportagem 25, Pabllo comenta da experiencia dos shows nos Estados Unidos, e diz que vê mais semelhanças do que diferenças entre fazer um show internacional e no Brasil. Para a Forbes (53), Pabllo vê que essa época existe para se gritar mais alto do que durante o resto do ano. A artista diz admirar esses eventos porque são da comunidade para a comunidade, uma união para algo maior e melhor. Revela que tinha 13 anos quando foi em sua primeira Parada e foi a primeira vez que sentiu que poderia ser ela mesma. Conta que não entendia muito bem na época, mas sentia uma sensação boa, de comemoração por ser assim, um sentimento de orgulho. Anos mais tarde, quando foi para São Paulo, viu que esses eventos não são apenas para comemorar, e sim para lutar pelos direitos, gritando o máximo que puder para as pessoas ouvirem.

A Vogue (38) acompanhou 24 horas da vida de Pabllo durante sua estadia na cidade de Nova

[85] No original: Vittar will perform Monday night to celebrate sexuality and diversity, and tackle intolerance against the LGBT community

Iorque para a *World Pride*, na qual a artista conta que quer levar seu calor brasileiro para o show na cidade. Durante sua apresentação, no vídeo da publicação, ela fala: "Oi Nova Iorque, meu nome é Pabllo Vittar, eu sou do Brasil. Eu estou tão feliz de estar aqui nesse dia. Eu sou tão orgulhosa de ser gay, sou tão orgulhosa de ser brasileira, sou tão orgulhosa de ser eu mesma" (38)[86]. A Forbes (54) defende que talvez o mês do Orgulho tenha sido um dos momentos mais cruciais na carreira de Pabllo. Se antes seu reconhecimento se limitava a participações em músicas de outros artistas, agora a drag se apresentou em diversas cidades nos Estados Unidos com seu próprio repertório. Ainda, lembra que no show em Nova Iorque, Pabllo se apresentou no mesmo palco onde artistas como Grace Jones e Madonna cantaram, "cimentando seu status como ícone da música global" (38)[87].

As reportagens 53, 68 e 70 salientam a participação de Pabllo na ONU (Organizações das Nações Unidas) cantando em um evento de comemoração ao aniversário da Rainha Elizabeth II da Inglaterra. "'Haverá gays na ONU, ah, sim!', disse ela – se isso não foi um prenúncio da dominação mundial, não sabemos o que é" (68)[88]. Para o Pulso Pop (70), essa apresentação na ONU faz parte da ampliação e conscientização da mensagem da campanha "Não deixe ninguém para trás" que busca erradicar a pobreza extrema em todo o mundo até 2030, e também para alcançar a inclusão da comunidade LGBTQ+ em todo o planeta.

A performance de Pabllo no evento para instrutores *Zumba Fitness* em Orlando, Florida, em julho de 2019 ganhou destaque na reportagem 27. Nesse material, perguntam para Pabllo porque é importante jovens cuidarem da saúde. A drag fala que corpo e alma estão conectados, e as pessoas devem cuidar de ambos para ter uma vida melhor. Não importa qual exercício, tudo depende o que melhor combina com cada pessoa. Esse destaque pode ser ligado ao conceito de celebridades, que, como lembra Rojek (2008), ao mesmo tempo em que celebridades expressam vulnerabilidade e fragilidade humanas, onde conseguem atrair simpatia e respeito, elas ajudam na definição de um padrão de composição física e mental, fornecendo modelos para administração de emoções cotidianas. "São símbolos de sucesso material, e na ostentação de um excedente prodigioso que lhe é dado" (2008, p. 102).

Os eventos que Pabllo participou e são destacados nos materiais, como o carnaval de 2018 na Sapucaí, as Paradas de Orgulho nos Estados Unidos e Canadá, a participação de um evento na ONU, e a performance no Zumba Fitness podem ser relacionados com o que pensa Kellner (2004), dizendo que

[86] No original: Hello New York. My name its Pabllo Vittar. I'm from Brazil. I'm so happy to be here on well this day. I'm so proud to be gay. I'm so proud to be Brazilian. I'm so proud to be myself.

[87] No original: cementing her status as a global music icon.

[88] No original: "There will be queers at the UN, oh yes!" — wasn't a harbinger of world domination, we don't know what is.

esses espetáculos midiáticos transmitem representações de valores básicos da sociedade atual, determinando o comportamento dos sujeitos e dramatizando suas controvérsias e lutas, como também, fornecendo modelos e respostas para a solução dessas lutas. A sociedade do espetáculo, tal como a cultura da mídia, visa consumo e ordena-se a partir da produção e comercialização de eventos culturais. Os espetáculos buscam atender as expectativas do público para assim aumentar seu lucro e poder e ainda manter seu status como um dos principais organizadores da vida social. Pilger (2018, p. 74) lembra que por trás de todo o sucesso e fama de Pabllo, estão envolvidos interesses mercadológicos que a drag representa, um espetáculo que é vendido e consumido como representativo da diversidade. "Pabllo Vittar é um importante fenômeno artístico e midiático, mas sua relevância vai muito além de sua música e imagem, Pabllo serve como uma espécie de pedagogia da diversidade" (2018, p. 74). D. A. Oliveira (2018), considera que, a partir da internet, parece que a temática da diversidade ganha um importante espaço nas redes. Com essa força, cada vez mais esse tema sai da esfera online e entra nos meios de comunicação tradicionais, onde essa pauta parece ser quase obrigatória.

Uma das maiores consagrações da carreira de Pabllo foi a indicação para o Grammy Latino na edição de 2018, tornando Pabllo a primeira drag queen indicada para a principal premiação de música do mundo. Essa nomeação é citada nas reportagens 16, 31, 32, 35, 36, 45, 51, 52, 53, 55, 56, 60, 61 e 68. Pabllo expõem para a Paper Magazine (45) que está muito feliz com a indicação e não sabia que era a primeira drag queen indicada na história. Com isso, se diz realizada em poder mostrar para outros LGBTQ+ que podem sonhar com qualquer coisa, pois, se ela pode, outras pessoas também. A indicação de Pabllo para o MTV European Music Awards foi lembrada nas reportagens 16, 35 e 36. Rojek (2008) disserta que as celebridades são uma consequência e intensificação da cultura da mídia, em uma junção entre a vida quotidiana a vida pública. Kellner (2004) analisa que celebridades são uma produção e manipulação da sociedade do espetáculo, e, tal como empresas, tornam-se marcas que buscam vender seus produtos e possuem assessores cuidando de suas imagens, buscando sempre serem percebidas de forma positiva, contudo, algumas vezes, certas transgressões e coisas "ruins" possam vender.

A rede social *Instagram* é diversas vezes citada nos materiais que exploram a figura de Pabllo, isso porque ela é a drag queen com o maior número de seguidores, seja do Brasil ou a nível mundial. Esse fato é ressaltado nas reportagens 1, 2, 7, 11, 12, 16, 35, 36, 37, 45, 51, 60 e 61. O texto da Billboard (16) comenta que, se o *Instagram* for termômetro para popularidade, então Pabllo é a maior drag queen do universo, com quase o triplo de seguidores do que RuPaul, que ocupa o segundo lugar. Em outubro de 2019, Pabllo possui 9,4 milhões de seguidores, e RuPaul 3,5 milhões. A reportagem da Vogue (36) comenta que Pabllo aparece tanto montada como desmontada em suas publicações na rede,

e seus números superam RuPaul, sendo então considerada "a maior estrela drag do planeta" (36)[89]. Para o The New York Times (1), Pabllo diz ser consciente de que mesmo sendo a drag queen mais seguida do mundo, o Brasil ainda é um país que tem muitos problemas com homofobia. Na publicação 16, ela comenta o fato de ter mais seguidores do que RuPaul na rede social: "É realmente apenas um número. Eu tenho mais engajamento social, com certeza. Mas, por favor, é isso. Veja tudo o que ela fez desde o início de sua carreira. Foi ela quem abriu as portas" (16) [90]. Na opinião de Rosa (2018) a relevância de Pabllo no meio artístico pode ser comprovada através de suas redes sociais. O destaque a rede social *Instagram* de Pabllo pode ser relacionado ao conceito de cultura da convergência. Jenkins (2009) ressalta o papel fundamental da audiência nessa cultura, que faz de tudo em busca de experiencias de entretenimento. Com a internet, o público torna-se mais do que apenas espectador, é visto como um participante ativo, que debate, compartilha, curte, comenta e recria narrativas a partir de suas preferências.

As representações sobre o sucesso *mainstream* de Pabllo são os destaques nesta unidade de análise. Os temas abordados das reportagens falam, principalmente, do incrível sucesso e ascensão de sua trajetória artística; da participação de eventos como das Paradas de Orgulho LGBTQ+ nos Estados Unidos e Canadá; sua apresentação na ONU; como também a indicação ao Grammy Latino e sua força na rede social *Instagram*. Parece que esses eventos e fatos são destacados para problematizar e ressaltar a importância de uma drag queen brasileira atingir públicos e lugares que antes pareciam ser impossíveis para drag queens. Mesmo que a comunidade LGBTQ+ e drag queen estejam mais visíveis na mídia, Pabllo é um caso específico, por tamanho sucesso, importância e onipresença. Os valores-notícia envolvidos nesses tópicos são: impacto (número de pessoas afetadas pelo fato), proeminência (notoriedade e celebridade) e proximidade (geográfica e cultural). Ao fazer shows nas Paradas de Orgulho nos países de origem dos veículos (Estados Unidos e Canadá), existe o elemento de número de pessoas afetadas pelo fato e a proximidade, tanto cultural como geográfica. Além disso, por seu status de celebridade, a artista recebe destaque pelo impacto de sua carreira e as consequências dela. Por exemplo, em 2018, depois de mais de 90 edições, foi a primeira vez da história que uma drag queen estava entre as indicadas ao Grammy, premiação mais importante da música. Pabllo conseguir essa indicação, com menos de três anos de carreira na época, demonstra o quão grande e rápida sua carreira decolou. Tratando da rede social *Instagram*, foi em 2017 que Pabllo superou o número de seguidores de RuPaul no *Instagram.*, na época a drag com mais seguidores. Isso talvez pode parecer irrelevante,

[89] No original: biggest drag star on the planet.

[90] No original: It's really just a number. I do have more social engagement, sure. But, please, that's about it. Look at everything she's done since the beginning of her career. She's the one who opened the doors.

contudo, no cenário atual, e com as forças das redes sociais digitais, esse fato demonstra um pouco da proporção da carreira de Pabllo.

Os eventos que as narrativas destacam também podem ser observados como amostra de sua impressionante carreira. Ao desfilar na Sapucaí no Rio de Janeiro, Pabllo dá um importante passo a favor da igualdade e respeito a comunidade LGBTQ+ brasileira. Os shows em Paradas de Orgulho LGBTQ+ nos Estados Unidos e Canadá, demonstram como a representatividade da artista chegou longe. Entre centenas de milhares de artistas possíveis, foi escalada Pabllo, uma drag queen brasileira – que não tinha na época nenhuma música em inglês. Mesmo assim, a cantora passou por sete cidades nesses dois países e por onde passou, foi elogiada. Durante essa turnê internacional, a artista participou de eventos que não se restringe ao público LGBTQ+, como *Zumba Fitness* e, principalmente, na Organização das Nações Unidas (ONU). E, como virou costume em sua carreira, Pabllo foi a primeira drag queen a se apresentar formalmente em um evento no local.

Encerra-se aqui a parte que considera as representações do sucesso *mainstream* da carreira de Pabllo. A próxima categoria explana melhor sobre a relação de Pabllo com a drag queen norte-americana RuPaul.

9.1.6 RuPaul

Tanto a drag queen RuPaul quanto *RuPaul Drag Race* são tópicos muitas vezes relacionados a Pabllo no material selecionado, tema desta seção. RuPaul é um marco na cultura drag mundial. Ela foi a primeira a quebrar todas e quaisquer barreiras para uma artista drag queen, e graças ao seu programa, *Drag Race*, a cultura drag está mais em evidência do que nunca. Na Billboard (10), Pabllo diz que conheceu a arte drag queen através de um ex namorado que apresentou a ela a atração. Dessa maneira, aliada à sua vontade de cantar e com o apoio dos amigos e família, começou a postar vídeos na internet cantando covers e a se apresentar em festas em sua cidade. O The Guardian (4) reflete que a tendência de drag superestrelas começa a se consolidar graças a *RuPaul* e *Drag Race*¸ que estreou em 2009. Amanájas (2014) disserta que a cultura drag pop teve seu auge com RuPaul, que surgiu nos anos 1980. Seja por sua carreira na música, cinema, literatura, televisão ou modelo fotográfica e de passarela, Ru elevou a arte drag como nunca visto antes. Baker (1994) destaca que a música de Ru *Supermodel (You Better Work)* (1993) alcançou o segundo lugar da principal parada de músicas norte-americana, sendo um marco no movimento drag e um ato espetacular de reinvenção e recuperação da arte drag na época, com uma personagem forte, atrevida, orgulhosa, bonita e negra que se afirma como uma drag queen. "RuPaul usa sua drag para afirmar sua própria homossexualidade, para celebrar a feminilidade e para

escapar das restrições da masculinidade" (Baker, 1994, p. 258)[91]. E é com o surgimento de Ru, considerada a maior drag queen do mundo, seja por fama ou sucesso comercial, que a arte drag começou um longo caminho visando a naturalização dentro da cultura pop e na mídia.

A Billboard (19) concorda ao dizer que a arte drag queen passou de uma arte performática subvalorizada e se tornou um dos fenômenos culturais mais proeminentes no mundo, muito disso reflexo do programa. Amanájas (2014); Bueno e Dallaqua (2017); Heck, Nunes e Diener (2018); Lang et al. (2015); Leite (2017); Pereira (2017); D. A. Oliveira (2018); Rosa (2018) e Santos e Ribeiro (2018), concordam que o universo drag despontou como um tema na mídia massiva nos últimos anos, e isso, por conta do reality show, que, desde então, colocou a arte drag em evidência mundial, ajudando esse grupo a atingir uma visibilidade inédita. Pereira (2017, p. 9) sinaliza ainda que as drag queens estão nas mais diferentes áreas, com destaque para queens com músicas originais. "Hoje elas são cantoras, participam de filmes, seriados e peças de teatro com muito mais ocorrência, visibilidade, aceitação comercial do que acontecia na era pré-RuPaul". Dentro da cultura da mídia, na visão do mesmo autor, o programa ajuda a desmistificação da arte drag e da cultura gay. As pessoas podem conhecer um pouco desse universo, e, crianças e jovens, podem talvez entender melhor suas sexualidades por essas representações. Já para as drag queens participantes, o programa pode ser uma porta de entrada para reconhecimento, fama e sucesso em suas carreiras. Dessa maneira, existem cada vez mais consumidores para esse universo, e é então que a cultura da mídia transforma drag queen em um produto, buscando atender a demanda, que percebe drag queen como um produto midiático. Essa "comercialização" da drag queen e da cultura gay pode ser relacionado ao conceito de *Pink Money* que é, segundo a Câmara de Comércio e Turismo LGBT Do Brasil (2018), "o poder de compra da população LGBTI+. É o dinheiro injetado na economia por meio da comunidade". J. S. Trevisan (2018) e Moreschi, Martins e Craveiro (2009) refletem que foi a partir da década de 1990 que os homossexuais tornam-se, de vez, um público consumidor em potencial. Isso aconteceu porque foi percebido que esse público havia capacidade de consumo e demandas próprias que precisavam ser atendidas, mudando assim a visão de algumas empresas para conseguir agregar essa população. O *Pink Money* da conta dessa busca de empresas em ganharem dinheiro em cima da comunidade LGBTQ+. No Brasil, por exemplo, existem pesquisas que sugerem que essa população movimenta em torno de 150 bilhões de reais, e os segmentos como cultura, lazer, entretenimento, moda e turismo são os que mais beneficiam-se disso. Muito se discute se essa prática ajuda ou não na inclusão da comunidade na sociedade. Na opinião de Moreschi, Martins e Craveiro (2009), sim, pois, com essa exposição, a aceitação da diversidade pode

[91] No original: RuPaul uses drag to assert his own homosexuality, to celebrate femininity, and to escape the constraints of masculinity.

ser melhor, diminuindo assim o preconceito.

A Now Magazine (51) opina que enquanto drags do programa lutam para serem famosas, Pabllo conseguiu uma indicação ao Grammy e ainda é um grande sucesso. Recorrentemente é ressaltado nos textos selecionados justamente o fato de Pabllo não ter sido participante e não possuir relação direta com *Drag Race*. Essa não filiação é enfatizada nas reportagens 4, 15, 19, 23, 36, 47, 51, 59, 61 e 66. Para a Vogue (36) mesmo que Pabllo tenha começado sua carreira se inspirando em *Drag Race*, ela possui um reconhecimento *mainstream* que algumas drag queens do programa apenas poderiam sonhar. Para Lang et al. (2015) a partir da atração, drag queens foram humanizadas, e agora estão na moda, aparecendo com maior frequência na mídia de massa, fazendo shows para públicos não necessariamente LGBTQ+; elas estão na TV e com carreiras em diversas áreas. "Ou seja, foram capitalizadas, cooptadas e conseguiram virar celebridades". (2015, p. 7). Os autores ainda comentam que, a partir desse status, essas artistas possuem fãs, que se interessam tanto por suas vidas profissionais quanto privadas, além da curiosidade por seus corpos "naturais".

O título da reportagem 47 ressalta que Pabllo é maior do que RuPaul no *Youtube*. Em apenas dois anos de carreira na época, Pabllo já tinha superado o recorde de RuPaul em visualizações de videoclipes. O texto ainda fala que a mídia, nessa ocasião, tentou comparar Pabllo e RuPaul como concorrentes rivais. Contudo, Pabllo se diz uma admiradora da drag norte-americana faz muito tempo. Com *Drag Race* Pabllo diz que aprendeu que drag queen é uma expressão artística, e considera-se "filha" de RuPaul, pois "a arte drag veio a mim como uma maneira de expor meus sentimentos internos. Eu acho que os números que tenho são uma consequência do meu trabalho; eu sempre tento melhorar e superar meus próprios limites" (47)[92]. Pereira (2017) sinaliza que é a partir do programa de RuPaul, que diversas outras queens com músicas originais surgiram nos últimos anos. Leite (2017) lembra que, durante o programa, muitas vezes as participantes conversam sobre homofobia e aceitação de familiares e amigos, tanto por serem gays como drag queens. Assim, discute temas que são importantes para a comunidade gay, mostrando exemplos de superação, amor próprio e paixão pela arte drag queen. "O sucesso do programa traz benefícios não só para a carreira das que participaram da competição, como para a de todas as drags, pois gera um interesse do público pela arte" (2017, p. 44).

Uma possível participação de Pabllo no programa *Drag Race* também ganha destaque em alguns textos. A Billboard (23) ressalta que por diversas vezes a drag brasileira é questionada se estaria na atração, seja como participante ou jurada convidada. A Gay Times (59 e 61) disserta sobre os motivos

[92] No original: I always say this: the art of drag came to me as a way of exposing my inner feelings. I think the numbers I've gotten are a consequence of my work; I always try to get better and overcome my own limits.

que Pabllo não competiria em Drag Race. Mesmo sendo sua maior fonte de inspiração para começar na carreira como drag queen, Pabllo conta que não faria um teste para o programa. A cantora revela que consegue se maquiar, fazer seu cabelo e cantar, porém, não sabe costurar. Adoraria fazer parte do programa, mas admite que como concorrente seria um desastre. Nos textos 16, 23, 59 e 61 ela ressalta que, apesar dos rumores de sua participação, não foi contactada pelos produtores do show para ser uma jurada convidada. Ainda faz um pedido, que é replicado nas reportagens 23, 59 e 61: "Por favor, Ru, entre em contato comigo. Eu sou uma super fã. Drag Race foi a razão pela qual eu comecei a fazer drag. Então eu devo a Ru. Vou dizer de novo: me chama Ru!" (29, 59 e 61)[93]. As publicações dizem estar torcendo para a reunião dessas duas artistas. Parece que, graças a RuPaul e ao seu programa, as drag queens estão presentes na mídia, conseguindo assim entrar em pautas sociais. D. A. Oliveira (2018) opina que se percebe mais a entrada de LGBTQ+ na mídia, comprovando-se assim que esse tema ingressou na agenda midiática, e por consequência, na agenda da sociedade, saindo de seus nichos. Dessa maneira, essa temática cada vez mais é englobada nas esferas social e política.

Como percebido, Pabllo Vittar é diversas vezes relacionada a drag queen RuPaul, seja talvez pelo seu impacto, por sua fama ou por sua carreira. O fato de o programa ter sido a inspiração de Pabllo para começar a ser drag; de ela ter um reconhecimento que algumas drag queens participantes nunca conseguiram e por não possuir relação direta com a atração e mesmo assim possuir números superiores a RuPaul em plataformas como o *YouTube* e o *Instagram*, são os destaques dessas representações. Assim, os seguintes valores-notícia podem ser considerados: raridade (inusitado), surpresa (inesperado) e proeminência (celebridade). É inusitado e inesperado talvez que uma drag queen brasileira consiga ter maior fama, reconhecimento e fãs do que drag queens norte-americanas, já que é a partir de RuPaul e de seu programa que a arte drag hoje está na mídia. Assim, Pabllo é vista como um sucesso, pois possui uma carreira que talvez outras drag queens apenas poderiam sonhar. Reconhece-se a importância que *Drag Race* possui, podendo até ser afirmado que é graças a atração que existe Pabllo Vittar.

Finda-se aqui esta unidade que relacionou Pabllo Vittar a RuPaul, como também a primeira categoria temática de análise que tratou de representações da carreira artística da drag queen Pabllo Vittar. A seguir, é apresentada a segunda categoria de análise que trata de representações que envolvem Pabllo Vittar e política.

[93] No original: Please Ru, contact me! I'm a super fan. Drag Race was the reason I started doing drag. So I owe it to Ru. I'll say it again: Call me Ru!

9.2 Categoria Temática 2: Representações Políticas

"...Qual seu tesouro?;
Brilha que nem ouro;
Dias ruins vieram e foram"
(Música *Ouro*)

Desde que a arte drag queen foi relacionada com o sujeito homossexual, cada vez mais a expressão artística ganha uma vertente política em seu ato. A drag queen tornou-se um símbolo e uma representação da comunidade LGBTQ+. Esta categoria de análise é dividida em quatro temas: gênero; país que mais mata LGBTQ+ do mundo; Bolsonaro e Representatividade LGBTQ+. Por Pabllo ser homossexual, e ainda trabalhar como drag queen, a política é uma vertente muito importante de seu trabalho e que é amplamente representada na mídia. Lembrando o conceito da teoria da agenda, Colling (2012) defende que essa teoria tem como pressuposto observar o poder que a mídia tem em agendar conversas e preocupações singulares e públicas dos sujeitos. Leal e Carvalho (2009) avaliam que a comunidade LGBTQ+ muitas vezes teve que produzir eventos para assim conseguir estar na agenda da mídia, exemplos disso podem ser observados como as Paradas de Orgulho LGBTQ+ e manifestações ao combate da homofobia. Na visão de Colling (2012, p. 112), não há como negar que a temática LGBTQ+ está cada vez mais presente na mídia, aparecendo em pautas jornalísticas como reportagens, notícias ou entrevistas. "O movimento LGBT conseguiu pautar a temática na mídia (ou seja, ingressou na agenda midiática) e que esse tema, por tabela, também passou a fazer parte das conversas das pessoas e debates públicos e de algumas, ainda incipientes, políticas públicas". A partir dessa problematização, a primeira unidade de análise apresentada é gênero.

9.2.1 Gênero

A primeira vertente desta categoria dá conta de representações relacionados ao gênero de Pabllo, que considera-se gênero fluído. As reportagens 36, 27 41, 42, 45, 47, 57, 61 e 68 lembram do fato de que Pabllo não se importa de ser chamado de "ele" ou "ela", pois flutua entre os gêneros na hora e quando quer. Sobre gênero, Jesus (2012) e Louro (2018) lembram que as pessoas são ensinadas a agirem a partir de seu sexo desde o nascimento, isso é, homens são ensinados a serem homens e mulheres a serem mulheres. É "pressuposto" que suas características físicas – o sexo, correspondam a seu gênero, que deve seguir esse caminho pré-determinado. Contudo, as percepções do que é ser homem ou mulher são construções sociais, e os corpos, ao serem nomeados, entram nessa lógica que possui um caráter permanente, invariável e binário, isso é, a heterossexualidade compulsória, um sistema político e excludente. Os que não seguem essa lógica são considerados minorias e sofrem

imposições morais, políticas, sociais e econômicas. Para Jesus (2012) o gênero é uma classificação social e pessoal e é independente do sexo, assim, pode-se concluir que nem todo homem e mulher é naturalmente cisgênero e heterossexual. O sexo trata das características biológicas de cada pessoa, e não define seu gênero – este, é formado a partir da autopercepção e a maneira socialmente expressada. Na visão de Butler (2003) não existem gêneros verdadeiros ou falsos, pois são reproduções feitas a partir de discursos. A autora defende a ideia de performance de gênero, e esse ato não é baseado em um gênero original que é imitado, e sim um "original" criado e estabilizado a partir de práticas que buscam garantir reproduzir a sequência sexo-gênero-sexualidade. Louro (2008) concorda, dizendo que os gêneros e sexualidades são construções feitas a partir de inúmeros aprendizados e práticas, e estão presentes em todas situações dos sujeitos, seja de forma explícita ou disfarçada. É um processo onde atuam instâncias como a família, escola, Igreja, mídia, instituições legais e médicas. Por muitos séculos, os ensinamentos divulgados por essas instituições pareciam supremos e incondicionais. Os que fogem dessa lógica de sexo-gênero-sexualidade são tidas como falhas do sistema. Contudo, a persistência e proliferação desses sujeitos explicitam a matriz reguladora dessas áreas.

O New York Times (1), sempre se refere a Pabllo por "Mx", não a chamando nem de Mr, nem de Ms., a atribuindo um gênero neutro. Butler (2003) problematiza a consagrada frase da célebre escritora feminista Simone de Beauvoir "Não se nasce mulher. Torna-se mulher". Partindo desse pressuposto, Butler (2003) afirma que o gênero é uma construção, que, a partir de um impulso, é assumido, apropriado ou renegado pelos sujeitos. Dessa maneira, não é uma obrigatoriedade que "tornar-se mulher" é possível apenas para fêmeas. O gênero é adquirido, e isso é um processo, que talvez não tenha um começo e fim definido, sendo sempre um durante que está aberto a intervenções e reinvenções e nunca podendo tornar-se em definitivo. Wittig (2009) concorda com o pensamento de Butler (2003), ao dizer que a ideia de tornar-se mulher de Beauvoir é um mito, pois não depende do destino, seja ele biológico, psicológico ou econômico. O tornar-se está relacionado com a civilização e a cultura, que fabricam e criam as categorias de gênero. Louro (2008) opina para essa discussão que tornar-se mulher não é resultado de um ato único, pois é uma construção ensinada e reiterada no dia a dia de cada cultura que depende de comportamentos, marcas, gestos, preferências e desgostos. Para ela (2008), o pensamento de Beauvoir pode ser compreendido como o início das discussões sobre gênero e sexualidade. Butler (2003) analisa que o processo de "tornar-se" um gênero não é fixo e outras categorias além do binarismo são possíveis. Jesus (2012) lembra que a identidade de gênero é uma auto identificação, que não necessariamente é a mesma do sexo de nascimento. Também, é diferente da sexualidade, e não possui nenhuma relação com orientação sexual.

A Paper Magazine (41) fala que a indiferença pelo gênero de Pabllo é uma homenagem a gays afeminados, para quais Pabllo diz fazer suas músicas. Gonzatti e Henn (2018) percebem que Pabllo constrói uma imagem feminina muito próxima do padrão estético da cultura pop com uma feminilidade hegemônica, contudo, por ser um homem reconhecido, promove perturbação por seu corpo "fora do mundo", assumindo assim sua fluidez. Butler (2003), defende que existem três dimensões contingentes de corporeidades significantes na performance drag e que é exemplificado em Pabllo: sexo anatômico (homem), identidade de gênero (fluído) e performance de gênero (drag). Vencato (2002) admite que a discussão entre drag queen e gênero é difícil. Para a autora, a corporalidade da drag é performativa, em atuação. Em um espaço público, ela faz refletir sobre os papeis de gênero. Ela ignora o modelo de "ser homem" que foi lhe ensinado por ter nascido no sexo biológico masculino. Em suas performances, ela é o que é, não homem, não mulher; não masculino, não feminino; talvez os dois ao mesmo tempo, talvez nenhum dos dois.

A Paper Magazine (41) opina que, seja em sua personalidade ou identidade, há sempre a presença de fluidez na forma de expressão de Pabllo. No texto 47, Pabllo comenta que quando montada, se identifica como ela, porém, não se importa com isso, pois adora o fato de ser várias coisas em um corpo só. Muito se questiona se drag queens são conservadoras ou revolucionárias sobre gêneros. Isso é uma questão que permeia os estudos sobre a arte e até mesmo entre as próprias artistas. Taylor e Rupp (2004), ressaltam que a drag está em dois gêneros ao mesmo tempo, em uma personagem com identidade teatral, cênica e interpretativa. E é essa personagem que está no desvio convencional do gênero e faz o público refletir sobre os significados de homem e mulher. Louro (2018) opina que não é produtivo pensar nessa questão, pois, a figura da drag queen pode ser vista para se refletir sobre a dinâmica do poder que envolve a construção e reprodução do gênero e sexualidade. "Não se trata de propor a figura como um eventual projeto ou modelo, mas nela se reconhece potencial crítico e desconstrutivo da normatização/naturalização dos gêneros" (2018, pp. 81-82). Schacht (2002) não vê a figura da drag queen como uma revolucionária de gênero, pois ela apropria-se de imagens femininas exercendo uma autoridade masculina e incorporando assim seu status de superioridade relacional nos lugares que se apresenta. O autor não acha que a drag subverte, de maneira real, as hierarquias de gêneros existentes, apenas promove a prática binária de maneira invertida na aparência, porém, ainda sob dominação masculina. Na compreensão de Baker (1994), a drag não tem a intenção de zombar das mulheres, mas sim dos costumes da sociedade em geral e a cultura dominante. Ela não busca ser uma mulher, mas sim, recusa ser um homem como a sociedade o define. Ela abraça seu lado feminino sem renegar sua aparência masculina, não querendo a modificar, mas sim alterar, provisoriamente, estando

em um gênero indeterminado, sendo um corpo híbrido que uni os dois sexos em um, estando na indefinição, nem homem e nem mulher, ao mesmo tempo.

A publicação 61 acredita que Pabllo e sua imagem abriram importantes discussões sobre gênero e identidade de gênero. Vencato (2002) enfatiza que uma drag não busca se vestir como uma mulher, e sim reinventa um feminino exagerado, contudo, sem um tom de deboche, mas para fazer uma aproximação da figura da "mulher", mas sem a completa identificação como tal. Segundo Louro (2018) a "imitação" do feminino de uma drag é uma provocação de desordem a qualquer norma, onde ela pode ser vista como um nômade, estando, provisoriamente, em sua personagem. Para a mesma autora (2018), por estar em um território inabitável, a drag consegue escancarar claramente a construtividade dos gêneros, causando confusão e tumulto. Ela assume transitoriedade em mostrar que é mais de uma identidade e um gênero. Pabllo, em 2015, ao ser perguntada quem é, responde: "Pabllo Vittar é um menino. Que é menina. Que não tem gênero. Que não tem medo. Que prefere mil vezes estar em um palco do que em qualquer outro lugar do mundo" (Vittar, 2015). Butler (2003, p. 195) disserta que a figura da drag queen revela importantes mecanismos da fabricação e construção social do gênero, onde ela "subverte inteiramente a distinção entre os espaços psíquicos interno e externo, e zomba efetivamente do modelo expressivo do gênero e da ideia de uma verdadeira identidade do gênero". Quando montada, uma drag assume que seu corpo é uma fabricação feita de intervenções. Seu trabalho pode ser analisado como uma paródia de gênero que imita, exagera, e ao mesmo tempo legitima e subverte o gênero feminino. Ao fazer essa performance de denúncia da fabricação de seu corpo e gênero, ela desnaturaliza a relação entre sexo e gênero, e é vista como uma estranha, um erro da ordem e norma.

A V Magazine (68) diz que Pabllo é agnóstico a gênero, usa pronomes fluídos, e mesmo que seu nome talvez não coincida com sua apresentação extravagante, a questão do gênero torna-se irrelevante ao observar o seu talento tão irresistível. Rodrigues (2017) considera que o fato de Pabllo manter um nome "masculino" para sua personagem não a faz menos artista ou drag queen. Para Bragança, Bergami e Goveia (2017), manter seu nome expõe a vontade de Pabllo na desconstrução dos signos masculinos e femininos, possuindo um nome que contrapõem com sua aparência, e essa é uma das formas que consegue fazer a parodia de gênero. "Sua forma de se colocar no mundo justapõe os binômios de gênero e ajuda a expandir e ressignificar as relações entre corpo, gênero e sexo" (2017, p. 149). A partir da década de 1980 os estudos sobre gênero, sexo e sexualidade ganharam força com a conceitualização da teoria queer. Louro (2018) conta que um dos principais pilares da teoria é a desconstrução dos sujeitos, baseado no pensamento que talvez não exista uma explicação para a posição das minorias

sexuais na sociedade, buscando então a desconstrução. E queer, como lembra a autora (2018) é justamente isso, o estranho, esquisito, excêntrico, e também, uma forma pejorativa para homens e mulheres homossexuais. A partir do tom de ofensa, queer ganha um status de afirmação e escudo, opondo-se a toda e quaisquer normatização, tendo como alvo a heterossexualidade compulsória. A ideia é que queer é desestabilizador e engloba todos as sexualidades desviantes que não querem ser "integradas" ou "toleradas" ao sistema binário, opondo-se as essas categorizações. Salih (2012) propõem que a palavra queer quer ser indefinível, indistinguível e instável. Miskolci (2009) comenta que os textos queer contestam os binarismos nas áreas do corpo, desejo, gênero e sexualidade, instâncias consideradas sistemas históricos de poder. Os estudos dessa teoria então buscam acabar com a ideia de homem como classe.

A Gay Times (61) define Pabllo como um homem abertamente gay que renega as expectativas de gênero, alterando sua apresentação masculina e feminina, e comenta que a drag prefere pronomes femininos quando montada. Na visão de J. S. Trevisan (2018, p. 544), a ideologia queer é "integrar-se para desintegrar". Lembra que é um conceito guarda-chuva que engloba todas sexualidades desviantes ou indefinidas – e que desejam continuar assim. Queer é ser indefinido, opor ser ao normal e a norma, seja ela de qualquer meio e origem. Louro (2018) reflete que denominar-se queer é um ato de indisciplina e contra a normatização, onde ser categorizado como estranho e diferente não importa, sendo na verdade essa intenção. Usa-se o estigma inferior na sociedade para se opor e afirmar, sendo um ato extremamente político, mas que não pretende ser visto como um modelo, mas sim, um meio de pensar que é mutável, ambíguo e plural. O pensamento queer não se sustenta em divisões como hetero/homo pois ainda se mantém a lógica binária. Para se ter um "pensamento queer" é preciso abandonar fronteiras, regras, sensatez e limites, para assim questionar como um saber se constitui e outro não. A teoria propõe um rompimento com as lógicas binárias e seus efeitos, que envolvem hierarquia, classificação, dominação e exclusão. A ideia queer é libertar corpos, sexualidades e gêneros. É trazer ao debate novas perspectivas, sendo isso um processo sem fim. Essa teoria, na visão de Chidiac e Oltramari (2004), ajudou muito o movimento LGBTQ+, dando embasamento político e teórico, sendo uma forma transgressiva de estar e pensar sobre o mundo e sociedade.

O The Guardian (4) lembra que no século passado a arte drag muito se limitava a performances de dublagem de música de divas pop cisgêneras. Essa prática, destaca o texto, era essencial, pois era uma forma de realizar a paródia de gênero, onde contesta a originalidade deles, mostrando assim as bases das construções sociais de gênero. Amanajás (2014) e Baker (1994) enxergam que a figura da drag se aliou aos estudos da teoria queer nos anos 1990, principalmente por sua comédia política. Em

paralelo, conseguia aos poucos voltar ao convívio da sociedade, depois do surto de Aids que renovou a homofobia na década de 1980. A figura da drag queen serviu muitas vezes para teóricos queer exemplificarem os estudos de performance de gênero, construção do gênero e propriamente seu gênero, algo indefinido e extremamente fluído. Como pensa Amanajás (2014), a drag pode ser relacionada aos estudos queer por sua recusa aos padrões impostos pela sociedade envolvendo gênero e sexo. Chidiac e Oltramari (2004, p. 472), analisam que artistas drag queens unem em um só corpo "características físicas e psicológicas de ambos os gêneros, sendo e estando masculinos e femininos ao mesmo tempo, em um jogo de composição de gêneros que questiona a rigidez do conceito de identidade". Partindo de uma imagem pessoal de um feminino, a drag cria sua estética baseada em sua identificação própria com o gênero, usando assim sua arte para desconstruir a normatividade binária. Na opinião de Vencato (2002) a confusão entre os signos do masculino e feminino é umas das características que fazem a drag conseguir atenção e divertir, despertando curiosidade do público.

Pabllo diz na reportagem 47 que o que realmente interessa em seu trabalho é deixar claro que não é uma transexual, e sim um menino gay que trabalha como drag queen. A confusão entre drag queen, transexual e travesti não é uma novidade no meio drag. Contudo, esses grupos possuem importantes diferenças. Baker (1994); Chidiac e Oltramari (2004); Jayme (2010); Moncrieff e Lienard (2017) e Schacht (2002) ressaltam que uma drag queen é um homem reconhecido, com pênis, e que não tem a intenção de removê-lo, que se apresenta artisticamente com características reconhecidas como femininas em suas performances. Para ser drag queen, é necessário a elaboração de uma personagem para apresentações artísticas. Assim, ela está em um contexto social e sexual totalmente diferente de transexuais e travestis. Ainda, leva-se em consideração que a grande maioria das drag queens não busca se parecer especificamente como uma mulher biológica, justamente por que se fizessem, não seriam drag queens e sim transexuais ou travestis.

A Billboard (10) lembra que Pabllo foi chamada de mulher pela revista Playboy em uma publicação no *Instagram*. Pabllo responde dizendo que achou bonito, agradeceu e pediu desculpas caso a postagem ofendeu mulheres transexuais; ainda deixa claro: "Sou um homem gay, gênero fluído, drag. Não gosto de me rotular. Nunca me considerei transexual. Se as pessoas não entenderem, eu posso explicar. Não sou totalmente louca" (10)[94]. Baker (1994) explica as diferenças entre travesti e transexual: a travesti é alguém que sente satisfação em vestir-se, ser tratada e reconhecida como mulher. É uma definição totalmente psicológica que ignora o sexo biológico e seus órgãos genitais. Uma transexual acredita que

[94] No original: I am a man, gay, gender fluid, drag. I don't like to label myself. Never considered myself trans. If people don't understand, I can explain. I don't act all crazy.

nasceu no corpo errado, e, através da cirurgia altera seu sexo. Vencato (2002, p. 15) concorda falando de uma transexual, sendo alguém "pertencente ao sexo morfológico oposto àquele com o qual nasceu". Para Jayme (2010), uma travesti se reconhece como mulher, e mantem-se assim durante todo o dia; enquanto uma transexual busca corrigir a falha de seu órgão genital, por não reconhecê-lo. Já a drag queen é um homem reconhecido que usa um "disfarce real", projetando em suas personagens um feminino criado. Para Vencato (2002) a confusão entre esses três grupos não é totalmente absurda, contudo, importantes diferenças impedem esse engano. Para a autora, algumas vezes drag queens são vistas como transgêneros por haver uma transformação de gêneros em suas performances, porém, ressalta três pontos que as a diferenciam: 1: temporalidade, isso é, o tempo montada e desmontada, e ainda o tempo para se montar; 2: a corporalidade e 3: teatralidade, que são as maneiras de transformação e performances usadas pelas drag queens, como os truques e maquiagens em seus corpos. Chidiac e Oltramari (2004) ressaltam que a drag manifesta sua corporalidade em uma ambivalência de signos masculinos e femininos e o modo de se expressar é decisivo para a constituição de sua imagem. Seu corpo é o território para a transformação; é através dele que é possível ser alguém com uma identidade totalmente diferente, pelo menos por algumas horas. O processo de se montar talvez seja a ação que mais tenha em comum entre esses grupos, porém, de maneiras diferentes. Jayme (2010), sinaliza que a questão do tempo diferencia a montaria de cada uma: "24 horas" em travestis, "para sempre" nas transexuais e "dia-noite" para drag queens – essas, fazem a transformação temporária, a partir de maquiagem, truques e próteses de espuma. "De dia constrói-se um corpo masculino, que pode ter barba, largas camisas, sapatos baixos. A noite é o momento da elaboração do feminino, feito com espuma nos seios e coxas, grandes e altos sapatos, equilibrados por pernas que não exibem mais pelos, mas meias" (2010, pp. 183-184).

Ao observar essa categoria, percebe-se que a auto identificação de Pabllo como gênero fluído é representada em alguns textos. Isso reflete-se no fato de que Pabllo é indiferente de ser chamado de "o" ou "a"; "ele" ou "ela". Esse fato pode parecer não ter importância, porém, possui cunho político, pois sabe-se que Pabllo é um homem, e se reconhece como tal, indo muito de encontro ao pensamento queer, que busca descontruir categorias binárias. Como a artista mesmo diz, o importante é deixar claro que não é uma transexual ou uma travesti, dois grupos que são ainda mais socialmente excluídos e possuem problemas muito mais sérios dentro da sociedade heteronormativa. Os valores-notícia que mais se adequam nessa unidade são: polêmica (controvérsia), tragédia/drama (interesse humano) e proeminência (notoriedade e celebridade). A discussão sobre gênero sempre foi complexa na sociedade. Ao considerar-se gênero fluído, ela renega as expectativas que a sociedade tem para homens e faz uma

desconstrução como forma de protesto. A questão de ser um gênero fora do binarismo é um fato ressaltado em muitas das publicações, que parecem ter interesse em saber e apresentar diferentes manifestações de gênero, e, a figura de Pabllo, por sua notoriedade, pode ser um exemplo perfeito para essa complexa questão. Mas, considera-se aqui que a drag possui um próprio gênero, que não é masculino nem feminino, talvez uma junção dos dois, talvez uma construção única e indefinível – e que deseja continuar assim.

Acaba aqui a unidade de pesquisa que tratou sobre gênero, a seguir, as representações relacionadas ao Brasil, país que mais mata LGBTQ+ do mundo, são discutidos.

9.2.2 País Que Mais Mata LGBTQ+ No Mundo

O país de origem de Pabllo é muitas vezes problematizado nos textos de análise, representações apresentadas agora. O Brasil foi descrito na carta de descobrimento do português Pedro Vaz de Caminha em 1500 como um "paraíso". J. S. Trevisan (2018) relembra que o que mais indignou, e fascinou, os colonizadores portugueses foi a prática de relações homossexuais entre os índios. Contudo, hoje em dia, esse "paraíso" é um inferno, pois o Brasil é, entre 195 países, o que mais mata LGBTQ+ do mundo. Esse é um fato recorrentemente representado nos materiais de análise, como nas reportagens 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 11, 13, 14, 36, 41, 43, 47, 50, 52, 60, 61 e 62. O New York Times (1) opina que o Brasil é um país extremamente conservador, onde LGBTQ+ sofrem estigmatização generalizada e violência. Em 2018 a revista Billboard (14) pediu para personalidades da cultura pop escreverem "cartas de amor" para comemorar o mês do orgulho LGBTQ+. Pabllo foi uma dessas convidadas e sua mensagem foi divulgada em inglês e português. A artista (14) diz que muitas pessoas podem não a conhecer, então se apresenta como um cantor gay e drag queen que vem de um país extremamente preconceituoso, o Brasil. Para ela, mesmo que as pessoas tenham uma visão do Brasil como um país alegre e divertido, ele "é o país que mais nos mata (dados da Anistia Internacional)".

O título da reportagem da Vogue (36) declara: "o que Pabllo Vittar, superestrela pop, significa para o Brasil (e o resto de nós) agora"[95]. Cabecinhas (2009) reflete que o papel das representações são em dar referências para respostas e interpretações da sociedade. A partir dos tipos de representações sociais proposto por Moscovici e citado pela autora (2009), Pabllo parece ser uma representação controversa e polêmica, isso é, está dentro de um conflito social e uma luta entre grupos. Pabllo é homossexual e drag queen, esses dois fatos a colocam em uma posição de representação desses grupos, que são considerados minorias sociais. A mesma autora avalia que a mídia tem o papel de difundir

[95] No original: What Pabllo Vittar, Pop Superstar, Means to Brazil (and the Rest of Us) Right Now.

representações polêmicas para assim ajudar na mudança social. Pereira, Maia e Azevedo (2015) analisam que as representações podem ser vistas sendo uma união entre a interação e a comunicação, e têm duas vertentes: 1: dar forma e sentido a objetos, pessoas e acontecimento, com a intenção de criar familiaridade e aproximação; 2: a própria representação, onde atua com grande força sobre a sociedade e é incorporada no cotidiano. Assim, para os autores (2015), as representações são criações coletivas, dinâmicas, compartilhadas e reforçadas por grupos ou sociedade, e suas tradições.

O El País (7) analisa que o Brasil está em colisão: de um lado, LGBTQ+ são admirados e exaltados; no outro, são odiados e mortos. As reportagens 13, 36 e 50 lembram que no ano de 2017 o número desses assassinatos bateu recorde. É o Grupo Gay da Bahia (GGB), fundado em 1980, que publica anualmente o relatório de mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil. A criação desses documentos surgiu como forma de denúncia e protesto, buscando chamar atenção da sociedade e reivindicar alguma providência das autoridades. Por ser baseado em informações empíricas e informais, J. S. Trevisan (2018, p. 521) comenta que isso leva a crer que os dados estão minimizados e que o material leva em consideração "os casos em que a homofobia ou a transfobia estiveram entre os motivos para matar". No relatório de mortes violentas do ano 2018 (GGB, 2019), foram contadas 420 mortes de LGBTQ+ no Brasil. Desse número, 76% foram homicídios e 24% suicídios. Percebe-se uma leve diminuição a 2017, ano em que o número bateu recorde e 445 mortes foram registradas. Dessa maneira, o relatório conclui que: "A cada 20 horas um LGBT é barbaramente assassinado ou se suicida vítima da LGBTfobia, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais" (GGB, 2019, p. 1). Dentre essas vítimas, 45,5% são homens gays, seguido por transexuais (39%), lésbicas (12,4%), bissexuais (1,9%) e heterossexuais (1,2%), estes, contados por terem sido confundidos com gays ou por estarem envolvidos nos conflitos desses crimes. Dentro da categoria transexuais, o relatório conta duas drag queens mortas. Do total, 70% das vítimas possuíam menos de 40 anos, sendo entre 18-25 anos a maior faixa etária, representando 29%. Mott (2006), coordenador do Grupo Gay da Bahia, lembra que os relatórios não tratam crimes comuns nem passionais, são calculados os crimes de ódio onde ser LGBTQ+ é o fator decisivo para a morte. J. S. Trevisan (2018) comenta que, com esses números, o Brasil torna-se, segundo a Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Intersexuais (ILGA), o país que mais mata LGBT+ no mundo. Mesmo que algumas pessoas tentem desvalidar os números do Brasil, dizendo que os dados são falsos, isso não isenta o perigo que existe no país para LGBTQ+.

A Billboard (11) diz que o Brasil é conhecido por sua música vibrante, pessoas e paisagens bonitas, contudo, é o país que mais mata LGBTQ+ do mundo, e isso é apenas uma das questões que a

comunidade tem que encarar no momento. Mas, diferentemente do cenário político e homofóbico, quando trata-se de música "o país testemunha paradoxalmente a ascensão épica da drag queen Pabllo Vittar para a cena musical *mainstream*" (11)[96]. Segundo o mesmo texto, mesmo Pabllo possuindo números impressionantes em redes sociais como *YouTube*, *Spotify* e *Instagram*, isso não a protege do ódio aos LGBTQ+ no país. Para a Now Magazine (52), Pabllo ressalta que o Brasil sempre foi muito homofóbico, e é por esse motivo que LGBTQ+ continuam morrendo, o que classifica como "uma realidade muito triste e vergonhosa"[97]. Moncrieff e Lienard (2017) e Vencato (2002), comentam que drag queens, assim como transexuais e travestis, estão mais sujeitas a agressão, assédio, humilhação, ostracismo e discriminação. Isso também por conta da alta visibilidade social que se expõem, onde poucas conseguem tornar-se um grande sucesso, além do fato de que muitas pessoas não aceitam essa forma artística. Vencato (2002) opina que drag queens profissionais que têm mais sucesso, acabam exercendo uma força dentro da comunidade, onde ganham maior respeito, contudo, paradoxalmente, podem sofrer mais preconceito. Algumas dessas ainda conseguem ser drag em carreira integral, e tornam-se modelos para futuras drag queens, porém, poucas conseguem obter esse status.

O The Guardian (2) informa: foram 343 LGBTQ+ mortos em 2016; e nesse país, Pabllo, uma drag queen abertamente gay, é uma sensação pop. Além de um sucesso comercial, a artista é um símbolo de resistência em um país que, mesmo com uma reputação permissiva, é o que mais assassina membros LGBTQ+. A publicação ressalta que por um lado, Pabllo possui vídeos que são assistidos milhões de vezes, e, por outro, sofre preconceito da ala conservadora do Brasil. Para a Billboard (13), mesmo com paradas de Orgulho que atraem multidões e uma imagem *gay-friendly,* "o país com as piores taxas de violência anti-LGBTQ no mundo escolheu ela, um homem, como rainha do pop" (13)[98]. Sobre representações sociais, como lembra Cabecinhas (2009), a mídia possui a função de fornecer representações sociais hegemónicas; contudo, paralelamente, são o meio de visibilidade de minorias sociais, difundindo representações polêmicas que ajudam na mudança social. Pereira, Maia e Azevedo (2015) opinam que a comunicação de massa é um potente difusor de representações do mundo social, onde serve de base para a criação do imaginário contemporâneo de grupos e indivíduos.

O texto 47 diz que o sucesso de Pabllo acontece em um momento em que a população conservadora e homofóbica brasileira está mais encorajada do que nunca. Assim, a visibilidade e sucesso de Pabllo dentro da cultura pop são uma forte provocação para a esfera política, que está em constante regressão. Destacando esse paradigma, a narrativa opina que "as performances de drag e de bicha de

[96] No original: the country paradoxically witnesses the epic rise of drag queen Pabllo Vittar to the mainstream music scene.

[97] No original: It's a very sad and shameful reality.

[98] No original: The country with the worst rates of anti-LGBTQ violence in the world has chosen her, a man, as its pop queen.

Vittar desafiam a homofobia que está profundamente arraigada na sociedade brasileira" (47)[99]. Moreira e Santana (2018) opinam que o sucesso de Pabllo é um reflexo dos tempos atuais, com o surgimento de artistas que não podem ser enquadrados em categorias de gêneros binárias, e assim, trazem essas discussões para a sociedade. Na opinião dos autores, em um país como o Brasil, que possui uma grande ala conservadora, Pabllo surge como uma proposta a favor do respeito e combate a essa parte da população. Como destaca Rosa (2018), com a visibilidade e fama alcançada, e pela comunidade que representa, Pabllo é alvo de preconceito por conservadores e homofóbicos, sendo envolvida em diversas polêmicas nas mais diferentes esferas da sociedade; parece que todo mundo tem uma opinião sobre Pabllo Vittar. O cantor brega Falcão (2017) já disse: "finalmente aparece na gloriosa MPB, depois de tanto tempo, uma criatura pra cantar mais ruim do que eu. Parabéns. obrigado de nada!". O produtor musical Arnaldo Saccomani (2017) já disse que Pabllo é uma "grande fraude da música brasileira e fruto da miséria cultural que assola o país". Em 2017, o vereador Ezequel Bueno (PRB), de Ponta Grossa, Paraná, foi contra um show da artista, lamentando que "uma cidade família, uma cidade conservadora" receba "esse tipo de show" (O Globo, 2017). O parlamentar até chegou a ameaçar prender Pabllo por uma *fake news* que dizia que a artista iria fazer uma turnê nas escolas do Brasil falando sobre diversidade sexual. Após alguns dias, o vereador disse que não é homofóbico e não teve a intenção de ofender Pabllo, apenas estava defendendo as famílias e crianças do município.

O título da reportagem da revista Galore (50) diz que Pabllo é uma granada que, com amor, luta contra o ódio no Brasil. Pabllo reconhece para a mesma publicação (50) que o Brasil está vivendo uma onda superconservadora, um momento perigoso e triste, e tem medo do que virá em seguida. Contudo, sabe que os artistas queer irão sempre lutar com o amor, bondade, alegria e respeito. É isso que mais admira na comunidade do Brasil: mesmo com tantos problemas, os LGBTQ+ nunca deixam de sorrir e espalhar o amor. Para a Billboard (11), Pabllo diz que a melhor maneira de lidar com a negatividade e preconceito é com positividade, concentrando-se no que faz bem e é bom para sua vida. No texto da V Magazine (68), ela revela seu mantra: "Se você não gosta de mim ou não gosta do que eu faço, é problema seu e não meu. Eu apenas continuo indo" (68)[100]. Eiras (2018) reflete que Pabllo não merece o retrocesso que o Brasil está vivendo; ao mesmo tempo, "o Brasil atual precisa, mais do que nunca, da arte de Pabllo Vittar". Como avalia Manus (2018) defender Pabllo Vittar é um ato político. Citando também as cantoras Anitta e Ludmilla, a autora sinaliza que o apoio a essas artistas vai além da música e entra em camadas mais profundas. Não há problema em não gostar das músicas delas, contudo, no

[99] No original: Vittar's queerness and drag performances challenge the homophobia that is deeply entrenched in Brazilian society.

[100] No original: If you don't like me or don't like what I do, that's your problem and not mine. I just keep going.

atual cenário político e social do Brasil "levantar a bandeira anti Anitta, anti Ludmilla e anti Pabllo Vittar não significa levantar a bandeira do bom gosto musical, mas sim a bandeira conservadora, intolerante e de não aceitação das diferenças" (2018). A mesma autora lembra que a política é dominada por homens, brancos, heterossexuais e conservadores, mas, contrariamente, as principais cantoras brasileiras expressam suas sexualidades e o direito de ser donas de seus próprios corpos, sem medo de julgamentos. Em sua visão: gostar ou não de Pabllo é um direito, ter respeito pelo seu trabalho é um dever, e, a defender de ataques homofóbicos "acabou por ser um ato político e necessário" (Manus, 2018).

Como elucida J. S. Trevisan (2018) a homossexualidade e a política sempre tiveram uma relação muito complexa. Mesmo que ela seja discutida no congresso brasileiro mais do que antigamente, nem sempre é uma conversa positiva. O The Guardian (2) comenta que Pabllo se manifestou a respeito do projeto da "cura gay" que foi discutido no Brasil nos últimos anos, onde a drag disse que ser gay não é doença. Na reportagem 11, Pabllo fala sobre o tema, dizendo que ainda muitos retrocessos acontecem, mas é ridículo falar sobre "cura gay". Em sua opinião, o que a comunidade quer é respeito para fazer seu trabalho. A "cura gay" foi um projeto de lei protocolado na Câmara Federal em 2011, mas que começou a ser discutido em 2013, para felicidade dos parlamentares conservadores. Sua proposta era rebaixar a classificação da homossexualidade como doença, para ser "tratada e curada". Contudo, como analisa J. S. Trevisan (2018), o projeto gerou polemica e protestos em todo o país e o bordão "Não há cura para o que não é doença" definia o tom de revolta da população. Com a repercussão negativa na época, o projeto foi engavetado; até 2016, onde novamente foi apresentado na Câmara Federal. A ideia dessa vez era permitir psicólogos tratarem homossexuais e não serem reprimidos pelo Conselho Federal de Psicologia, sob justificativa que a homossexualidade poderia causar transtornos psicológicos. O autor (2018) acredita que essa busca insaciável para se curar algo que não é doença, é oriundo de várias vertentes religiosas em nome de uma "verdade divina".

As reportagens 6, 36 e 52 lembram que em 2013 o casamento entre pessoas do mesmo sexo foi legalizado no Brasil, e os direitos para a comunidade pareciam que iam começar a virar realidade. J. S. Trevisan (2018) elucida que a legalização da união entre pessoas do mesmo sexo foi uma das principais lutas por direitos da comunidade LGBTQ+ brasileira nos anos 1990. Foi apenas em 2011 que a união foi aprovada pelo STF (Supremo Tribunal Federal). Em 2013 foi determinado pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça) que todos os cartórios brasileiros são obrigados a realizar o casamento entre esses casais. As reportagens 51 e 52 da Now Magazine, comentam que, neste ano, em junho de 2019, a homofobia e transfobia virou crime equiparado ao de racismo, sendo uma rara vitória da comunidade no

país. Oliveira e Bárbieri (2019) destacam que o Brasil é o 43° país a criminalizar tais atos, onde as penas vão de um a três anos, podendo chegar a cinco em casos mais graves. Entretanto, a publicação (52) fala que, apesar das melhorias legais, o clima de ódio ainda parece presente, e destaca: até julho de 2019, 141 assassinatos de LGBTQ+ aconteceram no país.

O Brasil, país que mais mata LGBTQ+ no mundo, também é o país que nasceu Pabllo Vittar, que pode ser considerada uma das drag queens mais famosas do mundo. Esse fato é a principal representação desta unidade de análise. Os valores-notícia mais evidentes aqui são: impacto (número de pessoas envolvidas) e (número de pessoas afetadas), conflito (disputa), polêmica (controvérsia), tragédia (violência/crime), proeminência (notoriedade), governo (interesse nacional) e justiça (crimes). Os números de assassinatos envolvem um grande número de pessoas, e assim, torna-se um tema extremamente relevante para se discutir com a imagem da artista. É complexo imaginar que o mesmo país que mais mata a população LGBTQ+ e que já discutiu a "cura gay", também é o país que nasceu uma das maiores artistas drag queen da atualidade. Esse fato é destacado nas narrativas principalmente ao apresentar a artista. Mesmo com todos problemas, preconceitos, empecilhos e barreiras, Pabllo, talvez de maneira inexplicável, conseguiu ingressar na mídia e ter um sucesso nacional tão grande quanto de artistas heterossexuais, podendo ser considerada uma heroína no meio desse clima político. Contudo, conseguir ingressar na mídia não foi fácil; por diversos momentos Pabllo sofreu, e ainda sofre, preconceito e repressões. Esse tema envolve questões que entram na esfera política, pois representa um pouco do relacionamento tão conturbado entre política e comunidade LGBTQ+ no Brasil.

Acaba aqui a unidade de análise que discute o Brasil, país que mais mata LGBTQ+ no mundo e também país de origem de Pabllo. O próximo tópico elucida representação sobre o atual Presidente do Brasil, Jair Bolsonaro.

9.3.3 Bolsonaro

Os números de assassinatos de LGBTQ+ no Brasil são muitas vezes relacionados no material de análise com o Presidente brasileiro Jair Bolsonaro, representação desta unidade. As reportagens 1 e 2, feitas um ano antes da eleição, outubro de 2017, já sinalizavam que o então parlamentar poderia ser eleito Presidente, o que deixava a população LGBTQ+ preocupada. O texto do jornal The Daily Mail (6), feito logo depois da vitória de Bolsonaro, diz que o resultado das eleições causa medo na população LGBTQ+ do Brasil por conta do seu histórico discurso homofóbico. O mesmo texto sinaliza que Pabllo, assumidamente gay, é uma "feroz crítica ao novo Presidente" (6)[101]. Além disso, comenta que nos

[101] No original: fierce critic of the new president.

governos anteriores a comunidade LGBTQ+ começava a conquistar alguns direitos, que agora podem estar em perigo.

A Vogue (36), lembra que em 2014, quando Pabllo apareceu na TV pela primeira vez em uma emissora local, o Brasil já era um lugar perigoso para LGBTQ+, porém, o progresso parecia que estava vindo. Já em 2018, o Brasil parece estar em guerra consigo mesmo e com o progresso: alguns direitos parecem estar em perigo e o país elegeu Jair Bolsonaro, parlamentar de extrema direita e assumidamente homofóbico. "Bolsonaro disse que a homossexualidade é resultado do uso de drogas e comparou os direitos a adoção de casais gays a pedofilia; ele também disse que 'seria incapaz de amar um filho homossexual' e que 'preferiria que meu filho morresse em um acidente do que ser gay'" (36)[102]. J. S. Trevisan (2018, pp. 471-472.) cita algumas outras falas emblemáticas de Bolsonaro, como por exemplo: na TV Câmara em 2010, Bolsonaro disse: "O filho começa a ficar assim, meio gayzinho, leva um couro e muda o comportamento dele. A gente precisa agir"; em 2002, dizendo não ser homofóbico, afirmou que se olhasse dois homens se beijando na rua, iria bater neles; ao ser legalizada a união entre pessoas do mesmo sexo em 2011, comentou que o próximo passo seria a adoção de crianças por casais gays e "a legalização da pedofilia. Unidade de família é homem e mulher"; sobre a adoção de crianças por gays, se questionou se ensinar "a criança a ser gay" seria uma coisa "normal", e respondeu dizendo "não"; sobre o mesmo tema, perguntou quem seria a mãe em um casal gay; também disse que não deixaria seu filho de cinco anos brincar com uma criança filha de um casal gay; criticando o "kit gay", falou "homossexualismo, direitos? Vai queimar tua rosquinha onde tu bem entender, porra!".

A EFE (55), classifica Bolsonaro como nostálgico a ditadura militar, de extrema direita e conhecido por manifestações homofóbicas, racistas e misóginas. A Billboard (16), define Bolsonaro como homofóbico e também recorda que o parlamentar já disse que preferia ter um filho morto do que gay. J. S. Trevisan (2018 p. 471) sintetiza um pouco o parlamentar, que é conhecido por seu histórico discurso homofóbico. "Capitão da reserva do Exército, defensor da ditadura militar, admirador de torturadores, racista, inimigo declarado do feminismo, crítico dos direitos humanos e homofóbico de carteirinha". Durante sua carreira política, o Presidente em exercício tornou-se campeão de denúncias em seus mandatos como deputado, sendo processado por ofensas a negros quilombolas, gays e mulheres.

Pabllo foi uma das artistas que se posicionou contra Bolsonaro durante as eleições. As reportagens 16, 36, 52, 53, 57 e 61 destacam que ela é uma opositora e que participou do movimento ELE NÃO contra o então candidato. Durante uma apresentação ao vivo transmitida pela TV, a artista chegou a

[102] No original: Bolsonaro has said that homosexuality is a result of drug use and compared gay couples' rights to adopt with pedophilia; he's also said that he "would be incapable of loving a homosexual son," and that he "would prefer my son to die in an accident" than be gay.

gritar essa expressão e ela conta para a Billboard (16) que a atitude foi espontânea, e incrível, pois mostrou para ela que não está sozinha e que seus fãs a apoiavam. A V Magazine (68) classifica Pabllo como um elo entre a nova era de ouro de artistas LGBTQ+ e regimes de extrema direita como os de Donald Trump e Jair Bolsonaro. Fazendo uma assimilação com a história do Super-Homem, a publicação diz que a política do preconceito está condenada e Pabllo é a *kryptonita*[103] das expectativas reduzidas muitas vezes mantidas por artistas queer. A Billboard (17) define Bolsonaro como o "Donald Trump do Brasil" e cita artistas famosos que se manifestaram solidarizando-se com a comunidade LGBTQ+ brasileira, como Pabllo, que, após a divulgação do resultado da eleição compartilhou a legenda "Eu Resisto" numa foto de um arco-íris no *Instagram*. J. S. Trevisan (2018) avalia a força que bancadas evangélicas, ruralistas e militarista-fascista ganharam a cada eleição no Brasil, e hoje, são maioria no congresso. Muitos desses parlamentares possuem discursos homofóbicos e são a favor da "família tradicional" e moral cristã. O autor argumenta que essa força da direita não é nova, porém, "o impacto propulsivo dessa junção de direita foi tão poderoso que se poderia caracterizá-la como 'inédita', no sentido de que o fenômeno nasceu e se incrustou dentro do próprio processo democrático" (2018, p. 471). Maranhão Filho, Coelho e Dias (2018, p. 85) opinam que a fortificação do conservadorismo no Brasil pode ser notada, principalmente, desde 2010, e se consolida com a vitória de Bolsonaro "oferecendo novos desafios às já frágeis democracia brasileira e laicidade do Estado".

A reportagem 11 ainda enfatiza que o Brasil passa por um crescente conservadorismo, que culminou na eleição de Bolsonaro. Segundo J. S. Trevisan (2018), neste século, a eleição de Donald Trump como Presidente dos Estados Unidos marco o início de uma tendência política de governos de direita suceder governos progressistas. Essa ala direita, na visão do autor (2018), usa a internet e seu território caótico para semear *fake news* e manipular a população. Para Maranhão Filho, Coelho e Dias (2018), a campanha de Bolsonaro para a presidência foi impulsionada por *fake news* na internet envolvendo temas como o "kit gay" e a ideologia de gênero, tendo como objetivo causar um sentimento de terror social por suspostamente isso acabar com a "família tradicional brasileira".

O El País (8) disserta sobre as *fake news* no Brasil envolvendo política, e citam Pabllo ao comentar que, por diversas vezes, Bolsonaro foi envolvido em notícias falsas com a comunidade LGBTQ+, como por exemplo no boato de que o parlamentar faria a propaganda da marca de refrigerante Pepsi – porque Pabllo estava fazendo publicidade para a Coca-Cola. A Billboard (11), relata que alguns consumidores da Coca-Cola chegaram a pedir boicote a marca por conta da publicidade do rosto de Pabllo estar nas

[103] "Espécie de rocha extraterrestre (alienígena) verde que, ao se aproximar do Superman, começa a brilhar e atinge os poderes dele o deixando fraco" (Fonte: https://www.dicionarioinformal.com.br/kriptonita).

latas de refrigerante. Urbim (2018) define que Pabllo "é um ímã de fake news na cultura pop". Parece que por ser gay e drag queen, Pabllo sofre mais do que cantores heterossexuais com falsas notícias na internet, onde o discurso de ódio em cima dela é reafirmado. Gonzatti e Henn (2018) e Sampaio, Lima e Oliveira (2018) concordam, opinando que Pabllo é uma das celebridades mais atacadas com *fake news*, que buscam prejudicar, invisibilizar, desmerecer, denegrir e silenciar sua carreira e o movimento LGBTQ+. O jornal Metro (2018) ressalta que a artista foi a segunda celebridade mais procurada no Google em 2017. As justificativas para essa posição são os frutos do seu trabalho e também pela quantidade de *fake news* atribuídas a artista. "De namoro com jogadores de futebol até a proposta de fazer um pão com hormônios femininos. Fora a de que iria embora do país se Jair Bolsonaro ganhasse a eleição" (2018). Sobre esse boato de deixar o Brasil, Pabllo rebateu: "Para de ficar indo na minha rede social falar para eu arrumar minhas malas meu amor. Porque eu não vou embora do meu país, eu nasci aqui e vou morrer aqui" (2018c). Em outro momento disse: "Eu não vou sair do Brasil. Nem o negro vai voltar para a senzala; nem a mulher para a cozinha e nem o gay para o armário. Ninguém vai sair daqui" (2018a).

A Forbes (53) salienta o fato de que Pabllo chegou a cancelar a parceria com a marca de calçados Victor Vicenzza, que declarou apoio ao parlamentar. No vídeo da reportagem da BBC (57) Pabllo aparece gritando ELE NÃO durante um show, e a drag conta que se considera ativista desde pequena. Suas bandeiras são a do respeito, do amor e da igualdade. Recordando uma fala de Bolsonaro – que disse que não quer que o Brasil vire "um paraíso gay", Pabllo dá um recado:

> ele chegou atrasado, porque o Brasil é um paraíso gay muito antes de eu nascer. Muito antes de eu nascer já tinha festas, gala gay, sempre foi um país muito colorido. Quer dizer que o brasil é o paraíso gay, não só gay. É um paraíso para todo mundo. Porque a gente vai resistir e vai continuar dando muito close nesse paraíso chamado Brasil (57).

A Billboard (28) considera que as conquistas na carreira de Pabllo podem ser vistas como uma declaração de resistência ao Presidente e seus apoiadores, sendo um farol de esperança para LGBTQ+ brasileiros. A mesma publicação pergunta a Pabllo como é ser uma artista queer no Brasil de Bolsonaro e ela se diz orgulhosa do status que possui pois é necessário mostrar para conservadores e homofóbicos que as pessoas podem ser e fazer o que quiserem. "Eu não estou machucando ninguém, estou tentando fazer a minha parte para criar um mundo melhor para todos. Eu sou uma artista LGBTQ e tenho orgulho disso, e ninguém pode me dizer o que eu posso ou não fazer" (28)[104]. A Gay Times (61) lembra que

[104] No original: I am not hurting anyone, I am trying to do my share to make a better world for everyone. I am an LGBTQ artist and I am proud of it, and no one can tell me what I can or cannot do.

Bolsonaro é abertamente homofóbico. Contudo, ainda assim "temos aqui uma orgulhosa drag queen gay representando a vibrante comunidade queer do Brasil em escala global" (61)[105].

A Vogue (37) define que Pabllo, com sua confiança feroz, atitude atrevida, talento e proeminente posição de orgulho, está na vanguarda da cena LGBTQ+ do Brasil, tornando-se um farol de esperança no meio da agitação política do país. Esse clima político no Brasil, destaca a Paper Magazine (41), faz com que a comunidade LGBTQ+ seja perseguida. Nesse cenário: "a mera existência de Vittar é revolucionária. Por isso, é fácil ver por que Vittar se tornou rapidamente uma das figuras queer mais emblemáticas do mundo" (41)[106]. Lemes (2017) opina que, mesmo com os avanços dos direitos da comunidade LGBTQ+, a homofobia ainda está presente no Brasil, e, diante desse cenário, o jornalismo e a mídia possuem uma função social de promover o debate sobre o tema, dando visibilidade aos movimentos sociais na luta por direitos de igualdade. J. S. Trevisan (2018) opina que o avanço da comunidade LGBTQ+ dos últimos anos é um caminho sem volta, mesmo que isso incomode algumas pessoas. Na visão de Louro (2018) as "minorias" sexuais estão cada vez mais visíveis, acirrando assim a luta entre progressistas e conservadores. A autora destaca que essas "minorias" não podem ser traduzidas como inferioridade numérica, e sim, uma maioria silenciosa, que, ao se politizar, torna-se um grupo de luta. Essa politização causa dois sentimentos opostos: em uma parte ajuda na aceitação na sociedade, e por outro lado causa revolta nos conservadores. A respeito da estereotipação, lembra Biroli (2011), a mídia possui a função de, ao mesmo tempo, propagar e superar os estereótipos. Apesar de não ser a criadora, por sua posição central na produção de realidades e importância na realidade social, a mídia colabora com a permanência e impacto desses estereótipos. A autora (2011) continua dizendo que os estereótipos ao serem difundidos para uma população em determinada cultura, tornam-se referencias de comportamentos ou falas compartilhadas entre indivíduos que não possuíram contato pessoal e direto. Mas, a mídia também tem a função, a partir da multiplicação de informações e opiniões, de causar a superação de preconceitos que carregam os estereótipos. "Haveria uma correlação positiva entre a quantidade e a variedade das informações disponíveis e a possibilidade de superação das visões distorcidas ou estereotípicas da vida social" (2011, p. 72). Exemplificando com Bolsonaro e Pabllo, podemos concluir que por suas declarações contra a comunidade, Bolsonaro é estereotipado como homofóbico; já Pabllo, por ser drag queen e homossexual, é colocada no outro lado da balança, sendo então estereotipada como uma resistência ao Presidente. Esses estereótipos não foram criados pela mídia, mas é por ela que eles são propagados, divulgados e intensificados.

[105] No original: Yet here we have a proud gay drag queen representing Brazil's vibrant queer community on a global scale

[106] No original: Vittar's mere existence is revolutionary. So it is easy to see why Vittar has fast become one of the world's most emblematic queer figures.

A Gay Times (60, 61 e 62) também define Pabllo como um farol de esperança para a comunidade LGBTQ+, e isso, principalmente, depois que o Brasil elegeu um Presidente homofóbico. Para a revista (61), Pabllo diz que é necessário se unir contra o governo de Bolsonaro. Em sua visão, a comunidade sempre viveu sob preconceito, então, além da luta é necessário educar, mostrando que não existem diferenças entre LGBTQ+ que tentam vencer e serem felizes, igual as outras pessoas. "Pabllo ganhou seu status de voz para a comunidade LGBTQ do Brasil. Ela é o antídoto perfeito para o atual clima político e um farol de esperança para aqueles que se sentem oprimidos serem quem são" (61)[107]. Sobre artivismo, Rocha (2018) opina que, atualmente, o pensamento sobre a relação entre entretenimento e transformação social mudou e ganhou relevância, muito renegada anteriormente. Fica cada vez mais evidente a influência da cultura pop nos sujeitos e na sociedade. E é com o artivismo que as ações sociais e políticas buscam a ampliação, sensibilização e problematização das lutas da sociedade, e que são expressadas por performances artísticas, estéticas ou simbólicas, por meio das verdades e pontos de vista sobre a vida e realidade social dos artistas, seja por meio da arte de rua, da música, do cinema, do teatro, de intervenções etc. Bragança, Bergami e Goveia (2017) vêm a figura de Pabllo como um símbolo das conquistas LGBTQ+ deste século e que, apesar de todo preconceito, conseguiu ingressar, através da mídia, em pautas sociais do movimento.

> Há uma exaltação não apenas a figura feminina de Pabllo, mas à sua sexualidade que grita: sou homem gay, mas posso ser uma mulher atraente e desejável se quiser. Essa provocação não apenas atinge um comportamento social sedimentado, mas também fala diretamente com uma população LGBT que, em maior ou menor grau, já sofreu com imposições sociais que delimitam os universos os quais essas pessoas poderiam se aventurar subjetivamente e corporalmente. (Bragança, Bergami e Goveia, 2017, p. 149).

Ser gay em um país com um Presidente homofóbico não é fácil. Ainda, sendo gay, drag queen e uma personalidade altamente visível, isso parece ser mais difícil. Assim, nesta unidade, os valores-notícia mais evidentes são: impacto (número de pessoas afetadas), conflito (disputa e reivindicação), polêmica (controvérsia), proeminência (notoriedade e celebridade) e governo (interesse nacional e eleições). Estamos falando aqui do Presidente do Brasil, maior cargo político para um país, assim, suas atitudes, declarações e atos afetam diretamente toda a população brasileira. Por inúmeras vezes Bolsonaro se viu em meio de conflitos e polêmicas envolvendo a comunidade LGBTQ+, que é fortemente atacada por ele, entrando em temas que são polêmicos e envolvem a luta pelo poder e direitos. Percebe-se que muitas representações desta unidade ilustram que no meio desse clima político existe um farol

[107] No original: Pabllo has earned her status as a voice for Brazil's LGBTQ community. She's the perfect antidote to the current political climate, and a beacon of hope to those who feel oppressed for who they are.

de esperança, e esse farol chama-se Pabllo Vittar, uma forte crítica ao Presidente e um suspiro de alívio para essa população que já sofre tantas perseguições. Assim, a figura de Pabllo é explorada para exemplificar a situação do país e o complexo de a artista fazer um sucesso em um país que elegeu um parlamentar autodeclarado homofóbico. Nesse cenário, Pabllo é um dos principais e maiores símbolos contra o Presidente, e as reportagens que representam esse fato parecem utilizar sua imagem para exaltar sua luta política pela comunidade LGBTQ+ brasileira.

Finaliza-se aqui a unidade que apresenta a relação do Presidente do Brasil Jair Bolsonaro com Pabllo Vittar nas reportagens do *corpus* de análise. A seguir, a representatividade LGBTQ+ de Pabllo é discutida.

9.3.4 Representatividade LGBTQ+

O fato de Pabllo representar a comunidade LGBTQ+ é o tema das representações desta unidade, que é abordado nas reportagens 2, 10, 11, 13, 14, 24, 26, 36, 37, 41, 45, 52, 53, 61, 69 e 70. O Spotify (69) diz que Pabllo é a estrela pop que dá voz à LGBTQ+ no Brasil, sendo a representante mais famosa do país. Para a Paper Magazine (45) Pabllo é uma voz altamente visível para a comunidade LGBTQ+ em seu país de origem. A revista Forbes (53) comenta que, com os questionamentos dos direitos da comunidade LGBTQ+, a voz de Pabllo neste momento, tanto como estrela pop quanto ativista, é ainda mais poderosa e necessária, sendo uma importante representante da comunidade queer do Brasil. A mesma reportagem (53) opina que Pabllo faz ativismo de um jeito irresistivelmente sexy. Para Baker (1994) a drag queen incorpora de vez a vertente política a partir dos anos 1960 com os movimentos contraculturais que aconteceram nessa década, e, torna-se então uma das maiores representações da comunidade gay. Desde então a drag queen possui uma função além do entretenimento, ganhando status de um forte ato político. O mesmo autor (1994) destaca que durante os anos 1970 ainda era difícil encontrar drag queens que faziam esse trabalho em tempo integral. Não existia tantos lugares e nem o cachê era alto para conseguir se sustentar apenas sendo drag.

Para a Now Magazine (52), é na cena musical queer brasileira que se encontra a esperança no meio do clima político conservador do país, com artistas que fazem música como forma de resistência, e ainda considera Pabllo como uma ativa voz na representação da comunidade. Pabllo opina para a mesma publicação (52), que a música é importante para a política da comunidade pois é um ato de liberdade e uma manifestação pela luta de direitos. Na Billboard (24), Pabllo reconhece ser uma voz para LGBTQ+, e não apenas no Brasil, que enfrenta tempos difíceis, mas sim em toda América Latina e mundo. "Eu já estive em muitos países e percebi que não é só no Brasil que precisamos dessa voz, mas

em todos os lugares, e estou muito feliz por ser uma dessas vozes" (24)[108]. Chidiac e Oltramari (2004); Bueno e Dallaqua (2017) e Brasil (2017) dissertam que a drag queen hoje atinge diferentes públicos e consegue uma grande repercussão, sendo até expressiva sua presença na mídia, que pode ser tanto no teatro, cinema, internet, música e TV. As performances dessas artistas transmitem mensagens de liberdade de expressão e ativismo, em uma era marcada pela ruptura de valores morais e estéticos, sendo considerada uma forma de protesto contra a sociedade conservadora e preconceituosa. É preciso cada vez mais ocupar espaços para lutar por direitos, para assim, barrar o retrocesso e se posicionar politicamente.

Para Pabllo (47), ao mostrar sua verdade, seus fãs se relacionam com ela, e é assim que é vista como um símbolo da comunidade, sendo uma troca de experiência e uma rede de aprendizado e apoio. Para a reportagem 70, Pabllo revela que: "toda vez que eu subo no palco, eu consigo me enxergar nos meus fãs. Isso me mostra que o que eu estou fazendo é uma verdade. Isso me deixa muito feliz, poder me enxergar nos meus fãs, e saber que eles podem também se enxergar em mim" (70). A drag, na mesma narrativa, ainda incentiva que é preciso aceitar as diversidades. É necessário que as pessoas se coloquem no lugar dos outros e saibam que todos são iguais, mas cada um com suas diferenças.

Pabllo revela para a Vogue (37) que ser uma artista LGBTQ+ no Brasil é incrível e intrigante. Reconhece que é uma luta diária, pois não está imune ou livre do preconceito, e revela a missão dela e de outros artistas queer: levar representatividade: "Eu fico imaginando muito quando eu era criança e não tinha essa representatividade. E era bastante difícil para mim, porque eu passei por momentos muito complicados, que agradeço porque me fizeram ser essa pessoa que eu sou hoje, uma pessoa forte e confiante" (37). Na Paper Magazine (41 e 45) Pabllo fala sobre poder ser uma representação para crianças, algo que não teve na infância. Ela sabe que é um modelo e se diz feliz e consciente dessa responsabilidade. Por isso, busca levar a sua importante mensagem para as crianças e adolescentes que sofrem com a homofobia como ela nessa idade. Raposo (2015) disserta que, por sua natureza estética e simbólica, as performances de artivistas conseguem amplificar, sensibilizar, refletir e interrogar temas e situações em determinado contexto histórico e social, onde busca ser um agente de mudança ou de resistência. "Artivismo consolida-se assim como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística – nomeadamente, pela proposição de cenários, paisagens e ecologias alternativas de fruição, de participação e de criação artística" (Raposo, 2015, p. 4).

A Billboard (26) coloca Pabllo como exemplo de artista latina que é modelo para seus fãs. Dando

[108] No original: I've been to so many countries and I realized that it's not only in Brazil that we need this voice, but everywhere, and I'm very happy to be one of these voices.

um recado para eles, a artista diz que é necessário ter paciência, pois todos tem seu momento de brilhar. Pabllo (2019b), diz que, com toda a homofobia que já enfrentou, e ainda enfrenta, sabe bem como é difícil ser LGBTQ+, sendo motivo de piada, risada, além das dificuldades para se conseguir emprego e respeito. Ainda, reconhece que a posição que ocupa não é comum para um membro da comunidade, e, por isso, considera que seu trabalho vai para além da música. "Eu aproveito essa visibilidade que eu tenho para poder colocar a cara no sol e trazer visibilidade para as minhas 'manas' que nem sempre tem esse tempo livre para 'ta' colocando o que pensam para fora" (2019b). Para a Paper Magazine (41), Pabllo se diz feliz pela sua representatividade LGBTQ+ em uma escala global. Para ela, no atual momento, sua presença dá força para seus fãs e para si mesma, para continuar trabalhando e perseguindo seus sonhos. Busca fazer seu trabalho para a comunidade, e revela que mesmo com todos problemas que LGBTQ+ enfrentam no Brasil, não queria nascer em outro país, pois admira a força do povo e sabe que a comunidade tem muito trabalho a fazer. A respeito dos status de celebridades definidos por Rojek (2008), Pabllo seria uma celebridade adquirida, isso é, através de suas realizações artísticas, como cantora e drag queen, ela torna-se conhecida e famosa. Morin (2011) defende que celebridades são astros de cinema, campeões, monarcas, artistas célebres etc. Na cultura de massa, são pessoas que servem como modelos para a sociedade, substituindo antigas instituições como família, educadores e heróis nacionais. É exatamente por esse status que Pabllo torna-se um modelo para seus fãs, que a partir de sua imagem sentem-se confortados e representados.

Na reportagem da revista Forbes (53), Pabllo conta que grandes divas como Whitney Houston e Aretha Franklin a inspiraram quando criança, pois não havia artistas LGBTQ+ para poder ter como modelo. Então, essas mulheres eram a imagem mais próxima de uma representação para ela. "Eu gostaria de ter uma RuPaul ou uma Pabllo Vittar ou alguma outra artista LGBTQ+ para se inspirar quando criança" (53)[109]. Para a Billboard (11), Pabllo se diz honrada em ser um exemplo, uma reflexão para a população jovem LGBTQ+ e por poder lutar contra a homofobia e o preconceito. Busca usar sua posição para mostrar aos fãs que não estão sozinhos e que podem ser o que desejarem. Diz que consegue se ver nesses jovens, porém, a diferença é que, quando criança, não existia personalidades LGBTQ+ na mídia dessa forma. No texto da Vogue (36), a artista reitera que sua intenção é ser uma modelo para os jovens, algo que não teve em sua infância. Na narrativa da Billboard (11), Pabllo reconhece ainda que é um longo caminho para alcançar o merecido respeito à LGBTQ+ na sociedade, mas o importante é a união e nunca desistir da luta. Para Santos e Ribeiro (2018, p. 9) Pabllo "é uma das artistas drags mais influentes da atualidade, seu reconhecimento por parte do público tomou dimensões grandes". A artista

[109] No original: I *wish* I had a RuPaul or a Pabllo Vittar or some other huge LGBTQ artist to be inspired by as a kid.

(2017f) reconhece a importância de sua representatividade midiática no Brasil, sentindo-se feliz pela quebra de tabus que faz. Colaborando com esse pensamento da influência da mídia, na visão de Kellner (2001) a cultura da mídia divulga produtos culturais que são imagens, sons e espetáculos. Esses materiais estão no dia a dia da sociedade, dominam o tempo de lazer e apresentam opiniões políticas, ideologias e comportamentos sociais que auxiliam na de definição de, por exemplo o que é ser homem ou mulher, rico ou pobre, heterossexual ou gay.

Pabllo conta para a Vogue (37) que seu trabalho é gratificante por conta das diversas mensagens de alegria, superação e afirmação que seu trabalho causou na vida de seus fãs. "Acho que é isso que faz meu trabalho valer a pena. É mudar as vidas das outras pessoas, se não, não teria graça nenhuma". Pabllo comenta para Gay Times (61) que recebe todos os tipos de mensagens de seus fãs, e sente-se feliz em saber que ajudou as pessoas a serem mais fortes ou terem um relacionamento melhor com a família. "Não se trata apenas de drag e música, é também sobre fazer a diferença no mundo" (61)[110]. Nesse cenário, para o futuro, a artista é positivista e crê que as coisas irão melhorar para a comunidade LGBTQ+ pois acredita que as pessoas estão criando consciência sobre o tema, sendo um avanço de ainda um longo caminho. Relacionando com artivismo, Bordin (2015) acredita que, a partir de um jogo de denúncia, o artivismo mostra uma ambiguidade, trabalhando em uma realidade paralela, negando-a, e assim, questionando-a. "A realidade é retratada dentro de um jogo cênico que ao negá-la pela representação, denuncia esta mesma realidade julgada equivocada" (2015, p. 131). Esse movimento tem como uma característica atingir o coletivo e a comunidade com performances feitas no espaço público, expondo ao mesmo tempo arte e política.

Pabllo lembra no texto 53 que muitos fãs têm uma história parecida com a sua enfrentando a homofobia em cidades pequenas, e é por isso que sua existência tem tanta importância. Diz que quer passar uma mensagem mostrando que a situação até pode estar ruim agora, contudo, pode melhorar. Seu trabalho é para seus fãs, para que possam aprender e ao mesmo tempo ser confortados. Ainda na mesma narrativa (53), Pabllo opina que o cenário político do Brasil fez com que seja preciso lutar, então, é necessário se apoiar mais ainda. "Se eu posso ser uma voz que fala e luta, os fãs estão lá para me apoiar e ao mesmo tempo eu estou apoiando-os. É um relacionamento próximo" (53)[111]. No texto do The Guardian (2), Pabllo revela que sua missão é transmitir força para que seus fãs continuem sendo quem são. Para a Billboard (10), a artista diz que sua maior inspiração são os fãs. Reflete que largou a faculdade para seguir esse sonho e busca fazer uma declaração e um apelo por direitos e respeito para a

[110] No original: It's not only about drag and music, it's also about making a difference in the world.

[111] No original: If I can be a voice that speaks up and fights, the fans are there to support me and at the same time I'm supporting them. It's a close relationship.

comunidade LGBTQ+. Para o mesmo veículo (14) Pabllo comenta que, com seu trabalho, busca inspirar seus fãs a serem eles mesmos, independentemente do medo e das coisas negativas que os cercam. "Juntos nossas vozes soam mais alto enquanto mais barulho fizermos, mais difícil será para ignorarem nosso pedido de igualdade. Seja gay, lésbica, trans, drag queen, não binário, [...] nossa luta é em nome do amor" (14).

Pabllo fala para a Gay Times (61) que seu objetivo é compartilhar mensagens de respeito mútuo através de sua música para que as pessoas possam ser elas mesmas, e também respeitarem e amarem a si mesmas e aos outros. Mesmo parecendo ser um objetivo simples, a publicação ressalta que isso parece ser difícil no Brasil. Pabllo sabe que a homofobia existe todos os dias no país, que está em toda parte, e que os LGBTQ+ precisam ser cautelosos todo o tempo. Mesmo assim, as pessoas queer no Brasil estão lutando contra a intolerância e violência. Pabllo diz "Somos resistentes, somos ferozes, somos fortes e lutamos juntos por nossos direitos" (61)[112]. Com sua superexposição e status de celebridade, Pabllo possui destaque na vida social, provocando assim mudanças da representação da comunidade LGBTQ+ e drag queen. Isso comprova o poder das celebridades nos sujeitos por meio da mídia ao conseguir pautar temas discutidos na sociedade. Rojek (2008) considera que, como forma de relação humana, a cultura de celebridade, igual a religião, é uma paixão mútua que não acontece interação física. Mesmo que ocasionalmente aconteça encontro com fãs, são superficiais e os famosos mantêm a imagem de abstração. "A relação imaginária de intimidade com a celebridade traduz-se no desejo irresistível de tocá-la, ou possuir algum objeto seu que restou ou que foi descartado" (2008, p. 69). Cavalcante e Mosca (2010) comentam sobre representações sociais na música pop. Para um fã de certo artista, a relação com seu ídolo vai além de apenas ouvir sua música. Ele compra CDs, DVDs, LPs e além, age e pensa de certa maneira a partir de performances e ideais propostos por artista e meio musical. Para os autores, a música pop e seus artistas influenciam em diversos aspectos as vidas de seus fãs, que vão desde o modo de vestir, falar, indivíduos com quem se relacionar, visão do mundo e de si mesmos.

A Paper Magazine (45) diz que Pabllo, por si só, está abrindo portas para a inclusão de comunidades marginalizadas de forma mais ampla e que seu trabalho abre caminhos para outros artistas da comunidade não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. A drag responde para a reportagem (45) que se sente honrada por isso, e diz adorar poder fazer parte de algo que mude a sociedade. A Gay Times (61) ressalta que a importância do sucesso comercial de Pabllo, para uma artista queer, é um dos seus principais destaques, e a drag diz que sabe dessa responsabilidade de representante das

[112] No original: We are resistant, we are fierce, we are strong and we are fighting together for our rights.

comunidades, seja LGBTQ+ ou drag queen. Furtado e Barth (2019) reconhecem que era difícil imaginar uma drag queen ter o sucesso que Pabllo tem, conseguindo ultrapassar preconceitos, e, o mais difícil, ter um sucesso além do imaginado, tornando-se uma representante e também representação LGBTQ+ em uma imagem explorada como símbolo de diversidade. Na visão de Bordin (2015), o artivista faz uma intervenção sobre problemas de relevância na sociedade com a ideia de denúncia, a partir de performances artísticas, para assim desconstruir velhos pensamentos perante o que acreditam serem os culpados pelo preconceito que enfrentam. "Esse pensamento de 'mudar o mundo' começa a partir da sua própria mudança enquanto ser humano, optar pela arte para realizá-las é o diferencial do artivista" (Bordin, 2015, p.133).

A drag queen Aja, participante de *RuPaul Drag Race*, exalta Pabllo para a Out Magazine (66) a chamando de formidável e ressaltando o sucesso, os números de seguidores, as colaborações e os prêmios recebidos por Pabllo. Aja considera que isso é insano, uma drag conseguir tamanho sucesso comercial e artístico, e que, se isso está acontecendo no Brasil, pode acontecer também com drag queens norte-americanas. A Paper Magazine (45), opina que nos Estados Unidos parece não ter nenhum artista LGBTQ+ com o tamanho da visibilidade de Pabllo, ainda mais de forma tão rápida. A drag se diz abençoada por ser uma voz para a comunidade e reconhece que trabalhou e ainda trabalha muito. Rocha e Postinguel (2017) relacionam Pabllo ao conceito de pop-lítica: uma aproximação do pop ao político; do político ao entretenimento. Na visão dos autores (2017), Pabllo negocia com as lógicas de produção da cultura de massa, e, ao mesmo tempo, promove uma nova forma de política oriunda de grupos sociais oprimidos. Assim, inverte a lógica e questiona seu lugar de fala, promovendo visibilidade de minorias sexuais e de gênero, tornando-se

> objeto de consumo/inspiração/identificação para outros indivíduos. Graças, também, às expressões pós-massivas, Pabllo Vittar consegue não apenas contestar códigos estéticos, políticos e narrativos por meio de seu entretenimento pop-lítico, mas ofertar para o consumo outras formas públicas, compartilhadas e coletivas de representações imagéticas não-dominantes (Rocha e Postinguel, 2017, p. 14).

Para Pabllo, reportagem 70, as pessoas têm que se acostumar e naturalizar que todos temos um lugar e papel na sociedade: "Faz o teu que eu faço o meu! Você não precisa me aceitar, mas tem que me respeitar" (70). D. A. Oliveira (2018) analisa que as drag queens conseguiram atuar com maior facilidade na representatividade LGBTQ+ na mídia *mainstream* nos últimos anos. Bueno e Dallaqua (2017) refletem que apenas agora as drag queens têm a chance de se fazerem presentes e apresentarem seus corpos simbólicos carregados de lutas sociopolíticas "Nesse corpo que transita entre a arte e a luta, a representação através das performances das drags em geral, ganha espaços, rompe as barreiras do

preconceito e conquista, através das mídias, respeito a comunidade LGBT" (2017, p. 46). Alexandre (2001) analisa que os estudos de representações sociais na mídia ganham força a partir da importância econômica, social, política e ideológica do processo comunicacional. Dentro da mídia, para o autor, ao pensar na cultura da celebridade, pela posição de reconhecimento e privilegio, as celebridades ajudam na formação de realidades sociais e tornam-se símbolos, que são importantes para dar referências na procura de respostas para interpretar o mundo em que estamos e nos formamos como sujeitos, pois exemplificam o mundo, o tornando "real" e palpável. Sobre a teoria da agenda, Rossetto e Silva (2012, p. 101) recordam que a teoria compreende que "grande parte da realidade social é fornecida às pessoas pela mídia, logo se expõem assim suas opiniões. Além disso, os elementos enfatizados na agenda midiática acabam tornando-se igualmente importantes para o público". Os mesmos autores refletem que a partir dos avanços dos estudos sobre agendamento, nota-se que os meios de comunicação que conseguem definir a agenda são variados, com características e abordagens diferentes, e, assim, talvez consigam também influenciar a audiência a determinadas opiniões sobre temas, grupos, pessoas ou objetos. Nessa visão, o público pode perceber ou ignorar, prestar atenção ou descartar, realçar ou negligenciar os temas apresentados.

Na visão do Spotify (69) Pabllo está em um maravilhoso momento de sua carreira, sendo a líder de um grupo de artistas queer brasileiros que estão com trabalhos empolgantes, como Gloria Groove, Linn Da Quebrada, As Bahias e Cozinha Mineira, Aretuza Lovi, Liniker e os Caramelows, Johnny Hooker, Filipe Catto e Rico Dalasam. "Ela tem orgulho de considerar muito desses artistas como seus amigos e vê seu sucesso coletivo como uma prova de importância de suas histórias e identidades" (69)[113]. Moreira e Santana (2018, p. 4) consideram que Pabllo é a maior destaque dessa geração de artistas LGBTQ+ e, com sua música e discurso a favor das minorias, "rompeu barreiras e conquistou seu espaço no show *business* brasileiro". Rodrigues (2017) concorda, e considera Pabllo um dos maiores nomes da música pop brasileira atual. Graças ao seu destaque e influência, suas músicas tornam-se importantes "pois fazem referência a uma forma de resistência contra as diversas maneiras de repressão que as minorias sociais enfrentaram" (2017, p. 37).

Pabllo revela para o Pulsopop (70) o desejo de ver outros artistas LGBTQ+ brasileiros conseguirem sucesso e que saibam que podem chegar onde quiserem. "Eu quero isso para as próximas gerações. Eu quero que as pessoas consumam a nossa música e que saibam da nossa arte, que saibam que a gente existe e que a nossa voz está mais alta e ativa" (70). Como disserta J. S. Trevisan (2018), na

[113] No original: She is proud to consider many of these artists her friends and sees their collective success as a testament to the importance of their stories and identities

música, artistas queer tornam-se mais presentes e, essas cantoras utilizam novas e modernas linguagens, misturando tendências internacionais com a vertente queer e ativista. O pânico que essas manifestações artísticas causam em religiosos conservadores pode ser uma comprovação da importância de tais atos. Estão surgindo novos artistas queer em todos lugares do Brasil, os quais o autor (2018) chama de jovens cantores/as "eles-que-são-elas-que-são-eles" como por exemplo Pabllo Vittar, Johnny Hooker, Rico Dalasam, Liniker e os Caramelows, As Bahias e a Cozinha Mineira, Karol Conká e Linn da Quebrada. "Dando asas à ambiguidade, transitaram por gêneros musicais e ritmos diversificados, que borraram definições estritas, para assumir um caráter ativista e anti-homofóbico" (2018, p. 589). Goes (2017) se pergunta por que Pabllo faz mais sucesso do que outros artistas LGBTQ+ como por exemplo Johnny Hooker, Liniker e os Caramelows, Jaloo, Candy Mel, Mateus Carrilho, As Bahias e a Cozinha Mineira, Rico Dalasam e Linn da Quebrada. Em sua análise (2017), Pabllo, com menos de dois anos de sua carreira midiática na época, já possuía diversas músicas de sucesso, parcerias e um contrato com uma gravadora; enquanto os outros artistas, mesmo lotando shows pelo Brasil, não conseguem atingir públicos mais amplos. A resposta é que Pabllo segue a lógica consagrada de cantores pop internacionais, que se aliam a produtores experientes para "fabricar" músicas pop comerciais. "A maioria das letras do repertório de Pabllo não é específica a nenhum gênero. São canções de amor, que, se fossem em inglês, poderiam estar na voz de garotas hétero e cis como Britney ou Rihanna". (Goes, 2017). Dessa forma, para o autor, a mensagem política de Pabllo está em sua própria imagem e não em suas músicas. Em outro momento, o mesmo autor (2018) avalia que Pabllo não é uma cantora política em suas letras, mas sim em suas atitudes, voz e sua indiferença com gêneros. "É bobagem querer que Pabllo erga bandeiras. Ele/ela já é todo um estandarte desfraldado. Ao se expor sem medo, ao exercer seu direito ao prazer, ao falar diretamente com um público carente e imenso, Pabllo Vittar é o mais político de todos os artistas brasileiros em atividade" (Goes, 2018). Bueno e Dallaqua (2017) e D. A. Oliveira (2018) concordam, dizendo que Pabllo não traz questões sociais, militantes e de representatividade em seu trabalho musical, mas que sua força política está em sua figura e em suas declarações públicas.

A Billboard (13) explora como drag queens brasileiras estão fazendo uma revolução em uma cultura tão homofóbica. Para a publicação, um grupo de drag queens, que tem Pabllo Vittar na vanguarda, está conseguindo mudar a aceitação da comunidade LGBTQ+ no Brasil, usando a música e a performance como meios. Outras artistas ressaltadas pelo texto são Aretuza Lovi, Gloria Groove, Lia Clark e Linn Da Quebrada. "Com um trabalho revolucionário, sensibilidade *camp* e uma estética drag feroz, essa nova geração de artistas está usando sua visibilidade sem precedentes para enfrentar o

machismo profundamente enraizado do Brasil" (13)[114]. Pabllo, na mesma narrativa (13), fala que está feliz por ter esse espaço no meio *mainstream*, e, assim, emprestar sua voz a comunidade LGBTQ+, considerando que a partir de então as pessoas irão crescer tendo esses exemplos de artistas para se inspirar. Bueno e Dallaqua (2017) avaliam que é com o sucesso e repercussão de seu trabalho, que comprova-se o aumento da visibilidade LGBTQ+ na mídia, onde Pabllo é a principal agente dessa mudança. Para os autores (2017), desde que Pabllo surgiu na cena midiática, a figura da drag queen passa por uma quebra de paradigmas inédita. Por seu status de celebridade, a cantora torna-se uma ligação entre a comunidade LGBTQ+ e a sociedade conservadora, ampliando as discussões do grupo.

Heck, Nunes, Diener (2018); Pereira (2017) e Santos e Ribeiro (2018) concordam dizendo que Pabllo pode ser sido a primeira, mas, outras artistas drag queens e LGBTQ+ conseguiram ganhar destaque na mídia, como Gloria Groove, Aretuza Love, Lia Clark e Kaya Conky. D. A. Oliveira (2018) disserta que esses novos artistas LGBTQ+ promovem práticas fluídas de gênero com arte, política e ativismo. "Com composições musicais e visuais assumidamente contestadores, esses artistas têm colaborado para que os debates de gênero se ampliem para muito além da sexualidade em sua relação dicotômica entre ser hétero ou homossexual" (2018, pp. 40-41). Esse movimento musical é definido por J. S. Trevisan (2018) como "trans-viada", "estilística desmunhecada" ou "estética viada", com uma expressividade artística reconhecidamente afetada, performática e desmunhecada. Para o autor, um dos maiores fenômenos midiáticos é Pabllo, considerada um "um ícone performático" (2018, p. 589). Para o futuro Moncrieff e Lienard (2017) avaliam que os custos por ser uma drag queen estão sim diminuindo considerando a aceitação nas esferas sociais; podendo até a drag queen tornar-se um fenômeno mais folclórico do que funcional.

Nesta unidade de análise é representada a importância que Pabllo, uma artista LGBTQ+ e drag queen, possui, seja no Brasil ou a nível mundial. Percebe-se nesta unidade os seguintes valores-notícia: impacto (número de pessoas afetadas pelo fato), conflito (disputa) e proeminência (notoriedade e celebridade). Em diversos momentos Pabllo reconhece sua responsabilidade de levar representatividade para uma comunidade que nunca possuiu grande voz na sociedade, principalmente para crianças e jovens LGBTQ+ que muitas vezes sofrem por não entenderem suas sexualidades, algo que a drag diz que sentiu na infância. É raro encontrar artistas pertencentes da comunidade que tenham tamanho sucesso, seja comercialmente ou artisticamente. Muitas vezes no material de análise Pabllo é representada como a voz e a artivista mais expressiva no Brasil da comunidade LGBTQ+, como também,

[114] No original: With their revolutionary work, camp sensibility and fierce drag aesthetic, this new generation of artists are using their unprecedented visibility to confront Brazil's deep-rooted machismo.

uma agente de mudança para a aceitação de outros artistas queer na mídia e na sociedade. A partir de sua personagem, Pabllo cria seu próprio mundo com suas músicas e videoclipes, que em grande maioria tratam de temas alegres e festivos. Ainda, com a visibilidade alcançada, Pabllo consegue alavancar e evidenciar diversas outras artistas LGBTQ+ para a mídia, comprovando ainda mais sua importância e representatividade.

Encerra-se aqui a segunda categoria temática que buscou as representações políticas da drag queen Pabllo Vittar na mídia internacional, bem como o capítulo de análise. As considerações finais são apresentadas a seguir.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

"E quanto mais dor recebo;
Mais percebo que sou;
Indestrutível"
(Música *Indestrutível*)

Este estudo buscou identificar e analisar as representações artísticas e políticas da drag queen brasileira Pabllo Vittar na mídia internacional. Para alcançar esse objetivo, esta dissertação discutiu diversos temas que estão relacionados a expressão artística e a própria Pabllo Vittar. Primeiramente explorou-se a história e alguns conceitos sobre drag queen, este, considerado o principal assunto teórico desta pesquisa. Outros conteúdos teóricos abordados são: gênero, teoria queer, homossexualidade no Brasil, mídia, teoria da agenda, valor-notícia, celebridades e representações sociais.

O gênero sempre esteve envolvido com o trabalho da drag queen, pois, ela faz uma performance do gênero feminino. Já a homossexualidade nem sempre esteve diretamente ligada com a arte drag. Foi apenas no século XVIII que se estabeleceu a primeira vez essa relação. Desde então, a artista drag queen está totalmente associada ao sujeito homossexual. Atualmente, não há como negar que a grande maioria de artistas drag são gays, contudo, é sempre necessário lembrar que drag queen é uma manifestação artística livre. A ideia de que drag queen "sempre" são feitas por homens homossexuais parece a enquadrar nos tão velhos e terríveis binarismos da sociedade. A arte deve ser vista como livre e libertadora, sem imposições ou restrições e pode ser feita por pessoas de qualquer gênero e sexualidade. Contudo, é necessário destacar que existe uma função cénica, política e artística ao ser drag queen. Além disso, hoje em dia, as drag queens estão na cena midiática. Desde a estreia do programa *RuPaul Drag Race* em 2009, a arte drag queen cada vez mais consolida-se como uma temática na mídia e na vida social, comprovando a teoria da agenda proposta por McCombs e Shaw ao analisar o poder da mídia e do jornalismo em conseguir definir a agendar os temas que são discutidos no cotidiano por sujeitos comuns. Assim, drag queens tornam-se celebridades e representações sociais, conseguindo, junto com a cultura da mídia, influenciar pensamentos e padrões ideológicos de determinados grupos sociais.

Esta dissertação teve como um de seus princípios mostrar a drag queen como uma manifestação artística séria, que merece ser reconhecida, aplaudida e reverenciada. Por muitos séculos essa arte foi considerada lixo cultural e baixa comédia. É apenas nas últimas décadas que a drag queen mostrou-se relevante e importante academicamente, e deve continuar assim. Para isso, foi escolhida a drag queen brasileira Pabllo Vittar, uma das drag queens mais famosas da atualidade. O fato de ser brasileira também é um de seus destaques, pois no Brasil a comunidade LGBTQ+ tem muitos problemas. Ele é o

país que mais mata LGBTQ+ do mundo, onde, em 2018, 420 pessoas morreram por conta da LGBTfobia (GGB, 2019). Não bastasse o ódio contra esse grupo, a situação foi agravada quando Jair Bolsonaro foi eleito Presidente da República em 2018. Isso porque o parlamentar por diversas vezes em sua trajetória política já ofendeu LGBTQ+, demonstrando ódio e repulsa a essa tão carente parte da população. Paradoxalmente, mesmo com esse clima de ódio, a carreira de Pabllo Vittar parece estar em um universo paralelo. Desde que surgiu com sua primeira música em outubro de 2015, a artista trilha uma carreira inimaginável para um homem, homossexual, afeminado, brasileiro e drag queen.

Para responder a pergunta de pesquisa e alcançar os objetivos propostos, foi realizada uma análise das representações a partir de 70 reportagens de veículos dos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá e Espanha. O primeiro objetivo específico era destacar representações da carreira artística de Pabllo divulgados na mídia, bem como seus valores-notícia, dividido em seis temáticas: vida pessoal; a primeira vez em que se montou; drag queen; trabalho musical; sucesso *mainstream* e RuPaul.

Nas representações da primeira categoria temática de análise, carreira artística, percebe-se como Pabllo é exaltada. Em uma primeira observação, é curioso pensar se Pabllo teria a mesma aclamação se não fosse drag queen. Se Pabllo fosse "apenas" um cantor homossexual, mesmo com seu jeito afeminado, já não estaria dentro do universo drag queen, e talvez, não seria representada da mesma forma. Ser famosa sendo drag é o que a mais destaca, é seu grande diferencial. E isso parece acontecer pela falta de representatividade de artistas drag na grande mídia. Assim, ela é vista como uma linha fora da curva, causando essa aclamação. Cantores homossexuais existem diversos, alguns conseguem grande destaque no cenário midiático, como por exemplo Sam Smith, Adam Lambert, Ricky Martin e Elton John. A grande diferença de Pabllo é que ela pode ser vista como um "gay super gay", pois realiza suas performances através de sua personagem drag. Além disso, desses artistas ressaltados, Pabllo é a única que não é cisgênero, possuindo um gênero fluído. Pabllo assume sua afeminilidade e em suas performances exibe orgulhosamente seu corpo que passa por todo o processo de montaria para Phabullo Rodrigues tornar-se Pabllo Vittar.

A primeira unidade de análise tratou sobre representações da vida pessoal de Pabllo. Percebe-se que é destacado no material o bom convívio com sua família e a aceitação de sua sexualidade. Pabllo assumiu sua homossexualidade para sua mãe aos 15 anos, que não ficou surpresa e apoiou seu filho. Esse contraponto é apontado nas reportagens a partir da triste realidade que muitas vezes crianças LGBTQ+ brasileiras não são aceitas por suas famílias. Contudo, Pabllo teve total respeito e apoio de sua mãe e irmãs, tanto por sua homossexualidade quanto pela escolha de sua manifestação artística. Em algumas narrativas, é lembrado que, durante sua infância, Pabllo sofreu bullying físico, verbal e

psicológico. Perceber que é LGBTQ+ logo nos primeiros anos de vida não é fácil – experiencia própria do pesquisador, que, tal como Pabllo sofreu esse tipo de agressão na infância. Nessa época da vida, não entendemos muito o que acontece em nossa cabeça, e a sociedade heterossexista não ajuda. Paralelo a essa confusão interna, crianças e adolescentes costumam ser hostis, e a prática dessa homofobia na infância pode deixar marcas eternas na vida dessas pessoas. Como Pabllo aconselha na reportagem 57, é preciso que os pais que percebam que seus filhos são LGBTQ+ apoiem, pois, esse suporte pode ser um dos maiores confortos para essas crianças que sofrem desde cedo.

A primeira vez que se montou foi a temática da segunda unidade de análise dessa categoria. Aqui, as representações exploram esse fato como algo curioso da vida da artista, buscando conhecer mais a sua história. O início da carreira de Pabllo não foi fácil, aos 16 anos tentou uma carreira artística em São Paulo sem sucesso, porém não era uma drag queen ainda. Foi aos 18 anos que Phabullo conheceu Pabllo, e desde então sua vida mudou completamente. Também é destacado nessa unidade que o primeiro nome de sua drag possuía o mesmo sobrenome da cantora norte-americana Beyoncé, comprovando assim o quão importantes cantoras pop são para drag queens, já que nunca possuíram muitas outras artistas drag na mídia para se inspirarem.

As representações que envolvem mais diretamente a arte drag, como também a estética drag de Pabllo, foram os temas da terceira unidade de análise. A reportagem 61 define Pabllo como uma anomalia maravilhosa. Isso porque na história da arte drag queen não existem muitas artistas cantoras, sendo esse um dos grandes diferenciais de Pabllo. A grande maioria das drag queens fazem performances cômicas ou dublagens, e poucas fazem o trabalho drag em tempo integral – o principal motivo para isso é a falta de trabalho e baixa remuneração. Pabllo demonstra o quão ilimitada é a arte drag; e que é possível ser reconhecida por seus talentos, seja qual for a forma, servindo de inspiração para novas artistas. O The Guardian (4) representa Pabllo como uma superestrela, algo inédito e também inevitável. Para Pabllo, ser drag queen é uma libertação, onde toda vez que se monta busca ser alguém diferente e fazer algo novo. É através de sua drag que a cantora pode ser livre e expressar todos seus sentimentos e sua arte. Nessa unidade de análise também é comentado sobre a polêmica voz de Pabllo. Seu timbre é considerado contratenor, isso significa que sua voz é aguda, sendo como uma voz infantil em um homem adulto. Esse tipo de voz é comum em óperas, mas não tanto na música pop. A maioria desses cantores utilizam esse timbre usando falsetes, contudo, a voz de Pabllo é naturalmente fina. Como cantora pop dentro da indústria musical global, a voz de Pabllo realmente chama atenção e é um dos seus maiores diferenciais, pois não existem muitos timbres parecidos, seja em cantores heterossexuais ou gays.

A quarta unidade de análise apresentou representações do trabalho musical da artista, que é muito comentado pela mídia. Percebe-se que quanto mais o tempo passa, maior é a cobertura jornalística internacional sobre sua figura. Isso porque cada vez mais Pabllo internacionaliza sua carreira, atraindo mais atenção ao ser vista não mais como uma artista regional, e sim uma cantora global. Uma de suas características musicais é a mistura de ritmos tradicionais brasileiros com sons pop, em músicas alegres e descontraídas na sua maioria. Percebe-se que a cobertura de sua carreira musical começa principalmente com o videoclipe de *Então Vai*, que tem a participação do produtor musical norte-americano Diplo. Tanto os videoclipes de Pabllo como de colaborações também estão representados no material de análise. Esses produtos audiovisuais são de extrema importância para a vivência da cultura pop, isso porque eles fornecem imagens e materiais simbólicos de posicionamento de artistas para o público, que os incorpora em suas vidas, conseguindo assim reforçar a importância e relevância desse universo dentro da sociedade. Pabllo já fez diversas colaborações que ajudam a sua carreira a ser expandida muito para além de sua terra natal. Sua maior colaboração, *Sua Cara*, possuiu um grande destaque quando foi lançada e, na época de lançamento do videoclipe, foi o vídeo que obteve mais rapidamente um milhão de *likes* no *YouTube*, em seis horas. A partir de então, os lançamentos de Pabllo cada vez mais ganham as manchetes. *Flash Pose*, sua primeira música em inglês, foi recebida com entusiasmo por diversos veículos, sendo essa a primeira inserção de sua própria carreira no mercado musical internacional. Além disso, essa música pode ser melhor interpretada pelos veículos jornalísticos, que em sua grande maioria são de língua inglesa.

Pabllo é um curioso caso de uma drag queen que ingressou na mídia *mainstream*, tema representado na quinta unidade de análise. Desde o começo de sua carreira em 2015, de uma forma incrivelmente rápida, Pabllo adentrou com força total na mídia *mainstream* nacional. Sem sombra de dúvida, hoje ela é a drag queen e a figura LGBTQ+ mais famosa do Brasil e cada vez mais expande sua carreira em todo o planeta. Mesmo com músicas em português, Pabllo conseguiu atrair um considerável número de fãs de outras nacionalidades. O pesquisador recorda de um caso curioso de um menino belga que conheceu no show de Pabllo em Lisboa em abril de 2019. A paixão do rapaz por Pabllo era visível. Mesmo sem falar ou entender uma palavra em português, ele sabia cantar todas as músicas, e, durante o show, cantava com toda força que tinha, mesmo depois de 10 horas esperando na fila para conseguir ver Pabllo de perto.

Surgida e consolidada através da internet, Pabllo Vittar saiu da esfera online e também conquistou reconhecimento fora das redes. Seja na mídia tradicional, mídia online, alternativa ou em propagandas e publicidades de grandes marcas, Pabllo está presente. Aliar-se a figura de Pabllo pode ser um ato

buscando a audiência e a inclusão de LGBTQ+ em espaços midiáticos. Já para Pabllo, essas inserções reforçam sua imagem e cimentam seu status de celebridade e artista célebre. J. S. Trevisan (2018), pontua que a mídia brasileira absorveu a temática LGBTQ+, contudo, na televisão, essas representações sempre apresentam homossexuais "controláveis" – o que não é o caso de Pabllo. Por ser afeminada e drag queen, a imagem de Pabllo escancara a homossexualidade, e a artista nunca busca parecer discreta ou "masculina". Seja em seus figurinos ou em suas falas, Pabllo enaltece sua homossexualidade e seu lado feminino. Mesmo não sendo o primeiro artista gay a fazer sucesso no Brasil, que já teve Cássia Eller, Cazuza e Renato Russo como cantores de destaque, Pabllo apenas poderia ser comparada a Ney Matogrosso, porque, diferente desses outros artistas, Ney e Pabllo exaltam suas homossexualidades corporalmente em suas apresentações de forma totalmente descontrolada, o que pode chocar as pessoas menos acostumadas ou mais conservadoras.

Ainda envolvendo essa unidade, foram representados no *corpus* alguns eventos que Pabllo participou, como no desfile do Carnaval do Rio de Janeiro, a convenção para instrutores Zumba Fitness, a turnê nas Paradas de Orgulho LGBTQ+ nos Estados Unidos e Canadá e a sua apresentação na ONU. Esses eventos ilustram o quão longe Pabllo chegou em sua carreira. Os shows nas Paradas de Orgulho podem ser considerados um marco na carreira da artista. Uma drag queen brasileira cantando em cidades como Los Angeles, Boston, Miami, Chicago, Toronto, Nova Iorque e São Francisco, levando representatividade e voz de LGBTQ+ brasileiros para grandes cidades em eventos importantíssimos para a comunidade. Nas reportagens analisadas essa turnê é muito comentada, isso por que o valor-notícia proximidade aumenta a cobertura midiática sobre a artista. Por exemplo, foi por conta desses eventos que Pabllo ganha destaque nas revistas Forbes e NOW. Já a Vogue, que já havia percebido a drag queen como relevante, acompanhou 24 horas da artista na cidade de Nova Iorque para o show na Parada. Ao cantar na ONU, comprova-se a relevância no cenário político da artista, pois, pela primeira vez uma drag queen se apresentou na sede da organização. Ao participar da convenção para instrutores Zumba Fitness, por exemplo, Pabllo se apresenta para um público que não é LGBTQ+, mostrando que não está restrita apenas a esse grupo. Outra conquista em sua carreira e que é representada em várias reportagens é a indicação ao Grammy Latino por *Sua Cara*. Mesmo não sendo uma música sua, e sim uma participação, esse fato é uma forma de reconhecer a importância e o impacto da carreira de Pabllo. O último ponto de destaque desta unidade é o número de seguidores de Pabllo no Instagram, dando uma dimensão da força da artista nas redes sociais. Em outubro de 2019, Pabllo possui 9,4 milhões de seguidores, enquanto RuPaul, segundo lugar, 3,5 milhões. Mesmo que isso pareça insignificante, dentro do mundo pop, e por considerar que Pabllo surgiu na internet, esse fato apenas reforça o tamanho da

visibilidade alcançada por ela.

RuPaul foi o tema da sexta e última unidade de análise dessa categoria. A importância de RuPaul para a arte drag é difícil de ser mensurada, e diversos textos do *corpus* reconhecem a influência de RuPaul para o atual status da arte drag queen na mídia e sociedade. Em seu auge, década de 1990, ela elevou a cultura drag como nunca antes. O impacto de Pabllo pode ser comparado ao de RuPaul. A grande diferença, porém, é que a brasileira surge na era em que a internet está totalmente consolidada, e assim, sua carreira é facilmente exportada para outros lugares fora do brasil, diferentemente da década de 1990. Contudo, é por conta de RuPaul e de seu programa *Drag Race* que a figura da drag queen está na mídia. Assim, pode se dizer que Pabllo é uma consequência do sucesso da atração. O que talvez não fosse esperado é que sua fama e relevância atingiria níveis tão surpreendentes. O que impressiona algumas das reportagens do *corpus* é justamente o fato de que Pabllo não participou e não possui relação direta com a atração. Seu reconhecimento aconteceu de maneira independente e mesmo assim sua carreira supera a das ex participantes de *Drag Race*. Ao longo de suas 11 temporadas, nem mesmo as ganhadoras conseguiram causar um impacto midiático e artístico como Pabllo causa.

A respeito dos valores-notícia desta categoria em geral, percebe-se que, a partir da tabela elaborada por G. Silva (2005), a proeminência (notoriedade e celebridades) são os maiores atributos para os temas analisados. Ao possuir notoriedade em sua carreira, Pabllo torna-se uma personagem atrativa para reportagens jornalísticas, sendo esse o principal motivo de seu destaque. Outros valores importantes nessa categoria são: conflito (disputa); polêmica (controversa) e raridade (original e inusitado). Essas características dizem respeito, principalmente, às disputas e polêmicas que envolvem tanto a arte drag queen quanto a homossexualidade. Já a raridade pode ser observada no destaque dado a partir das conquistas de Pabllo. Valores-notícia importantes na prática jornalística como impacto e proximidade não tem tanta relevância nesta categoria, isso porque Pabllo não é do país de origem dos veículos. Contudo esses valores podem ser considerados nas reportagens que ilustram a participação de Pabllo nas Paradas de Orgulho e em pontuais eventos dos Estados Unidos e Canadá.

Visando responder o segundo objetivo específico, uma segunda categoria temática deste estudo buscava apreciar representações e os valores-notícia que envolvem Pabllo Vittar e política, considerando que a arte drag queen está fortemente relacionada com essa pauta. Para isso, essa categoria de análise foi dividida em quatro temáticas: gênero; país que mais mata LGBTQ+ do mundo; Bolsonaro e representatividade LGBTQ+.

A primeira unidade desta categoria tratou de representações sobre o gênero de Pabllo (fluído). Esse pensamento, totalmente queer, pode ser visto como uma definição contra definição, manifestando-

se de maneira fluída e sem restrições entre os gêneros. Dessa maneira, suscita o debate sobre esse tema pois contesta o binarismo de gênero imposto. O fato de manter seu nome no masculino, em contraponto da representação feminina de sua drag, pode ser um exemplo claro disso. Em muitas das reportagens é lembrado o fato de que Pabllo não se importa de ser chamada de ela ou ele. Essa postura chama a atenção da mídia que assim consegue pincelar um pouco dessa temática que causa tanta confusão. O que mais interessa em seu trabalho é explicar e deixar claro que não é uma transexual ou uma travesti, dois grupos que estão em contextos sociais totalmente diferente de drag queens. A maior diferença entre esses grupos é que a drag queen é uma manifestação artística, enquanto ser travesti ou transexual é uma condição para a vida inteira, 24 horas por dia – diferente da drag que se monta para realizar suas performances. Além disso, uma drag queen não busca ser uma mulher, e sim procura uma aproximação dessa categoria, sem nunca desejar a total identificação como tal. Para pessoas não tão acostumadas, esses grupos podem parecerem os mesmos, contudo, a sociedade as distingue e as categorizas de formas diferentes.

O Brasil pode parecer um país colorido, divertido e alegre, e pode até ser, contudo, para a população LGBTQ+, esse país também pode ser um inferno. A segunda unidade de análise tratou de representações de Pabllo com seu país de origem, que é o que mais mata LGBTQ+ no mundo. Os dados sobre mortes de LGBTQ+ no Brasil são diversas vezes destacados no material de análise, e principalmente, para ilustrar o quão complexo o sucesso de Pabllo é. Na reportagem 14, Pabllo foi convidada para escrever uma carta em comemoração ao mês do Orgulho LGBTQ+, e nesse material ela fala que vem do país que mais mata pessoas da comunidade. Em 2018, 420 vítimas LGBTQ+ foram contabilizadas. É curioso refletir que em 2017, quando foram contadas 445 mortes, recorde em mais de 30 anos desses relatórios, foi o mesmo ano em que Pabllo consagra-se na mídia, tornando-se uma superestrela pop brasileira. Parece que existem dois países em um só: de um lado um Brasil país extremamente preconceituoso, violento e conservador; no outro, um Brasil colorido e que exalta a figura e o trabalho de Pabllo. Mesmo assim, Pabllo não deixa o medo tomar conta, ao contrário, se monta, e cada vez que faz isso, está lutando pela comunidade. Obviamente que seu sucesso e representatividade incomoda a ala conservadora da população e ela é atacada e insultada diversas vezes, principalmente na internet. Contudo, Pabllo diz não absorver o ódio que é disseminado nas redes, pois sabe que existem pessoas que admiram seu trabalho e a respeitam do jeito que é. Nesse cenário, a existência de Pabllo é representada como uma provocação para a ala conservadora em frente a esse clima de ódio no país. Como pontua Eiras (2018), "Pabllo Vittar não merece o retrocesso do Brasil atual, mas o Brasil atual precisa, mais do que nunca, da arte de Pabllo Vittar".

Além de ser o país que mais mata LGBTQ+ do mundo, o Brasil tem como presidente Jair Bolsonaro, tema da terceira unidade de análise. Ao longo de sua carreira política, Bolsonaro possui um conturbado relacionamento com a comunidade LGBTQ+ e por diversas vezes já deu declarações homofóbicas que assustam. Uma das falas mais emblemáticas de Bolsonaro, e que é repetida em alguns materiais do *corpus*, é que o parlamentar preferiria ter um filho morto do que um filho gay. Apenas por essa fala pode-se ter uma ideia da visão do parlamentar sobre a comunidade. Nas reportagens analisadas que o citam, Pabllo é representada como uma adversária e opositora ao governo e, sempre que questionada sobre o tema, a artista se declara contra a proposta política do Presidente e preocupada com o rumo da comunidade no Brasil, contudo, sabe que LGBTQ+ sempre irão lutar. As revistas Billboard, Vogue e Gay Times classificam que Pabllo é um farol de esperança para a comunidade LGBTQ+ no Brasil, demonstrando novamente o tamanho da representatividade da artista, contudo, agora com uma vertente totalmente política.

A importância de Pabllo vai além da arte drag que representa, Pabllo torna-se o maior símbolo LGBTQ+ em um país que seu atual governo ignora totalmente os direitos dessa comunidade e isso é destacado na mídia analisada. Esse foi o tema da quarta e última unidade de análise dessa categoria. Não há dúvidas que, a partir das reportagens analisadas, considera-se que Pabllo é a maior representante LGBTQ+ do Brasil. E isso acarreta diversas reações. Sua mera existência é vista como um símbolo de resistência em tempos tão conturbados onde LGBTQ+ são aceitos e odiados ao mesmo tempo. O status atingido pela artista não é usual para um membro da comunidade, e isso atinge diretamente esse público tão carente de representatividade. Um dos destaques desta unidade é a ênfase dada para a relação entre Pabllo e seus fãs, principalmente os mais jovens. Em algumas narrativas, Pabllo conta que queria ter quando criança uma representação LGBTQ+ para olhar e se inspirar. Hoje em dia, ela sabe que é isso, e, em diversas reportagens, ela se diz orgulhosa e feliz dessa responsabilidade. Para milhões de jovens, e não somente, que não se viam representados na mídia agora conseguem enxergar Pabllo e se sentirem acolhidos. É graças também a ela que novos artistas queer brasileiros surgem cada vez mais, mostrando diferentes expressões artísticas e talentos. Se Pabllo se inspirou em RuPaul para tornar-se drag queen há seis anos atrás, hoje é ela que inspira e dá força para milhões de pessoas ao redor do mundo, criando uma rede de apoio em busca do amor, respeito e direitos.

Na categoria política, os principais valores-notícia percebidos, de acordo com a tabela feita por G Silva (2002) são: proeminência (notoriedade e celebridade) e polêmica (controvérsia). Os trechos das representações que se enquadram nessa categoria muitas vezes enxergam em Pabllo, e sua notória figura, questões que são polêmicas, como seu gênero, o seu país de origem e o Presidente Jair

Bolsonaro. E, novamente, o fato de ser uma notória artista e uma celebridade são fatores determinantes para tais reportagens acontecerem. Além desses valores, por tratar de questões políticas, outros atributos podem ser destacados como: impacto (número de pessoas envolvidas) e (número de pessoas afetadas); conflito (disputa); tragédia (violência/crime); governo (interesse nacional) e justiça (crimes). Por tratar-se especificamente da política no Brasil, as narrativas incorporam valores relativo ao governo e ao seu relacionamento com a comunidade LGBTQ+.

Considerando toda a análise feita a partir do *corpus* do material, pode-se constatar que Pabllo é muito representada como uma das principais artistas LGBTQ+ do mundo. Com uma carreira meteórica, Pabllo conseguiu ser reconhecida por seu talento como cantora, e, ainda, é uma forte ativista pelos direitos LGBTQ+. Mesmo estando dentro da cultura da mídia, cultura pop e lógica capitalista, seu ato performativo é totalmente político e desafiador. Seu jeito afeminado pode não transparecer sua garra e força, contudo, percebe-se que Pabllo não tem medo de lutar e faz isso todos os dias. Se fosse possível resumir todas as representações em apenas uma palavra, seria superação, pois ela está presente em todas unidades de análise: **vida pessoal**: superou a homofobia e a agressão que passou quando criança e todos os obstáculos que vieram a seguir, seja por sua sexualidade ou condição financeira; **primeira montaria**: mesmo com uma tentativa fracassada de carreira aos 16 anos, não desistiu, superou e aos 18 anos tornou-se drag queen e pouco tempo depois já começou sua carreira musical; **drag queen**: superou os estereótipos de que não existem muitas drag queens cantoras; **trabalho musical**: a superação aqui é através da aclamação de suas músicas, álbuns, videoclipes e parcerias que são sempre exaltados e aclamados pela mídia; **sucesso mainstream**: seu próprio sucesso é a superação, um sucesso pouco provável para uma artista LGBTQ+ e drag queen; **RuPaul**: é muito mais fácil surgirem superestrelas pop globais nos Estados Unidos do que em países de terceiro mundo. Pabllo é brasileira, e a superação nesta unidade pode ser vista como a aluna que supera a professora, já que possui um reconhecimento muito além de participantes e ganhadoras do programa *Drag Race*; **Gênero**: Pabllo superou o binarismo de gênero, pois adota uma postura fluída, transitando entre os gêneros; **País que mais mata LGBTQ+ do mundo**: mesmo com as taxas de mortes de LGBTQ+ no Brasil, Pabllo supera esta estatística e em vez de ter medo, luta pelos direitos da comunidade em suas performances artísticas; **Bolsonaro**: mesmo com um Presidente homofóbico, supera o discurso de ódio do parlamentar por conta de sua sexualidade e torna-se um paradoxo da atual situação do Brasil na política. **Representatividade LGBTQ+**: quando criança Pabllo não se via representada nos meios de comunicação. Não havia personagens ou artistas LGBTQ+ que pudesse olhar e ter como um modelo. Hoje, ela supera essa realidade, e torna-se o que mais queria ter quando criança.

Em relação a outras pesquisas que poderiam ter ligação com este estudo, o pesquisador poderia indicar uma infinidade de temas, principalmente envolvendo a arte drag queen, já que nenhum outro material sobre essa temática foi encontrado em Universidades portuguesas. O pesquisador, durante sua jornada deste trabalho, conheceu algumas drag queens portuguesas e percebeu algumas diferenças entre queens brasileiras e portuguesas. A comparação entre essas artistas, suas diferenças e similaridades poderia ser um excelente trabalho. Também, a partir da constatação que drag queens estão na mídia com diferentes propostas artísticas, um estudo sobre as diversas e ilimitadas performances drag poderia ser um tema interessante. Algo observado pelo pesquisador é que grande parte das pesquisas acadêmicas, brasileiras e americanas, sobre a arte drag queen tem o enfoque limitado sobre o gênero da drag. Mesmo que essa questão esteja totalmente envolvida, a figura da drag queen está em um outro momento, onde suas manifestações artísticas devem ser ressaltadas e estudadas. Essa foi uma das intenções deste estudo, trazer um olhar diferenciado, onde a forma artística e política da drag queen seja o destaque, considerando que já existem diversas outras pesquisas sobre o gênero da drag queen. A figura de Pabllo Vittar mostra-se da mesma forma uma importante e relevante figura a ser estudada. No ponto de vista do pesquisador, um dos aspectos que mais chamam atenção na imagem de Pabllo é a estética de sua personagem. Além desse, uma análise sobre a representatividade de artistas queer brasileiros mostra-se relevante, pois a cada dia suas carreiras atingem um público maior e até mesmo fora do país.

Nesta pesquisa foram apresentadas representações artísticas e políticas da drag queen brasileira Pabllo Vittar na mídia internacional a partir de 70 reportagens de 24 veículos jornalísticos diferentes. A partir de sua carreira, Pabllo torna-se uma artista de destaque no cenário musical, primeiramente no Brasil, mas que a cada dia chama mais atenção da mídia global, obtendo um reconhecimento artístico fora do comum. Se é um fato que drag queens estão fazendo sucesso em todo o mundo, Pabllo é uma das provas mais concretas disso, e é assim representada. Além de sua importância artística, Pabllo possui diversas representações políticas, seja pela comunidade que representa ou por seu país de origem. Pode-se dizer que Pabllo tornou o impossível em possível, chegando em uma posição inimaginável. Na opinião do autor, para o futuro, tudo é possível para essa artista, mas parece que ele será brilhante como *Ouro* – título da música de Pabllo com sua amiga Urias que dá nome a esta dissertação. E, como canta Urias, uma coisa é certa sobre a vida e carreira de Pabllo Vittar: "*A sua voz não está mais escondida; canta pro mundo; arrasa, amiga*"!

REFERÊNCIAS

4 International Media & Newspapers. *2016 Newspaper Web Rankings***.** 2016. Disponível em: <https://www.4imn.com/top200/>. Acesso em: 15 jul. 2019.

Afonso, Ana Carolina Casimiro. *Rituais familiares e coming out em jovens adultos LGBT:* estudo exploratório. 2015. 84 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/ Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/23008/1/ulfpie047625_tm.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Alexandre, Marcos. O Papel Da Mídia Na Difusão Das Representações Sociais. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p.111-125, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17352/material/opapel%20da%20m%C3%ADdia%20na%20difusao%20de%20representacoes%20sociais.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

Amanajás, Igor. Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas. *Revista Belas Artes*, São Paulo, n. 16, set -dez/2014. Disponível em: <http://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf >. Acesso em: 10 junho. 2019.

Anater, Rubens. Jornal O Estado de São Paulo. *Confira 10 dos maiores momentos de Pabllo Vittar em 2017*. 2017. Disponível em: <https://emais.estadao.com.br/noticias/gente,confira-10-dos-maiores-momentos-de-pabllo-vittar-em-2017,70002068021>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Andrade, Helena Isabel de Castro Gil Barbosa. *A cidade do Porto enquanto destino LGBTQ:* Uma análise do ponto de vista da oferta turística. 2018. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Gestão e Planeamento em Turismo, Departamento de Economia, Gestão, Engenharia Industrial e Turismo, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2018. Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/25480/1/documento.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Baker, Roger. *Drag*: A History of Female Impersonation in the Performing Arts. New York: New York University Press, 1994.

Basílio, Luiz Gustavo Barros. *Vozes Lgbti+ Na Música Popular Brasileira:* Um Estudo Sobre O Comportamento Vocal De Cantoras Lgbti+ A Partir Do Lançamento Dos Ep's De Pabllo Vittar, Liniker E Gloria Groove. 2018. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharel em Música, Instituto Latino-americano de Arte, Cultura e História, Universidade Federal da Integração Latino-americana, Foz do Iguaçu, 2018. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/123456789/4326>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BBC. *50 anos de Stonewall***:** saiba o que foi a revolta que deu origem ao dia do orgulho LGBT. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/01/50-anos-de-stonewall-saiba-o-que-foi-a-revolta-que-deu-origem-ao-dia-do-orgulho-lgbt.ghtml>. Acesso em: 24 junho 2019.

Biroli, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, v. -, n. 6, p.71-98, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n6/n6a04>. Acesso em: 18 jul. 2019.

Bolsonaro, Jair. *Bolsonaro volta a provocar polêmica ao bater boca na Comissão de Direitos Humanos*. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-volta-provocar-polemica-ao-

bater-boca-na-comissao-de-direitos-humanos-2790548>. Acesso em: 24 junho 2019.

Bolsonaro, Jair. *TSE manda tirar do ar fake news de Bolsonaro sobre 'kit gay'*. 2018. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/tse-manda-tirar-do-ar-fake-news-de-bolsonaro–sobre-kit-gay/>. Acesso em: 24 junho 2019.

Bordin, Vanessa Benites. Artivismo: borrando fronteiras entre vida e arte. *Zona de Impacto*, Rondônia, v. 2, p.126-135, jul./dez. 2015. Semestral. Disponível em: <http://www.revistazonadeimpacto.unir.br/2015_2_ARTIGO_ARTIVISMO.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

Bota, Patrícia Henriques Conduto. *Evolução e configuração atual do preconceito face a lésbicas e a gays:* um estudo comparativo. 2017. 90 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Universidade de Évora, Évora, 2017. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/21038/1/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Patr%c3%adcia%20Bota.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Bragança, Lucas; Bergami, Ana Paula Miranda Costa; Goveia, Fabio Gomes. Tipificando O Atípico – A Performance De Gênero De Pabllo Vittar No Instagram. *Revista Mídia e Cotidiano*, [s.l.], v. 11, n. 3, p.130-151, 20 dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/9849/6979>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Brandi, Daniel. Evolução dos Estudos de Agendamento: uma Explicação sobre a Influência da Mídia na Opinião Pública. In: Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Nordeste, 19., 2017, Fortaleza. *Anais*.... Fortaleza: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. p. 1 - 15. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0399-2.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2019.

Brasil, Iran Almeida. *Drag Queen: Uma Potência Transgressora*. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria,, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/14386/DIS_PPGEDUCACAO_2017_BRASIL_IRAN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 jun. 2019.

Bueno, Lunielle de Brito Santos; Dallaqua, Matheus Silva. A performance como posicionamento político: a tomada de espaço nas mídias brasileiras por drag queens. In: : VI Encontro Nacional De Estudos Da Imagem [E Do] III Encontro Internacional De Estudos Da Imagem, 6, 2017, Londrina. *Anais*.... Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2017. v. 6, p. 28 - 50. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/2017/wp-content/uploads/2016/08/6-Genero2.pdf>. Acesso em: 24 junho 2019.

Butler, Judith. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

Cabecinhas, Rosa. Investigar representações sociais: metodologias e níveis de análise. In: Baptista, Maria Manuel (Ed.). *Cultura*: Metodologias e Investigação. Lisboa: M.m., 2009. p. 51-66. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9644/1/rosacabecinhas-cultura2009.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2019.

Câmara de Comércio e Turismo LGBT do Brasil. *Pink Money ou Pinkwashing?* 2018. Disponível em: <https://www.camaralgbt.com.br/pink-money-ou-pinkwashing/>. Acesso em: 14 junho 2019.

Cavalcante, Alexandre Soares; Mosca, Ana Keila. Preferência musical, visão de mundo e ciberespaço:

um estudo sobre seguidores da música Pop em duas redes sociais. *Fasci-tech*: Periódico Eletrônico da FATEC-São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, v. 1, n. 3, p.6-21, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://www.fatecsaocaetano.edu.br/fascitech/index.php/fascitech/article/view/23>. Acesso em: 15 jul. 2019.

Chamon, Edna Maria Querido de Oliveira; Lacerda, Pétala Gonçalves; Marcondes, Nilsen Aparecida Vieira. Um Breve Revisar de Literatura sobre a Teoria das Representações Sociais. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas*, Londrina, v. 18, n. 4, p.451-457, 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/324742970_Um_Breve_Revisar_de_Literatura_sobre_a_Teoria_das_Representacoes_Sociais/fulltext/5b09c0494585157f8718d5e0/Um-Breve-Revisar-de-Literatura-sobre-a-Teoria-das-Representacoes-Sociais.pdf >. Acesso em: 15 jul. 2019.

Chidiac, Maria Teresa Vargas; Oltramari, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n. 3, p.471-478, dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a09v09n3.pdf>. Acesso em: 10 junho. 2019.

Colling, Leandro. Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero? In: Pelúcio, Larissa et al (Org.). *Olhares Plurais Para O Cotidiano*: Gênero, Sexualidade E Mídia. Marília: Cultura Acadêmica, 2012. p. 109-128. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/ebook-olhares-plurais.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2019.

Cover Gurl. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxTQpkRgl6T/>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Creswell, John W. *Projeto de Pesquisa*: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Daniel. *Pabllo Vittar sendo avaliado pelo cantor Daniel*. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J2HGukv66L8Pabllo Vittar sendo avaliado pelo cantor Daniel>. Acesso em: 22 jun. 2019.

E-Farsas. *Pabllo Vittar nas notas de R$50*: O dia em que inventamos uma fake news!. 2018. Disponível em: <http://www.e-farsas.com/pabllo-vittar-nas-notas-de-r50-o-dia-em-que-inventamos-uma-fake-news.html>. Acesso em: 22 jun. 2019.

Eiras, Yuri. Revista Vice. *Pabllo Vittar: "Um artista não quer seus fãs morrendo e apanhando"*. 2018. Disponível em: <https://www.vice.com/pt_br/article/yw9qew/pabllo-vittar-nao-para-nao-um-artista-nao-quer-seus-fas-morrendo-e-apanhando>. Acesso em: 22 jun. 2019.

Falcão. *Pablo Vitar*. 2017. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bc40cKHHvUK/?utm_source=ig_embed>. Acesso em: 30 jan. 2018.

Folha De São Paulo. *Com medo de ameaças, Jean Wyllys, do PSOL, desiste de mandato e deixa o Brasil*. 2019. Carlos Juliano Barros. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/com-medo-de-ameacas-jean-wyllys-do-psol-desiste-de-mandato-e-deixa-o-brasil.shtml>. Acesso em: 24 junho 2019.

Furtado, Laíse; Barth, Mauricio. Foi K.O.? Discussões Sobre A Inserção Publicitária Da Marca Adidas No Videoclipe Da Pabllo Vittar. In: Rublescki, Anelise (Org.). *Trilhas E Caminhos:* Pesquisa Em Comunicação. Novo Hamburgo: Feevale, 2019. p. 30-45. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/71a6132d-36f6-46f9-aef2-

c5769a7f91b3/Trilhas%20e%20caminhos%20-%20pesquisa%20em%20comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

GGB – Grupo Gay Da Bahia. *Mortes Violentas De Lgbt+ No Brasil Relatório 2018.* 39. ed. Salvador, 2019. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2019/01/relatorio-2018-1.pdf>. Acesso em: 24 junho 2019.

Goes, Tony. *Pabllo Vittar faz política mesmo cantando sobre amor e festa*. 2018. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2018/10/pabllo-vittar-faz-politica-mesmo-cantando-sobre-amor-e-festa.shtml>. Acesso em: 05 jul. 2019.

Goes, Tony. *Por que Pabllo Vittar faz mais sucesso do que Liniker?* 2017. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2017/08/por-que-pabllo-vittar-faz-mais-sucesso-do-que-liniker.shtml>. Acesso em: 05 jul. 2019.

Gonzatti, Christian; Henn, Ronaldo. Agora a Pabllo Vittar foi longe demais: disputas semióticas em redes digitais, ciberacontecimentos e subversões de fake news em perspectivas queer. In: Aquenda Seminário Nacional De Comunicação, Gêneros E Sexualidades, 1., 2018, Porto Alegre. *Anais....* São Paulo: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. p. 1 - 6. Disponível em: < https://aquenda.files.wordpress.com/2019/04/aquenda_anais-2.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Heck, Ana Paula; Nunes, Máira de Souza; Diener, Patrick. Eu vou rebolar bem na sua cara:: a ascensão das Drag's no discurso publicitário. In: Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Sul, 19., 2018, Cascavel. *Anais....* Cascavel: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. p. 1 - 15. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1284-1.pdf>. Acesso em: 24 junho 2019.

Jayme, Juliana Gonzaga. Travestis, Transformistas, Drag Queens, Transexuais: Montando Corpo, Pessoa, Identidade E Gênero. In: Castro, Ana Lúcia de (Org.). *Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades:* olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Cap. 7. p. 167-196. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109141/ISBN9788579830952.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 24 jun. 2019.

Jenkins, Henry. *Cultura da Convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

Jesus, Jaqueline Gomes de. *Orientações Sobre Identidade De Gênero*: Conceitos E Termos: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2. ed. Brasília, 2012. 41 p. Disponível em: <http://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em: 10 junho. 2019.

Kellner, Douglas. *A cultura da mídia e o Triunfo Do Espetáculo*. Líbero, São Paulo, v. 6, n. 11, p.4-15, abr. 2004. Disponível em: <http://www.ciencianasnuvens.com.br/site/wp-content/uploads/2013/07/35932881-A-Cultura-da-midia-e-o-triunfo-do-espetaculo.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

Kellner, Douglas. *A cultura da mídia***.** Bauru: Edusc, 2001.

Klinke, Marie. *Construindo Diferenças: Representações, discriminações e identidades múltiplas de imigrantes LGBT.* 2014. 105 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestre em Migrações, Inter-etnicidades e Transnacionalismo, Departamento de Sociologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2014. Disponível em:

<https://run.unl.pt/bitstream/10362/14373/1/Tese_Construindo_Diferencas_Marie_Klinke_09_14.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Lang, Patrícia et al. A Construção de Celebridades Drags a Partir de RuPaul's Drag Race: Uma Virada do Imaginário Queer. In: Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação, 38., 2015, Rio de Janeiro. *Anais*.... Rio de Janeiro: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Xiii, 2015. p. 1 - 14. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3777-1.pdf>. Acesso em: 10 junho 2019.

Leal, Bruno Souza; Carvalho, Carlos Alberto de; Sobre jornalismo e homofobia ou: pensa que é fácil falar*? E-compós*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 1-15, maio/agosto 2009. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/214>. Acesso em: 10 jul. 2019.

Leite, Laura Magaldi Teixeira. *Let's Get Sickening!:* O Sucesso De Rupaul's Drag Race E Sua Influência Na Cena Drag Brasileira. 2017. 60 f. TCC (Graduação) - Curso de Cinema e Audiovisual, Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <http://www.rascunho.uff.br/ojs/index.php/rascunho/article/viewFile/156/120>. Acesso em: 24 junho 2019.

Lemes, Luiz Fernando Rodrigues. O preconceito no jornalismo brasileiro: critérios de noticiabilidade sobre a homossexualidade no G1.com. In: Encontro Nacional De Pesquisadores Em Jornalismo, 15., 2017, São Paulo. *Anais*.... Brasília: Sbpjor, 2017. p. 1 - 15. Disponível em: <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2017/paper/viewFile/625/419>. Acesso em: 22 jul. 2019.

Louro, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p.17-24, junho/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 21 junho 2019.

Louro, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 98p, 2018.

Magalhães, Davi de Castro de. *Agenda-setting e Internet*: tendências e perspectivas de pesquisa. 2014. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação, Programa De pós-graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15600/1/2014_DavideCastrodeMagalh%C3%A3es.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.

Manus, Ruth. *Defender Pabllo Vittar é um ato político*. 2018. Disponível em: <http://emais.estadao.com.br/blogs/ruth-manus/defender-pabllo-vittar-e-um-ato-politico/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

Maranhão Filho, Eduardo Meinberg de Albuquerque; Coelho, Fernanda Marina Feitosa; Dias, Tainah Biela. "Fake news acima de tudo, fake news acima de todos": Bolsonaro e o "kit gay", "ideologia de gênero" e fim da "família tradicional". *Correlatio*, São Paulo, v. 17, n. 2, p.65-90, dez. 2018. Instituto Metodista de Ensino Superior. http://dx.doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v17n2p65-90. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/COR/article/download/9299/6568>. Acesso em: 21 junho 2019.

Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 1999.

Martino, Luís Mauro Sá. *Teoria da Comunicação*: Ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2009.

Matos, Stefanie Gomes. *Qual o impacto da Orientação Sexual na visão e legitimação da Violência entre Parceiros Íntimos?* 2017. 43 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Psicologia, Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2017. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/84195/1/Tese%20MI%20Stefanie%20Gomes%20Matos.com%20Corre%c3%a7%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Mattos, Isabela; CÉ, Otavia. Identificação e representatividade: Um estudo de caso sobre o vídeo "Opinião sobre Pabllo Vittar". In: Congresso De Ciências Da comunicação Na Região Sul, 19., 2018, Cascavel. *Anais*.... Cascavel: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. p. 1 - 14. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1646-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

Maurício, Álvaro Filipe da Silva. *A atuação dos sistemas de proteção de direitos humanos na defesa da comunidade LGBT*. 2018. 135 f. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado em Direito Internacional e Relações Internacionais, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37276/1/ulfd136339_tese.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Mccombs, Maxwell. *A Teoria da Agenda*: A mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

Melo, José Marques de; Assis, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom*: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 39, n. 1, p.39-56, abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

Metro. *Pesquisas do ano no Google: por que essas celebridades foram as mais buscadas em 2018?* 2018. Disponível em: <https://www.metrojornal.com.br/entretenimento/2018/12/12/pesquisas-google-2018-celebridades.html>. Acesso em: 22 jun. 2019.

Miskolci, Richard. *A Teoria Queer E A Sociologia*: o desafio de uma analítica da normalização. Sociologias, ano 11, nº 21, Porto Alegre, jan./jun. 2009, pp.150-82. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 20 junho 2019.

Moncrieff, Michael; Lienard, Pierre. A Natural History of the Drag Queen Phenomenon. *Evolutionary Psychology*. Las Vegas, p. 1-14. Abril-Junho 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1474704917707591>. Acesso em: 10 junho 2019.

Moraes, Roque. *Análise De Conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, v. 37, n. 23, p.1-12, 2012. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2019.

Moreira, Camila Maria Santos Meira; Santana, Paulo Henrique Basílio. Pabllo Vittar e o Acionamento de Traços do Contemporâneo. In: Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Sudeste, 23., 2018, Belo Horizonte. *Anais*.... Belo Horizonte. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. p. 1 - 15. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2018/resumos/R63-0683-1.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

Moreschi, Gabriela; Martins, Raphael; Craveiro, Camila. Pink Market: o marketing em crescimento. In: Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Centro-Oeste, 13., 2011, Cuiabá. *Anais*....

Cuibá: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Xiii, 2011. p. 1 - 12. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/resumos/R27-0241-1.pdf>. Acesso em: 24 junho 2019.

Morin, Edgar. *Cultura de Massas No Século XX:* O Espírito Do Tempo, 1: Neurose. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, 2011.

Mott, Luis. Homo-afetividade e direitos humanos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 2, p.509-521, set. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a11v14n2.pdf>. Acesso em: 10 junho 2019.

Multishow. *Prazer, Pabllo Vittar*. 2018. Disponível em: <http://multishow.globo.com/programas/prazer-pabllo-vittar>. Acesso em: 22 jun. 2019.

Não Para Não. 2018. Disponível em: <https://music.apple.com/br/album/n%C3%A3o-para-n%C3%A3o/1437272358>. Acesso em: 22 jun. 2019.

O Estado De São Paulo. *Em novo clipe, Pabllo Vittar brinca com fake news a seu respeito*. 2019. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/musica,em-novo-clipe-pabllo-vittar-brinca-com-fake-news-a-seu-respeito,70002707066>. Acesso em: 22 jun. 2019.

O Globo. *Vereador nega homofobia após ameaçar prender Pabllo Vittar***.** 2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/vereador-nega-homofobia-apos-ameacar-prender-pabllo-vittar-21967061>. Acesso em: 30 junho 2019.

Oliveira, Daniel Amorim Braga de, [D. A.]. *Do Lampião Da Esquina A Pabllo Vittar*:: Uma Análise Comparativa Da Representação Do Movimento LGBT Através De Abordagens Discursivas. 2018. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Publicidade e Propaganda, Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/8649/1/DOliveira.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2019.

Oliveira, Luccas. *'Eu sou como a Barbie. Já fiz de tudo', diz Pabllo Vittar, com carreira internacional em alta*. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/eu-sou-como-barbie-ja-fiz-de-tudo-diz-pabllo-vittar-com-carreira-internacional-em-alta-23654545>. Acesso em: 05 jun. 2019.

Oliveira, Mariana; Bárbieri, Luis Felipe. *STF permite criminalização da homofobia e da transfobia*. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/13/stf-permite-criminalizacao-da-homofobia-e-da-transfobia.ghtml>. Acesso em: 04 jul. 2019.

Pabllo Vittar - Indestrutível. Direção de Bruno Ilogti. Produção de Vinicius Guimil. Intérpretes: Pabllo Vittar. Música: Indestrutível. [s.i.]: O2 Filmes, 2018. (4 min. 47 seg), son., P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=O8B72HzTuww>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Pabllo Vittar – Open Bar. 2015. Disponível em: <https://soundcloud.com/pabllovittar>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Pabllo Vittar no Programa POP em Caxias Maranhão. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kyI_mxJvRfU>. Acesso em: 22 ago. 2019.

Paulino, Luana Estef; Nunes, Máira de Souza. Pabllo Vittar: Uma análise de recepção ao Videoclipe Corpo Sensual e Visibilidade LGBT. In: Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Sul, 19., 2018, Cascavel. *Anais*.... Cascavel: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. p. 1 - 15. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1740-1.pdf> Acesso em: 10 out.

2018.

Peixoto, Mariana. *Pabllo Vittar canta bem?: Professores de canto avaliam voz da drag queen*. 2018. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2018/01/08/noticias-musica,219577/pablo-vittar-canta-bem-professores-de-canto-avaliam-voz-da-drag-queen.shtml>. Acesso em: 05 jul. 2019.

Pereira, Cláudia; Maia, Aline; Azevedo, Marcella. Celebridades do Passinho: mídia, visibilidade e reconhecimento dos jovens da periferia. In: Sá, Simone Pereira de; Carreiro, Rodrigo; Ferraraz, Rogerio. *Cultura pop*. Salvador: Edufba, 2015. p. 211-227.

Pereira, Lívia. Telas de glitter: O poder das drag queens na cultura da mídia. In: Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Nordeste, 19., 2017, Fortaleza. *Anais*.... Fortaleza: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. p. 1 - 15. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0140-1.pdf>. Acesso em: 10 junho 2019.

Pilger, Caroline Roveda. A Estereotipagem da "diferença" quando o espetáculo é o Outro Queer: uma análise das representações midiáticas de Pabllo Vittar. In: Aquenda Seminário Nacional De Comunicação, Gêneros E Sexualidades, 1., 2018, Porto Alegre. *Anais*.... Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. p. 60 - 75. Disponível em: < https://aquenda.files.wordpress.com/2019/04/aquenda_anais-2.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Plastic noses. 2014. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/u2OHf6pXcy/>. Acesso em: 10 jul. 2019.

Raposo, Paulo. "Artivismo": Articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Arte e Antropologia*, Salvador, v. 4, n. 2, p.3-12, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/909?file=1>. Acesso em: 18 jul. 2019.

Rocha, Rose de Melo. *Entrevista:* 'Artivistas de gênero' e a transformação pela música. 2018. Disponível em: <http://www.generonumero.media/entrevista-artivistas-de-genero-e-transformacao-pela-musica/>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Rocha, Rose Melo; Postinguel, Danilo. *K.O.*: O nocaute remix da drag Pabllo Vittar. E-compós, Brasília, v. 20, n. 3, p.1-18, 24 dez. 2017. http://dx.doi.org/10.30962/ec.v20i3.1416. Disponível em: <http://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1416/951>. Acesso em: 10 out. 2018.

Rodrigues, Clara Arruda de Lucena. *Os determinantes da atitude face aos bens de luxo:* Um estudo com o consumidor LGBT. 2013. 119 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Marketing, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2013. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/24787/1/Clara%20Arruda%20de%20Lucena%20Rodrigues%20-%20Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Mestrado%20em%20Marketing%20FEUC%20-%20Setembro%202013.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Rodrigues, Glênio. Neto. *As canções interpretadas por Pablo Vittar*: a tentativa de desconstrução da imagem do sujeito-mulher casta. 2017. 52 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Estadual da Paraíba, Catolé do Rocha, 2017. Disponível em: <https://goo.gl/o8daCz>. Acesso em: 10 out. 2018.

Rojek, Chris. *Celebridade*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

Rosa, Fernando Manuel André. *A construção da visibilidade LGBT:* uma análise crítica do discurso jornalístico. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestre em Antropologia,

Departamento de Antropologia, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3967/1/A_Constru%c3%a7ao_da_visibilidade_LGBT_-_Uma_an%c3%a1lise_do_discurso_.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Rosa, Rafaela Coelho da. Representatividade drag na mídia: Um case de Pabllo Vittar. In: Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Sul, 19., 2018, Cascavel. *Anais*.... Cascavel: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. p. 1 - 9. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1029-2.pdf>. Acesso em: 25 maio. 2018.

Rossetto, Graça Penha Nascimento; Silva, Alberto Marques. Agenda-setting e Framing: detalhes de uma mesma teoria?. *Intexto*, Porto Alegre, v. 26, n. –, p.98-111, jul. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/22933/18921>. Acesso em: 15 jul. 2019

Rupp, Leila J.; Taylor, Verta; Shapiro, Eve Ilana. Drag Queens and Drag Kings: The Difference Gender Makes. *Sexualities*, v. 13, n. 3, p.275-294, jun. 2010. Disponível em: <https://goo.gl/TtcjTU>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Saccomani, Arnaldo. Arnaldo *Saccomani detona Pabllo Vittar: "Fraude da música brasileira".* 2017. Disponível em: <https://rd1.com.br/arnaldo-saccomani-detona-pabllo-vittar-fraude-da-musica-brasileira/>. Acesso em: 30 jan. 2018.

Salih, Sara. *Judith Butler e a Teoria Queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Sampaio, Denise Braga; Lima, Izabel França de; Oliveira, Henry Poncio Cruz de. Estratégias Fact-Checking No Combate À Fake News: Análises Informacional E Tecnológica No E-Farsas E Boatos.Org. In: Encontro Nacional De Pesquisa Em Ciência Da Informação, 19., 2018, Londrina. *Anais*.... Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2018. p. 1665 - 1683. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/viewFile/1325/1530>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Santos, Ana Lúcia Fonseca. *Um sexo que são vários:* a (im)possibilidade do intersexo enquanto categoria humana. 2012. 82 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Feministas, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2012. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/20210/1/Tese_um_sexo_que_s%c3%a3o_v%c3%a1rios.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Santos, Talita Ferreira dos; Ribeiro, Alexsandro Teixeira. Lip Sync For Your Life: Uma Discussão Jornalística Sobre Drag Queens. In: Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Sul, 19., 2018, Cascavel. *Anais....* Cascavel: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018. p. 1 - 14. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1666-1.pdf>. Acesso em: 10 junho 2019.

Schacht, Steven P. Four Renditions Of Doing Female Drag: Feminine Appearing Conceptual Variations Of A Masculine Theme. In: Gagne; Tewkesbury, Richard A.. *Gendered Sexualities*. [s.l.]: Emerald Group Publishing Limited, 2002. p. 157-180. Disponível em: <https://www.radford.edu/~jaspelme/minority%20groups/fourrenditions_schacht_2002.pdf>. Acesso em: 10 junho 2019.

Seu Crime. Direção de Louise Freshel. Intérpretes: Pabllo Vittar. Música: Seu Crime. [s.i.]: Planalto e Tripé, 2019. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qTEQ7ITxTs0>. Acesso em: 04 fev. 2019.

Silva, Edna Lúcia da; Menezes, Estera Muszkat. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. 4. ed. Florianópolis: Ufsc, 2005. 138 p. Disponível em: <https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf>. Acesso em: 22 maio 2019.

Silva, Gislene [G]. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p.95-107, jan. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>. Acesso em: 15 jul. 2019.

Silva, Luiz Henrique de Sousa; Santos, Aldo Luiz dos Anjos. Ascensão Da Cultura Drag: Um Fenômeno Pós-Rupaul's Drag Race. In: Conqueer - Conferência Internacional De Estudos Queer, 1., 2018, Aracaju. *Anais*.... Aracaju: Realize, 2018. p. 1 -10. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conqueer/trabalhos/TRABALHO_EV106_MD1_SA5_ID178_04032018194605.pdf>. Acesso em: 14 maio 2019.

Silva, Marcia Veiga da [M. V. da]. *Masculino, o gênero do jornalismo*: Modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014.

Silva, Valdeci Gonçalves da. *Preconceito sexual:* olhares de alunos de psicologia. 2015. 361 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutor em Psicologia Clínica, Instituto de Investigação e Formação Avançada, Universidade de Évora, Évora, 2015. Disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/18368/1/Doutoramento_Valdeci%20da%20Silva.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Silveira, Denise Tolfo; Córdova, Fernanda Peixoto. Unidade 2 – A Pesquisa Científica. In: Gerhardt, Tatiana Engel; Silveira, Denise Tolfo (Org.). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Ufrgs, 2009. Cap. 2. p. 31-42. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2019.

Silveira, Pedro Victor Lacerda da. Mídia e Jornalismo: as representações e os estereótipos simbolicamente mediados. In: Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Nordeste, 21., 2019, São Luís. *Anais*.... São Luís: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2019. p. 1 - 16. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0893-1.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2019.

Soares, Thiago. Percursos para estudos sobre música pop. In: Sá, Simone Pereira de; Carreiro, Rodrigo; Ferraraz, Rogerio (Org.). *Cultura pop*. Salvador: Edufba, 2015. p. 19-33.

Taylor, Verta; Rupp, Leila J.. Chicks with Dicks, Men in Dresses: What It Means to Be a Drag Queen. *Journal Of Homosexuality*. Santa Barbara, p. 113-133. fev. 2004. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J082v46n03_07>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Time. *How This Brazilian Drag Queen Is Taking the Pop World By Storm—And Fighting for LGBTQ Rights Along the Way*. 2019. Andrew R. Chow. Disponível em: <https://time.com/collection-post/5692972/pabllo-vittar-next-generation-leaders/>. Acesso em: 20 out. 2019.

Trevisan, João Silvério [J. S.]. *Devassos no Paraíso*: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. São Paulo: Objetiva, 2018. 744 p.

Trevisan, Michele Kapp [M. K.]. *Era MTV*: Análise da estética de videoclipe (1984-2009). 2011. 265 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande

do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4466>. Acesso em: 14 jun. 2015.

Urbim, Emiliano. *Pabllo Vittar, um ímã de fake news na cultura pop*. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/pabllo-vittar-um-ima-de-fake-news-na-cultura-pop-22544332>. Acesso em: 05 jul. 2019.

Vai Passar Mal. 2017. Disponível em: <https://music.apple.com/br/album/vai-passar-mal/1273444488?l=en>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Vencato, Anna Paula. *"Fervendo com as drags"*: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina. 2002. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Social, Departamento de Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, 2002. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/84381/183795.pdf?sequence=1>. Acesso em: 24 jun. 2019.

Vittar. Pabllo. *Pabllo Vittar: "Estou aqui para desconstruir gênero"*. 2015. Elaborado por: Ricardo Laranja. Disponível em: <https://medium.com/nada-errado/pabllo-vittar-estou-aqui-para-desconstruir-g%C3%AAnero-f41d6656dd30>. Acesso em: 20 jun. 2019.

_____. *Como um garoto que cresceu sofrendo bullying no MA se tornou Pabllo Vittar*. 2017a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/08/1907427-como-um-garoto-que-cresceu-sofrendo-bullying-no-ma-se-tornou-pabllo-vittar.shtml>. Acesso em: 05 jul. 2019.

_____. *Pabllo Vittar: tem drag no samba*. 2017b. Elaborada por: Nina Finco. Disponível em: <https://epoca.globo.com/sociedade/noticia/2017/02/pabllo-vittar-tem-drag-no-samba.html>. Acesso em: 10 jun. 2019.

_____. *Entrevista: Pabllo Vittar fala sobre álbum novo, parceria com Diplo, clipes e início da produção do próximo disco*. 2017c. Elaborada por: Leonardo Torres. Disponível em: <https://portalpopline.com.br/entrevista-pabllo-vittar-fala-sobre-album-novo-parceria-com-diplo-clipes-e-inicio-da-producao-do-proximo-disco/>. Acesso em: 20 jun. 2019.

_____. *"2017 foi meu, sim!", diz Pabllo Vittar, capa da revista J.P de dezembro*. Alguém tem dúvida? 2017d. Entrevista Revista Joyce Pascowitch. Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/2017-foi-meu-sim-diz-pabllo-vittar-capa-da-revista-j-p-de-dezembr-alguem-tem-duvida/>. Acesso em: 22 jun. 2019.

_____. *Drag queen Pabllo Vittar ajuda empresas a ampliar diálogo jovem*. 2017e. Disponível em: <http://propmark.com.br/anunciantes/drag-queen-pabllo-vittar-ajuda-empresas-a-ampliar-dialogo-jovem>. Acesso em: 26 jun. 2019.

_____. *Conversa com Bial - 21 nov 2018*. 2018a. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/conversa-com-bial/episodio/2018/11/22/videos-de-conversa-com-bial-de-quarta-feira-21-de-novembro.ghtml>. Acesso em: 05 jul. 2019.

_____. *Pabllo Vittar rebate críticas em relação à voz*: 'Ainda vão ouvir essa voz aguda por muito tempo'. 2018b. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/pabllo-vittar-rebate-criticas-em-relacao-a-voz-ainda-vao-ouvir-essa-voz-aguda-por-muito-tempo.ghtml>. Acesso em: 30 jan. 2018.

_____. *Pabllo Vittar lendo fake news.* 2018c. Disponível em: <https://www.facebook.com/quebrandootabu/videos/607060573043274/>. Elaborada por Quebrando o Tabu. Acesso em: 22 jun. 2019.

_____.*How This Brazilian Drag Queen Is Taking the Pop World By Storm—And Fighting for LGBTQ Rights Along the Way*. 2019a. Andrew R. Chow. Disponível em: <https://time.com/collection-post/5692972/pabllo-vittar-next-generation-leaders/>. Acesso em: 20 out. 2019.

_____. *Pabllo Vittar Conta Tudo O Que Você Sempre Quis Saber + Reagindo Ao Novo Single | Dellamake Pt. 01*. 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k9RHN7jheVE>. Acesso em: 05 jul. 2019.

Wittig, Monique. Ninguém nasce mulher. In: Pessah, Marian; Castilhos, Clarisse. Em rebeldia: da bloga ao livro. Porto Alegre: *Mulheres Rebeldes*, 2009. p. 91-102. Disponível em: <https://www.academia.edu/10963797/Mulheres_-_grupo_mulheres_rebeldes>. Acesso em: 24 jun. 2019.

Wyllys, Jean. *Jean Wyllys diz ter orgulho por episódio de cuspida em Bolsonaro*. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/jean-wyllys-diz-ter-orgulho-por-episodio-de-cuspida-em-bolsonaro.shtml>. Acesso em: 24 jun. 2019.

ANEXOS

ANEXO A - REPORTAGENS DE JORNAIS QUE CITAM PABLLO VITTAR

Veículo	Título	Link
1. The New York Times	*Transgender Brazilians Embrace Hit Soap Opera: 'Now You Can See Us'* 07/10/2017	https://www.nytimes.com/2017/10/07/world/americas/brazil-transgender-pabllo-vittar.html
2. The New York Times	*25 Songs That Tell Us Where Music Is Going* 08/03/2018	https://www.nytimes.com/interactive/2018/03/08/magazine/25-songs-future-of-music.html
3. The New York Times	*Photos: WorldPride Wraps Up with Parades and Parties* 25/06/2019	https://www.nytimes.com/2019/06/25/nyregion/nyc-pride-photos.html
4. The Guardian	*Khalid's Young, Dumb & Broke: a swooning paean to misspent youth* 11/08/2017	https://www.theguardian.com/music/2017/aug/11/khalid-young-dumb-broke-swooning-paean-misspent-youth-fall-out-boy-major-lazer
5. The Guardian	*Brazil's LGBT pop sensation: 'I want to give them strength'* 21/10/2017	https://www.theguardian.com/world/2017/oct/20/pabllo-vittar-brazil-gay-drag-queen-pop-star
6. The Guardian	*Charli XCX: Pop 2 review – kick-ass hits from a parallel universe* 04/01/2018	https://www.theguardian.com/music/2018/jan/04/charli-xcx-pop-2-review
7. The Guardian	*Drag queen Pabllo Vittar to star in Brazil's most storied Carnival parade* 12/02/2018	https://www.theguardian.com/world/2018/feb/12/pabllo-vittar-draq-queen-brazil-carnival
8. The Guardian	*Samba-school carnival parade depicts troubled Brazil as 'monster'* 13/02/2018	https://www.theguardian.com/world/2018/feb/13/samba-school-carnival-parade-depicts-brazil-as-monster
9. The Guardian	*Can drag queens become pop stars?* 06/03/2019	https://www.theguardian.com/music/2019/mar/06/can-drag-queens-become-pop-stars

10. The Daily Mail	*Transgender candidates in Brazil push to have voices heard* 04/01/2018	https://www.dailymail.co.uk/wires/ap/article-6236521/Transgender-candidates-Brazil-push-voices-heard.html
11. The Daily Mail	*Drag queen to star in Rio samba parade at Brazil Carnival* 12/02/2018	https://www.dailymail.co.uk/wires/ap/article-5381931/Drag-queen-star-Rio-samba-parade-Brazil-Carnival.html
12. The Daily Mail	*Rio carnival dancers dripping in gold and flashing the flesh sparkle as the biggest party on earth enters its fourth day* 13/02/2018	https://www.dailymail.co.uk/news/article-5385061/Rio-dancers-flash-flesh-Carnival-enters-fourth-day.html
13. The Daily Mail	*Bolsonaro victory sparks fears among Brazil's LGBT+ Community* 02/11/2018	https://www.dailymail.co.uk/wires/reuters/article-6346747/Bolsonaro-victory-sparks-fears-Brazils-LGBT-community.html
14. The Daily Mail	*Charli XCX flaunts her toned figure in spandex shorts and a crop top following a gym session in Los Angeles* 22/07/2019	https://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-7272783/Charli-XCX-flaunts-toned-figure-spandex-shorts-crop-top.html
15. The Daily Mail	*Charli XCX flashes a hint of her toned abs in satin pink bralet and flowy skirt as she joins stylish Busy Philipps at marijuana event* 31/07/2019	https://www.dailymail.co.uk/tvshowbiz/article-7305159/Charli-XCX-flashes-toned-abs-satin-pink-bralet-joins-Busy-Philipps-marijuana-event.html
16. The Independent	*20 drag queens who will inspire you to experiment with your style* 17/02/2017	https://www.independent.co.uk/life-style/drag-queen-series-rupaul-drag-race-20-photos-style-clothes-fashion-fernando-cysneiros-experiment-a7584316.html
17. El País	*Cielo e infierno de transexuales en un único país* 30/12/2017	https://elpais.com/internacional/2017/12/30/america/1514663564_226952.html
18. El País	*Brasil, un paraíso tropical para la siguiente cepa de 'fake news'* 23/02/2018	https://elpais.com/internacional/2018/02/23/america/1519412208_852342.html

19. El País	*La cantante negra y trans que resiste a Bolsonaro* 10/06/2019	https://elpais.com/cultura/2019/06/10/actualidad/1560185450_964589.html
20. Daily Mirror	*British LGBT Awards 2019: Shortlist revealed as Little Mix and Benedict Cumberbatch tipped for honours* 05/02/2019	https://www.mirror.co.uk/3am/celebrity-news/british-lgbt-awards-2019-shortlist-13955891
21. Daily Mirror	*Kelly Osbourne coming home to present 2019 British LGBT Awards* 25/04/2019	https://www.mirror.co.uk/3am/celebrity-news/kelly-osbourne-coming-home-present-14583784
22. El Mundo	*Rosalía parte como una de las favoritas para los Grammy Latinos con cinco nominaciones* 20/09/2018	https://www.elmundo.es/cultura/musica/2018/09/20/5ba3d579ca47412f1a8b45e9.html
23. El Mundo	*Latin Grammy 2018: todos los detalles de la gala en la que Rosalía y J Balvin son favoritos* 15/11/2018	https://www.elmundo.es/f5/escucha/2018/11/15/5bed6ba8268e3e8b4c8b46fc.html
24. El Mundo	*Caliente, de Lali Espósito y Pabllo Vittar: letra y vídeo* 16/11/2018	https://www.elmundo.es/f5/escucha/2018/11/16/5beec5e222601dfa068b464b.html
25. Daily News	*Ridicule of leaders, samba, skimpy garb at Brazil Carnival* 12/02/2018	https://www.nydailynews.com/newswires/entertainment/ridicule-leaders-samba-skimpy-garb-brazil-carnival-article-1.3815562

Fonte: Autor (2019)

ANEXO B REPORTAGENS DE REVISTAS E PORTAIS QUE CITAM PABLLO VITTAR

Veículo	Título	Link
26. Billboard	*Major Lazer Drops Surprise 'Know No Better' EP: Listen* 01/06/2017	https://www.billboard.com/articles/news/dance/7817316/major-lazer-know-no-better-ep-listen
27. Billboard	*Diplo, Anitta, Pabllo Vittar Get Desert Hot for Major Lazer 'Sua Cara' Music Video* 23/06/2017	https://www.billboard.com/articles/news/dance/7841967/diplo-anitta-pabllo-vittar-major-lazer-sua-cara
28. Billboard	*Meet Pabllo Vittar: Major Lazer's Favorite Brazilian Drag Queen* 30/06/2017	https://www.billboard.com/articles/news/international/7850064/pabllo-vittar-major-lazer-brazilian-drag-queen
29. Billboard	*Watch Major Lazer's Steamy 'Sua Cara' Video Featuring Anitta & Pabllo Vittar: Watch* 31/07/2017	https://www.billboard.com/articles/news/dance/7882126/major-lazer-sua-cara-video-anitta-pabllo-vittar
30. Billboard	*Pabllo Vittar Talks 'Gay Conversion Therapy' & Other LGBTQ Issues in Brazil, Plans for 2018* 16/11/2017	https://www.billboard.com/articles/news/8039129/pabllo-vittar-interview-brazil-lgbtq-issues-coca-cola-campaign
31. Billboard	*15 International LGBTQ Musicians You Need To Know: Pabllo Vittar, Olly Alexander, Lowell & More* 11/01/2018	https://www.billboard.com/photos/8070574/international-lgbtq-musicians-you-need-to-know-pabllo-vittar-olly-alexander-lowell
32. Billboard	*Watch Pabllo Vittar & Diplo Make Out in Steamy 'Então Vai' Music Video* 02/02/2018	https://www.billboard.com/articles/news/dance/8097946/pabllo-vittar-diplo-make-out-entao-vai-music
33. Billboard	*Inside Brazil's Drag Revolution: How New Queens Are Changing A Homophobic Culture* 02/03/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8221687/brazil-drag-revolution-pabllo-vittar-aretuza-lovi-homophobic-culture
34. Billboard	*DJ Alex Chapman Curates Mix for Billboard Pride: Jesse Saint John, VINCINT, Pabllo Vittar & More* 01/04/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8298949/dj-alex-chapman-curates-mix-billboard-pride

35. Billboard	*Gay Black Men Helped Create EDM. Why Do Straight White Men Dominate It?* 14/05/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8460757/gay-black-men-edm-influence-history
36. Billboard	*BTS' 'Fake Love' Music Video Has the Biggest 24-Hour YouTube Debut of 2018* 21/05/2018	https://www.billboard.com/articles/columns/pop/8457053/bts-fake-love-music-video-biggest-24-hour-youtube-debut-2018
37. Billboard	*Pabllo Vittar: Love Letter to the LGBTQ Community* 26/06/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8462332/pabllo-vittar-gay-pride-love-letter-lgbt
38. Billboard	*Brazilian Pop Star Pabllo Vittar Chats with Charli XCX About Working Together, Representation & More* 18/07/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8466030/brazilian-pop-star-pabllo-vittar-chats-charli-xcx-paper-magazine
39. Billboard	*5 Songs You Need to Hear From Lali Esposito's New Album 'Brava'* 15/08/2018	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8470403/lali-esposito-songs-new-album-brava
40. Billboard	*Lali Esposito Talks New Album, 'Brava,' & Track by Track Review* 17/08/2018	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8470843/lali-esposito-new-album-brava-track-by-track-review-interview
41. Billboard	*5 Pride Picks: Pabllo Vittar, Brooke Candy, Zee Machine & More* 21/08/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8471454/pabllo-vittar-brooke-candy-zee-machine-pride-picks
42. Billboard	*Sofi Tukker Revitalize 'Energia' With the Help of Pabllo Vittar: Watch* 14/09/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8475061/sofi-tukker-energia-pabllo-vittar-video
43. Billboard	*J Balvin Tops Latin Grammy Nominations, Romantic Singer-Songwriters Edge Out Reggaeton and Trap* 20/09/2018	https://www.billboard.com/articles/events/latin-awards/8476067/latin-grammy-nominations-2018
44. Billboard	*Dua Lipa, Imagine Dragons & More Speak Out Against Anti-LGBTQ Brazilian Presidential Candidate Jair Bolsonaro* 22/09/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8476435/dua-lipa-imagine-dragons-diplo-anti-bolsonaro-campaign-ele-nao

45. Billboard	*Drag Musician Lia Clark Talks 'Bumbum No Ar,' Anitta & Brazil's 'Difficult' Political Situation* 01/10/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8477731/drag-musician-lia-clark-bumbum-no-ar-anitta-brazil-election
46. Billboard	*Queer Necessities: Billboard Pride's October 2018 Playlist* 02/10/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8477904/queer-necessities-billboard-pride-october-2018-playlist
47. Billboard	*Brazilian Drag Star Pabllo Vittar On New Album & 'RuPaul's Drag Race' Rumors: 'If She Calls Me, I'll Do It'* 10/10/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8478981/brazilian-drag-queen-pabllo-vittar-new-album-nao-para-nao-anitta-drag-race
48. Billboard	*Lauren Jauregui, Halsey & More Rally Against Brazilian President-Elect Jair Bolsonaro: 'Stay Strong'* 29/10/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8482093/artists-rally-against-brazilian-president-elect-jair-bolsonaro-tweets
49. Billboard	*Diplo Appears in Half-Drag on 'King Kong Garcon' Magazine Cover: See the Photo* 1/11/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8482829/diplo-half-drag-king-kong-garcon-magazine-cover
50. Billboard	*Spotify's Mia Nygren on Streaming's Fastest-Growing Market: Latin America* 02/11/2018	https://www.billboard.com/articles/business/8482986/spotify-mia-nygren-latin-america-interview-photos
51. Billboard	*Lali & Pabllo Vittar Turn Up the Temperature in 'Caliente' Music Video: Premiere* 13/11/2018	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8484812/lali-esposito-pabllo-vittar-caliente-video-premiere
52. Billboard	*Lali Reveals How Her 'Caliente' Collaboration With Pabllo Vittar Was Born* 15/11/2018	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8484987/lali-talks-pabllo-vittar-collaboration-caliente
53. Billboard	*Lali Talks Favorite Memory of Mana, 'Caliente' & Christmas at Latin Grammys Person of the Year: Watch* 15/11/2018	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8485327/lali-latin-grammys-person-of-year-gala
54. Billboard	*#20GAYTEEN Timeline: 21 Best LGBTQ Music Moments of the*	https://www.billboard.com/articles/events/year-in-music-

	Year 14/12/2018	2018/8490218/20gayteen-lgbtq-music-highlights-year-in-music-2018
55. Billboard	*The 10 Best Drag Queen Music Videos of 2018* 20/12/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8490303/best-drag-queen-music-videos-2018-top-10
56. Billboard	*50 Stellar Songs by LGBTQ Artists That You Might Have Missed in 2018 (But Shouldn't Have)* 27/12/2018	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8491548/best-songs-lgbtq-artists-2018-overlooked
57. Billboard	*What Was Your Favorite Latin Collaboration Of 2018? Vote!* 31/12/2018	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8491232/best-latin-collaboration-2018-vote
58. Billboard	*Pedro Capó & Farruko Hold Onto Argentina Hot 100 No. 1 Spot for Second Week* 01/02/2019	https://www.billboard.com/articles/news/international/8496114/pedro-capo-farruko-argentina-hot-100-chart-Calma-remix
59. Billboard	*Monet X Change Is Ready For Drag to Be Taken Seriously By the Music Industry: 'Look At Us As Artists'* 16/02/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8498735/monet-x-change-drag-race-unapologetically-interview-music-industry
60. Billboard	*Pabllo Vittar Serves Up 'Barbarella' Realness in New Space-Themed 'Buzina' Video: Watch* 26/02/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8500192/pabllo-vittar-buzina-video
61. Billboard	*6 Times Pabllo Vittar Stunned Fans in Music Video Performances: Watch* 27/02/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8484998/pabllo-vittar-best-music-videos
62. Billboard	*Grace Jones, Teyana Taylor & Pabllo Vittar Announced for NYC Pride Island 2019* 13/03/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8502349/nyc-pride-island-festival-lineup-2019-grace-jones-teyana-taylor
63. Billboard	*Meghan Trainor, Years & Years Announced as Headliners For L.A. Pride 2019* 14/03/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8502546/la-pride-2019-lineup-meghan-trainor-years-years
64. Billboard	*Pabllo Vittar on Why 'Drag Race' Is Not in Her Future: 'I*	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8509281/pabllo-vittar-

	Would Be a Complete Disaster' 29/04/2019	drag-race-interview
65. Billboard	*Madonna Will Perform at NYC's Pride Island 2019* 03/06/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8514103/madonna-performing-nyc-pride-island-2019
66. Billboard	*DJ Alex Chapman Spins His Favorite LGBTQ Music in 'That's So Gay' Mix: Exclusive* 06/06/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8514801/dj-alex-chapman-thats-so-gay-mix
67. Billboard	*LA Pride Festival 2019: Meghan Trainor Impresses, Years & Years and MNEK Shine* 10/06/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8515108/la-pride-festival-2019-meghan-trainor-mnek
68. Billboard	*Latin Pride: From Ricky Martin to Javiera Mena, 15 Latin LGBTQ Artists Who Have Defined the Movement* 13/06/2019	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8515756/latin-pride-lgbtq-artists-ricky-martin-javiera-mena
69. Billboard	*Charli XCX Announces Third Album 'Charli' Featuring Haim, Lizzo, Troye Sivan and More* 13/06/2019	https://www.billboard.com/articles/columns/pop/8515824/charli-xcx-announces-charli-album-tour-dates
70. Billboard	*Charli XCX's 10 Best Collabs (So Far): Troye Sivan, BTS, Tove Lo & More* 14/06/2019	https://www.billboard.com/articles/columns/pop/8516044/charli-xcx-10-best-collabs-troye-sivan-bts-tove-lo
71. Billboard	*Facebook and Instagram Launch Enhanced Music Features in Brazil* 25/06/2019	https://www.billboard.com/articles/business/8517499/facebook-instagram-launch-music-features-brazil
72. Billboard	*Pabllo Vittar Curates a Pride Playlist Featuring Britney Spears, Blackpink and More: Exclusive* 25/06/2019	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8517536/pabllo-vittar-pride-playlist
73. Billboard	*Major Lazer and Anitta Unveil Spicy New Video For 'Make It Hot': Watch* 26/06/2019	https://www.billboard.com/articles/news/dance/8516692/major-lazer-anitta-make-it-hot
74. Billboard	*WorldPride 2019: 5 Events to Help You Celebrate Pride This*	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8517601/worldpride-

	Weekend in New York City 26/06/2019	2019-events-calendar
75. Billboard	*Pabllo Vittar Discusses Coming Out, Shares Advice: 'Surround Yourself With People Who Love You'* 01/07/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8518169/pabllo-vittar-coming-out-advice-video
76. Billboard	*What Makes a Good Role Model? Lali, Pabllo Vittar & More Latin Artists Chime In* 19/07/2019	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8521751/latin-music-stars-talk-good-role-modeling
77. Billboard	*Becky G & Pabllo Vittar Talk Headlining 2019 Zumba Fitness Concert: Exclusive* 25/07/2019	https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8523884/becky-g-pabllo-vittar-2019-zumba-fitness-concert
78. Billboard	*Pabllo Vittar Talks Representing Queer Brazilians, Working With Charli XCX On 'Flash Pose'* 26/07/2019	https://www.billboard.com/articles/news/pride/8524069/pabllo-vittar-interview-charli-xcx
79. Idolator	*Shirtless Diplo, Sizzling Anitta: Welcome To Major Lazer's Sexy "Sua Cara" Video* 23/06/2017	http://www.idolator.com/7665345/shirtless-diplo-sexy-anitta-sua-cara-video-pics
80. Idolator	*Lust In The Dust! Major Lazer, Anitta & Pabllo Vittar's Sizzling "Sua Cara" Video* 30/07/2017	http://www.idolator.com/7666865/major-lazer-anitta-pabllo-vittar-sua-cara-video
81. Idolator	*Charli XCX Teases A New Mixtape Featuring Carly Rae Jepsen & Tove Lo* 04/12/2017	http://www.idolator.com/7672130/charli-xcx-new-mixtape-carly-rae-jepsen-tove-lo
82. Idolator	*Charli XCX Confirms 'Pop 2' Mixtape, Teases Lead Single* 07/12/2017	http://www.idolator.com/7672328/charli-xcx-new-mixtape-pop-2
83. Idolator	*Charli XCX, Brooke Candy, CupcakKe & Pabllo Vittar Come Together For "I Got It"* 13/12/2017	http://www.idolator.com/7672541/charli-xcx-brooke-candy-cupcakke-pabllo-vittar-i-got-it-review?view-all
84. Idolator	*From "New Rules" To "Humble," The 30 Best Music Videos Of 2017* 25/12/2017	http://www.idolator.com/7672493/best-music-videos-2017

85. Idolator	*Major Lazer & Tove Lo's "Blow That Smoke" Is Going To Be Huge* 13/10/2018	http://www.idolator.com/7687048/major-lazer-tove-lo-blow-that-smoke-review
86. Idolator	*Madonna Is Set To Perform At NYC's Pride Island 2019* 03/06/2019	http://www.idolator.com/7792084/madonna-is-set-to-perform-at-nycs-pride-island-2019
87. Idolator	*Charli XCX Preps New Album 'Charli,' Announces 'The Charli LIVE World Tour'* 13/06/2019	http://www.idolator.com/7799592/charli-xcx-preps-new-album-charli-announces-the-charli-live-world-tour
88. Idolator	*Anitta Hops On Major Lazer's New Single "Make It Hot"* 19/06/2019	http://www.idolator.com/7805102/anitta-hops-on-major-lazer-new-single-make-it-hot
89. Idolator	*Interview: Brooke Candy Talks "XXXTC" Video, 'Sexorcism' & Charli XCX Collab* 23/07/2019	http://www.idolator.com/7836967/interview-brooke-candy-talks-xxxtc-video-sexorcism-charli-xcx-collab
90. Idolator	*Yes, Girl! Charli XCX Links Up With Pabllo Vittar On "Flash Pose"* 25/07/2019	http://www.idolator.com/7839187/yes-girl-charli-xcx-links-up-with-pabllo-vittar-on-flash-pose
91. Entertainment Weekly	*Charli XCX on her bonkers new mixtape and the status of her next LP: 'I don't even know if I'll put an album out'* 15/12/2017	https://ew.com/music/2017/12/15/charli-xcx-pop-2-mixtape-interview-new-album/
92. Entertainment Weekly	*Madonna to perform at New York City Pride* 03/06/2019	https://ew.com/concerts/2019/06/03/madonna-new-york-city-pride-2019
93. Rolling Stone	*Hear Major Lazer's New Song With Travis Scott, Camila Cabello, Quavo* 01/06/2017	https://www.rollingstone.com/music/music-news/hear-major-lazers-new-song-with-travis-scott-camila-cabello-quavo-121986/
94. Rolling Stone	*Hear Charli XCX Recruit Tove Lo on Booming New Mixtape Song 'Out of My Head'* 08/12/2017	https://www.rollingstone.com/music/music-news/hear-charli-xcx-recruit-tove-lo-on-booming-new-mixtape-song-out-of-my-head-198952/
95. Rolling Stone	*Go Anitta! Introducing Brazil's Next Crossover Superstar* 27/08/2018	https://www.rollingstone.com/music/music-latin/anitta-brazil-crossover-superstar-netflix-712238/
96. Rolling Stone	*Pabllo Vittar Joins Sofi Tukker on*	https://www.rollingstone.com/music

	Breathless 'Energia' Remix 14/09/2018	/music-latin/pabllo-vittar-sofi-tukker-energia-remix-724250/
97. Rolling Stone	*'Drag Race' Star Aja Is Ready to Be Your New Trap Queen* 07/02/2019	https://www.rollingstone.com/music/music-features/aja-rpdr-queer-artist-rap-star-box-office-album-790747/
98. Rolling Stone	*Charli XCX Announces First Album in Five Years, 'Charli'* 13/06/2019	https://www.rollingstone.com/music/music-news/charli-xcx-third-album-world-tour-846874/
99. Rolling Stone	*Charli XCX, Christine and the Queens Dance in Fire and Rain in 'Gone' Video* 17/07/2019	https://www.rollingstone.com/music/music-news/charli-xcx-christine-queens-gone-video-860249/
100. Rolling Stone	*Pabllo Vittar, Charli XCX Are Camera-Ready on New Song 'Flash Pose'* 25/07/2019	https://www.rollingstone.com/music/music-news/pabllo-vittar-charli-xcx-song-flash-pose-listen-863827/
101. Rolling Stone	*Play It Again: The 10 Best Latin Music Videos of July* 31/07/2019	https://www.rollingstone.com/music/music-latin/july-latin-music-videos-anuel-aa-residente-pabllo-vittar-865695/
102. The Fader	*Charli XCX unveils new song "I Got It" featuring Brooke Candy, CupcakKe, and Pabllo Vittar* 13/12/2017	https://www.thefader.com/2017/12/13/charli-xcx-song-i-got-it-brooke-candy-cupcakke-pabllo-vittar
103. The Fader	*Charli XCX and A. G. Cook explain the secrets of her ambitious new mixtape* 15/12/2017	https://www.thefader.com/2017/12/15/charli-xcx-a-g-cook-pop-2-interview
104. The Fader	*10 songs you need in your life this week* 06/02/2018	https://www.thefader.com/2018/02/06/blood-orange-june-12th-girlpool-picturesong-bbymutha-genesis
105. The Fader	*This reminds me of Charli XCX's great Taylor Swift story* 02/03/2018	https://www.thefader.com/2018/03/02/charli-xcx-taylor-swift
106. The Fader	*Charli XCX announces new album Charli* 13/06/2019	https://www.thefader.com/2019/06/13/charli-xcx-2019-album-charli-tracklist-tour-dates
107. The Fader	*Hear Brooke Candy's new single with Charli XCX and*	https://www.thefader.com/2019/07/02/brooke-candy-charli-xcx-

	Maliibu Miitch, "XXXTC" 02/07/2019	maliibu-miitch-xxxtc-stream
108. The Fader	*10 songs you need in your life this week* 30/07/2019	https://www.thefader.com/2019/07/30/rico-nasty-clairo-chance-the-rapper-teejayx6-best-songs
109. The Fader	*Pabllo Vittar and Charli XCX link up on "Flash Pose"* 31/07/2019	https://www.thefader.com/2019/07/25/pabllo-vittar-and-charli-xcx-link-up-on-flash-pose
110. Consequence Of Sound	*Charli XCX announces star-studded new album, plus massive tour* 13/06/2019	https://consequenceofsound.net/2019/06/charli-xcx-new-album-blame-it-video-charli-live-tour/
111. Consequence Of Sound	*Charli XCX teams with Pabllo Vittar for "Flash Pose": Stream* 26/07/2019	https://consequenceofsound.net/2019/07/charli-xcx-pabllo-vittar-flash-pose-stream/
112. Variety	*Charli XCX to Release Her First Album in Nearly Six Years on Sept. 13* 13/06/2019	https://variety.com/2019/music/news/charli-xcx-first-album-nearly-six-years-september-1203242023/
113. Spin	*Charli XCX Announces New Album Charli and World Tour* 13/06/2019	https://www.spin.com/2019/06/charli-xcx-new-album-charli-tour-dates/
114. Vogue	*What Pabllo Vittar, Pop Superstar, Means to Brazil (and the Rest of Us) Right Now* 27/11/2018	https://www.vogue.com/article/pabllo-vittar-pop-star
115. Vogue	*Watch Brazilian Pop Star Pabllo Vittar Do Her Spectacular 15-Minute Drag Transformation* 27/11/2018 (Episódio 73)	https://www.vogue.com/article/pabllo-vittar-brazilian-pop-star-drag-queen-nao-para-nao-beauty-makeup-foundation-primer-kardashian-jenner-contouring-highlighting
116. Vogue	*Here's Every Beauty Secret We Learned in 2018, From Rihanna, Hailey Baldwin, and More* 27/12/2018	https://www.vogue.com/article/best-celebrity-beauty-secrets-tricks-makeup-hair-rihanna-hailey-baldwin-kylie-jenner
117. Vogue	*24 Hours of Pride With Pabllo Vittar* 08/07/2019	https://www.vogue.com/article/24-hours-of-pride-with-pabllo-vittar
118. Nylon	*Charli XCX Recruits Tove Lo For A New Banger* 08/12/2017	https://nylon.com/articles/charli-xcx-tove-lo-out-of-my-head
119. Nylon	*Adore Delano Is The Drag Rockstar*	https://nylon.com/articles/adore-

	Redefining Music 16/08/2018	delano-drag-rock-star-music
120. Nylon	*El éxito de #BravaTour continúa y ahora acompañado de nuevo video para "Sin Querer Queriendo"* 03/10/2018	https://espanol.nylon.com/articles/espanol-lali-video-sin-querer-001
121. Nylon	*Charli XCX And Pabllo Vittar Will Have You Searching For A Day Rave With "Flash Pose"* 26/07/2019	https://nylon.com/charli-pabllo-vittar-flash-pose
122. Paper Magazine	*Meet the Stars of Charli XCX's 'Pop 2'* 28/12/2017	http://www.papermag.com/stars-charli-xcx-pop-2-2520488937.html
123. Paper Magazine	*Brazilian Pop Star Pabllo Vittar Stars In Mini-Doc 'Up Next'* 15/01/2018	http://www.papermag.com/pabllo-vittar-up-next-doc-2525792383.html
124. Paper Magazine	*Charli XCX Interviews Brazilian Pop Star Pabllo Vittar* 16/07/2018	http://www.papermag.com/charli-xcx-interviews-pabllo-vittar-2587263635.html
125. Paper Magazine	*Report: Diplo's Lips Taste Like Jambo* 16/07/2018	http://www.papermag.com/diplo-jambo-2587353436.html
126. Paper Magazine	*50 LGBTQ Musicians You Should Prioritize* 09/08/2018	http://www.papermag.com/50-lgbtq-musicians-2591488881.html
127. Paper Magazine	*The Business of Being Anitta* 29/08/2018	http://www.papermag.com/anitta-queen-of-brazilian-pop-2599818510.html?rebelltitem=1#rebelltitem1
128. Paper Magazine	*Here's Every Look From Sofi Tukker and Pabllo Vittar's New Video* 14/09/2018	http://www.papermag.com/pabllo-vittar-sofi-tukker-2604885513.html
129. Paper Magazine	*Bops Only: 10 Songs You Need to Start Your Weekend Right* 05/10/2018	http://www.papermag.com/bops-only-10-songs-2610281335.html
130. Paper Magazine	*Keeping Up With Pabllo Vittar* 08/10/2018	http://www.papermag.com/catching-up-with-pabllo-vittar-2610958922.html
131. Paper Magazine	*Charli XCX Is Pop's Cult Leader* 30/10/2018	http://www.papermag.com/charli-xcx-pop-cult-2616598843.html

132. Paper Magazine	*Brazilian Trans Activist Pepita Is Queen of Phillipi & Rodrigo's Universe* 31/01/2019	http://www.papermag.com/pepita-retrorado-2627628120.html
133. Paper Magazine	*Grace Jones to Headline NYC Pride* 13/03/2019	http://www.papermag.com/grace-jones-nyc-pride-2631515550.html
134. Paper Magazine	*Moschino Throws a 'The Sims' Desert Party IRL* 14/04/2019	http://www.papermag.com/moschino-the-sims-coachella-party-2634618575.html
135. Paper Magazine	*This Party Is Extremely Fake and Gay* 24/04/2019	http://www.papermag.com/fake-gay-liz-2635383228.html
136. Paper Magazine	*Charli XCX's New Self-Titled Album Is a Pop Tour de Force* 13/06/2019	http://www.papermag.com/charli-xcx-album-announcement-2638804615.html
137. Paper Magazine	*F. Virtue's Pabllo Vittar Remix Unmasks Queer Identity* 23/07/2019	https://www.papermag.com/f-virtue-pabllo-vittar-2639314835.html
138. Paper Magazine	*Bops Only: 10 Songs You Need to Start Your Weekend Right* 26/07/2019	https://www.papermag.com/bops-only-icona-pop-2639355401.html
139. Remezcla	*Meet Brazilian Pop Star Pabllo Vittar, the Drag Queen Who's Bigger Than RuPaul on YouTube* 17/08/2017	https://remezcla.com/features/music/pabllo-vittar-interview/
140. Remezcla	*This Mini-Doc Follows Drag Queen Pabllo Vittar's Journey From Church Choir to Brazilian Pop Star* 12/01/2018	https://remezcla.com/music/pabllo-vittar-apple-music-up-next-documentary/
141. Remezcla	*Bad Bunny Debuts New Solo Track "Dime Si Te Acuerdas" and Teases Short Doc* 22/02/2018	https://remezcla.com/music/bad-bunny-apple-music-up-next/
142. Remezcla	*'Drag Race' Star Aja on Practicing Santería: "Media Misrepresents Afro-Caribbean Practices as Evil"* 10/05/2018	https://remezcla.com/features/music/drag-race-aja-ep-interview/
143. Remezcla	*Daddy Yankee Delivered a Powerful #RickyRenuncia Message at Premios Juventud*	https://remezcla.com/features/music/daddy-yankee-ricardo-rossello-premios-juventud/

	19/07/2019	
144. Galore	*Lali is the ultimate Latin Triple Threat* 29/01/2019	https://galoremag.com/lali-esposito-ultimate-latin-triple-threat/
145. Galore	*Brazilian Based Bombshell Pabllo Vittar Fights Hate With Love* 02/07/2019	https://galoremag.com/pablo-vittar/
146. NOW	*What to watch on Netflix Canada in November 2018* 26/10/2018	https://nowtoronto.com/movies/features/what-to-watch-netflix-canada-november-2018/
147. NOW	*Pride Toronto 2019 lineup includes Big Freedia, TR/ST and Tweet* 01/05/2019	https://nowtoronto.com/music/pride-toronto-2019-lineup/
148. NOW	*15 can't-miss music acts playing Toronto Pride 2019* 19/06/2019	https://nowtoronto.com/music/features/toronto-pride-best-music-2019/
149. NOW	*Final Play* *23/06/2019*	https://nowtoronto.com/events/fin/
150. NOW	*Brazil's queer music scene is a source of hope in a conservative political climate* *09/07/2019*	https://nowtoronto.com/music/features/brazil-queer-music-pabllo-vittar/
151. Forbes	*BTS 'Fake Love' Confirmed Biggest 24-Hour YouTube Debut Of 2018* 21/05/2018	https://www.forbes.com/sites/markbeech/2018/05/21/bts-fake-love-confirmed-biggest-24-hour-debut-of-2018-the-numbers-to-beat/#7d5b45d02a4c
152. Forbes	*J Balvin And Rosalía Lead 2018 Latin Grammys Nominations* 20/09/2018	https://www.forbes.com/sites/veronicavillafane/2018/09/20/j-balvin-and-rosalia-lead-nominations-of-2018-latin-grammys/#134b30ac259b
153. Forbes	*Pabllo Vittar Discusses World Pride 2019, Comforting Fans Amid Heated Politics & How She Plans To Get To 'Rihanna Level'* 30/06/2019	https://www.forbes.com/sites/jeffbenjamin/2019/06/30/pabllo-vittar-discusses-world-pride-2019-comforting-fans-amid-heated-politics–how-she-plans-to-get-to-rihanna-level/#137b5464a81f
154. Forbes	*Brazilian Drag Superstar Pabllo Vittar Is Ready For Her Close-Up In*	https://www.forbes.com/sites/cmalone/2019/07/26/brazilian-drag-

	'Flash Pose' Video 26/07/2019	superstar-pabllo-vittar-is-ready-for-her-close-up-in-flash-pose-video/
155. EFE	*Maroon 5 repitió espectáculo en el Rock in Río pero para su verdadero público* 17/09/2017	https://www.efe.com/efe/america/cultura/maroon-5-repitio-espectaculo-en-el-rock-in-rio-pero-para-su-verdadero-publico/20000009-3381411
156. EFE	*Anitta sueña con actuar con Drake y tener su propio festival* 13/12/2017	https://www.efe.com/efe/america/cultura/anitta-suena-con-actuar-drake-y-tener-su-propio-festival/20000009-3466067
157. EFE	*Confirman a la cantante brasileña Anitta para Rock in Río de Lisboa y de Río* 15/12/2017	https://www.efe.com/efe/america/cultura/confirman-a-la-cantante-brasilena-anitta-para-rock-in-rio-de-lisboa-y/20000009-3468567
158. EFE	*Brasil premia la protesta política y social en el carnaval* 14/02/2018	https://www.efe.com/efe/america/cultura/brasil-premia-la-protesta-politica-y-social-en-el-carnaval/20000009-3523847
159. EFE	*Brasil cierra el carnaval más crítico con un grito contra la violencia* 13/02/2018	https://www.efe.com/efe/america/gente/brasil-cierra-el-carnaval-mas-critico-con-un-grito-contra-la-violencia/20000014-3522220
160. EFE	*Cristian Lins, el único hombre trans candidato en las elecciones en Brasil* 13/09/2018	https://www.efe.com/efe/america/politica/cristian-lins-el-unico-hombre-trans-candidato-en-las-elecciones-brasil/20000035-3748496
161. EFE	*J Balvin y Rosalía presentan sus credenciales para los Latin Grammy* 20/09/2018	https://www.efe.com/efe/america/cultura/j-balvin-y-rosalia-presentan-sus-credenciales-para-los-latin-grammy/20000009-3755927
162. EFE	*Pabllo Vittar, la drag queen brasileña que quiere conquistar el mundo* 03/10/2018	https://www.efe.com/efe/america/cultura/pabllo-vittar-la-drag-queen-brasilena-que-quiere-conquistar-el-mundo/20000009-3769932
163. EFE	*Lali Espósito lanza un mensaje de inclusión con "Caliente"* 09/11/2018	https://www.efe.com/efe/america/cultura/lali-esposito-lanza-un-mensaje-de-inclusion-con-caliente/20000009-3808333
164. EFE	*Lali y Pabllo Vittar presentan un videoclip con la ciudad de Río como*	https://www.efe.com/efe/america/cultura/lali-y-pabllo-vittar-presentan-

	escenario 14/11/2018	un-videoclip-con-la-ciudad-de-rio-como-escenario/20000009-3813111
165. EFE	*Lali Espósito ve detrás de ataques en línea a personas "solas y frustradas"* 07/03/2019	https://www.efe.com/efe/america/cultura/lali-esposito-ve-detras-de-ataques-en-linea-a-personas-solas-y-frustradas/20000009-3918860
166. EFE	*La cantante argentina Lali Espósito actuará en los Premios Platino de México* 16/04/2019	https://www.efe.com/efe/america/cultura/la-cantante-argentina-lali-esposito-actuara-en-los-premios-platino-de-mexico/20000009-3954620
167. EFE	*La reguetonera Ivy Queen será reconocida en el festival del orgullo gay en Miami* 11/06/2019	https://www.efe.com/efe/america/cultura/la-reguetonera-ivy-queen-sera-reconocida-en-el-festival-del-orgullo-gay-miami/20000009-3998251
168. EFE	*Longoria y Derbez, entre las estrellas que anunciarán los Premios Juventud* 01/07/2019	https://www.efe.com/efe/america/mexico/longoria-y-derbez-entre-las-estrellas-que-anunciaran-los-premios-juventud/50000545-4013375
169. BBC	*Quién es Pabllo Vittar, la cantante drag queen más famosa de Instagram* 07/05/2019	https://www.bbc.com/mundo/noticias-48181014
170. Gay Times	*Diplo makes out with drag queen Pabllo Vittar in steamy Então Vai music video* 05/02/2018	https://www.gaytimes.co.uk/culture/98663/diplo-makes-drag-queen-pabllo-vittar-entao-vai-music-video/
171. Gay Times	*Here's why you won't see Pabllo Vittar competing on RuPaul's Drag Race* 29/04/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/121725/heres-why-you-wont-see-pabllo-vittar-competing-on-rupauls-drag-race/
172. Gay Times	*Go behind the scenes on Pabllo Vittar's fierce GAY TIMES cover shoot* 22/05/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/122426/go-behind-the-scenes-on-pabllo-vittars-fierce-gay-times-cover-shoot/
173. Gay Times	*Pabllo Vittar is a beacon of hope for Brazil's LGBTQ community* 31/05/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/122799/pabllo-vittar-is-a-beacon-of-hope-for-brazils-lgbtq-community/
174. Gay Times	*Gottmik opens up for the first time*	https://www.gaytimes.co.uk/amplify

	about being a trans male drag queen 04/06/2019	/122874/gottmik-opens-up-for-the-first-time-about-being-a-trans-male-drag-queen-amplify-by-gay-times/
175. Gay Times	*Charli XCX reveals title, artwork and major collaborations for third studio album* 14/06/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/123306/charli-xcx-reveals-title-artwork-and-major-collaborations-for-third-studio-album/
176. Gay Times	*Anitta and Major Lazer just dropped your new summer anthem Make It Hot* 20/06/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/123654/anitta-and-major-lazer-just-dropped-your-new-summer-anthem-make-it-hot/
177. Gay Times	*26 of the best LGBTQ anthems that have been released in 2019 so far* 02/07/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/123960/26-of-the-best-lgbtq-anthems-that-have-been-released-in-2019-so-far/
178. Gay Times	*Dorian Electra is the gender-fluid pop star making camp cool | Amplify by GAY TIMES* 03/07/2019	https://www.gaytimes.co.uk/amplify/124151/dorian-electra-is-the-gender-fluid-pop-star-making-camp-cool-amplify/
179. Gay Times	*Pabllo Vittar and Charli XCX announce new single Flash Pose* 16/07/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/124712/pabllo-vittar-and-charli-xcx-announce-new-single-flash-pose/
180. Gay Times	*Charli XCX and Christine and the Queens are electric in Gone music video* 17/07/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/124779/charli-xcx-and-christine-and-the-queens-are-electric-in-gone-music-video/
181. Gay Times	*Pabllo Vittar and Charli XCX team up on new queer anthem Flash Pose* 26/07/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/125120/pabllo-vittar-and-charli-xcx-team-up-on-new-queer-anthem-flash-pose/
182. Gay Times	*Pabllo Vittar and Charli XCX strike a pose in Flash Pose music video* 26/07/2019	https://www.gaytimes.co.uk/culture/125155/pabllo-vittar-and-charli-xcx-strike-a-pose-in-flash-pose-music-video/
183. Out	*Drag Queen Pabllo Vittar is a Desert Diva in Major Lazer's 'Sua Cara' Video* 31/07/2017	https://www.out.com/popnography/2017/7/31/drag-queen-pabllo-vittar-desert-diva-major-lazers-sua-cara-video
184. Out	*Charli XCX Could Be Making A Mixtape With Carly Rae Jepsen, Kim Petras, & Mykki Blanco*	https://www.out.com/music/2017/12/04/charli-xcx-could-be-making-mixtape-carly-rae-jepsen-kim-petras-

	04/12/2017	mykki-blanco
185. Out	*Aja Spills on That Death Drop, Milk, & Why All Stars 3 is the Most 'Shocking' Season Yet* 08/02/2018	https://www.out.com/interviews/2018/2/08/aja-spills-death-drop-milk-why-all-stars-3-most-shocking-season-yet
186. Out	*Drag's Most Sickening 60* 29/03/2018	https://www.out.com/out-exclusives/2018/3/29/drags-most-sickening-60#slide-5
187. Out	*Meet the Photographer Documenting Brazil's Beautiful Drag Queens* 18/05/2018	https://www.out.com/out-exclusives/2018/5/18/meet-photographer-documenting-brazils-beautiful-drag-queens
188. Out	*Witness the Beauty of Brazil's Diverse Drag Scene* 18/05/2018	https://www.out.com/out-exclusives/2018/5/18/witness-beauty-brazils-diverse-drag-scene#slide-1
189. Out	*13 Queer Singers You Might Not Know About* 21/07/2018	https://www.out.com/music/2018/7/21/13-queer-singers-you-might-not-know-about#media-gallery-media-0
190. Out	*Bops Only: Watch Sofi Tukker & Pablo Vittar's 'Energia' Music Video* 16/09/2018	https://www.out.com/music/2018/9/16/bops-only-watch-sofi-tukker-pablo-vittars-energia-music-video
191. Out	*Pabllo Vittar Talks Musical Inspiration, Tour Schedule, & Drag* 11/10/2018	https://www.out.com/out-exclusives/2018/10/11/pabllo-vittar-talks-musical-inspiration-tour-schedule-drag
192. V Magazine	*Charli XCX Announces New Mixtape 'Pop2'* 08/12/2017	https://vmagazine.com/article/charli-xcx-shares-head-first-release-off-forthcoming-mixtape-pop-2/
193. V Magazine	*Charli XCX Dishes It All With ALMA* 15/12/2017	https://vmagazine.com/article/charli-xcx-dishes-alma/
194. V Magazine	*Bop Refresh: 9/14* 14/09/2018	https://vmagazine.com/article/bop-refresh-914/
195. V Magazine	*Charli XCX Releases Lizzo Music Video, Announces Album and Tour* 13/06/2019	https://vmagazine.com/article/charli-xcx-releases-lizzo-music-video-announces-album-and-tour/
196. V Magazine	*The Life and Times of Pabllo Vittar* 25/07/2019	https://vmagazine.com/article/the-life-and-times-of-pabllo-vittar/

197. Spotify (Newsroom)	*Watch Hayley Kiyoko and Troye Sivan Light Up The World With Pride* 28/06/2018	https://newsroom.spotify.com/2018-06-28/watch-hayley-kiyoko-and-troye-sivan-light-up-the-world-with-pride/
198. Spotify (Newsroom)	*Pop Star Pabllo Vittar Gives Voice to Brazil's LGBTQ Community* 23/01/2019	https://newsroom.spotify.com/2019-01-23/pop-star-pabllo-vittar-gives-voice-to-brazils-lgbtq-community/
199. Pulsopop	*Premios Juventud 2019 Nominees: Maluma & Bad Bunny Lead Nods, Plus Full List* 22/05/2019	http://www.pulsopop.com/premios-juventud-2019-nominations-full-list/
200. Pulsopop	*Pabllo Vittar Celebrates Pride Month with First-Ever US Tour [VIDEO + PHOTOS]* 26/06/2019	http://www.pulsopop.com/pabllo-vittar-us-tour-pride-month-interview-video/

Fonte: Autor (2019)

ANEXO C REFERÊNCIAS REPORTAGENS CURPUS DE ANÁLISE

1. The New York Times. *Transgender Brazilians Embrace Hit Soap Opera: 'Now You Can See Us'*. 07/10/2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/10/07/world/americas/brazil-transgender-pabllo-vittar.html>. Acesso em: 01 set. 2019.
2. The Guardian. *Brazil's LGBT pop sensation: 'I want to give them strength'.* 21/10/2017. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2017/oct/20/pabllo-vittar-brazil-gay-drag-queen-pop-star. Acesso em: 01 set. 2019.
3. The Guardian. *Drag queen Pabllo Vittar to star in Brazil's most storied Carnival parade*. 12/02/2018. Disponível em: https://www.theguardian.com/world/2018/feb/12/pabllo-vittar-draq-queen-brazil-carnival. Acesso em: 01 set. 2019.
4. The Guardian. *Can drag queens become pop stars?* 06/03/2019. Disponível em: https://www.theguardian.com/music/2019/mar/06/can-drag-queens-become-pop-stars. Acesso em: 01 set. 2019.
5. The Daily Mail. *Drag queen to star in Rio samba parade at Brazil Carnival.* 12/02/2018. Disponível em: https://www.dailymail.co.uk/wires/ap/article-5381931/Drag-queen-star-Rio-samba-parade-Brazil-Carnival.html. Acesso em: 01 set. 2019.
6. The Daily Mail. *Bolsonaro victory sparks fears among Brazil's LGBT+ Community*. 02/11/2018. Disponível em: https://www.dailymail.co.uk/wires/reuters/article-6346747/Bolsonaro-victory-sparks-fears-Brazils-LGBT-community.html. Acesso em: 01 set. 2019.
7. El País. *Cielo e infierno de transexuales en un único país*. 30/12/2017. Disponível em: https://elpais.com/internacional/2017/12/30/america/1514663564_226952.html. Acesso em: 01 set. 2019.
8. El País. *Brasil, un paraíso tropical para la siguiente cepa de 'fake news'*. 23/02/2018. Disponível em: https://elpais.com/internacional/2018/02/23/america/1519412208_852342.html. Acesso em: 01 set. 2019.
9. Daily News. *Ridicule of leaders, samba, skimpy garb at Brazil Carnival*. 12/02/2018. Disponível em: https://www.nydailynews.com/newswires/entertainment/ridicule-leaders-samba-skimpy-garb-brazil-carnival-article-1.3815562. Acesso em: 01 set. 2019.
10. Billboard. *Meet Pabllo Vittar: Major Lazer's Favorite Brazilian Drag Queen*. 30/06/2017. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/international/7850064/pabllo-vittar-major-lazer-brazilian-drag-queen. Acesso em: 01 set. 2019.
11. Billboard. *Pabllo Vittar Talks 'Gay Conversion Therapy' & Other LGBTQ Issues in Brazil, Plans for 2018*. 16/11/2017. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/8039129/pabllo-vittar-interview-brazil-lgbtq-issues-coca-cola-campaign. Acesso em: 01 set. 2019.
12. Billboard. *Watch Pabllo Vittar & Diplo Make Out in Steamy 'Então Vai' Music Video*. 02/02/2018. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/dance/8097946/pabllo-vittar-diplo-make-out-entao-vai-music. Acesso em: 01 set. 2019.
13. Billboard. *Inside Brazil's Drag Revolution: How New Queens Are Changing A Homophobic Culture*. 02/03/2018. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8221687/brazil-drag-revolution-pabllo-vittar-aretuza-lovi-homophobic-culture. Acesso em: 01 set. 2019.
14. Billboard. *Pabllo Vittar: Love Letter to the LGBTQ Community*. 26/06/2018. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8462332/pabllo-vittar-gay-pride-love-letter-lgbt.

Acesso em: 01 set. 2019.

15. Billboard. *Brazilian Pop Star Pabllo Vittar Chats with Charli XCX About Working Together, Representation & More*. 18/07/2018. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8466030/brazilian-pop-star-pabllo-vittar-chats-charli-xcx-paper-magazine. Acesso em: 01 set. 2019.

16. Billboard. *Brazilian Drag Star Pabllo Vittar On New Album & 'RuPaul's Drag Race' Rumors: 'If She Calls Me, I'll Do It'*. 10/10/2018. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8478981/brazilian-drag-queen-pabllo-vittar-new-album-nao-para-nao-anitta-drag-race. Acesso em: 01 set. 2019.

17. Billboard. *Lauren Jauregui, Halsey & More Rally Against Brazilian President-Elect Jair Bolsonaro: 'Stay Strong'*. 29/10/2018. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8482093/artists-rally-against-brazilian-president-elect-jair-bolsonaro-tweets. Acesso em: 01 set. 2019.

18. Billboard. *Lali Reveals How Her 'Caliente' Collaboration With Pabllo Vittar Was Born*. 15/11/2018. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8484987/lali-talks-pabllo-vittar-collaboration-caliente. Acesso em: 01 set. 2019.

19. Billboard. *The 10 Best Drag Queen Music Videos of 2018*. 20/12/2018. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8490303/best-drag-queen-music-videos-2018-top-10. Acesso em: 01 set. 2019.

20. Billboard. *50 Stellar Songs by LGBTQ Artists That You Might Have Missed in 2018 (But Shouldn't Have)*. 27/12/2018. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8491548/best-songs-lgbtq-artists-2018-overlooked. Acesso em: 01 set. 2019.

21. Billboard. *Pabllo Vittar Serves Up 'Barbarella' Realness in New Space-Themed 'Buzina' Video: Watch*. 26/02/2019. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8500192/pabllo-vittar-buzina-video. Acesso em: 01 set. 2019.

22. Billboard. *6 Times Pabllo Vittar Stunned Fans in Music Video Performances: Watch*. 27/02/2019. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8484998/pabllo-vittar-best-music-videos. Acesso em: 01 set. 2019.

23. Billboard. *Pabllo Vittar on Why 'Drag Race' Is Not in Her Future: 'I Would Be a Complete Disaster'*. 29/04/2019. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8509281/pabllo-vittar-drag-race-interview. Acesso em: 01 set. 2019.

24. Billboard. *Pabllo Vittar Curates a Pride Playlist Featuring Britney Spears, Blackpink and More: Exclusive*. 25/06/2019. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8517536/pabllo-vittar-pride-playlist. Acesso em: 01 set. 2019.

25. Billboard. *Pabllo Vittar Discusses Coming Out, Shares Advice: 'Surround Yourself With People Who Love You'*. 01/07/2019. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8518169/pabllo-vittar-coming-out-advice-video. Acesso em: 01 set. 2019.

26. Billboard. *What Makes a Good Role Model? Lali, Pabllo Vittar & More Latin Artists Chime In*. 19/07/2019. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8521751/latin-

music-stars-talk-good-role-modeling. Acesso em: 01 set. 2019.

27. Billboard. *Becky G & Pabllo Vittar Talk Headlining 2019 Zumba Fitness Concert: Exclusive*. 25/07/2019. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/columns/latin/8523884/becky-g-pabllo-vittar-2019-zumba-fitness-concert. Acesso em: 01 set. 2019.

28. Billboard. *Pabllo Vittar Talks Representing Queer Brazilians, Working With Charli XCX On 'Flash Pose'*. 26/07/2019. Disponível em: https://www.billboard.com/articles/news/pride/8524069/pabllo-vittar-interview-charli-xcx. Acesso em: 01 set. 2019.

29. Idolator. *Yes, Girl! Charli XCX Links Up With Pabllo Vittar On "Flash Pose"*. 25/07/2019. Disponível em: http://www.idolator.com/7839187/yes-girl-charli-xcx-links-up-with-pabllo-vittar-on-flash-pose. Acesso em: 01 set. 2019.

30. Rolling Stone. *Pabllo Vittar Joins Sofi Tukker on Breathless 'Energia' Remix*. 14/09/2018. Disponível em: https://www.rollingstone.com/music/music-latin/pabllo-vittar-sofi-tukker-energia-remix-724250/. Acesso em: 01 set. 2019.

31. Rolling Stone. *Pabllo Vittar, Charli XCX Are Camera-Ready on New Song 'Flash Pose'*. 25/07/2019. Disponível em: https://www.rollingstone.com/music/music-news/pabllo-vittar-charli-xcx-song-flash-pose-listen-863827/. Acesso em: 01 set. 2019.

32. Rolling Stone. *Play It Again: The 10 Best Latin Music Videos of July*. 31/07/2019. Disponível em: https://www.rollingstone.com/music/music-latin/july-latin-music-videos-anuel-aa-residente-pabllo-vittar-865695/. Acesso em: 01 set. 2019.

33. The Fader. *Charli XCX and A. G. Cook explain the secrets of her ambitious new mixtape.* 15/12/2017. Disponível em: https://www.thefader.com/2017/12/15/charli-xcx-a-g-cook-pop-2-interview. Acesso em: 01 set. 2019.

34. The Fader. *Pabllo Vittar and Charli XCX link up on "Flash Pose"*. 31/07/2019. Disponível em: https://www.thefader.com/2019/07/25/pabllo-vittar-and-charli-xcx-link-up-on-flash-pose. Acesso em: 01 set. 2019.

35. Consequence Of Sound. *Charli XCX teams with Pabllo Vittar for "Flash Pose": Stream*. 26/07/2019. Disponível em: https://consequenceofsound.net/2019/07/charli-xcx-pabllo-vittar-flash-pose-stream/. Acesso em: 01 set. 2019.

36. Vogue. *What Pabllo Vittar, Pop Superstar, Means to Brazil (and the Rest of Us) Right Now*. 27/11/2018. Disponível em: https://www.vogue.com/article/pabllo-vittar-pop-star. Acesso em: 01 set. 2019.

37. Vogue. *Watch Brazilian Pop Star Pabllo Vittar Do Her Spectacular 15-Minute Drag Transformation*. 27/11/2018. Disponível em: https://www.vogue.com/article/pabllo-vittar-brazilian-pop-star-drag-queen-nao-para-nao-beauty-makeup-foundation-primer-kardashian-jenner-contouring-highlighting. Acesso em: 01 set. 2019.

38. Vogue. *24 Hours of Pride With Pabllo Vittar*. 08/07/2019. Disponível em: https://www.vogue.com/article/24-hours-of-pride-with-pabllo-vittar. Acesso em: 01 set. 2019.

39. Nylon. *Charli XCX And Pabllo Vittar Will Have You Searching For A Day Rave With "Flash Pose"*. 26/07/2019. Disponível em: https://nylon.com/charli-pabllo-vittar-flash-pose. Acesso em: 01 set. 2019.

40. Paper Magazine. *Brazilian Pop Star Pabllo Vittar Stars In Mini-Doc 'Up Next'*. 15/01/2018.

Disponível em: http://www.papermag.com/pabllo-vittar-up-next-doc-2525792383.html. Acesso em: 01 set. 2019.

41. Paper Magazine. *Charli XCX Interviews Brazilian Pop Star Pabllo Vittar*. 16/07/2018. Disponível em: http://www.papermag.com/charli-xcx-interviews-pabllo-vittar-2587263635.html. Acesso em: 01 set. 2019.

42. Paper Magazine. *50 LGBTQ Musicians You Should Prioritize*. 09/08/2018. Disponível em: http://www.papermag.com/50-lgbtq-musicians-2591488881.html. Acesso em: 01 set. 2019.

43. Paper Magazine. *The Business of Being Anitta*. 29/08/2018. Disponível em: http://www.papermag.com/anitta-queen-of-brazilian-pop-2599818510.html?rebelltitem=1#rebelltitem1. Acesso em: 01 set. 2019.

44. Paper Magazine. *Bops Only: 10 Songs You Need to Start Your Weekend Right*. 05/10/2018. Disponível em: http://www.papermag.com/bops-only-10-songs-2610281335.html. Acesso em: 01 set. 2019.

45. Paper Magazine. *Keeping Up With Pabllo Vittar*. 08/10/2018. Disponível em: http://www.papermag.com/catching-up-with-pabllo-vittar-2610958922.html. Acesso em: 01 set. 2019.

46. Paper Magazine. *Bops Only: 10 Songs You Need to Start Your Weekend Right*. 26/07/2019. Disponível em: https://www.papermag.com/bops-only-icona-pop-2639355401.html. Acesso em: 01 set. 2019.

47. Remezcla. *Meet Brazilian Pop Star Pabllo Vittar, the Drag Queen Who's Bigger Than RuPaul on YouTube*. 17/08/2017. Disponível em: https://remezcla.com/features/music/pabllo-vittar-interview/. Acesso em: 01 set. 2019.

48. Remezcla. *This Mini-Doc Follows Drag Queen Pabllo Vittar's Journey From Church Choir to Brazilian Pop Star*. 12/01/2018. Disponível em: https://remezcla.com/music/pabllo-vittar-apple-music-up-next-documentary/. Acesso em: 01 set. 2019.

49. Galore. *Lali is the ultimate Latin Triple Threat*. 29/01/2019. Disponível em: https://galoremag.com/lali-esposito-ultimate-latin-triple-threat/. Acesso em: 01 set. 2019.

50. Galore. *Brazilian Based Bombshell Pabllo Vittar Fights Hate With Love*. 02/07/2019. Disponível em: https://galoremag.com/pablo-vittar/. Acesso em: 01 set. 2019.

51. Now. *15 can't-miss music acts playing Toronto Pride 2019*. 19/06/2019. Disponível em: https://nowtoronto.com/music/features/toronto-pride-best-music-2019/. Acesso em: 01 set. 2019.

52. Now. *Brazil's queer music scene is a source of hope in a conservative political climate*. 09/07/2019. Disponível em: https://nowtoronto.com/music/features/brazil-queer-music-pabllo-vittar/. Acesso em: 01 set. 2019.

53. Forbes. *Pabllo Vittar Discusses World Pride 2019, Comforting Fans Amid Heated Politics & How She Plans To Get To 'Rihanna Level'*. 30/06/2019. Disponível em: https://www.forbes.com/sites/jeffbenjamin/2019/06/30/pabllo-vittar-discusses-world-pride-2019-comforting-fans-amid-heated-politics–how-she-plans-to-get-to-rihanna-level/#137b5464a81f. Acesso em: 01 set. 2019.

54. Forbes. *Brazilian Drag Superstar Pabllo Vittar Is Ready For Her Close-Up In 'Flash Pose' Video*. 26/07/2019. Disponível em: https://www.forbes.com/sites/cmalone/2019/07/26/brazilian-drag-superstar-pabllo-vittar-is-ready-for-her-close-up-in-flash-pose-video/. Acesso em: 01 set. 2019.

55. EFE. *Pabllo Vittar, la drag queen brasileña que quiere conquistar el mundo*. 03/10/2018. Disponível em: https://www.efe.com/efe/america/cultura/pabllo-vittar-la-drag-queen-brasilena-que-quiere-conquistar-el-mundo/20000009-3769932. Acesso em: 01 set. 2019.

56. EFE. *Lali Espósito lanza un mensaje de inclusión con "Caliente".* 09/11/2018. Disponível em: https://www.efe.com/efe/america/cultura/lali-esposito-lanza-un-mensaje-de-inclusion-con-caliente/20000009-3808333. Acesso em: 01 set. 2019.

57. BBC. *Quién es Pabllo Vittar, la cantante drag queen más famosa de Instagram*. 07/05/2019. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias-48181014. Acesso em: 01 set. 2019.

58. Gay Times. *Diplo makes out with drag queen Pabllo Vittar in steamy Então Vai music vídeo.* 05/02/2018. Disponível em: https://www.gaytimes.co.uk/culture/98663/diplo-makes-drag-queen-pabllo-vittar-entao-vai-music-video/. Acesso em: 01 set. 2019.

59. Gay Times. *Here's why you won't see Pabllo Vittar competing on RuPaul's Drag Race*. 29/04/2019. Disponível em: https://www.gaytimes.co.uk/culture/121725/heres-why-you-wont-see-pabllo-vittar-competing-on-rupauls-drag-race/. Acesso em: 01 set. 2019.

60. Gay Times. *Go behind the scenes on Pabllo Vittar's fierce GAY TIMES cover shoot*. 22/05/2019. Disponível em: https://www.gaytimes.co.uk/culture/122426/go-behind-the-scenes-on-pabllo-vittars-fierce-gay-times-cover-shoot/. Acesso em: 01 set. 2019.

61. Gay Times. *Pabllo Vittar is a beacon of hope for Brazil's LGBTQ Community*. 31/05/2019. Disponível em: https://www.gaytimes.co.uk/culture/122799/pabllo-vittar-is-a-beacon-of-hope-for-brazils-lgbtq-community/. Acesso em: 01 set. 2019.

62. Gay Times. *26 of the best LGBTQ anthems that have been released in 2019 so far*. 02/07/2019. Disponível em: https://www.gaytimes.co.uk/culture/123960/26-of-the-best-lgbtq-anthems-that-have-been-released-in-2019-so-far/. Acesso em: 01 set. 2019.

63. Gay Times. *Pabllo Vittar and Charli XCX announce new single Flash Pose*. 16/07/2019. Disponível em: https://www.gaytimes.co.uk/culture/124712/pabllo-vittar-and-charli-xcx-announce-new-single-flash-pose/. Acesso em: 01 set. 2019.

64. Gay Times. *Pabllo Vittar and Charli XCX team up on new queer anthem Flash Pose*. 26/07/2019. Disponível em: https://www.gaytimes.co.uk/culture/125120/pabllo-vittar-and-charli-xcx-team-up-on-new-queer-anthem-flash-pose/. Acesso em: 01 set. 2019.

65. Gay Times. *Pabllo Vittar and Charli XCX strike a pose in Flash Pose music vídeo*. 26/07/2019. Disponível em: https://www.gaytimes.co.uk/culture/125155/pabllo-vittar-and-charli-xcx-strike-a-pose-in-flash-pose-music-video/. Acesso em: 01 set. 2019.

66. Out. *Aja Spills on That Death Drop, Milk, & Why All Stars 3 is the Most 'Shocking' Season Yet*. 08/02/2018. Disponível em: https://www.out.com/interviews/2018/2/08/aja-spills-death-drop-milk-why-all-stars-3-most-shocking-season-yet. Acesso em: 01 set. 2019.

67. Out. *Pabllo Vittar Talks Musical Inspiration, Tour Schedule, & Drag*. 11/10/2018. Disponível em: https://www.out.com/out-exclusives/2018/10/11/pabllo-vittar-talks-musical-inspiration-tour-schedule-drag. Acesso em: 01 set. 2019.

68. V Magazine. *The Life and Times of Pabllo Vittar*. 25/07/2019. Disponível em: https://vmagazine.com/article/the-life-and-times-of-pabllo-vittar/. Acesso em: 01 set. 2019.

69. Spotify (Newsroom). *Pop Star Pabllo Vittar Gives Voice to Brazil's LGBTQ Community*. 23/01/2019. Disponível em: https://newsroom.spotify.com/2019-01-23/pop-star-pabllo-vittar-

gives-voice-to-brazils-lgbtq-community/. Acesso em: 01 set. 2019.

70. Pulsopop. *Pabllo Vittar Celebrates Pride Month with First-Ever US Tour [VIDEO + PHOTOS*. 26/06/2019. Disponível em: http://www.pulsopop.com/pabllo-vittar-us-tour-pride-month-interview-video/. Acesso em: 01 set. 2019.